

UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA – PORTUGAL
Faculdade de Ciências e Tecnologia

UNIVERSITÉ FRANÇOIS RABELAIS DE TOURS – FRANCE
Département des Sciences de l'Éducation et de la formation

Mestrado Internacional em Ciências da Educação
“FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL”

DA AGRICULTURA TRADICIONAL À
AGRICULTURA FAMILIAR INOVADORA:
CONTRIBUTO DAS FORMAÇÕES NO RITO DE PASSAGEM

ANTONIO LOCATELI

Dissertação apresentada para a obtenção do grau de Mestre, em Ciências da Educação, na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa e do Diplôme d'Université na Université François Rabelais de Tours

Orientador: Prof^a. Dr^a. Dominique Bachelart

Domingos Martins (ES)

Dezembro de 2003

UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA – PORTUGAL
Faculdade de Ciências e Tecnologia

UNIVERSITÉ FRANÇOIS RABELAIS DE TOURS – FRANCE
Département des Sciences de l'Éducation et de la formation

Mestrado Internacional em Ciências da Educação
“FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL”

DA AGRICULTURA TRADICIONAL À
AGRICULTURA FAMILIAR INOVADORA:
CONTRIBUTO DAS FORMAÇÕES NO RITO DE PASSAGEM

ANTONIO LOCATELI

Domingos Martins (ES)

Dezembro de 2003

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho

A memória da minha mãe Ana Fiorini Locateli, mulher de raça forte, que mesmo nas dificuldades me estimulou na busca do conhecimento;

A minha companheira Beth Tanaka, pela compreensão na longa jornada, pelos longos e acalorados debates;

A ‘filhinha’ Simone Tanaka pela companhia e auxílio nas dificuldades com o computador;

A memória e ‘teimosia’ de Celso Kalk, jovem sonhador e defensor da cultura pomerana, na dura e incessante busca da formação;

A memória do Pastor Vitório Krauser; fundador da Escola Família Agrícola de São Bento do Chapéu, companheiro de lutas na CPT;

A meu pai Valderedo Locateli, pela sábia decisão de educar os filhos;

A minhas irmãs, meus irmãos, minhas sobrinhas, meus sobrinhos e minhas afilhadas;

Ao Professor Sérgio Zamberlam, amigo e companheiro nas idas e vindas das sessões de estudo; pioneiro da Pedagogia da Alternância no Espírito Santo e Brasil;

A Magidis Brito Sampaio e Vicente Cosme por me ‘apresentar e abrir’ as portas da Pedagogia da Alternância.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha companheira Beth pela disposição, pelos momentos de espera nas sessões de estudo pelo Brasil, pela formatação do trabalho;

Agradeço a minha ‘filhinha’ Simone pelo auxílio na minha limitação com o computador;

Agradeço à minha orientadora Professora Doutora Dominique Bachelart, pela contribuição científica, pelas observações e sugestões que provocaram a busca de novas leituras e interpretações;

Agradeço aos professores Doutores Gaston Pineau, Maria do Loreto Paiva Couceiro, Jean-Claude Gimonet e Pedro Puig Calvo pela constante presença, orientações e conhecimento ‘transmitido’ neste período;

Agradeço a Maria Inês Bareel pelas traduções do francês/ português;

Agradeço a Yann Taquoi pela tradução do resumo para o francês;

Agradeço a Paula Rubia Christ Stein pela revisão;

Agradeço a UNEFAB por proporcionar esta oportunidade;

Agradeço a Professora Mestra Gerlinde Merklein Weber pelas leituras e sugestões da idéia original;

Agradeço ao Professor Mestre e companheiro da CPT Damiam Sanchez Sanchez pelas sugestões e revisão da idéia original;

Agradeço ao Professor Doutor Romualdo Dias pelas valiosas contribuições e sugestões bibliográficas;

Agradeço a Escola Família Agrícola de São Bento do Chapéu e ADDPRUSBEC;

Agradeço as famílias dos agricultores inovadores por forneceram informações preciosas que permitiram a realização deste trabalho;

Agradeço aos companheiros do Mestrado pela convivência neste período;

Agradeço especialmente a Floriano Hehr Sobrinho, companheiro de caminhada da CPT e, defensor dos agricultores da região serrana do Espírito Santo;

Agradeço aos demais companheiros da CPT do Espírito Santo e Rio de Janeiro;

Agradeço a Alcione Santana Volkers Falk pelo auxílio na digitação.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO 1 - DESCRREVENDO O FOCO DA PESQUISA.....	11
1.1 BREVE HISTÓRICO DO ESPÍRITO SANTO	11
1.2 LOCALIZANDO O FOCO DA PESQUISA	14
1.3 A POPULAÇÃO E A CULTURA: O PAPEL DOS IMIGRANTES.....	15
1.4 A POPULAÇÃO ATUAL	19
1.5 ATIVIDADES INDUSTRIAIS.....	21
1.6 A SITUAÇÃO DA AGRICULTURA FAMILIAR	21
1.6 A UTILIZAÇÃO DOS SOLOS	23
1.7 A REPRESSÃO DA POLÍCIA FLORESTAL E ESPECULAÇÃO IMOBILIÁRIA.....	24
1.8 A EDUCAÇÃO	26
1.9 O ENSINO FUNDAMENTAL	27
CAPÍTULO 2 - OS PROCESSOS FORMATIVOS	289
2.1 A HISTÓRIA DA ADDPRUSBEC	29
2.2 A ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE SÃO BENTO DO CHAPÉU	30
2.3 O PROJETO PEDAGÓGICO DA ESCOLA FAMÍLIA	33
2.4 A PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA	34
2.5 OS INSTRUMENTOS PEDAGÓGICOS	35
2.5.1 O CADERNO DA REALIDADE	35
2.6 FORMAÇÃO NÃO FORMAL	36
2.7 O SEBRAE	37
2.7.1 A ATUAÇÃO NO TURISMO RURAL.....	38
CAPÍTULO 3 - AGRICULTURA FAMILIAR E INOVAÇÃO	41
3.1 DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL	44

3.1.1 CONCEITUALIZANDO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL	45
3.2 PRODUÇÃO ORGÂNICA E AGROECOLÓGICA	48
3.3 DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E AGRICULTURA FAMILIAR ORGÂNICA	50
3.4 CRIATIVIDADE E INOVAÇÃO	51
CAPÍTULO 4 - O PORQUÊ DA REFLEXÃO SOBRE OS AGRICULTORES INOVADORES	54
4.1 O MERCADO IMOBILIÁRIO E A VENDA DE PROPRIEDADES PARA “DOUTORES”	54
4.2 A CRISE NA AGRICULTURA FAMILIAR	57
4.3 A DEFASAGEM DA FORMAÇÃO TRADICIONAL E A FORMAÇÃO NECESSÁRIA	60
4.4 O PAPEL DA FORMAÇÃO NA QUALIFICAÇÃO DO AGRICULTOR	65
CAPÍTULO 5 - CONHECENDO OS AGRICULTORES INOVADORES.....	69
5.1 CARACTERIZAÇÃO DOS AGRICULTORES INOVADORES.....	77
5.2 A SELEÇÃO DOS AGRICULTORES INOVADORES	81
5.3 O ROTEIRO DE ENTREVISTAS	83
5.4 O REGISTRO DOS DADOS: AS ENTREVISTAS E AS OBSERVAÇÕES	84
CAPÍTULO 6 - A FAMÍLIA 1	88
6.1 DIVERSIFICAÇÃO DE ATIVIDADES	89
6.2 PRODUÇÃO E MEIO AMBIENTE	90
6.3 PARTICIPAÇÃO FAMILIAR E COMUNITÁRIA.....	92
6.4 AQUISIÇÃO DE CONHECIMENTOS E EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS.....	93
6.5 ADAPTABILIDADE E REAÇÃO ÀS DIFICULDADES	95
6.6 PLANEJAMENTO DA PROPRIEDADE E DO NEGÓCIO	98
6.7 VISÃO LOCAL E GLOBAL	99
6.8 CRIATIVIDADE	100
CAPÍTULO 7 - A FAMÍLIA 2	102
7.1 DIVERSIFICAÇÃO DE ATIVIDADES	103

7.2 PRODUÇÃO E MEIO AMBIENTE	104
7.3 PARTICIPAÇÃO FAMILIAR E COMUNITÁRIA.....	104
7.4 AQUISIÇÃO DE CONHECIMENTOS E EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS.....	107
7.5 ADAPTABILIDADE E REAÇÃO ÀS DIFICULDADES	109
7.6 PLANEJAMENTO DA PROPRIEDADE E DO NEGÓCIO	110
7.7 VISÃO LOCAL E GLOBAL	111
7.8 CRIATIVIDADE	113
CAPÍTULO 8 - A FAMÍLIA 3.....	114
8.1 DIVERSIFICAÇÃO DE ATIVIDADES	114
8.2 PRODUÇÃO E MEIO AMBIENTE	114
8.3 PARTICIPAÇÃO FAMILIAR E COMUNITÁRIA.....	116
8.4 AQUISIÇÃO DE CONHECIMENTOS E EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS.....	117
8.5 OBSERVANDO O TRABALHO DA FAMÍLIA FALLER	118
8.6 ADAPTABILIDADE E REAÇÃO ÀS DIFICULDADES	122
8.7 PLANEJAMENTO DA PROPRIEDADE E DO NEGÓCIO	123
8.8 VISÃO LOCAL E GLOBAL	123
8.9 CRIATIVIDADE E PROPAGANDA DA Pousada.....	124
CAPÍTULO 9 - A FAMÍLIA 4.....	128
9.1 DIVERSIFICAÇÃO DE ATIVIDADES	128
9.2 PRODUÇÃO E MEIO AMBIENTE	129
9.3 PARTICIPAÇÃO FAMILIAR E COMUNITÁRIA.....	132
9.4 AQUISIÇÃO DE CONHECIMENTOS E EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS.....	133
9.5 O PROCESSO DE PRODUÇÃO DA BANANA PASSA	135
9.6 ADAPTABILIDADE E REAÇÃO ÀS DIFICULDADES	138
9.7 PLANEJAMENTO DA PROPRIEDADE E DO NEGÓCIO	140
9.8 VISÃO LOCAL E GLOBAL	141
9.9 CRIATIVIDADE	141

CAPÍTULO 10 - COMPARANDO AS PRÁTICAS INOVADORAS E A CONTRIBUIÇÃO DAS FORMAÇÕES	143
CAPÍTULO 11 CONCLUSÃO FINAL	152
11.1 CONCLUSÃO GERAL.....	156
BIBLIOGRAFIA.....	160
ANEXOS.....	167

RESUMO

Este trabalho de pesquisa analisou a contribuição de processos formativos em Alternância e cursos de curta duração, na práxis de agricultores familiares inovadores no município de Domingos Martins, mais precisamente nos distritos da Sede e de Santa Isabel.

O município fica distante 40 km da cidade de Vitória, capital do Espírito Santo, possui uma área de 1230 km², sendo 35% remanescentes da Mata Atlântica. Tem 30 mil habitantes com 81% no meio rural, gerando 87% da renda, através da cafeicultura e hortifrutigranjeiros.

A agricultura familiar é a atividade predominante no município. Observamos que poucos agricultores desenvolvem um trabalho diferenciado, inovador. As atividades agrícolas vêm sofrendo várias transformações, principalmente em decorrência da ausência de uma política educacional vinculada à necessidade dos agricultores e da crise na economia, cujos sintomas mais evidentes são: baixo preço dos produtos, venda de propriedades aos “doutores” da capital, alcoolismo e suicídio. Assim, pequenas propriedades agrícolas familiares vêm cedendo espaço a áreas particulares de lazer e descanso, numa média de 227 transferências anuais.

Na fase exploratória foram selecionados 16 agricultores e, na fase final, reduzi o público para 4 agricultores diretamente envolvidos em uma agricultura inovadora, ecologicamente sustentável e humanamente correta. Sendo duas famílias de agricultores vinculados a Pedagogia da Alternância, e duas que passaram por cursos de curta duração. Tendo como base Quivy & Campenhoudt e Triviños, utilizei um roteiro semi-estruturado e observações de campo para a coleta de dados. Na análise dos dados, recorri principalmente a Maturana & Varela e Capra.

A reflexão apontou que a Pedagogia da Alternância e os cursos de curta duração para adultos contribuíram na passagem de uma agricultura tradicional para o desenvolvimento de uma agricultura familiar inovadora e uma melhoria no nível de vida dos agricultores.

Résumé

Ce travail de recherche a analysé la contribution de processus de formation en alternance et de cours de courte durée dans la pratique agricole d'exploitations familiales innovatrices, dans la municipalité de Domingos Martins (ES), plus précisément dans le canton Sede et Santa Isabel.

Le municipalité est située à 40 km de la ville de Vitória, capitale de l'état d'Espírito Santo, possède une superficie de 1230km², sachant que 35% sont constitués de vestiges de la Mata Atlântica il compte 30000 habitants dont 81% en milieu rural produisant 87% des revenus.

L'agriculture familiale est l'activité prédominante de municipalité. Nous pouvons observer que peu d'agriculteurs montrent un travail différencié, innovateur. Les activités agricoles présentent plusieurs transformations dont les signes les plus évidents sont les bas prix des produits agricoles, la vente de propriétés aux 'gens' de la capitale; l'alcoolisme et le suicide. Ainsi de petites propriétés privées de loisir et de repos dans une moyenne de 227 transferts annuels.

Lors de la phase préliminaire j'ai sélectionné 16 agriculteurs et lors de la phase finale, j'ai réduit le nombre à 4 exploitants directement impliqués dans une agriculture innovatrice, écologiquement viable et humainement correcte, soit 2 familles d'agriculteurs liés directement à la pédagogie de l'alternance (PdA) et 2 qui ont suivi un cours de courte durée (CdCD).

Se basant sur Quivy & Campenhoudt, Souza Santos et Triviños j'ai basé mon étude sur un questionnaire semi-structuré et des observations sur le terrain pour recueillir les données. Lors de l'analyse des données j'ai recouru principalement à Maturana & Varela, Morin et Capra.

L'étude montre que la pédagogie de l'alternance (PdA) et les cours de courte durée (CdCD) pour adultes contribuent au passage d'une agriculture traditionnelle à une agriculture innovatrice et à une amélioration du niveau de vie des agriculteurs.

INTRODUÇÃO

O meu interesse pelo tema agricultura familiar e educação rural com seus desdobramentos remonta a um período anterior ao tempo da pesquisa que hora se apresenta. Para ilustrar essa informação voltarei no tempo de forma sintética.

Sou o terceiro filho de um casal de agricultores que, por não vislumbrarem perspectivas de oferecer educação aos nove filhos, numa pequena comunidade de interior, venderam a propriedade no início de 1970 e mudaram para a periferia de outra cidade, visando, com isso, “educar os filhos”. Já em meados dos anos 80, passando por inúmeras dificuldades e ausência das filhas já casadas, decidiram, por influência dos outros filhos, retornar as origens, tendo ido trabalhar de meeiro para pai da minha mãe. Nesse período, contra a vontade do meu pai, comecei a participar dos movimentos sociais, o que resultou em indicação para freqüentar o curso para preparação de monitores da Escola Família Agrícola. Nos dias atuais, sou o único filho que ultrapassou o limite do atual ensino médio.

Trabalhei como monitor de Escola Família Agrícola por quatro anos no Norte do ES, em região de conflitos de terra, o que me levou a participar mais ativamente da questão da terra e dos movimentos sociais, como o MST — Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra — e a CPT — Comissão Pastoral da Terra.

Desde minha chegada a Domingos Martins, em março de 1992, convidado pela CPT, para trabalhar como monitor na Escola Família Agrícola de São Bento do Chapéu, percebi o pouco interesse dos representantes da municipalidade pela agricultura familiar e pela educação, principalmente pela educação rural. Foi árdua a nossa luta na edificação da estrutura física e da formulação de uma proposta educacional que atendesse as necessidades dos filhos de produtores rurais. Contamos com a ajuda da Associação em Defesa dos Direitos dos Produtores Rurais de São Bento do Chapéu, a ADDPRUSBEC, e dos próprios produtores para a realização desse projeto, que privilegiaria uma parcela grande da população do município, já que 81% dela é constituída de pessoas residentes no meio rural.

Tendo o município 3.340 propriedades rurais, ocupando uma área de 100.759,3 ha, correspondendo a uma média de 30,16 ha por propriedade rural, e 87% da arrecadação municipal provindo da agricultura familiar, principalmente da cafeicultura e hortifrutigranjeiros, é, para mim, pouco compreensível tamanho descaso com áreas tão estratégicas, motivando-me assim a conhecer e melhor analisar esses aspectos.

Observando também que existe uma crise na agricultura familiar, resultante, principalmente, da (des) política e da debilidade desse sistema educacional atrasado, nota-se que há falta de perspectivas tanto para a agricultura convencional, quanto para uma agricultura diferenciada. Aliado a esse processo está a ausência e/ou carência de assistência técnica ao produtor rural, o que vem motivando a venda das propriedades de agricultores familiares. Vendo, então, que ocorre uma média de 227 transferências anuais entre 1998 a 2001 — em sua maioria para proprietários da Grande Vitória que transformam-nas em locais de repouso para férias e fins de semana, usufruindo o clima tropical de altitude, a beleza do verde, a tranquilidade e a segurança — decidi estudar o processo formativo de agricultores familiares e a sua relação com a inovação.

Mesmo com todas essas dificuldades era possível perceber que havia agricultores que se destacavam em seu meio, realizando um trabalho diferenciado dos demais. Com isso, algumas questões começaram a ser formuladas em minha mente. Como um agricultor passa de uma agricultura convencional e tradicional para uma agricultura diferenciada e inovadora, apesar de tantos percalços? Quais são os fatores, motivações, desafios, riscos e outros que promovem essa passagem?

Busquei realizar um estudo com dois segmentos diferentes de agricultores considerados inovadores: um de ex-alunos da Escola Família Agrícola de São Bento do Chapéu, formados em 1995 e 1996, com suas respectivas famílias, buscando compreender o papel da formação por alternância e seus instrumentos pedagógicos; outro segmento de agricultores inovadores que tiveram, ou não, outro tipo de escolaridade, a fim de tentar identificar o contributo da formação no desenvolvimento de uma agricultura inovadora.

Com este trabalho, que não pode ser compreendido como resposta final, procurei analisar a contribuição da formação em Alternância e os cursos de curta duração do SEBRAE, na passagem de uma agricultura tradicional para uma agricultura familiar inovadora. Em função

do tempo e da limitação da pesquisa não abordei outras modalidades de formação, e abrangí apenas dois dos cinco distritos do município. Assim, o trabalho encontra-se organizado nos capítulos descritos abaixo:

A introdução aborda os aspectos gerais do trabalho, funcionando como um primeiro panorama do que será abordado nos capítulos que a sucede.

No primeiro capítulo, **Descrevendo o foco da pesquisa**, descrevo o município que estarei analisando. Inicialmente, faço uma sucinta apresentação do Espírito Santo, e em seguida procuro descrever Domingos Martins, proporcionando ao leitor, um breve conhecimento dos imigrantes que forjaram as características culturais do lugar, apresento as características físicas e os aspectos econômicos atuais.

A seguir em **Processos Formativos**, abordo o surgimento da Escola Família Agrícola de São Bento do Chapéu, em seus aspectos administrativos e principalmente pedagógicos, e os cursos de curta duração para adultos empreendedores do SEBRAE.

No terceiro capítulo, **Agricultura familiar e inovação**, discuto teoricamente os principais conceitos referentes ao tema da pesquisa. Nessa parte, realizo uma reflexão teórica sobre o desenvolvimento sustentável, agricultura familiar, produção orgânica, criatividade e inovação.

Com o capítulo seguinte, **O porque da reflexão sobre os agricultores inovadores**, discuto a crise que afeta a agricultura familiar e o papel da formação no meio rural. Assim, introduzo a problemática da pesquisa, a pergunta inicial e a grade de análise dos dados recolhidos.

Com o capítulo **Selecionando os agricultores familiares inovadores**, descrevo o processo metodológico e os critérios de seleção dos agricultores considerados inovadores; a primeira etapa exploratória com um público mais abrangente e a etapa final com os agricultores selecionados.

Nos capítulos seguinte, **Família 1, Família 2, Família 3 e Família 4**, descrevo e analiso individualmente cada família selecionada, seguindo a grade estabelecida como referencial de análise.

Após a análise individual de cada família, realizei, no capítulo **Comparando as práticas inovadoras e a contribuição para formação**, um cruzamento dos dados coletados nas quatro famílias, analisando-os conjuntamente.

No capítulo **Conclusão final**, aponto os resultados deste trabalho, demonstrando que as experiências estudadas e descritas nesta pesquisa, apesar de recentes, são importantes e válidas.

CAPÍTULO 1 - DESCRREVENDO O FOCO DA PESQUISA

Introdução

Antes de abordar o município de Domingos Martins, farei uma breve apresentação do Estado do Espírito Santo, descrevendo seus três momentos principais, ou seja: o período da monocultura cafeeira; o ciclo dos grandes projetos industriais; e o período atual da diversificação da economia abrangendo o petróleo, mármore e granito; e, recentemente, a fruticultura, que começa a produzir um novo ciclo de desenvolvimento para o estado.

1.1 Breve histórico do Espírito Santo

Nos primórdios da colonização, o Estado do Espírito Santo não chegou a ter uma posição de importância, assim como a maioria das capitanias hereditárias¹, que fracassaram devido às más administrações, conflitos com os nativos e problemas de saúde, geralmente desconhecidos pelos novos ocupantes do território. A ocupação do Estado esteve limitada à capital e poucos núcleos populacionais.

Somente no século XIX com a introdução do café, ocorreu o primeiro ciclo desenvolvimentista do Espírito Santo, gerando uma infra-estrutura comercial voltada para o comércio exterior, tendo nesse produto a maior fonte geradora de riqueza para o estado, transformando-se na “salvação da lavoura”. Vejamos como isso ocorreu:

*“ O café, ou **coffea arábica**, uma pequena árvore da família das rubiáceas, nativa do sub-bosque da floresta do sudoeste do planalto da Etiópia, gerava as sementes carregadas se cafeína tão apreciadas pelos moradores urbanos da Europa. Seu oportuno surgimento resolveria de modo brilhante a busca de um produto que o novo império poderia trocar pelas manufaturas e luxos da Europa. Tal como o século XVIII havia sido para o Brasil o século do ouro, o século XIX seria o século do café. Para a Mata Atlântica, entretanto, a introdução dessa planta*

¹ Capitanias Hereditárias foi a primeira divisão territorial realizada no Brasil. O Rei de Portugal repassava à Capitania a um Donatário, geralmente fidalgo de sua confiança, que tinha função de desenvolver a capitania.

exótica significaria uma ameaça mais intensa que qualquer outro evento dos trezentos anos anteriores”. (Dean, 1996, p. 193)

Nos anos de 1950, o vazio no norte do Estado do Espírito Santo começou a ser ocupado pelo ciclo madeireiro com a extração predatória das principais espécies de madeira de lei e a conseqüente produção de carvão e pastagens. Esse processo segundo Dean, *“as florestas na maioria secundárias dos rios Jequitinhonha e Doce e as florestas primárias do norte do Espírito Santo consumiram-se todas em chamas e em favor do gado, não da agricultura.”* (Dean, 1996, p. 287)

Nos anos 60, segundo o historiador Gabriel Bittencourt, ainda não havia uma presença significativa de atividades industriais:

“...as atividades industriais muito pouco pesavam na arrecadação do Estado. Sua economia continuava fortemente imbricada ao setor primário, compreendendo a agricultura , a pecuária e o extrativismo, 65% da renda estadual, seguindo-se-lhe o setor terciário com 27%, contribuindo a produção industrial com apenas 8% do total” (Bittencourt, 1987, p. 204).

O segundo ciclo desenvolvimentista surge com os grandes projetos industriais², através de incentivos fiscais, pensados para o mercado externo. Esses projetos estavam situados na capital e adjacências, promovendo uma migração do *“sul da Bahia, norte do Rio de Janeiro, da Zona da Mata Mineira e até do norte do Espírito Santo”*, (Bittencourt, 1987, p. 235) para o centro urbano da capital, sendo assim, o Estado *“de 1970 a 1980, sofreu um acréscimo de aproximadamente 450.000 habitantes”* (Bittencourt, 1987, p. 235), aumentando a miséria, marginalidade, desemprego e outros problemas sociais. Tendo que essa migração o destino da capital e das adjacências, fazendo com que o Estado do Espírito Santo passasse a ter uma população majoritariamente urbana.

O terceiro ciclo, que é o período atual da diversificação da economia, abrange três atividades principais, a saber: o petróleo, mármore, granito e, recentemente, a fruticultura, que começa a produzir um novo ciclo de desenvolvimento para o estado.

O petróleo, principal atividade do terceiro ciclo, já se encontra em exploração desde os anos 70, mas é nos dias atuais que “*O Espírito Santo está se consolidando como a segunda maior reserva de petróleo do país*”,(ADERES, 2003) a partir das recentes descobertas da Petrobras, estatal responsável pela pesquisa, exploração, refino e distribuição do “nosso petróleo”, que nos dias atuais “*já produz 17 mil barris de petróleo por dia*”. (ADERES, 2003) Fazendo do petróleo a grande expectativa de investimento público nos próximos anos no estado.

O Estado do Espírito Santo possui uma das maiores reservas de mármore e granito do país e a sua mineração ocorre em Nova Venécia, norte de Estado, e Cachoeiro do Itapemirim, local das principais jazidas e maior parte do parque de beneficiamento.

De acordo com a ADERES³ :

“ O Espírito Santo se caracteriza como o principal ponto de referência de rochas ornamentais do país e responde pela produção de mais de 100 padrões diferenciados de mármore e granitos, extraídos em seu território ou adquiridos em outros estados, para serragem de blocos em seu parque de desdobramento.” (ADERES, 2003).

Nos dias atuais, este setor aparece como importante gerador de emprego e divisas, apresentados pelos números abaixo:

“No estado existem entre 750 a 1.000 empresas no setor com um número de 13.000 empregados, constituindo um parque industrial que produz cerca de metade da produção nacional de placas de pedras ornamentais. O setor é ainda responsável por 6,5% do PIB Capixaba”. (ADERES, 2003).

Ainda de acordo com a agência citada anteriormente, o Espírito Santo tem “*grande volume de extração (cerca de 800 mil m³/ano)*” (ADERES, 2003), e pode ser privilegiado pois

² Companhia Vale do Rio Doce- CVRD; Companhia Siderúrgica de Tubarão-CST; Aracruz Celulose; e Samarco Mineração.

³ Agência de Desenvolvimento em Rede do Espírito Santo

“conta ainda com a infra-estrutura logística do Porto de Vitória, que responde pela crescente participação nas exportações nacionais de rochas ornamentais.” (ADERES, 2003).

A terceira principal atividade do terceiro ciclo desenvolvimentista do Estado do Espírito Santo é a fruticultura que vem tendo um grande crescimento no cenário estadual e nacional.

A produção, de acordo com o INCAPER⁴, supera a casa de um milhão de toneladas de frutas, sendo que:

“as participações mais expressivas foram as de mamão, coco, banana, abacaxi, maracujá, cacau e dos citros, que são as culturas mais expressivas do setor. A maior produção fica por conta do mamão, com 420 mil toneladas em 10,3 mil hectares (ha) de área plantada, na região Norte do Estado.” (INCAPER, 2003)

A produção de frutas está destacando-se como a segunda atividade agrícola mais importante, depois da cafeicultura. Segundo o INCAPER *“a área plantada com frutas diversas é de 85 mil hectares e a área em produção é de cerca de 80 mil hectares.”* Concluindo, *“a fruticultura no Espírito Santo deu um grande salto nos últimos dez anos. Conquistou fatias do mercado nacional e internacional e tornou-se uma importante opção de diversificação do agrobusiness”*. (INCAPER, 2003)

1.2 - Localizando o foco da pesquisa

Domingos Martins é um dos mais belos municípios do Espírito Santo. Conta com um território de 1.231,29 km² sendo o 7º município em extensão do Estado. Está situado na região serrana do Estado, numa área de Mata Atlântica rica em fauna e flora, com grande abundância hídrica da bacia do Rio Jucu e seus afluentes, destacando inúmeras cachoeiras e corredeiras.

A sede do município tem uma altitude de 542 metros, chegando aos 1909 metros na Pedra das Flores. Entretanto, mais de 50% do município tem altitude entre 700 e 800 metros, segundo

⁴ INCAPER - Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural

Santos.(Santos, 1992, p. 50). Tem temperatura amena e média anual de 19°C chegando até 0°C em algumas regiões mais altas, com possibilidade de geadas. Segundo o IDAF⁵, o município é um dos mais preservado do Estado tendo 35% de cobertura vegetal.

Como unidade de conservação, no Distrito de Aracê, existe o Parque Estadual de Pedra Azul com área total de 1240 ha, criado pela Lei n° 4.503 de 03 de janeiro de 1991, sob a atual responsabilidade do IDAF. (fonte: SEAMA⁶).

Domingos Martins é conhecido pelo seu clima saudável, orquídeas, muitas flores, águas puríssimas, a exuberância da Mata Atlântica, monumentos construídos pela natureza e pelo homem, comidas típicas, festas o ano todo e a boa acolhida de um povo bonito e alegre que compõe o cenário municipal da "Cidade do Verde" (folder divulgativo do município).

O município é um dos maiores produtores de hortifrutigranjeiros do Estado, graças à predominância da agricultura familiar, tendo um alto índice de população residente no meio rural, em torno de 81%, segundo o IPES⁷.

1.3 - A população e a cultura: o papel dos imigrantes

A ocupação do município teve início em 1847, com a fundação da colônia de Santa Isabel, sendo a primeira de origem germânica no estado. Segundo Santos, o primeiro grupo de imigrantes estava constituído:

"Os imigrantes que vieram para Santa Isabel, no Estado do Espírito Santo, em 1847, eram da região montanhosa do Hunsrück (Costa do Cachorro), na Prússia Renana, das cidades de Koblenz, Lötzebeuren e Traben-Trarbach, em número de 163 pessoas: 39 famílias, dentre elas um rapaz solteiro, entre católicos e luteranos." (Santos, 1992, p. 16).

Compondo a população dos colonizadores da área que hoje forma o município, vieram, também, colonos alemães da região de Hesse do Reno em 1859. No período decorrido entre

⁵ IDAF- Instituto de Defesa Agro- Florestal

⁶ SEAMA- Secretaria de Estado de Meio Ambiente

⁷ IPES – Instituto de Apoio à Pesquisa e ao Desenvolvimento Jones dos Santos Neves

os anos de 1857 e 1873, vieram os pomeranos, que seguiram o caminho do atual distrito de Melgaço.

Como as condições climáticas e de saúde não eram as ideais, o governo da Prússia não permitiu a continuidade da vinda de seus súditos para essa região. Assim, para ocupar o “vazio demográfico” o governo brasileiro buscou nos italianos a nova massa de colonos para ocupar a região. A vinda dos primeiros imigrantes italianos segundo Santos (Santos, 1992, p 16) ocorreu no ano de 1859.

Mediante a situação encontrada no Brasil, o governo italiano também impediu a vinda de seus colonos, como mostra-nos o historiador Gabriel Bittencourt:

“A introdução e fixação do imigrante europeu não-português no Espírito Santo não se fez sem choques e conflitos. No processo de acomodação do novo elemento introduzido, os imigrantes tiveram de enfrentar o isolamento e a ausência de vias de comunicação nos primeiros tempos e de mercado consumidor. Doenças desconhecidas, quebras contratuais, falsas expectativas criadas pelos aliciadores na Europa, e conflitos com a própria administração pública, mataram ou levaram de volta muitos colonos que não puderam resistir à epopéia da imigração. Daí a medida adotada pelo governo da Itália que, em 20 de julho de 1895, proíbe o embarque de italianos para o Espírito Santo”.(Bittencourt, 1987, p 73).

Dessa forma, o município de Domingos Martins teve nas etnias alemã, pomerana e italiana a constituição básica da formação de sua população, que ocupou, conforme Santos, os seguintes espaços geográficos:

“A colônia foi, portanto, ocupada por imigrantes europeus que vieram para a região por três direções diferentes: os alemães de Hünsruck chegaram do litoral, por Viana, subindo o rio Jucu até Cuité; os alemães pomeranos chegaram à colônia subindo o rio Santa Maria da Vitória, passando por Santa Leopoldina até Melgaço; e os italianos, subindo o Rio Benevente até Araguaia e Aracê”. (Santos, 1992, p. 17).

Na busca do “éden celestial”, os colonos que aqui chegavam, encontravam o “inferno terreal”, deparando-se com inúmeras dificuldades, tais como: doenças, demarcação de terra, presença e revolta dos índios botocudos, animais ferozes, serpentes, alimentação e promessas não cumpridas. Conforme nos aponta o historiador José P. Schayder, o cenário encontrado pelos imigrantes pode ser considerado como aterrorizador, nas palavras do autor:

“Um meio ambiente que lhes era estranho e hostil (serras, florestas e clima tropical), doenças epidêmicas (febre amarela, cólera morbus, escarlatina anginosa, varíola, etc), animais ferozes (onças e cobras), alimentos exóticos, barreira lingüística (o que os obrigava a pagar intérpretes) etc. Além disso, a maioria das promessas feitas pelo governo do Espírito Santo não era cumprida.” (Schayder, 2002, p. 65).

Enfrentar as adversidades foram os primeiros passos para que se mantivessem na “terra prometida”. Terra essa com condições topográficas extremamente variadas, de acentuada declividade e solos fracos, como veremos mais adiante.

Tendo pouco conhecimento desse tipo de solo, ausência de conhecimento técnico, e nenhuma preocupação com o meio ambiente, não havia “necessidade” de selecionar o melhor local para os plantios, conforme Dean:

“ A escolha do terreno onde plantar, enquanto ainda existisse floresta primária, era uma questão de mero empirismo. Uma patrulha de reconhecimento foi encarregada de localizar espécies consideradas como “padrões” indicadores dos melhores locais para os cafezais”.
(Dean, 1996, p. 196)

Iniciar o desmatamento e a queimada para os plantios, na busca da sobrevivência, era um mal necessário à permanência nas serras capixabas. Vejamos um exemplo de parte do preparo do terreno:

“A vegetação ressecada saltava em labaredas com um rugido e o espoucar das varas de bambu, segundo um observador, soava como

disparos de espingarda e os troncos rachavam como artilharia. Da conflagração vulcânica subia um turbilhão de fumaça para o céu, carregando gêiseres brilhantes de fagulhas. Durante muitas horas as cinzas caíam como chuva. O fogo ardia durante dias e depois fumegava por muitos outros, erguendo-se de suas brasas “espiráculos de fumaça cinzenta, como se saindo de fendas de uma imensa fornalha que estivesse oculta e queimasse mais embaixo”. Chegavam, por fim, as chuvas, que adicionavam ao esterco gorduroso do húmus e do solo os nutrientes liberados do rico leito das cinzas”. (Dean, 1996, pp. 198-199)

A dura viagem do velho continente para o Brasil, e neste caso para o Espírito Santo, acreditando na “propaganda enganosa” e nos aliciadores, era sem volta como mostra Gerlinde M. Weber:

“Mas, como a viagem havia sido feita sem condições de retorno, foi preciso submeter-se e procurar melhorá-las aos poucos. Nesse contexto, a religião, a Igreja, assumiu um papel decisivo, marcando presença e auxiliando na medida do possível, principalmente no que tange à educação”. (Weber, 1998, pp. 16-17).

Não temos como objetivo evidenciar a questão religiosa neste trabalho, quero apenas apontar a sua estreita relação com a educação, apontando sua importância e influência para os colonos alemães, porque retornaremos a esta questão mais adiante. Conforme descrição de Weber:

“O outro motivo de se aprender a ler e escrever em alemão dizia respeito à participação ativa do indivíduo na vida religiosa, pois presumia-se que este tivesse capacidade de ler e interpretar a Bíblia, bem como acompanhar a cantoria dos hinos, ambos escritos em língua alemã. De fato, a escolarização, muitas vezes, confundia-se com o ensino confirmatório (também chamado por alguns de instrução). Esse consistia em preparar o adolescente, numa educação cristã, para a confirmação”. (Weber, 1998, p 22)

Outra questão a ser superada pelos colonos foi a alimentação exótica que passaram a utilizar na sobrevivência, tais como: palmito, legumes, brotos de samambaias e caças. A alimentação

diária era um desafio constante tanto na produção, quanto no armazenamento e preparo das três refeições do dia, como nos mostra Ângela de Biase Ferrari:

“Aliás, na alimentação dos colonos tanto o feijão como o milho (Brot) têm uma grande importância, sendo que as preferências são em ordem decrescente: feijão (75%), arroz (43%), batata (28%), carne(14%) e ovos idem. Dão preferência ainda, naturalmente, pela facilidade de criar, à carne de porco e galinha, que não falta nos domingos e dias de festa. Fazem três refeições diárias: café da manhã (brot, café puro ou com leite, lingüiça, manteiga e geléias), almoço e jantar. Alguns fazem ainda uma quarta refeição "café da tarde" (hábito bem difundido no Espírito Santo e quicá no Brasil)”. (Ferrari, 1968, p 03)

1.4 - A população atual

De acordo com o IPES, em seu documento *Série: estatísticas municipais, vinte e três*, a distribuição da população do município de Domingos Martins, nos últimos anos, encontra-se distribuída, conforme o quadro abaixo:

Evolução da população residente, por situação do domicílio - 1970/1996

Ano	População					
	Total		Urbana		Rural	
	ABS.	%	ABS.	%	ABS.	%
1970	24.453	100	3.625	15	20.828	85
1980	27.576	100	5.233	19	22.343	81
1991	35.598	100	7.650	21	27.948	79
1996	26.130	100	5.038	19	21.092	81

*Fonte: Censos Demográficos – IBGE
Contagem da População – IBGE.*

Elaboração: IPES, 2000:p. 13

Torna-se necessário informar que o censo de 1991 aponta 35.598 habitantes e em 1996 o número foi de 26.130. Essa redução populacional foi consequência da emancipação político administrativo do antigo distrito de Marechal Floriano que, ao transformar-se em nova sede municipal, levou consigo o distrito de Araguaia em 1992.

Vemos, no quadro anterior, que 81 % da população martinense encontra-se no meio rural, onde habita, trabalha e onde, na maioria das vezes, educa os filhos. Apresentamos na seqüência, o quadro fundiário que nos mostra a predominância da pequena propriedade familiar:

Propriedades rurais em Domingos Martins

Área	Nº	Área em ha	Percentual
0 a 50 há	3.084	72.193.2	71.6
51 a 100 há	236	25.033.0	24.9
Acima de 101 ha	7	3.014.8	3.0
Não classificado	13	518.3	0.5
Total	3.340	100.759.3	100

Fonte: Incra 1999

Observamos no quadro acima que 71,6% das propriedades rurais, no ano de 1999, eram pequenas, ou seja, predomínio da propriedade familiar, tendo, no geral, uma propriedade média de 30,16 ha.

Analisando os números do Censo agropecuário do IBGE, podemos observar uma predominância da agricultura familiar no município, conforme quadro abaixo:

Pessoal ocupado por categoria - 1985/1995-1996

Discriminação	Pessoal ocupado			
	1985		1995-1996	
	ABS	%	ABS	%
Empregados permanentes	1.612	11,71	725	6,45
Empregados temporários	580	4,21	394	3,51
Outras condições	56	0,41	98	0,87
Parceiros	1.070	7,77	1.366	12,16
Responsável e membros não numerados da família	10.448	75,90	8.650	77,01
Total	13.766	100,0	11.233	100,0

Fonte: Censo Agropecuário IBGE, IPES

Os números apresentados confirmam, assim, a "vocação agrícola e familiar" no município. Passemos agora para as atividades industriais do município, conforme informa es do IPES.

1.5 - Atividades industriais

Vimos que, em 1996, o número de pessoas ocupadas na agricultura somam um total 11.233, envolvendo as cinco "categorias" citadas. Vejamos agora o número de pessoas envolvidas nas atividades industriais que, no total de 38 empreendimentos, chegam a apenas 428 trabalhadores, conforme o quadro abaixo:

Número de indústrias instaladas e números de empregados, segundo os gêneros de atividade - 1997 – 1998

Gênero	Quantidade	%	Nº empregado	%
Alimentos	8	21,05	111	25,93
Bebidas	5	13,16	185	43,22
Construção civil	4	10,53	67	15,65
Diversas	2	5,26	0	0,00
Extração de minerais	1	2,63	1	0,23
Madeira	8	21,05	32	7,48
Metalúrgico	2	5,26	0	0,00
Mobiliário	4	10,53	12	2,80
Serviços industriais de utilidade pública	2	5,26	6	1,40
Vestuário, calçados e artefatos de tecidos	2	5,26	14	3,27
Total	38	100,00	428	100,00

Fonte: IPES

1.6 - A situação da agricultura familiar

O município tem sua base econômica voltada para a agricultura familiar, conforme a estrutura fundiária (vide quadro estrutura fundiária), em que percebemos a forte predominância da pequena propriedade, ainda dependente da produção do café, como principal gerador de riqueza, apesar da presença dos hortifrutigranjeiros. Notamos, também, a presença da banana da terra como um cultivo em expansão. As culturas do feijão e milho são para subsistência, basta ver o fraquíssimo desempenho financeiro por área cultivada. As quatro principais culturas que se destacam, por ordem de área plantada, apontam exatamente para um quadro de dependência do café e da banana da terra, além do cultivo de subsistência. Basta ver a diferença de tamanho de área plantada das outras duas culturas citadas.

Vejamos a seguir o quadro elaborado a partir de dados do IPES:

Produto	Área (ha)	Ano	Valor(em mil reais)
Café	7.659	1996	7.261
Feijão	5.940	1996	1.566
Milho	3.147	1996	527
Banana	1.523	1996	3.441
Tangerina	174	1996	186
Laranja	125	1996	161

Fonte: IPES. 2000. p. 24.

Constatamos, porém, nos últimos anos, uma significativa transferência de propriedades, para, no maior número de caso, compradores da Grande Vitória, distante em média 40 a 60 km, que buscam clima agradável para repouso em fins de semana. Assim, notamos que é crescente a venda de propriedades conforme nos aponta o quadro abaixo:

Transferências de propriedades rurais

Ano	Nº de transferência
1998	223
1999	224
2000	244
2001	219

Fonte: Secretaria de Finanças da PMDM - Prefeitura Municipal de Domingos Martins.

Temos um total de novecentos e dez transferências em apenas quatro anos o que nos dá em média 227,5 transferências anuais. Com isso, deparamo-nos com o fenômeno do surgimento de novas propriedades de repouso, ocupando o lugar da agricultura familiar produtora de alimentos. O quadro abaixo realça esta preocupação, vejamos:

Ano	Nº de propriedades
2002	3.890*
1999	3.340**

Fonte: * IDAF – Instituto de Defesa Agro Florestal

** INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

Vemos então o surgimento de 550 "novas propriedades" num espaço que não chega a três anos. Propriedades que passaram por registros de escrituração "oficiais", não contabilizadas as dezenas de transferências realizadas na base do "compadrio" que não são oficializadas, ficando apenas na base de "recibo" de venda. Esse tipo de negociação só passa a ser "oficial" quando falece algum membro familiar e torna-se necessário a realização de inventário.

1.6 - A utilização dos solos

De uma maneira geral, a utilização do solo no município é bastante tradicional e arcaica. Em algumas situações específicas existe um trabalho diferenciado. No entanto, na maioria dos casos constatamos uma fórmula agressiva de "explorar" a terra. Vejamos o que nos diz Ferrari ao tratar da utilização do solo no município vizinho, ainda nos anos 60, perfeitamente aplicado à nossa região nos dias atuais:

"... o colono alemão não mais difere do lavrador brasileiro do século XIX, que não evoluiu até hoje. A técnica agrícola nas zonas teuto-capixabas é precária, quase todo trabalho, 99%, é feito à mão, com pouco rendimento e muito desgaste. A este desgaste físico soma-se o desgaste da terra. O sistema de queimada, a erosão intensa provocada pelas chuvas violentas caindo sobre grandes declives onde, sem cuidado e nenhuma precaução, estão situados os cafezais, provocam uma desastrosa transformação, substituindo, após algum tempo, por abandono, a cultura do café em desfigurado capoeiral. Contudo este sistema tradicional de cultura de café com sistema de rotação das terras foi substituído numa pequena parte da superfície da zona teuto-capixaba no distrito de Santa Maria, município ao Santa Leopoldina, onde nos fundos dos vales, em lugares impróprios ao plantio do café se desenvolve com sucesso, obedecendo a processos modernos, a cultura de legumes que conseguem, agora, graças a algumas estradas de rodagem, alcançar Vitória. Infelizmente, porém, este conhecimento moderno de agricultura (com irrigação o adubação) e boas estradas ainda são raros na paisagem espírito-santense." (Ferrari, 1968, p. 03)

Entretanto, percebemos um paradoxo na prática dos agricultores, ao mesmo tempo que realizam uma agricultura tradicional com a prática de queimada e coivara⁸, preservam uma grande parcela das florestas nativas, fazendo com que Domingos Martins seja um dos municípios capixaba com maior cobertura florestal do estado.

1.7 - A repressão da polícia florestal e especulação imobiliária

Mesmo o município sendo um dos mais preservados, houve, nos anos 80, muita pressão contra os que trabalhavam em forma de pousio ou rodízio para não causar prejuízos à terra. Os "técnicos governamentais", gerando problemas e conflitos, nunca entenderam e jamais acreditaram nesta forma centenária de lavrar a terra. Era proibido executar esse tipo de trabalho, o que dificultava a vida do agricultor que insistia no esquema do rodízio, conforme explicitado abaixo:

Sistema de rodízio / pousio

Ano / Período	Trabalho	Pousio
I	Campo A	Campos BC
II	Campo B	Campos CA
III	Campo C	Campos AB

Como vemos havia sempre um campo ou área sendo cultivado em um ano ou período, enquanto dois estavam em pousio, realizando sempre um rodízio para que a terra estivesse sempre renovando-se. Este tipo de apropriação do solo começou a ser utilizada desde a chegada dos primeiros imigrantes em 1847, ou seja, há, praticamente, 150 anos.

Com a proibição deste estilo de trabalhar a terra, nos anos 80, começou haver revoltas e insatisfação dos agricultores do município de Domingos Martins, pois, não se podia sequer retirar uma árvore, nem para consumo próprio. Ignorando, assim, a boa consciência ecológica que existia e existe entre os agricultores e as suas práticas, no que tange à preservação das florestas durante todos esses anos. Para continuar na terra, os agricultores familiares foram

⁸ limpeza do solo juntando os galhos que restam após a queimada, amontoando e queimando novamente

obrigados a enfrentar a polícia florestal através de mutirões, de pressões diversas sobre o Estado e seus órgãos.

Outro problema era a pressão de imobiliárias para transformar a região em condomínios para fins de semana e uso turístico, expulsando os agricultores para favelas ou transformando-os em assalariados nesse tipo de propriedade

Embora município tenha uma agricultura bastante diversificada, preserva, ainda, um tradicionalismo por parte dos agricultores familiares, o que se reflete nos preços finais dos produtos. Ficamos, por enquanto, com o café que, no momento, ainda é o carro chefe da maioria das propriedades rurais. O preço do café, resultado em parte da sua baixa qualidade, é uma verdade que não se pode ignorar, sendo um desastre para o agricultor que ainda não melhorou o produto. Vejamos como tem sido a queda:

Preço do café:1998 - 2001

Ano	Preço do café arábica US\$ - saca de 60kg
Julho de 1998	118.23
Julho de 1999	88.39
Julho de 2000	88.15
Julho de 2001	54.65

Fonte: Angelo Passos – A Gazeta 02/09/2001.

Constatamos uma queda significativa e gradativa no preço, não tendo chegado nunca a um patamar tão baixo; embora saibamos que esta queda é cíclica e já ocorreu em outras épocas históricas. Isto é o que ocorre com o café em geral e, principalmente, o de baixa qualidade, colhido e processado de forma tradicional por agricultores sem muita qualificação de mão-de-obra.

Porém, não é apenas a baixa qualidade o fator responsável pelos baixos preços. As principais empresas compradoras que dominam o mercado mundial de torrefação e distribuição são as maiores beneficiárias dos baixos preços. Segundo Dauro Veras, citando trabalho de Flores J. Renato e Calfat Germán, diz que “...Elas atuam em larga escala e formam oligopólios...” e, continuando: “Primeiro ocorreu uma concentração dos comerciantes; depois começou a

existir uma concentração dos torrefadores e, em seguida, dos distribuidores,” (Veras, 2002, p. 13).

O próprio Veras afirma que a questão principal dos agricultores reside na falta de informação para fazer frente aos oligopólios que os penaliza com baixos preços. Vejamos o que nos diz:

“...os cafeicultores familiares não dispõem de informações suficientes sobre mercado, tecnologia, capital, logística de transporte e armazenamento, nem capacidade de investir na criação e divulgação de suas marcas. Em conseqüência, tem custos maiores para atingir o mercado externo e não conseguem concorrer com as corporações.”
(Veras, 2002, p.13)

1.8 - A educação

Passemos para a educação municipal, onde apresentarei brevemente algumas informações de caráter mais geral. Segundo o IPES, assim estavam os números da educação no município:

Escolas de Ensino Fundamental - Domingos Martins

Ano	Nº	Urbana	Rural
1998	66	9	57

Fonte: SEDU – Secretaria de Estado e Educação

Observando o percentual, percebemos uma coerência dos índices da educação, já que a população do meio rural representa 81% do total do município e o número de escolas 86,4%. É importante destacar que apenas a Escola Família Agrícola de São Bento do Chapéu aplica a Pedagogia da Alternância e tem um currículo voltado para a realidade e as peculiaridades do meio rural. As demais utilizam pedagogia e currículo convencional sem uma ligação mais estreita com a terra e a agricultura.

Em números absolutos, o rendimento escolar na rede Municipal de Educação:

Rendimento escolar no ensino fundamental -1994/1997

Rendimento Escolar	Ensino Fundamental							
	1994		1995		1996		1997	
	ABS.	%	ABS.	%	ABS.	%	ABS.	%
Aprovados	3.995	69,7	3.500	70,8	4.008	76,9	4.108	72,3
Reprovados	833	14,6	703	14,2	573	11,0	578	10,2
Evadidos	345	5,9	249	5,0	254	4,9	252	4,4
Transferidos	556	9,8	489	9,9	376	7,2	747	13,1
Total	5.729	100,0	4.941	100,0	5.211	100,0	5.685	100,0

Fonte: SEDU

Nota: elaboração: IPES

Nota-se que não houve crescimento no número de alunos matriculados entre os anos de 1994 e 1997. Houve um pequeno aumento no número de alunos aprovados de 2,6% e uma redução na reprovação escolar em 4,4%, o que não se pode considerar um número tão expressivo.

Vemos então que, de uma forma geral, não houve um avanço significativo, ficando os números um pouco estagnados.

1.9 - O ensino fundamental

Abordaremos aqui resumidamente o número de alunos matriculados nos quatro anos finais do ensino fundamental no caso de 5ª a 8ª série, especificamente no meio rural.

Escola	Masculino	Feminino	Total
EMEF FAZENDA MENDES DA FONSECA	73	63	136
EMEF BIRIRICAS DE CIMA	47	57	104
EMEF SÃO MIGUEL	56	40	96
EMEF CÓRREGO SÃO PAULO	41	49	90
EMEF CRISTO REI	38	40	78
EMEF ARAÇÊ	28	48	76
ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA S.B.CHAPÉU	60	15	75
EMEF AUGUSTO P. BERTHOLD PAGUNG	33	36	69
EMEF MELGAÇO	43	24	67

EMEF RIO PONTE	28	38	66
EMEF TIJUCO PRETO	25	22	47
EMEF FAZENDA OSVALDO RETZ	20	19	39
Total de alunos	492	451	943

Fonte: Secretaria Municipal de Educação e Esporte – setembro de 2003

Conclusão

Concluindo, vimos brevemente uma descrição mais geral do município. E no capítulo seguinte abordaremos com mais ênfase os processo formativos que interesse aos propósitos deste trabalho.

CAPÍTULO 2 - OS PROCESSOS FORMATIVOS

Introdução

Neste capítulo, abordaremos a questão da formação vinculada mais diretamente para o meio rural, que é o público alvo desta pesquisa. Abordaremos, em primeira instância, o processo de implantação da Escola Família Agrícola de São Bento do Chapéu e, posteriormente, sua atuação pedagógica. Num momento seguinte, analisaremos, ainda, os cursos de curta duração ministrados pelo SEBRAE.

Para compreender o processo de implantação da EFASBEC torna-se necessário um retrospecto histórico, ainda que breve, para um melhor compreender a busca dos produtores rurais da localidade por uma escola que atendesse os anseios de um melhor educação para seus filhos.

2.1 - A história da ADDPRUSBEC

Conforme dito anteriormente, nos anos 80, os órgãos governamentais passaram a proibir o sistema de pousio, gerando revoltas e insatisfação dos agricultores do município de Domingos Martins. Não podia sequer retirar uma árvore, nem para consumo próprio, ignorando, assim, a boa consciência ecológica que existia e existe entre os agricultores. Para continuar trabalhando a terra no sistema de pousio, os agricultores familiares, com o apoio de Pastores luteranos e da CPT⁹, enfrentaram a polícia florestal, valendo-se de mutirões, de pressões diversas sobre o Estado e seus órgãos.

Os mutirões realizados para a defesa dos agricultores motivaram a criação da Associação em Defesa dos Direitos dos Produtores Rurais de São Bento do Chapéu - ADDPRUSBEC - que é uma experiência coletiva. Na sua fundação em 11 de agosto de 1990 contava com 250 sócios espalhados por sete núcleos no município.(arquivos ADDPRUSBEC)

Esses mutirões, no período citado, cumpriram sua função no surgimento e fortalecimento da associação, conforme Speyer:

9 Comissão Pastoral da Terra

“A função do mutirão é mais social do que econômica: é um fator de união que reforça a coesão social, mas permite também um trabalho mais rápido e o cultivo de uma extensão maior de terra ou a realização de um empreendimento que vise o bem-estar de toda a comunidade. O mutirão também é um motivo de despertar o rodízio de lideranças na comunidade”. (Speyer, 1983, p. 56)

Segundo seus arquivos, os objetivos da associação são vários: estimular a prática de atividades culturais, esportivas e de lazer; estimular e acentuar o espírito da comunidade, possibilitando o apoio e o auxílio recíproco entre os associados; prestigiar as iniciativas dos associados, objetivando sempre o fortalecimento e a valorização da comunidade; estimular a prática da agricultura alternativa (expressão usada nos anos 80 e início dos 90) sem aditivos químicos e outros de origem industrial que venham representar riscos à saúde e ao meio ambiente; promover coletivamente a comercialização de seus produtos e a compra de vários produtos básicos; aquisição coletiva de máquinas; aprofundar o relacionamento dos pequenos produtores com o meio ambiente e lutar contra os métodos falsos de preservação da natureza impostos pelo Estado; estimular a medicina popular; desenvolver atividades de intercâmbio em todos os níveis com outras associações urbanas ou rurais; buscar alternativas de Educação de acordo com a realidade do campo com a fundação de Escolas Famílias Agrícolas e que tenham a formação do 1º grau completo. (Fonte: arquivos da ADDPRUSBEC).

Dos objetivos citados anteriormente, vários foram realizados parcialmente, alguns por um período curto e outros não foram seguidos com seriedade e empenho suficientes. A construção e institucionalização da Escola Família Agrícola de São Bento do Chapéu e posteriormente a aquisição do maquinário de melhoria na qualidade do café, foram as duas atividades que demandaram maiores trabalhos e concentração de esforços, além de resultados mais palpáveis.

2.2 - A Escola Família Agrícola de São Bento do Chapéu

Ter uma escola diferente, que atendesse os filhos dos agricultores, já era uma pretensão da ADDPRUSBEC, tanto que esta possibilidade já estava prevista nos seus estatutos. No ano de 1991, uma comissão de agricultores escolhida pela Diretoria da ADDPRUSBEC visitou a Escola Família Agrícola de Jaguaré Norte do Estado (na época ainda era de 1º grau) e

constatou que aquele tipo de educação satisfazia os anseios dos agricultores da região de São Bento do Chapéu e adjacências.

Assim, decidiram pela implantação da Escola Família Agrícola de São Bento do Chapéu, sem ter a clareza suficiente das dificuldades burocráticas, pedagógicas, administrativas que a "empreitada" exigia. A Diretoria da Associação negociou com a Prefeitura Municipal de Domingos Martins - PMDM -, que se responsabilizou pelo pagamento dos salários dos funcionários (no entanto, posteriormente não honrou integralmente com os compromissos assumidos).

Com o "acordo" feito com a PMDM, a Associação iniciou a construção improvisada em madeira. Com doações de materiais e trabalho dos sócios a Escola Família Agrícola de São Bento do Chapéu foi "construída". Inicialmente a Escola recebeu um grande apoio da CPT, na pessoa do Pastor Vitório Krauser da Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil - IECLB - e de sua esposa Elza Ristow Krauser, que assessorando a Associação, ajudavam na elaboração de inúmeros projetos, principalmente financeiros, para que a Escola dos filhos dos agricultores se tornasse realidade.

Realmente os agricultores levaram a sério a idéia da escola, tanto que o periódico local, Jornal "O Braço Sul" publicava a "utopia dos agricultores" na edição de Outubro de 1991, com destaque para o título "Moradores de São Bento do Chapéu se organizam para construir escola família". Nesta edição, em entrevista ao Presidente da Associação Aurindo Wruck, destaca:

"o homem do campo sabe o que quer, mas quando se comunica com o homem da cidade a linguagem é diferente e somos facilmente driblados. Nós da roça não estamos preparados para conversar com o engravatado da cidade e sempre somos passados para trás"(O Braço Sul, 1991)

O agricultor familiar e ex-professor primário de emergência Floriano Hehr Sobrinho, que doou 3 ha para a construção, diz :

"os jovens poderão receber educação, mas sem distanciar da realidade em que vivem suas famílias e, sobretudo, para evitar o êxodo rural. Se

os jovens forem para a cidade para terminar o 1º grau não voltarão mais para o campo”. (O Braço Sul, Outubro de 1991).

Nessa fala, nota-se assim na fala que existe uma forte preocupação com o tipo de educação e, em especial, o seu conteúdo voltado para o homem do meio rural, além do êxodo rural, ou seja a continuidade e a preservação da propriedade familiar de várias gerações.

A Escola Família Agrícola de São Bento do Chapéu em seus 12 anos de existência recebeu inúmeras contribuições financeiras, sendo elas municipais, regionais, estaduais, nacionais e internacionais; aqui expostas sinteticamente: um veículo Kombi para o trabalho da Escola e Associação em 1993 e um projeto com micro-trator, irrigação e um técnico agrícola através da IECLB no Departamento de Pequenos Projetos; móveis e utensílios (já utilizados, porém em bom estado de conservação) da Companhia Vale do Rio Doce (CVRD); móveis e utensílios através da Fundação Banco do Brasil; conjunto de irrigação doado pelo empresário Roberto Mayer, Refrigerantes Coroa e Loja Maçônica; construção do prédio principal em convênio com o Governo do Estado e a PMDM; ampliação da propriedade com doação do Sr. Martin Merklein (Pastor da IECLB na Alemanha); curral para gado, doação da Refrigerantes Coroa e famílias de alunos; granja para 2000 frangos, doação da XEROX do Brasil; e o refeitório, a cozinha e o auditório construídos com recursos da MANOS UNIDAS, uma ONG da Espanha. (Fonte: arquivos da EFA).

O trabalho da Escola e da Associação foi sempre muito próximo. Percebemos que de todos os objetivos pensados pela Associação, citados anteriormente, o que mais avançou foi exatamente a Escola Família Agrícola de São Bento do Chapéu que procura trabalhar com a educação a partir da realidade local. Com isso, busca orientar os alunos para um maior respeito ao meio ambiente, produção mais diversificada de caráter orgânica e agro-ecológica sem o uso de venenos, sem queimada, contrastando com a agricultura tradicional.

No ano de 2002 a Escola e a Associação inauguraram um conjunto de maquinários para beneficiar café arábica orgânico — doado pela Lateinamerika Zentrum – Alemanha — composto de lavador, desmucilador / despolpador, reciclador da água, terreiro de pré-secagem, secador, máquina de pilar, tulha para armazenagem e galpão. Todo o maquinário foi montado seguindo as normas ambientais, preocupadas não apenas com o produto, mas com o máximo de respeito ao meio ambiente.

De acordo com o projeto de cooperação com a ONG financiadora alemã, os maquinários têm como objetivo beneficiar os associados e as famílias que participam do projeto educativo da Escola Família Agrícola de São Bento do Chapéu, produzindo um café de altíssima qualidade - arábica cereja orgânico despulpado, bebida fina — para compor, juntamente com o café das Montanhas do Espírito Santo, um “nicho de mercado” em franca ascensão.

Tendo abordado o aspecto histórico e o contexto do surgimento da Escola Família, passo para a etapa seguinte, descrição das atividades pedagógicas da escola.

2.3 - O projeto pedagógico da escola família

Esta parte do trabalho descreve a questão da formação dos jovens do meio rural e a prática utilizada pelos professores que atuaram nos doze anos de existência do educandário, com o objetivo de responder à sua missão de *“motivar o jovem a refletir a sua própria realidade, junto aos pais e ajudar a transforma-la como um todo”*.(arquivo EFASBEC).

A partir dessa *“motivação”* os professores objetivavam o desenvolvimento de uma formação crítica, reflexiva, participativa e principalmente criativa, conforme o plano de curso da escola.

PLANO DE CURSO

Série	Temas	Conteúdo geral Fio condutor
5 ^a	A família A terra que trabalhamos A alimentação	Alimentação
6 ^a	O clima Saúde – pragas e doenças As culturas agrícolas anuais e perenes	Reprodução
7 ^a	As criações domésticas As fontes de energia Os transportes e as comunicações	Economia

	O comércio	
8 ^a	A comunidade Os órgãos de assistência ao produtor rural As indústrias rurais O associativismo	Política

Fonte: arquivos da EFASBEC

O plano de curso cedido pelo Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo – MEPES, foi alterado e adaptado para o município, com o objetivo de ser “ *o mais próximo da realidade*”, oferecendo assim a progressão a seguir:

5^a série – conteúdo simples e de caráter familiar;

6^a série – aprofundar questões mais intensamente sociais;

7^a série – mais intensidade pelas questões mais econômicas, e;

8^a série – mais ênfase a temas sócio-políticos. (arquivos da EFASBEC)

Os professores que compuseram as primeiras equipes de trabalho, realizaram o “curso de formação de monitores” para Escola Família Agrícola, no Centro de Formação de Monitores do MEPES em Piúma- ES, que também os assessorava administrativamente e pedagogicamente, de acordo com as solicitações da Escola. Os professores também participavam dos encontros de capacitação e reciclagem promovidos pelo MEPES.

2.4 - A pedagogia da alternância

A pedagogia da alternância foi adotada pela diretoria da associação e da escola por ser, no entender deles, o caminho pedagógico sonhado para realizar uma educação mais voltada para sua realidade e anseios. Conforme observamos em Gimonet:

“A Alternância, em comparação com a escola tradicional, inverte a ordem dos processos, colocando em primeiro lugar o sujeito que aprende, suas experiências e seus conhecimentos, e, em segundo lugar, o programa. O jovem ou o adulto em formação não é mais, neste caso, um aluno que recebe um saber exterior, mas um ator sócio-profissional

que busca e que constrói seu próprio saber. Ele é sujeito de sua formação, ele é produtor de seu próprio saber.”(Gimonet, 1999, p. 45).

A pedagogia da alternância, ainda de acordo com Gimonet:

... “coloca o “alternante” num jogo de complexidades, passagens, rupturas e relações. Ele convive e vive diferentes entidades, cada uma com suas especificidades, seu linguajar, sua cultura, seus atores, suas influências no qual o “eu” deve se situar numa dialética da personalização e socialização, deve construir-se e engrandecer; deve assumir a passagem de um lugar, de uma entidade, para outra, cada uma com suas sombras e suas clarezas, seu irracional e seu racional, sua espontaneidade e sua organização, sua ordem e sua desordem, seus conhecimentos informais, suas informações e seus saberes formais”.
(Gimonet, 2003, p 01).

2.5 - Os instrumentos pedagógicos

Os instrumentos pedagógicos utilizados pela Escola Família, além das aulas regulares, são: PE, FO, visitas de estudo, viagens de estudo, experiências, serões, cursos e o caderno da realidade – CR, que é o documento síntese, ou seja, onde o aluno sintetiza as informações e documentos produzidos.

2.5.1 - O caderno da realidade

Dos instrumentos citados, abordarei mais detalhadamente o CR. Neste documento, como já disse anteriormente, estão registradas as principais informações sobre a vida escolar do aluno nos quatro anos de estudo. A maioria valoriza tanto este trabalho que costuma ter um grande “ciúme” de sua realização. Posso afirmar com convicção, pois os alunos, ao me cederem o CR por empréstimo para o trabalho de análise, fizeram “mil recomendações”.

Segundo Karen Currie o CR é uma ferramenta para descrever a história do “eu” e de minha família. Ao falar do eixo norteador “*eu + o meio ambiente*”, cita este trabalho da EFASBEC, dizendo:

“Podemos utilizar os nomes das crianças para iniciar uma viagem social que envolva seus pais, irmãos, tios e avós. Por meio do nome, a turma pode investigar sua própria origem. Cada criança pode fazer um caderninho especial onde anota todos os dados que consegue descobrir sobre ela mesmo e sua origem. Na Escola Família Agrícola, por exemplo, cada aluno elabora seu próprio caderno da realidade, onde constam todos os seus trabalhos, as suas pesquisas e as informações colhidas durante seus estudos. O registro organizado dessas informações torna-se muito importante para a criança.” (Currie, 2000, pp. 17-18)

A autora considera importante tanto o documento, quanto o conteúdo trabalhado, pois este mostra os temas das investigações propostos pela Escola e o interesse pessoal do aluno, tais como: idéias, reflexões, trabalhos desenvolvidos. Nas palavras da referida autora, lemos:

“Por exemplo, um aluno da EFA São Bento do Chapéu falou certa vez: “Esse caderno é a coisa mais importante que eu faço na escola, porque eu registro aquilo que eu mesmo sou capaz de pesquisar; é nele também que eu posso colocar as minhas idéias, aquilo que eu penso”. É muito importante que a criança aprenda desde cedo a valorizar seu próprio trabalho. Esses cadernos, ou pastas, também servem para mostrar aos pais e à comunidade como as crianças estão progredindo e os assuntos que estão sendo investigados.” (Currie, 2000, p 18).

2.6 - Formação não formal

Passemos agora para alguns exemplos de formação não formal, presentes e/ou atuantes, no município. Sabemos que a formação não ocorre apenas nas escolas públicas e particulares. Em Domingos Martins, a presença da IECLB na educação não pode ser esquecida e/ou negligenciada. Também não irei tratar esta questão com profundidade, farei apenas uma rápida observação antes de falar das outras possibilidades de formação. O estudo, na Igreja refere-se a preparação para o Ensino Confirmatório. Nas primeiras discussões para organizar

o calendário semanal das aulas na EFASBEC não poderia haver aulas nos sábados devido a presença obrigatória dos(as) alunos(as) no Ensino Confirmatório (atas da ADDPRUSBEC).

Vejam a relação da formação com o Ensino Confirmatório:

“Na compreensão luterana, a confirmação é a resposta pessoal quanto à aliança de Deus colocada no batismo; é a profissão de fé da pessoa; promulgada publicamente. Precede a esse ato uma preparação do adolescente, por três anos, em encontro semanal por três horas. Nessa ocasião, os adolescentes estudam o Catecismo Menor de Martin Lutero, hinos e textos bíblicos, além de adquirirem conhecimentos de história e do funcionamento da Igreja à que pertencem.” (Weber, 1998, p 129)

Vemos que a formação neste caso é de interesse da própria IECLB, e, nesse caso, não faremos maiores comentários por não ser este o propósito do presente trabalho. Passemos para o próximo exemplo que nos interessa mais diretamente.

2.7 - O SEBRAE

Notamos que, a cada dia que passa, somos cobrados em relação à formação e a qualificação. Seja qual for a nossa área de atuação precisamos estar atentos, queiramos ou não, às mudanças rápidas e constantes pelas quais passa nossa sociedade. Precisamos aprender e também desaprender.

No caso dos pequenos e médios empresários um grande parceiro foi o SEBRAE que passou a apoiá-los em várias atividades. Segundo o site próprio:

"O Sebrae, Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas, trabalha desde 1972 pelo desenvolvimento sustentável das empresas de pequeno porte. Para isso, a entidade promove cursos de capacitação, facilita o acesso ao crédito, estimula a cooperação entre as empresas, organiza feiras e rodadas de negócios e incentiva o desenvolvimento de atividades que contribuem para a geração de emprego e renda. São

centenas de projetos gerenciados pelas Unidades de Negócios e de Gestão do Sebrae". (SEBRAE, 2003)

2.7.1 - A atuação no turismo rural

Em relação à qualificação e formação específica para *empreendedores* que queiram atuar no seguimento *turismo no meio rural*, o SEBRAE procura realizar cursos por módulos específicos, para o público interessado, diretamente envolvido nesta atividade ou com potencial bastante evidenciado para este ramo, conforme veremos no material (apostilas) utilizado em seus cursos.

Para atender este setor específico o SEBRAE organiza cursos a fim de atender este público, conforme palavras extraídas do seu material:

“Muitas atividades de estruturação de negócios em turismo no meio rural tem ocorrido no país, porém pela dificuldade em unir essas experiências e também pela necessidade de apresentar à sociedade respostas às crescentes solicitações de “como montar um negócio de turismo no meio rural?”, o SEBRAE apresenta este material com o objetivo de atender proprietários rurais, empresários estabelecidos e empreendedores em potencial, sobre as alternativas do turismo no meio rural”. (SEBRAE, sd., p 06).

Assim, através deste curso, o empreendedor, ao final, teria condições de: *ter noções de turismo rural; conhecer tendências e potencialidades; identificar oportunidades; definir negócios e clientela*. (SEBRAE, sd., p 07).

Os participantes deste curso tiveram uma formação focada em saber classificar os variados tipos de turismo que existem, classificá-los e distinguir qual o mais voltado para o seu grupo de interesse. Vejamos na tabela abaixo os tipos apresentados:

Cultural	É aquele que se pratica para satisfazer o desejo de emoções artísticas e
----------	--

	<i>informações culturais, visando a visitação a monumentos históricos, obras de arte, antiguidades, concertos musicais, museus, sítios arqueológicos, manifesta�es culturais, gastronomia, arquitetura usos e costumes, música e folclore...</i>
<i>Religioso</i>	<i>� aquele por f� ou necessidade da cultura religiosa, seja através da visita�o a igrejas e santuários, seja por peregrina�o, romarias e congressos eucar�sticos.</i>
<i>Aventura</i>	<i>Engloba atividades como por exemplo “rally” automobilístico, montanhismo, descida de rios com corredeiras em botes, pesca esportiva, campismo , saf�ris ecológicos.</i>
<i>Estudantil</i>	<i>Este tipo de turismo, acontece quando grupos de jovens e estudantes viajam para um determinado local em busca de conhecimentos.</i>
<i>Saúde</i>	<i>Praticado por pessoas em busca de clima ou esta�es de tratamento, onde possam manter e ou recuperar a saúde.</i>
<i>Melhor idade</i>	<i>Praticado por pessoas com mais de 50 anos, que dispõem de tempo livre.</i>
<i>Ecológico</i>	<i>Desenvolvido em localidade com potencial ecológico, de forma conservacionista, procurando conciliar a atividade turística � conserva�o do meio ambiente.</i>
<i>Eventos</i>	<i>Movimenta�o de pessoas para a participa�o de eventos, como congressos, rodeios, exposi�es, feiras, festivais, competi�es esportivas e outros.</i>

Fonte: SEBRAE

O curso propõe, ainda, que o empreendedor conheça os componentes de um produto turístico, tais como: recursos turísticos naturais, culturais, históricos, técnicos, científicos e de eventos; os equipamentos e serviços, como: transportes, hospedagem, alimenta o e serviços complementares.

O programa do curso inclui um módulo sobre a Globaliza o e as tendências do turismo com o intuito de proporcionar o conhecimento do turismo no meio rural e o seu potencial econômico, além da importância de estabelecer parcerias de trabalho.

De acordo com o texto, também é necessário, ao futuro empreendedor, conhecer os impactos do turismo no meio rural, seus aspectos positivos e negativos, procurando realizar um planejamento na propriedade, objetivando “*evitar ou reduzir os efeitos negativos e reforçar os efeitos positivos*”.

Para o SEBRAE, o trabalho com turismo no meio rural deve valorizar a comunidade local. Entre os itens citados no conteúdo do curso destaco:

“Identifique e estimule os talentos locais – o artesão, o músico, o cozinheiro, o recepcionista. Com naturalidade, o brasileiro é criativo no que faz e gosta de receber as pessoas com carinho. Descubra o talento de cada um dos seus potenciais colaboradores; eles poderão ser treinados adequadamente para fazer parte de seu negócio direta ou indiretamente.”(SEBRAE, sd., p 24)

Outro quesito importante para o SEBRAE, ao pensar o turismo no meio rural, é a natureza. Deve-se aproveitá-la ao máximo adaptando a atividade aos princípios da preservação e suas nuances; conhecer as suas complexidades e possibilidades; identificar-se com ela fazendo dela a sua estratégia de divulgação.

Ainda, segundo o programa utilizado no curso, é importante conhecer o perfil do empreendedor para assumir uma postura diferenciada em relação às demais pessoas da região, procurando ser capaz de desenvolver novas atividades, dedicar-se ao negócio, ter capacidade de interação, ser mais otimismo, desenvolver o amor próprio, correr riscos, exercer liderança.

O segundo volume das apostilas usadas no curso tem como objetivos básicos orientar o futuro empreendedor em relação à **Implantação e Gestão do Negócio Turístico na Propriedade Rural**, e, tem como conteúdos básicos: “*Objetivos e metas; Aspectos operacionais; Aspectos financeiros; Ferramentas de comercialização; Aspectos jurídicos e tributários; e Controles administrativos e financeiros*”. (SEBRAE, sd. volume 2, p 03)

Vimos a descrição dos dois processos formativos, e passaremos para o referencial teórico da pesquisa no próximo capítulo do trabalho.

CAPÍTULO 3 - AGRICULTURA FAMILIAR E INOVAÇÃO

Introdução

Discuto, neste capítulo, o conceito de inovação em relação à agricultura familiar, no meio rural, principalmente no município de Domingos Martins, apontando o descaso e desinteresse pelos jovens agricultores familiares e a ausência de uma política para esse tipo específico de público.

A agricultura é um setor de natureza estratégica, em especial por sua produção de alimentos e pela elevada capacidade de geração de emprego por unidade de capital aplicado, principalmente na agricultura familiar, que envolve basicamente todos os membros da família sem distinção de sexo e idade. O desenvolvimento da agricultura familiar passa pelo estabelecimento de políticas públicas e educacionais, para que os agricultores alcancem um novo padrão tecnológico na produção, no armazenamento, na apresentação do produto e na comercialização. Urge que a agricultura familiar explore todas as potencialidades do meio rural, investindo na transformação e beneficiamento de seus produtos, agregando valores aos produtos como forma de aumentar a renda familiar, para que optando por viver no campo, faça-o com dignidade e qualidade de vida.

A importância da agricultura familiar, em nível nacional, é destacada pelo ex-Ministro de Desenvolvimento Agrário Raul Jungmann, citando dados do censo Agropecuário de 1996:

*"o estudo revela que 85,2% dos estabelecimentos agropecuários são explorados por produtores familiares, que utilizam pelo menos 50% de mão-de-obra da própria família. Revela também que a agricultura familiar ocupa 30,5% das terras agriculturáveis, mas responde por 37,9% da produção agropecuária brasileira. Mais surpreendente é a constatação de que a agricultura familiar, geralmente associada a formas atrasadas e à produção para subsistência, está no cerne do moderno **AGROBUSINES** brasileiro, respondendo por 31,6% da produção de soja, 39,9% da produção de aves e 48,6% da produção de*

milho, tendo, portanto, forte presença nas exportações brasileiras".
(Guanziroli, 2001, p 42)

Vejamos também os números da agricultura familiar, citados por outra fonte:

“Dados da Federação dos Trabalhadores do Rio Grande Sul (Fetag), informam que agricultura familiar emprega hoje, no Brasil, cerca de 80% das pessoas que trabalham na área rural, representando cerca de 18% do total da população economicamente ativa e responsável por 80% da produção de alimentos consumidos no Brasil”. (Moura, 2002, p 04)

Vimos, através dos dados anteriores, que a agricultura familiar tem condições de produzir, mesmo com dificuldades e limitações. Falta, ao agricultor familiar, informações nos aspectos da produção, armazenamento, embalagem e principalmente na comercialização. Quando falo na produção, quero incluir avanços tecnológicos e ambientais, condições de armazenamento adequado para manter a qualidade dos produtos com agregação de valor, além da comercialização, gerando mais emprego e renda no meio rural. Concordamos com o agrônomo Cleber Guerra quando diz:

"Para superar tantos desafios, é vital aumentar o nível de organização dos agricultores e investir mais na capacitação gerencial em aspectos de mercado, principalmente sobre exportações, exercitando a ação conjunta através de associações, cooperativas ou consórcio" (Guerra, 2001, p 122).

Torna-se urgente investir numa educação que tenha como prioridade a formação do agricultor familiar numa visão de empreendedor rural, para que esses tenham mais competência e profissionalismo na consolidação e ampliação da empresa familiar geradora de renda e de qualidade de vida.

Ainda em relação à agricultura familiar, é necessário desmitificar o preconceito existente, fazendo uma maior reflexão desse termo, e do termo campesino, muitas vezes confundido ou usado com discriminação, conforme escreve Bernardo Mançano Fernandes: *“muitos cientistas*

sociais chamam de agricultor familiar, àqueles que são bem sucedidos e de camponeses os que estão sendo empobrecidos pelas desigualdades do sistema capitalista” (Fernandes, 2001) e, continua sua reflexão afirmando que a vinculação do atraso, constantemente utilizada, refere-se apenas à questão econômica, sem levar em conta os aspectos políticos, pois não menciona a exploração, subordinação e expropriação. Vejamos:

“De um lado pelo atraso ou falta ou inexistência de crédito agrícola. De outro, pelo monopólio da comercialização da produção agrícola por uma grande empresa capitalista quase sempre multinacional, que controla os preços e, conseqüentemente, o mercado”. (Fernandes, 2001)

Mostra que a possível saída desta situação constrangedora é *“por meio da organização dos trabalhadores”* (Fernandes, 2001), ou seja, é necessária uma compreensão holística no fenômeno da desigualdade e da exploração, visto que não temos condição de compreender uma questão local sem uma reflexão do global.

Continuando, concordamos com Moura, quando fala sobre as ações da agricultura familiar, ao nos dizer que:

“É inquestionável que ela atua como geradora de grande número de produtos para o mercado interno e para a exportação. Também é notório que a agricultura familiar funciona como um elo de emprego a baixo custo social e como fator de correção das distorções de equilíbrio social. (Moura, 2002, p. 04).

Veremos, rapidamente, uma relação da agricultura familiar em nível local com outra em nível externo, uma geradora de renda e outra em crise.

Anteriormente, já vimos que a média da propriedade rural de Domingos Martins é de 30.16 ha e a organização dos agricultores familiares é incipiente, porém, necessária. O tamanho das propriedades não é problema para o desenvolvimento de uma agricultura familiar sustentável, o problema é a falta de organização e nível técnico.

Vejamos brevemente o exemplo do norte da Itália, que apresenta em média 7,0 hectares por propriedade. De acordo com Guerra, entre os agricultores familiares italianos:

“é alto o nível cultural tecnológico gerencial e organizacional dos agricultores familiares. As cooperativas, associações e consórcios organizam a produção e os mercados, movimentando 65% da produção total e 80% no caso específico do leite”. (Guerra, 2000, p 33).

Ainda, segundo o engenheiro agrônomo, a agricultura familiar também registra uma importante cifra na agricultura orgânica que:

“já representa 5% do total da área cultivada e 8% do faturamento de produtos agrícolas. Essa expansão pode ser medida pelo crescimento do número de empresas certificadas: 156 em 1996; 15.000 em 2000 e 50.000 previstas para 2005”. (Guerra, 2000, p 33).

Vemos, então, que este segmento tem expressividade na Terceira Itália, gerando emprego e renda.

“E era com a família que os agricultores transformavam a paisagem local e instalavam empreendimentos econômicos dinâmicos. Esta unidade entre inovação técnica e trabalho direto, familiar, é o fundamento de um novo ambiente institucional que se irradia por um conjunto variado de organizações”. (Abramovay, 2001, p 3)

3.1 - Desenvolvimento sustentável

A questão do desenvolvimento sustentável no Brasil é extremamente recente, assim como nos demais países do nosso planeta. No Estado do Espírito Santo e no município de Domingos Martins, foco principal desta dissertação, é ainda mais incipiente.

O Brasil ainda não esqueceu e nem se libertou das suas raízes de colônia de exploração fundada no trabalho escravo, no latifúndio monocultor e na agricultura de exportação. Os principais ciclos econômicos, geradores de divisas para a metrópole foram responsáveis pela

deprecação dos recursos naturais, extração de minerais, plantas nativas e introdução de culturas exógenas. O Pau-Brasil, árvore que empresta o nome ao nosso país, foi “extinta” em três décadas. Para gerar riquezas, foi introduzida a cana de açúcar, aliada ao trabalho escravo e ao latifúndio. A “descoberta” do ouro e outros minerais no interior do Brasil aconteceu no momento mais oportuno para a metrópole, que buscava explorar estas terras, já que a cana-de-açúcar entrava em crise por causa dos baixos preços. Com o declínio da mineração, ou seja, o esgotamento das minas, houve um “vazio” na exploração que mais tarde foi substituída pelo café, inicialmente também centrado no trabalho escravo e no latifúndio. Só mais tarde foi substituído pela mão de obra dos imigrantes, após o fim da escravidão, em 1888.

3.1.1 - Conceitualizando Desenvolvimento Sustentável

O termo Desenvolvimento Sustentável, amplamente utilizado no mundo acadêmico, nas empresas, nos órgãos públicos, foi cunhado recentemente. Inicialmente chamado de eco-desenvolvimento por Ignacy Sachs (Sachs, 1993, p 37) aborda cinco dimensões: Sustentabilidade Social, Sustentabilidade Econômica, Sustentabilidade Ecológica, Sustentabilidade Espacial e Sustentabilidade Cultural. (Sachs 1993, pp. 37-38). Nos dias atuais, é moda falar em Desenvolvimento Sustentável, porém, é difícil conceitualizar, encontrar experiências bem sucedidas e praticar uma agricultura levando em conta os critérios e as faces desse Desenvolvimento.

Os recursos naturais continuam sendo utilizados de maneira predatória e irresponsável pela moderna agricultura comercial, como nos mostra Stahel:

“A agricultura moderna só se sustenta pelo uso contínuo de insumos de baixa entropia (fertilizantes), trazidos de longas distâncias, compensando a exportação de baixa entropia, resultante da exploração agrícola. Consumida fora do ecossistema local, essa produção, no outro extremo da cadeia, transforma-se em lixo e esgoto: alta entropia”.
(Stahel 2001, p 114).

Para pensar em Desenvolvimento Sustentável torna-se fundamental desenvolver os processos cíclicos e conviver de forma mais harmônica possível, respeitando o ambiente construído por

milhões de anos, sem agressões, procurando utilizar o necessário para a sobrevivência do ser humano, pois:

“é ao longo dos séculos e milênios que as diferentes cadeias foram se formando, surgindo as diferentes espécies e subespécies que foram ocupando respectivamente diferentes elos na cadeia, assegurando um fluxo contínuo e um processo de reciclagem natural”. (Stahel: 2001, p 115)

Os principais teóricos do liberalismo, ou seja, Smith e Ricardo, proclamavam que *“O mundo caminharia para um crescente progresso e consumo em que a lei da oferta e da procura encarregar-se-ia de proporcionar um relativo equilíbrio econômico e social”.* (Cardoso, sd., p 3)

Contudo, ao analisar os problemas sociais e ambientais, não é exatamente a estas conclusões que chegamos diante dos problemas sociais e ambientais que defrontamos nos dados e informações disponíveis nas mais variadas fontes.

Partindo da premissa de que uma das principais características do Desenvolvimento Sustentável é a satisfação das necessidades básicas, não estaria a sociedade humana caminhando na contra-mão ao utilizar os recursos naturais de forma desordenada e agressiva, sem nenhum planejamento e sem nenhum controle? Atualmente, têm-se utilizado os recursos naturais como se fossem infinitos, sem nenhuma preocupação com as gerações futuras.

Segundo Cavalcante *“O caso dos índios da Amazônia nos oferece um caminho para a sustentabilidade”* (Cavalcante, 2001, p 161). Os indígenas têm reverência pela natureza, preservam mais os recursos, utilizam a água sem poluir os seus leitos, não extraem da terra e das plantas além de suas necessidades fundamentais, enquanto as demais sociedades procuram produzir cada vez mais para um mercado que consome além do necessário.

A sociedade humana precisa rever de forma urgente sua relação com o meio ambiente e natureza para se chegar a uma sociedade sustentável, retirando os bens necessários para sua sobrevivência, aliado a preservação do meio, conforme nos aponta Binswanger:

“A natureza é a base necessária e indispensável da economia moderna, bem como das vidas das gerações presentes e futuras. Desenvolvimento sustentável significa o desenvolvimento econômico com a necessidade de se preservar o meio ambiente”. (Binswanger, 1999, p 41)

Observando o conceito de Desenvolvimento Sustentável apresentado por Buarque, citado por Caliari, chama-nos a atenção a questão territorial e o local, ao conceituar desenvolvimento local como:

“um processo endógeno registrado em pequenas unidades territoriais e agrupamentos humanos, capaz de promover a dinâmica econômica e melhoria de qualidade de vida da população. Representa uma singular transformação nas bases econômicas e na organização social em nível local, resultante da mobilização das energias da sociedade, explorando as suas capacidades e potencialidades específicas”. (Caliari, 2002, p 23)

Para aprofundar a questão do termo sustentabilidade, torna-se necessário avançar na proposta descrita por Binswanger que diz:

“admitindo-se, antes, que a natureza é a base necessária e indispensável da economia moderna, bem como das vidas das gerações presentes e futuras, desenvolvimento sustentável significa qualificar o crescimento e reconciliar o desenvolvimento econômico com a necessidade de se preservar o meio ambiente”. (Binswanger, 1999, p 41).

Também é necessário compreender o que nos aponta Eriksson sobre este termo, ou seja:

“a sustentabilidade, aplicada localmente, também leva ao requisito de que a indústria e as áreas residenciais devam ser integradas à agricultura e silvicultura, de onde deverá proceder a maior parte da matéria-prima para transformação. É importante que os nutrientes do que hoje chamamos de lixo sejam trazidos de volta ao solo numa forma livre de contaminação”. (Eriksson, 1999, p 97)

Aliando os termos anteriores à globalização complementa: *“a sustentabilidade conduz da esfera dos requisitos físicos à exigência de que a sociedade global seja uma sociedade justa. Isto tem implicações éticas: uma ética global de sustentabilidade”*. (Eriksson, 1999, p 98).

Refere-se, também, à questão da educação e seu relacionamento com a sociedade sustentável afirmando que *“uma educação ampla, uma ampla participação nas decisões e uma responsabilidade e coerência social são peças valiosas na transição para uma sociedade sustentável”*. (Eriksson, 1999, p 99).

3.2 - Produção orgânica e agroecológica

É fundamental compreender os conceitos de produção orgânica e agroecológica para analisar o trabalho dos agricultores familiares que trabalham com esse ramo, pois nos últimos anos é cada vez mais freqüente o número de novos adeptos. Segundo Cunto:

“a agricultura orgânica é um sistema de produção que tem como pressuposto conservar os recursos naturais, melhorar a qualidade dos produtos e ser socialmente mais equilibrado, buscando a produção econômica de alimentos sem resíduos de agrotóxicos, reguladores de crescimento, ou aditivos compostos sinteticamente para a alimentação animal. Baseia-se no uso de esterco animal, rotação de cultura, adubação verde, compostagem e controle biológico de pragas e doenças. Assim, não causa impacto ambiental de desequilíbrio ecológico e procura manter a estrutura e produtividade do solo, em harmonia com a natureza”. (Cunto, 2001, p 11).

É importante entender este conceito e sua aplicação porque o consumo de alimentos orgânicos aumenta 20% ao ano, ou seja, a população está se preocupando mais com a qualidade do que consome. Podemos constatar a cifra de como hoje já é significativo este negócio.

Agricultura Ecológica (cenário mundial – em mil toneladas)				
País	Vendas no	Área com	% sobre a área	Número de

	varejo (US\$ / milhões)	orgânicos (milha)	agrícola total	fazendas orgânicas
União Européia	6.300	2.822	2,08	107.000
Estados Unidos	6.600	900	0,20	5.000
Austrália	18	1.736	0,38	2.000
Japão	3.000	5	0,10	Nda
Brasil	150	100	0,20	3.500

Fonte: Instituto Biodinâmico de Desenvolvimento Rural (IBD)

Segundo Maria Thereza Macedo Pedroso,

“a agroecologia apresenta um grande potencial para os países tropicais, ricos em biodiversidade. Pela possibilidade de intensificação da produção em pequenas áreas por meio de otimização do espaço, esses sistemas despontam como alternância promissora para o desenvolvimento rural sustentável”. (Pedroso, 2002, p 308).

A visão de outras realidades e culturas é significativa em nossa sociedade cada vez mais globalizada. Segundo Capra:

“A visão de mundo orgânica, e “ecológica”, das filosofias orientais é, sem dúvida alguma, uma das principais razões para a imensa popularidade que adquiriram em nossos dias, no Ocidente, especialmente entre os jovens. Em nossa cultura ocidental, ainda dominada pela visão mecanicista e fragmentada do mundo, um crescente número de indivíduos começa a se aperceber do fato de que essa visão constitui a razão subjacente da ampla insatisfação reinante em nossa sociedade.” (Capra, 1987, p 27)

A visão de outras realidades e culturas é significativa em nossa sociedade cada vez mais globalizada. Segundo Capra:

“A visão de mundo orgânica, e “ecológica”, das filosofias orientais é, sem dúvida alguma, uma das principais razões para a imensa

popularidade que adquiriram em nossos dias, no Ocidente, especialmente entre os jovens. Em nossa cultura ocidental, ainda dominada pela visão mecanicista e fragmentada do mundo, um crescente número de indivíduos começa a se aperceber do fato de que essa visão constitui a razão subjacente da ampla insatisfação reinante em nossa sociedade". (Capra, 1987, p 27).

3.3 - Desenvolvimento Sustentável e Agricultura Familiar Orgânica

Pensar o Desenvolvimento Sustentável só faz sentido se ele estiver relacionado à agricultura familiar de caráter orgânico e agro-ecológico. Por razão da limitação do número de páginas deste texto, abordarei apenas a questão orgânica. De modo sucinto, entendemos por agricultura orgânica a produção que respeita a legislação ambiental, não utiliza mão de obra infantil, não utiliza a prática de queimadas para a “limpeza” do terreno, além de um conjunto de técnicas e normas que a caracterizam.

A produção orgânica relaciona-se melhor com o meio ambiente, pois preserva os recursos hídricos, a fauna e a flora, permitindo uma melhor convivência do ser humano em harmonia com a natureza. Aliar a produção orgânica à agricultura familiar, pode ser a iniciativa de um caminho, pois o latifúndio, na maioria das vezes, é ocupado pela monocultura, inviável do ponto vista econômico, pois gera concentração de riqueza e desigualdades sociais e ecológicas, uma vez que gera pragas e doenças geralmente combatidas com uso intenso de fungicidas, pesticidas e herbicidas.

Em contraposição a moderna agricultura convencional baseada na produção para o mercado externo, a agricultura familiar nos aponta faces interessantes, desconhecida por uns e não aceita por alguns críticos (na maioria, neoliberais). Porém, os dados começam a ser trabalhados para mostrar que a agricultura familiar não só é viável, mas também pode contribuir na solução de problemas do país.

Segundo José Eli da Veiga, os pequenos agricultores com menos de 100ha condenados ao atraso e ao esquecimento pelos órgãos oficiais são responsáveis por altos índices de IDH, ou seja, nas palavras do autor que diz “*são justamente agricultores familiares com pouquíssima*

terra os que constroem esses municípios de altíssimos IDH’. (Veiga, 2002, p 216). Esta situação destacada pelo professor Veiga mostra que metade das cinquenta melhores colocações no Relatório do Desenvolvimento Humano de 1998 são provenientes da Agricultura Familiar do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, e que sete municípios dos dois estados estão entre os dez primeiros colocados. Os municípios têm, assim, condições e qualidade de vida, tais como poder de compra, educação, diversificação e saúde, não existentes em grandes cidades cheias de problemas e desigualdades sociais. O referido relatório mostra ainda, melhor dizendo, desmistifica o discurso de que a agricultura patronal tem qualidades superiores que à Agricultura Familiar. Veiga mostra que *“quanto maior a desigualdade de riqueza e de renda, menor o crescimento, principalmente nas democracias”*. (Veiga, 2002, p. 124), citando pesquisas do FMI e do Banco Mundial. Mostram também que a desigualdade na distribuição da propriedade da terra sempre apresenta correlação negativa com o crescimento econômico subsequente.

Vimos de maneira sucinta que a agricultura familiar tem condições de ser, se não totalmente, mas parcialmente uma contribuição para o desenvolvimento local sustentável.

3.4 - Criatividade e inovação

O sociólogo italiano Domenico De Masi, autor de *“O ócio criativo”* e *“A economia do ócio”*. Criatividade, ócio e saber andam juntos, diz, citando Russel, que:

“Uma população que trabalha pouco, para que seja feliz, deve ser instruída, e a instrução deve levar em conta as alegrias do espírito, além da utilidade direta proporcionada pelo saber científico”. (De Masi, 2001, p 40)

Continua o enaltecimento ao trabalho criativo e ao lazer utilizando a sábia máxima zen:

“Quem é mestre na arte de viver distingue pouco entre o trabalho e o tempo livre, entre a própria mente e o próprio corpo, entre a sua educação e a sua recreação, entre o seu amor e a sua religião. Com dificuldade sabe o que é uma coisa e outra. Busca simplesmente uma visão de excelência em tudo que faz, deixando que os outros decidam se

está trabalhando ou brincando. Ele pensa sempre em fazer ambas as coisas ao mesmo tempo". (De Masi, 2001, p 26).

Observamos que o brasileiro, principalmente o agricultor é muito criativo, sempre aproveitando coisas, objetos, produtos da sua propriedade, transformando-os em algo útil ou necessário para si, seja no uso cotidiano ou para vender e agregar valor a seus produtos, buscando gerar recursos que melhorem seu nível de renda e a sua comodidade.

De acordo com Romeiro, citando Rosenberg, a motivação para o avanço tecnológico e a conseqüente inovação tem caráter econômico, vejamos:

*“Não há dúvida de que os incentivos para a mudança tecnológica são sempre de natureza econômica em última instância, mas exatamente por serem de caráter difuso e geral eles não são capazes de explicar muito bem as características de uma seqüência particular bem como o **timing** de uma determinada atividade inovativa. Seu argumento básico é de que “a maior parte dos processos produtivos mecânicos emitem sinais que são compulsivos e bastante óbvios [...] processos estes que, quando suficientemente complexos e interdependentes, envolvem uma quase compulsiva formulação de problemas [...] problemas sobre os quais vão se debruçar aqueles que estão engajados na busca de melhores técnicas”*. (Romeiro, 1998, pp. 187-188).

Sendo a gênese da inovação uma conseqüência do processo capitalista, ela torna-se contraditória e conflitiva, como o próprio capitalismo. Assim o progresso técnico se renova em ciclos, pois a capacidade dos equipamentos produtivos torna-se obsoleta, precisando “criar” e gerar novas tecnologias e serviços em um novo ritmo. Uma parte da sociedade consegue acompanhar este progresso, e outra, bastante significativa, fica excluída.

Vejamos o que nos diz Romeiro em relação às contradições nas inovações:

“ Toda uma série de inovações foi introduzida com o intuito de aumentar o número de dias de trabalho disponíveis, permitindo ao agricultor enfrentar melhor a distribuição menos equilibrada do

trabalho ao longo do calendário agrícola e diminuindo os riscos de trabalhar solos cujo estado estrutural é cada vez pior. No entanto, é preciso considerar que essas inovações não resolvem essa contradição, na medida em que se destinam a contornar os efeitos da degradação do meio sobre os rendimentos sem tocar nas causas dos problemas.” (Romeiro, 1998, p 204).

Concluindo, a inovação:

Por outro lado, o enfoque neo-schumpeteriano tem a economia da mudança tecnológica como o centro de sua análise atribuindo à inovação o papel de principal dinamizador da atividade econômica capitalista. As diferentes versões deste enfoque procuram elaborar modelos onde tanto variáveis de comportamento quanto estruturais têm ação recíproca, gerando trajetórias não de equilíbrio, mas de mudança e transformação estrutural (Moura, 2002, p 04)

Concluimos assim o referencial teórico, reunindo elementos conceituais para elaborar em seguida a problemática do estudo.

CAPÍTULO 4 - O PORQUE DA REFLEXÃO SOBRE OS AGRICULTORES INOVADORES

Introdução

Nesta parte do trabalho, falarei sobre as dificuldades existentes na agricultura familiar martinense, a deficiência de uma formação que atenda a este público, o seu baixo poder aquisitivo e a conseqüente venda de propriedades rurais, ou parte destas. Evidencio que, apesar destes indicativos, surgem agricultores familiares, que fazem um trabalho diferenciado em suas propriedades, destacando-se em relação aos demais, no mesmo meio.

O município de Domingos Martins começa a acompanhar, mesmo que lentamente, as mudanças que ocorrem no Estado, no País e no Mundo. Em alguns setores, as mudanças são mais visíveis e mais nítidas como no mercado imobiliário¹⁰, sendo usado aqui apenas como ilustração, pois já está em sintonia com o que tem ocorrido em nível global e local, aproveitando-se do clima, da tranqüilidade e da posição estratégica em relação a capital do Estado, distante em média de cinquenta quilômetros. Entre vários empreendimentos planejados, o Condomínio *Villagio Verdi* com 45 ha de extensão, chama-nos a atenção com seus 124 lotes, variando entre 1,3 mil a 2,8 mil metros quadrados, e que apenas 10% de sua área será destinada às construções a fim de manter intactas a fauna e a flora da região.

Segundo Torezani, confirmando a informação anterior, existe uma proliferação de condomínios em regiões rurais, que atrai quem busca tranqüilidade, paz, clima agradável e a exuberante beleza do município. Atualmente, existem 21 condomínios fechados ou loteamentos em área rurais de Domingos Martins.¹¹

4.1 - O mercado imobiliário e a venda de propriedades para “doutores”

A comercialização das propriedades, no nosso entender, pode ser abordada mediante dois aspectos principais: o primeiro, não necessariamente o mais relevante, é a pressão imobiliária, já citada anteriormente e o “darwinismo social” que veremos a seguir.

¹⁰ Jornal “A Gazeta”, 02/07/2003.

¹¹ Jornal “A Gazeta”, 02/11/2003 .

Em relação à agricultura familiar percebemos o que poderíamos chamar de “darwinismo social”, pois sentimos que o agricultor familiar não está apto a acompanhar as transformações do mercado. Situação esta que pode provocar a falência deste módulo de utilização da terra, em um curto espaço de tempo. A baixa qualidade dos seus produtos, a baixa escolaridade, a deficiência e má aplicação de crédito, além da carente assistência técnica, aliada à maior exigência do mercado consumidor, diminui cada vez mais seu poder aquisitivo.

Segundo Schumpeter, essas transformações são decorrentes do funcionamento do sistema capitalista moderno, vejamos:

“O capitalismo é, por natureza, uma forma ou método de transformação econômica e não, apenas, reveste caráter estacionário, pois jamais poderia tê-lo. Não se deve êsse caráter evolutivo do processo capitalista apenas ao fato de que a vida econômica transcorre em um meio natural e social que se modifica e que, em virtude dessa mesma transformação, altera a situação econômica”.(Schumpeter, 1961, p. 105)

O conjunto da sociedade evolui num processo de transformação qualitativa, “destruindo o velho na construção do novo”

“...a história da aparelhagem produtiva de uma fazenda típica, desde os princípios da racionalização da rotação de colheitas, da lavra e da engorda do gado até a agricultura mecanizada dos nossos dias – juntamente com os silos e as estradas-de-ferro – é uma história de revoluções, como é a história da indústria de ferro e aço, desde o forno de carvão vegetal até os tipos que hoje conhecemos, a história da produção da eletricidade, da roda acionada pela água à instalação moderna, ou a história dos meios de transporte, que se estende da antiga carruagem ao avião que hoje corta os céus.”(Schumpeter, 1961, p. 105)

Ainda de acordo com Schumpeter, as evoluções não são permanentes, elas acontecem de forma cíclica, com explosões discretas, separadas por períodos de calma relativa. Entretanto:

“...revolucionaria incessantemente a estrutura econômica a partir de dentro, destruindo incessantemente o antigo e criando elementos novos. Este processo de destruição criadora é básico para se entender o capitalismo. È dele que se constitui o capitalismo e a ele deve se adaptar toda a empresa capitalista para sobreviver. (Schumpeter, 1961, p. 106)

Ao falar da longevidade nas empresas, Capra, citando o estudo de De Geus, identifica dois conjuntos de características que tornam as empresas resistentes. As características semelhantes entre elas são, em primeiro lugar, *“uma forte noção de comunidade e de identidade coletiva, que se constrói em torno de um conjunto de valores comuns; uma comunidade na qual todos os membros sabem que serão amparados em seus esforços para atingir os seus próprios objetivos”(2003, p 116)*, e, em segundo lugar, *“uma abertura para o meio externo, a tolerância à entrada de novos indivíduos e novas idéias e, em consequência, uma capacidade manifesta de aprender e adaptar-se às novas circunstâncias. (2003, p 117).*

A agricultura familiar, apesar de números expressivos como a geração de 87% da renda municipal, vive um momento de crise e luta para sobreviver, tentando se adaptar, conforme dito pelo autor anteriormente citado.

Hoje, prioriza-se os investimentos na área do turismo, agroturismo, ecoturismo, esportes radicais, entre outros. Tudo no intuito de divulgar as belezas (que realmente existem) do município. São cachoeiras, bromélias, flores, o verde entre muitos. As matérias de revistas, jornais, televisão e outras fontes enaltecendo as belezas do município são inúmeras e constantes.

Se, por um lado, investe-se no turismo e suas vertentes, por outro, abandona-se a agricultura familiar. Assim vão surgindo chácaras, sítios e condomínios para fins de semana e feriadão, conforme já foi apresentado anteriormente. Atualmente, existem hotéis que promovem eventos como *"O Festival Internacional do Vinho"*, organizado e freqüentado por empresários e enólogos de todo o país e vários de renome internacional. O município, através da Secretaria de Cultura e Turismo, promove anualmente, o *"Festival de Inverno"*, geralmente 07 a 10 dias, unindo música erudita e popular, ocasião em que a cidade vira a capital da música no Estado, também trazendo artistas de renome nacional e internacional. Eventos deste porte eleva o nome do município tornando-o cada vez mais famoso e mais procurado. Exemplo disso, é o

RECALL de serviços, empresas e marcas promovidas anualmente pelo *Jornal A Gazeta*, que no quesito Turismo de Montanha registra o índice de 35,5% de preferência por Domingos Martins¹².

4.2 - A crise na agricultura familiar

Em relação ao meio rural, a situação é mais difícil, pois, em um primeiro momento os agricultores familiares têm que superar as (des)políticas públicas, buscar novas tecnologias e implantar novas culturas e criações, buscar novas fontes de renda, usar meios alternativos para complementar os espaços agriculturáveis das propriedades, procurando torná-las lucrativas e viáveis, no intuito de superar as dificuldades apontadas.

Em relação à crise da agricultura familiar, vejamos o que nos diz Niobem Francisco Simmer, Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Domingos Martins e Marechal Floriano — STR:

“...Nós estamos em dificuldade hoje, o sério problema do Brasil inteiro e de Domingos Martins mais ainda, pois a nossa economia aqui é toda agrícola, é café, hortifrutigranjeiro, o setor granjeiro tá brabo tá pior do que o café, pior o café ainda consegue ir levando mesmo com preço baixo, foi provado que ele ainda deixa uma renda, já o frango não deixa nada e a horticultura também está difícil pois o custo é alto...hoje o que tá agüentando o meio rural, principalmente os agricultores familiares são os aposentados.”(entrevista pessoal, outubro de 2002)

Vimos que para o Presidente do STR de Domingos Martins e Marechal Floriano existe uma crise na agricultura familiar. Segundo Lemos, essa crise traz conseqüências danosas, alterando o modo de vida das famílias. Lemos nos diz que:

“Uma das conseqüências das políticas agrárias e agrícolas, favorecendo o empobrecimento do campo, é a alteração das formas de inserção da mulher na produção econômica. Se até épocas bem recentes, a economia agrária de pequenos e grandes proprietários

¹²A Gazeta - caderno Especial - RECALL 2002

estava centrada na produção de grãos para o grande comércio e de animais para o abate, atualmente, com a crise na política agrária e agrícola, a produção se torna mais diversificada.” (Lemos, 2002, p 119).

Vejamos a opinião de alguns dos principais comerciantes da sede do município a respeito dessa crise.

No setor de eletro-eletrônica, a reação do consumidor do meio rural, é de redução considerável. Para Lúcia Marina Wernersbach de Jesus da loja Wernersbach:

“...em relação aos clientes do interior houve uma queda muito brusca, desde vamos dizer, de 2000 para cá, o comércio daqui de Campinho (sede do município de Domingos Martins) vive exclusivamente da agricultura, pois 80% do município vive da agricultura, Dos nossos clientes hoje, 50% são do meio rural, no passado eram muito mais, hoje houve uma redução de compra, não posso te dizer exatamente não mas acredito que uns 20% menos,...o pessoal do interior, vem para pegar aposentadoria que era para comprar alguma coisa a mais, como uma máquina, uma geladeira, um freezer, mas eles não estão podendo agora dispor desse dinheiro para esses, esses supérfluos, vamos dizer né, tem que ir para a comida para reforçar no arroz, feijão, eu sinto assim.”(entrevista pessoal, outubro de 2002)

No setor vestuário, não é diferente. Na loja Strey, segundo o gerente, a queda também é significativa. Para ele, atualmente os clientes do interior compram menos: *“reduziu consideravelmente e além disso procuram comprar peças de qualidade mais barata. Houve uma redução na venda em torno de 20% para o pessoal da roça”.* (entrevista pessoal, outubro de 2002).

Segundo Geruza Lúcia Reinholz de Nazareth sócia-gerente do Supermercado Nazareth sua clientela é em torno de 70% rural. Para ela :

“O consumo diminuiu devido à crise no país, que abrange o interior, pois ela ocorre em efeito cascata. A venda reduziu, porém não muito, o pessoal do interior não compra supérfluo, compra o básico, não dá muita diferença, não reduz o montante da compra, mas sim o produto, em vez de comprar um produto de boa qualidade, compra de menor qualidade...” (entrevista pessoal, outubro de 2002)

De todos os setores procurados, nenhum se aproxima da situação do de móveis e eletrodomésticos. É aí, segundo Aderval Faller, gerente da Lojas Paris, a pior situação:

“Hoje a clientela é 50% rural, no passado eram muito mais do meio rural...hoje não vende mais que 50% do que vendia no passado para os agricultores. Hoje só compram móveis em caso de necessidade. Os eletrodomésticos são considerados objetos supérfluos na roça e na cidade o povo vive com salário defasado. No Distrito de Paraju (basicamente agrícola) fazem uns 6 meses que não vende nada, lá que depende da agricultura é muito pior. Eu para falar a verdade trabalho há 30 anos no comércio e 24 anos nesta loja e nunca tive dificuldade financeira como agora de 2 anos para cá”. (entrevista pessoal, outubro de 2002)

Em todos os depoimentos, percebemos com clareza que existe uma redução no poder de compra na categoria rural. A situação se agrava porque não existe uma formação específica para esta categoria. Vemos, entretanto, que algumas famílias permanecem no meio e melhoraram consideravelmente a sua qualidade de vida, mesmo através de um processo lento. Geralmente, a maioria dos agricultores são conservadores e reticentes a mudanças. Normalmente buscam atitudes isoladas quando se confronta com situações adversas. Em relação a isto, diz Moraes que a estrutura do processo produtivo no qual está envolvido o camponês, determina muito de suas atitudes sociais e traços de seu comportamento ideológico, no momento em que participa dentro do grupo social:

“Sua atitude isolacionista, aparentemente reacionária a associação (sindical, cooperativa, etc) não é consequência apenas do nível de educação, que entre os camponeses quase sempre é muito baixo e sim

procede da incompatibilidade de tipo estrutural que distingue tal atitude da organização de caráter e participações sociais. Só em situações extremas o agricultor busca saída para a crise, porém o conservadorismo se mantém”. (Morais, 1986, p. 16)

Os números apresentados anteriormente e a questão da venda de propriedade, abordada no capítulo primeiro, convidam-nos a uma reflexão sobre a crise na agricultura familiar e o papel da formação. Apontam que a "vocação agrícola e familiar" do município deve ser repensada e planejada. Diante das dificuldades, vários agricultores familiares, acabam vendendo a propriedade ou parte dela. Por outro lado, existem agricultores que não vendem a terra. Trabalham de forma inovadora para a região, agregam valor, geram riqueza e alguns postos de trabalho.

4.3 - A defasagem da formação tradicional e a formação necessária

A educação tradicional parece estagnada no tempo. Percebemos na grande maioria das vezes a escola tradicional com profunda aversão à sensorialidade e à singularidade, continuando indiferente aos novos paradigmas e exigências do mundo moderno. A escola deveria, em primeiro lugar, partir do ensinamento da natureza, conforme nos aponta Speyer:

“Ora, os primeiros conhecimentos da criança na zona rural dizem respeito à natureza. Mas os conteúdos que lhe são oferecidos nos programas escolares partem do princípio de que o homem, para ser culto, deve ser letrado; seu conhecimento para ter valor, deve ser científico, pois se dirige a conviver no mundo tecnológico e urbano”. (Speyer, 1983, p. 16)

Ainda hoje, a escola apresenta uma visão fragmentada e distorcida dos objetivos educacionais, não ensina as habilidades e as competências necessárias à vida moderna na pequena empresa familiar do mundo agrícola. A educação deveria valorizar a cultura campesina, utilizando-a como ponto de partida em seu planejamento e ações.

Os agricultores familiares se vêem de mãos atadas não conseguindo, ou tendo enormes dificuldades, para resolver e/ou encaminhar suas dificuldades cotidianas que são, na maioria

das vezes, as mesmas dificuldades e problemas enfrentados por qualquer empresa do mercado, tais como:

Inovar e ser criativo; ou seja, procurar buscar novos produtos que sejam possíveis de ser produzidos na região, buscar informações e conhecimento sobre como melhorar / avançar no produto já existente na tentativa de baratear os custos de produção, melhorar a qualidade agregando valor e acima de tudo ousar, ser criativo, como diz Lima *“um empreendedor que percebeu antes dos concorrentes, a necessidade de colocar um novo produto no mercado”*(Lima, 2003, p 213);

Tomar decisões e/ou fazer escolhas. Neste sentido é necessário ampliar o leque de possibilidades e saber escolher a coisa certa no momento certo para que se tenha êxito;

Resolver problemas, pois, quando se propõe desafios os problemas surgem naturalmente, sendo necessário preparo e amadurecimento na condução e resolução das questões, tornando imprescindível saber investigar, pesquisar e eventualmente correr riscos;

Desenvolver projetos, porque é praticamente inviável permanecer em qualquer setor produtivo de maneira amadora. É necessário se tornar profissional, ou seja, projetar e planejar suas idéias, conforme exposição do professor Fernando Curi Peres, Secretário do Pró-Jovem São Paulo¹³: *“é fundamental trabalhar o projeto em suas fases, ou seja, diagnóstico, estudo de mercado, engenharia do projeto e avaliação”*

Ter espírito de liderança, com condições de liderar e ou gerenciar o próprio negócio, administrar associações de produtores e cooperativas agrícolas na tentativa de romper o isolacionismo, individualismo e auto-suficiência, sempre presente nos agricultores, promovido pelas formas artesanais de trabalho;

Ter ética e honestidade para oferecer aos consumidores produto de qualidade com confiabilidade e segurança, prezando sempre pela integridade dos produtos colocados no mercado consumidor;

Desenvolver e demonstrar auto-estima, mostrando que a “imagem de Jeca Tatu” é coisa do passado e que o agricultor familiar se moderniza, acompanhando a evolução do mercado;

Ter uma visão holística do mundo, sair do seu espaço, não o negando, mas mostrar o valor do seu local na inserção planetária, procurando introduzir as inovações tecnológicas, tais como computador e noções básicas de línguas universais.

Quero incluir a questão da criatividade por que entendo ser relevante para expressar o meu pensamento. Concordo com Lima quando diz “*a criatividade é a ferramenta que forjou o mundo. Ela está presente em tudo que é humano*” (Lima, 2003, p 92). Graças às pessoas criativas temos todas as coisas que facilitam nossas vidas, mas que, infelizmente, também geram tristezas e desgraças (bombas e mortes), “*Para não falar dos sistemas filosóficos, das teorias econômicas e das hipóteses astronômicas. Criatividade é uma extensão da inteligência*” (Lima, 2003, p 92).

Entre alguns agricultores, inclusive com baixa escolaridade, percebemos a presença de uma desenvolvida criatividade e utilidade prática em seu seio. Este fato desperta-nos curiosidade, sendo assim, buscamos relacionar a criatividade a algumas idéias do sociólogo italiano Domenico de Masi sobre esse tema. Segundo ele:

“A criatividade está muito mais ligada a capacidade de introspecção do que aos recursos disponíveis , ou mesmo a ressonância do que o encontro de duas ou três pessoas criativas podem produzir, quando se estimula intelectual e reciprocamente com suas idéias” (De Masi, 2000, p. 220).

Vemos, assim, que os recursos tecnológicos educacionais podem ser os princípios responsáveis pela “geração” de uma mente criativa, na verdade eles podem ser auxiliares, mas não são determinantes. Assim, cabe ao formador o papel de estimular o formando numa busca da introspecção, curiosidade, utopia e realização de ideais.

¹³ Palestra proferida em 13/11/2002 no II Seminário Internacional da Pedagogia da Alternância em Brasília - DF

Torna-se necessários, então, encontrar as condições básicas para o desenvolvimento do sonho, como nos diz o próprio autor:

“A criatividade para mim não é só ter idéias, mas saber realizá-las. É unir fantasias e concretude. O burocrata é só concreto e quem alimenta veleidades é só um sonhador. Para que se obtenha um grupo, é preciso fazer conviver pessoas sonhadoras e pessoas concretas”. (De Masi, 2000, p 289).

Conseguir superar esta barreira no meio rural, geralmente conservador, é um exercício de grande habilidade para o agricultor empreendedor. Implantar um projeto diferenciado na propriedade rural, como ocorre nos outros setores da sociedade, é um risco, e leva tempo para que se decida ou não por esta opção, que terá que acontecer, inexoravelmente, conforme nos aponta De Masi:

“Os burocratas têm medo da inovação, os criativos tem medo do imobilismo. As duas posições serão cada vez mais inconciliáveis. Mas vencerão os criativos, porque a sociedade pós-industrial se alimenta de invenções, não tem outra saída, premia a iniciativa e joga para fora do mercado o imobilismo”. (De Masi, 2000, p 268).

Segundo Jobert, no mundo atual, é cada vez mais freqüente a procura por profissionais inteligentes, competentes, capacitados para o trabalho. No meio rural não pode ser diferente. Os agricultores familiares precisam acompanhar as mudanças e tendências que vêm ocorrendo, e ligar-se às novas situações que são colocadas, pois cada vez mais as pessoas necessitam de *“capacidade de adaptação às mudanças, de iniciativa, de autonomia, de comunicação, de antecipação e, mais geralmente, aptidões não apenas físicas e cognitivas mas também comportamentais”*. (Jobert, 2001, p 227). E como o próprio autor citado anteriormente, as situações produtivas estão se organizando numa velocidade de *“fluidez e da versatilidade dos mercados”* (Jobert, 2001, p 227), não acompanhar estas mudanças é sinal de estagnação.

Assim, o autor caminha para a questão da inteligência, sugerindo que *“a inteligência interessa-se mais pelo resultado do que pela maneira de alcançar”* (Jobert, 2001, p 231) o

que aqui no nosso querido Brasil seria certamente confundido com o “malandro” que vive sempre procurando dar um “jeitinho” em tudo. É despachante disso, é representante daquilo, é promotor de eventos entre mil coisas. Contudo, conforme descrito pelo antropólogo Roberto da Matta:

“o malandro, portanto, seria um profissional do “jeitinho” e da arte de sobreviver nas situações mais difíceis. Aqui, também, temos esse relacionamento complexo e criativo entre o talento pessoal e as leis que engendram – no caso da malandragem – o uso de “expedientes”, de “histórias”, e de “contos-do-vigário”, artifícios pessoais que nada mais são que modos engenhosos de tirar partido de certas situações, igualmente usando o argumento da lei ou da norma que vale para todos”. (Da Matta, 2001, p 102)

Convém aqui ressaltar que se deve, sim, estimular o uso da inteligência no objetivo de buscar melhores resultados com o menor esforço empregado, mas pautado em conduta íntegra, para aproveitar ao máximo a capacidade da mente humana, conforme diz Jobert *“permite ao astuto obter o resultado com o menor esforço”* (Jobert, 2001, . 231).

Outro aspecto abordado que mencionarei é a questão da cooperação. Também é cada vez maior a busca por pessoas capazes de trabalhar em equipe, seja na empresa familiar ou institucional. No meio rural, não ocorre de modo diferente, já mencionei anteriormente a necessidade de organização associativa, cooperativa e também sindical. Segundo Jobert:

“A inteligência singularmente utilizada pelos sujeitos precisa ser tornada visível para os outros, com a dupla intenção de garantir a sua cooperação no trabalho e de submeter a sua maneira de trabalhar ao julgamento de outros com vista a obter um reconhecimento da sua pessoa”. (Jobert, 2001, p 234).

Apesar dos discursos sobre meio ambiente e educação ambiental, ainda endeusamos o homem em detrimento da natureza. Restrepo convida-nos a deixar a pretensão de ser o *“centro hierárquico do ecossistema”* e abandonar a sua chefia, porque ele é pluricêntrico, reconstruindo-se a cada instante, cabendo aos seres humanos a prática da ecoternura para a

melhor conexão com nosso ecossistema, visto que *“só a partir da ecoternura é possível criar um conhecimento que tem presente o contexto que nos rodeia”*. (Restrepo, 1999, p 85).

4.4 - O papel da formação na qualificação do agricultor

Nossa sociedade atual caminha para a “ditadura da beleza”, em que a maioria das pessoas e instituições busca uma padronização estética em detrimento da singularidade. Quando um indivíduo não se comporta conforme o padrão ditado pela sociedade, seu visual ou seu discurso é chocante ou radical, ele é, geralmente, empurrado para a marginalidade. Penso que a formação tem um papel importante em desmitificar essa visão deturpada da realidade, promovendo um ser singular, reflexivo, crítico, sem esquecer as proposições que a sociedade nos impõe em suas tentativas de homogeneização.

Seguindo o raciocínio anterior, entendemos que a agricultura familiar em sua busca pela consolidação e ampliação de espaços, necessita de adequações urgentes, seja na apresentação da propriedade, seja na divulgação de seus produtos, seja na qualificação dos agricultores e seus filhos. Vejamos: A propriedade é o cartão de visita, por isso precisa estar organizada e planejada para “causar boa impressão”, ou seja, influenciar positivamente as visitas que recebe. Uma propriedade desorganizada, com lixo, mal conservada, demonstra a incapacidade de seus gestores. A propriedade onde existe organização e planejamento é o espelho dos proprietários, e seus produtos bem apresentados, embalados com higiene e padronização de qualidade, mostra que os gestores estão em sintonia com o mercado consumidor, atendendo suas exigências. Assim passam a ser depositários da confiabilidade e credibilidade.

Neste sentido, percebemos a Escola Rural tradicional distante das necessidades dos agricultores. Lamentamos, concordando com Perrenoud, quando afirma que *“as transformações da sociedade chamam automaticamente por evoluções na escola e na formação de profissionais”* (Perrenoud, 1999, p 02). Profissionais que precisam estar em evolução permanente para acompanhar as dificuldades e necessidades da agricultura familiar e suas tendências. Convém ressaltar que a escola não pode ser objeto de mudança rotineira, e que tenha autonomia, neutralidade e estabilidade. Vejamos que *“até mesmo os regimes totalitários tentam preservar essa aparência de neutralidade e paz”* (Perrenoud, 1999, p 02).

Porém, na prática cotidiana constatamos o inverso do discurso e a tentativa de “domesticação” e manipulação da instituição escola em vários níveis, situações até constrangedoras para os profissionais e o público alvo.

“... fazer, saber e poder se identificam: quem sabe é quem faz e vice-versa; e quem sabe e faz pode. Toda prática tem uma teoria por trás. Em geral, não existe incoerência entre teoria e prática e sim entre prática que segue uma teoria e um discurso justificador.” (Peloso e Siqueira, 2002, p 25)

Convivemos com currículos defasados e sem nenhuma ligação com a realidade e os contextos sociais. Na verdade, a prática supera os belos discursos, conforme Perrenoud:

“ A vontade de mudar a escola para adapta-la a contextos sociais em transformação, ou melhor, democratizar o acesso ao saber, não é bem partilhado e que essa vontade freqüentemente é frágil e se limita a discursos que não passam à ação”. (Perrenoud, 1999, p 03).

Considero que, em grande parte, o conhecimento acaba sendo a partir da auto-formação, conforme nos aponta Cecília Warschauer :

“As idéias de Rousseau, por exemplo, têm sido retomadas no contexto do século XX, imerso em preocupações ecológicas, e representam um avanço em relação à pedagogia tradicional e as perspectivas teóricas centradas no observável, propondo a consideração da aprendizagem como um processo dinâmico de reconstrução contínua do conhecimento a partir do sujeito”. (Warschauer, 2001, p 127).

A autora afirma ainda que a idéia da auto-formação não dispensa o uso do professor, ou torna secundário o seu papel, ou seja, *“A idéia de aprender por si mesmo não implica necessariamente aprender sozinho, nem que o professor deixe de ter um papel importante e até mesmo decisivo, por vezes”.* (Warschauer, 2001, p 129).

No taoísmo encontramos explicação para o insight, confirmado pelas teorias científicas modernas. Para Capra, *“um dos insights mais importantes do Taoísmo foi a compreensão de que a transformação e a mudança são características essenciais da natureza”* (1987, p. 91). Para ele, a relação do homem com a natureza, desempenha importante papel na transformação e evolução humana, ou seja, *“na transformação e crescimento de todas as coisas, cada broto, e cada característica apresentam sua forma própria. Nesta, observamos sua maturação e decadência graduais, o fluxo constante de transformação e mudança”*. (1987, p 91).

A mudança contínua e cíclica, compreendida pelo “taoista” grego Heráclito de Éfeso, pouco difere da interação cíclica do *yin* e do *yang* de Lao Tsé, em que todos os opostos são polares, e, nesse aspecto, relaciona-se à Pedagogia da Alternância citada por Gimonet. O grego afirmou, ... *“Deus é dia-noite, inverno-verão, guerra-paz, saciedade-fome”* (Capra, 1987, p 92).

Para o TAO, a mudança deve ocorrer de forma espontânea e natural, vejamos:

“A espontaneidade é o princípio ativo do TAO. Dessa forma, uma vez que a conduta humana deve ser modelada de acordo com a operação do TAO, a espontaneidade deveria também ser a característica de toda ação humana. Agir em harmonia com a natureza equivale, para os taoístas, a agir espontaneamente e em consonância com a verdadeira natureza de cada indivíduo. Significa confiar na inteligência intuitiva do indivíduo, inata na mente humana da mesma forma que as leis da mudança são inatas a todas as coisas que nos cercam”. (Capra, 1987, p 93).

Vejamos como ocorre o amadurecimento gradual de um discípulo Zen na escola Soto, segundo Capra é, *“...semelhante à brisa primaveril que acaricia a flor ajudando-a a desabrochar”* (1987, p 93).

Assim, o objetivo deste trabalho é refletir os níveis de contribuição dos variados tipos de formação na construção de um agricultor familiar inovador, crítico, reflexivo, participativo, ecológico e afetivo, analisando as iniciativas do SEBRAE e da própria comunidade por meio da Escola Família Agrícola e da Associação.

Concluindo, para contribuir na formação dos agricultores familiares proponho o que nos diz Warschauer, nas palavras da própria autora:

“Para ajudar o indivíduo a desenvolver suas potencialidades, proponho algumas condições favorecedoras: a presença do humor, do lúdico e da alegria, além de uma outra postura educacional ante o erro e a avaliação, bem como a agressividade sadia, a sensibilidade, a capacidade de estar a sós e a reflexão sobre as experiências e, no caso dos professores, a reflexão sobre suas práticas”. (Warschauer, 2001, p 136).

Exposto o porque do interesse em realizar a pesquisa, passemos então para o próximo passo que fala do processo metodológico e a seleção dos agricultor envolvidos no presente trabalho.

CAPÍTULO 5 - CONHECENDO OS AGRICULTORES INOVADORES

Introdução

O projeto do Mestrado tinha como objetivo medir o impacto da alternância na difusão de uma agricultura familiar sustentável na região de São Bento do Chapéu, mais precisamente na área de influência da Escola Família Agrícola de São Bento do Chapéu, pesquisando os alunos e alunas com formação do ensino fundamental, ou seja, a 8ª série, concludentes nos anos de 1995 com nove e 1996 com 14 formados perfazendo um total de 23 egressados.

Durante o levantamento dos alunos, percebi o forte laço de parentesco entre eles e elas. Na turma de 1995 apenas um aluno não tinha laços de família próximo com os demais. Na turma de 1996, também não era muito diferente. Percebi, então, que o universo, ou o campo da pesquisa, ficaria muito restrito a poucas famílias. Após levantar o nome dos ex- alunos (as) nos arquivos da Escola, enviei os 23 formulários utilizando várias maneiras de “*correio*”, como: irmãos, tios, vizinhos, pastores e outros. Foi necessário usar esse tipo de procedimento, uma vez que o município é muito grande, tornando as distâncias um certo empecilho no trabalho do pesquisador.

O primeiro roteiro de pesquisa (em anexo) tinha como objetivo estabelecer um contato com esses ex-alunos, no entanto, isso não surtiu o efeito esperado. Dos vinte e três questionários enviados houve devolução de apenas onze, não chegando a metade dos que foram enviados. Na seqüência do trabalho pensei em realizar um questionário mais profundo para buscar dados e, posteriormente, analisar se a formação por alternância promoveu impactos no meio em que esses alunos viviam.

Com o amadurecimento do projeto, surgiram novas idéias e alterações na proposta original da dissertação. Com a leitura de Maturana e Varela, tomei a decisão de utilizar um público mais abrangente, dando uma nova roupagem à pesquisa, abrangendo outros agricultores inovadores e não apenas agricultores influenciados pela Escola Família Agrícola de São Bento do Chapéu. Decidi pelas entrevistas orais, em detrimento dos questionários que ora tinha

pensado, com dois agricultores vinculados a EFASBEC e dois agricultores familiares inovadores, abrangendo dois Distritos do Município de Domingos Martins (ES), ou seja, Sede e Santa Isabel.

No intuito de caracterizar o público alvo procurei o engenheiro agrônomo e Chefe local do INCAPER¹⁴ para auxiliar na tarefa de selecionar os agricultores inovadores nos distritos citados. Os nomes foram sugeridos, ultrapassando as fronteiras dos distritos solicitados. Após conversar com o Chefe do INCAPER procurei a Diretoria de Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Domingos Martins (ES) e Marechal Floriano(ES), sendo atendido pelo Diretor Secretário que referendou os nomes dos agricultores inovadores citados pelo chefe do INCAPER, incluindo então um agricultor de Melgaço .Assim ficou:

Distrito de Santa Isabel: 5 agricultores

Distrito da Sede: 4 agricultores

Distrito de Paraju: 2 agricultores

Distrito de Aracê: 2 agricultores

Distrito de Melgaço: 1 agricultor

A escolha dos dois agricultores vinculados à Escola Família foi minha. Inclusive o próprio Chefe do INCAPER preferiu não emitir sugestões, dizendo que eu conhecia o público melhor do que ele. Tendo onze anos de trabalho na EFASBEC, realmente tenho bastante conhecimento das famílias dos alunos. É preciso ressaltar que sempre visitávamos as famílias dos alunos, tanto de maneira ‘oficial’, nesse caso, planejadas como instrumento pedagógico, quanto de modo informal. Sendo assim, após pesquisa nos arquivos da escola e conversas com essas famílias, escolhi duas. Não foi uma escolha fácil, porque havia outras possibilidades que, às vezes, esbarravam nos laços de parentesco, em outras situações havia indícios de inovação, mas não se encontrava no campo da agricultura familiar. Após uma minuciosa observação de todos essas questões, a escolha ficou desta forma:

¹⁴ Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural.

Ainda em relação ao público alvo e área de abrangência da pesquisa, convém ressaltar que: Apesar de ouvir as indicações de agricultores referentes aos distritos de Aracê e Melgaço, não havia pretensão de inclui-los na pesquisa, pela limitação dos fatores tempo e distância. Dessa forma, não foram procurados por mim os agricultores desses dessas localidades. Também tive dificuldade de localizar e falar com um indicado do distrito da sede, que não chegou a responder o primeiro questionário.

Tendo selecionado o público alvo passei a busca-lo para que respondesse ao primeiro questionário (em anexo). A dificuldade no recebimento dos primeiros questionários(enviado aos ex-alunos de 1995 e 1996) fez-me decidir visitar pessoalmente todos os selecionados, afim de ter certeza da rapidez no preenchimento dos dados solicitados e devolução dos mesmos. Nesse sentido, aproveitei para realizar as primeiras observações que poderia vir a utilizar, tanto nos critérios de seleção, quanto na etapa posterior das descrições e análises. Algumas visitas foram marcadas com antecedência para ter a certeza de encontrar o(a) entrevistado(a), e, também, saber da disponibilidade para colaborar na pesquisa.

Quero ressaltar que fui muito bem recebido em todos os lugares, casas e propriedades, que cheguei para realizar as entrevistas. Inicialmente fazia uma exposição do projeto do Mestrado, com os objetivos bem definidos e como o nome dele (a) havia sido lembrado, dizia ainda que era a primeira fase e que, caso fosse selecionado para a segunda fase, haveria entrevistas gravadas, marcadas previamente; além da observação das atividades diárias da família para possíveis complementações das entrevistas. Após a exposição dos motivos anteriormente citados, deixava os candidatos à vontade para aceitar, ou não, a participação na pesquisa. Todos(as) aceitaram prontamente sem restrições. Em alguns casos, houve situações interessantes que apresentarei brevemente no decorrer das descrições, mas todos responderam, com boa vontade e interesse.

Vejamos brevemente a primeira parte do trabalho, ou seja, o momento das respostas dos questionários.

Comecei o trajeto pelo distrito da Sede, visitando o agricultor A, totalmente de bem com a vida, pois gosta daquilo que faz. Os filhos estão na Escola e o bom desempenho deles é motivo de orgulho. Sorria bastante com expressão de felicidade, enquanto a esposa preenchia o questionário, fazia inúmeras observações tais como: “*preenche você a sua letra é mais bonita*” — a esposa é professora primária da comunidade há vinte anos —, no item **grau de**

escolaridade, ao dizer 4ª série, faz questão de expressar “*não estudei na escola, mas na vida aprendi muito*”, na liderança da comunidade religiosa e na Presidência da Associação dos Produtores; continua ele “*Deus fez o mundo diferente, assim a pequena propriedade é diversificada*”.

Quando chega no item seis que questiona a questão da satisfação, demora quinze minutos para redigir a frase que sintetiza seu pensamento. Novamente volta a tecer comentários “*é preciso ver lá na frente, o que as pessoas só enxergam aqui, principalmente na Igreja, no momento tenho dificuldade de adaptação, as vezes somos podados por pessoas que são limitadas*” e sorri.

Enquanto tomamos um cafezinho, continua a espécie de desabafo: “*o que diz que não tem religião é mais que o papa-hóstia*”; e, quando falamos da situação educacional no município, dizia que “*é necessário resgatar as causas e não as conseqüências*”.

O segundo a ser visitado foi o agricultor B que tinha saído com o pai, para visitar parentes e amigos. Deixei o roteiro de pesquisa com a esposa, que foi extremamente atenciosa. Juntamente com os filhos, foi nos mostrar a **Reserva** florestal da família. Fiquei encantado com a desenvoltura do filho mais velho – de 10 anos, aluno da 5ª série – falando com entusiasmo sobre a Reserva, a preocupação ambiental, o conhecimento de determinadas espécies, o interesse dos antepassados pela preservação, a sua vontade e interesse em mostrar a fábrica de banana passa e doces, além da estufa com flores para serem enviadas ao comércio. A esposa informou que durante a semana seu marido iria à cidade e devolveria o questionário, o que realmente ocorreu nos dias seguintes.

Na seqüência da busca dos dados, com o objetivo de aproveitar o tempo, diminuindo o número de viagens, planejei quatro visitas em um dia a fim de abranger, ao máximo, o distrito da Sede. Assim visitei as duas famílias ligadas a Escola Família Agrícola de São Bento do Chapéu e dois agricultores indicados em um só dia.

O primeiro roteiro do dia foi respondido pelo filho mais velho da família 1, uma tarefa um tanto difícil para o dia, porque assim que saí de casa começou a chover e o acesso mais próximo é também o mais perigoso, o que me obrigou a seguir por uma estrada melhor, porém, bem mais longa. O candidato selecionado preencheu o questionário com bastante rapidez sem grande dificuldade, uma vez que já havia respondido o outro questionário anteriormente e as questões eram parecidas. Enquanto isso, eu puxava conversa com a mãe,

que preparava o almoço. Segundo Ela *“a vontade é que os filhos continuem estudando, mas a Faculdade se for para um, tem que ser para todos, e a bufunfa (grana, dinheiro) está curta”*.

Nisso o filho ouviu e comenta:

“o curso superior de agronomia não tem vínculo com a realidade do pequeno produtor familiar, não entende as suas dificuldades, a defesa do meio ambiente na faculdade tem visão ingênua porque não entende que o agricultor é descapitalizado e só faz para comer”.

Assim que o roteiro fica pronto e quero seguir com o plano de visitas, a mãe, gentilmente convida para o almoço. Fico mais um pouco e aproveito para observar mais. Olho para o tanque de peixe que embeleza a propriedade da família, pergunto sobre a água. É a mulher que responde: *“há vinte e um anos as cabeceiras dos morros eram peladas, não tinha água e começamos a preservar deixando a capoeira crescer, hoje não falta água, mesmo nos períodos de seca”*. Almoço com a família, conversamos sobre o início da Escola, a época difícil quando o ‘patriarca’ era Presidente do Conselho Administrativo da EFASBEC e sua incessante busca por recursos, na tentativa de melhorar a precária estrutura da escola onde os filhos estudavam.

O segundo agricultor visitado foi da família 2. Ao chegar para entregar o questionário encontrei-os no quitungo¹⁵ fazendo farinha de mandioca, aguardei até que pudessem vir atender-me, pois a atividade não podia ser interrompida naquele momento. Aproveitei para observar a prensagem da massa da mandioca, diminuindo assim a quantidade de água antes de colocar no forno para a torrada final. Quando a massa foi colocada no forno, sentamos para conversar. Também demorou na resposta do questionário no item 5 e principalmente no 6.

O agricultor C, entrevistado a seguir, estava com um empregado esvaziando um dos seus tanques, pescando tilápia tailandesa. Separava as maiores de setecentas gramas para retirar o filé, no intuito de servir os fregueses do seu negócio, o “Sítio de Lazer”, que funciona nos fins de semana e feriados, enquanto as menores eram recolocadas num tanque ao lado para continuar a engorda até chegar no ponto ideal de abate, aguardando fregueses interessados na prática do pesque e pague. Aguardei que terminassem a atividade para não incomodar, e,

¹⁵ Local para o fabrico de farinha de mandioca, geralmente composto de espaço para lavar, descascar, relar, prensar, secar e torrar a mandioca transformando-a em farinha. No passado, a maior parte dos equipamentos era de fabricação artesanal, tocado pela força da água e braço humano.

assim que ele deu a tarefa por encerrada, sentamos numa mesa da casa, construída especialmente para hospedagem de clientes. Tanto ele, quanto a esposa foram bastante prestativos e interessados na pesquisa. Durante as respostas reclamaram de ter pouco estudo, principalmente a esposa que só tem a 7ª série incompleta porque o pai sistemático não a deixou estudar, tirando-a da escola que era no Estado da Bahia. Entre uma fala e outra disse que *“hoje temos mais coisa que o estudo permite ter, pois o negócio ficou grande para a pouca escolaridade que temos”*. Inclusive chegou a comentar que, muitas vezes, deixa de atender clientes que pedem pratos inexistentes no cardápio que ela sequer ouviu falar.

O último entrevistado do dia foi o agricultor D que estava com um cliente em sua Pousada. Foi bastante receptivo, demonstrando grande interesse pela pesquisa, fazendo inúmeras perguntas. Inicialmente, pensou que se tratava de outro tipo de pesquisa, porém logo entendeu e respondeu ao questionário. Estava muito satisfeito com o movimento dos últimos dias, já que a Pousada, que fica próxima da sede de Município, teve um grande procura no Festival Internacional de Inverno de Domingos Martins. Durante as respostas do questionário parou para atender hóspedes com muito humor e sempre sorridente com as crianças. Chamou-me a atenção uma fala do agricultor que, naquele fim de semana, percebeu que um rosto não lhe era estranho, mas não quis incomodar a cliente, deixando-a à vontade, mas aquilo o deixou “encucado”. Na hora que a hóspede foi pagar a conta ele ficou sabendo que se tratava da jornalista que todos os domingos apresenta o programa Jornal do Campo.

Após uns dias resolvendo questões pessoais, retomei o trabalho indo ao distrito de Santa Isabel entrevistar a agricultora E. Esse foi um caso à parte. Assim que a cumprimentei, logo foi falando que as rosas haviam acabado, me confundindo com um possível comprador de seu produto. Assim que comecei a falar que era pesquisador ela começou a dizer que não comprava veneno, achando que eu era representante de produtos agrícolas. Com paciência continuei a falar do meu estudo e ela passou a pensar que fosse um agrônomo oferecendo assistência técnica como outros já ofereceram esse tipo de serviços. Depois de um bom tempo, consegui explicar para a comunicativa senhora que fazia um estudo de Mestrado e que ela havia sido indicada para colaborar neste trabalho por ser pioneira nesta atividade na região. Entendida a questão, respondeu com bastante receptividade. Durante as respostas das questões, ia falando sem parar da sua paixão pelos doze mil pés de rosas que rendem em média trinta dúzias por dia, e, também, da vida familiar, já que trabalhava sem o apoio do marido que não aceitava aquele tipo de atividade, pois tinha medo de perder a propriedade, visto que o financiamento para o plantio em estufas e o material para irrigação tinha custado

cerca de trinta mil reais. Contou ainda, que, por pressão do marido, acabou vendendo a estufa, o que provocou um aspecto desagradável na aparência das plantas, possivelmente causado pela mudança do habitat.

Essa circunstância conflitiva da agricultora me despertou uma pergunta inevitável: onde buscou inspiração e motivação para o plantio de rosas? A resposta foi bastante interessante. Disse ela, que foi o Pastor da Igreja, no culto especial da segunda feira para senhoras empreendedoras que, *“orienta as mulheres para terem seu próprio negócio sem a interferência do marido”*.

Neste dia também encontrei o agricultor F, do distrito de Paraju, membro de uma Associação de Produtores Rurais que produziu café de qualidade (entre os vinte melhores do Estado em 2002), e que se dispôs em responder o questionário em casa com mais tempo e entregar posteriormente, responsabilizando-se em encaminhar o questionário ao agricultor G do distrito de Santa Isabel, pois o encontraria numa reunião na tarde do mesmo dia.

Na data marcada, procurei o agricultor F e o questionário respondido, ele entregou-me o seu e informou que não foi possível entregar o documento do agricultor G.

Na tarde do mesmo dia procurei o jovem agricultor H do distrito da sede. Este foi um caso à parte. Apesar de ter ligado para a sua irmã, que informou o caminho até a residência dos pais, acabei pegando o caminho errado, indo parar na casa de outra pessoa. O fato interessante, é que cheguei na casa de um homônimo do pai do agricultor H. Voltando um pouco no ponto onde errei a estrada, na tentativa de corrigir o rumo, procurei informações, algo muito difícil, porque os pomeranos não costumam passar informações para pessoas desconhecidas ou que não inspiram confiança, pode ser vizinhos que “eles dizem não conhecer”, sonhando as informações solicitadas. Por sorte, conheço uma família próximo ao local. Conversei com a amiga e descobri que nesta comunidade existem três moradores com nomes idênticos e com uma faixa etária muito próxima, então, informando as características, descobri quem era a pessoa correta, em especial, porque ele trabalha, há muitos anos, com plantas medicinais e garrafadas. Assim, enfim, cheguei à casa do homem.

O entorno da residência é de uma beleza incrível e extremamente agradável. Com um lago e a casa principal em tradicional estilo pomerano, construída pelo patriarca em 1942, utilizando

braúna¹⁶ já seca para fazer os moxos e barrotes. Nas árvores próximas são incontáveis as orquídeas, bromélias e outras flores. Pensei que minhas dificuldades haviam acabado, novo engano. No momento não havia ninguém em casa. Buzinei e, enfim, uma voz respondeu em pomerano, senti-me novamente sem ação. Fui em direção à voz, só que a mãe do jovem não entendia as minhas tentativas de comunicação, nem pela fala e muito menos pelos gestos. Por fim, falou a palavra “*marido*” e apontou para um morro do outro lado, montei na motocicleta e segui na direção sugerida. Enfim encontrei o ‘Senhor’ preparando terreno para o plantio de banana. Ficou feliz ao me encontrar e informou que o filho tinha ido ao médico fazer exame de vista. Foi logo mostrando a área do café que está em processo de certificação orgânica.

Expliquei o objetivo da visita e o interesse pelo trabalho do filho e, assim, convidou-me para seguir em direção à sua residência. Mostrou o despulpador simples que adquiriram já usado, com algumas adaptações e improvisações realizadas por eles mesmos, a estufa suspensa, também construída por eles, e porções de café já despulpado, em diferentes estágios de secagem, inclusive uma parte já embalada e pronta para comercialização. Como o filho não se encontrava em casa, marcamos a visita para os próximos dias, já que ele iria na Sede do Município, ao posto de atendimento do INSS¹⁷ fazer exames de saúde. No local e data marcados nos reencontramos. O entrevistado, por problemas nas vistas, respondia e o pai anotava sua fala. Também demorou bastante no item 6.

No dia seguinte, aproveitei o Dia de Campo sobre Tangerina Ponkã, promovido pelo INCAPER, que consistia em fazer um estudo mais detalhado sobre a Ponkã: adubação, nutrição, poda, qualidade, colheita, mercado e comercialização exatamente na propriedade do agricultor I, que era um dos indicados para responder o questionário. O estudo tinha como objetivo ser no campo, exatamente para realizar experiências práticas, principalmente na questão da poda. Participei do encontro assistindo as palestras, inclusive do agricultor, que falou com satisfação da sua safra, principalmente pelos bons resultados econômicos atingidos. Aproveitei e conheci a propriedade que é bem organizada, estruturada e planejada. Terminado o encontro, permaneci na sua bela e bem organizada residência, quando ele, então, iniciou o

¹⁶ Árvore da família das leguminosas (*Melanoxylon braunia*) que vive em floresta pluvial, de folhas com muitos folíolos, flores amarelas, vistosas, reunidas em inflorescências racemosas, e cujos frutos são legumes largos com o endocarpo revestindo as sementes ao jeito de asas. A madeira quase negra, extremamente dura, é usada em obras externas e hidráulicas.

¹⁷ Instituto Nacional de Seguridade Social

preenchimento do questionário. Fiquei bastante satisfeito com a cordialidade, disposição e simpatia despertada pela minha pesquisa.

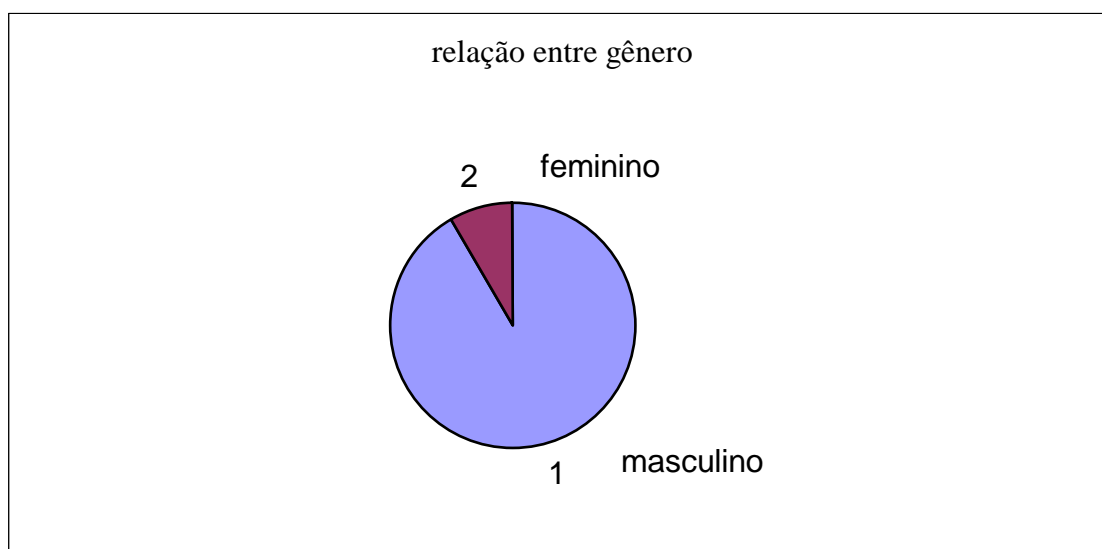
Na tarde do mesmo dia recebi o agricultor J em minha residência. Por contato telefônico, a esposa informou que o pesquisado viria na cidade resolver assuntos pessoais. Combinamos o encontro. Após cumprir compromissos social e profissional da agenda, com o MPA¹⁸, sentamos e ele respondeu o questionário com tranquilidade e interesse.

Para concluir a primeira etapa, retornei novamente ao distrito de Santa Isabel para procurar o agricultor G. Após algumas sonegações de informações, encontrei-o na Igreja, trazendo os filhos para o catecismo, enquanto aguardava o horário do culto dominical. Expus o motivo do questionário e ele participou de boa vontade. Respondeu com extrema demora e muitas dificuldades ao escrever, principalmente o item 6, mas com um sorriso de satisfação. Sempre cordial, convidou para visitá-lo indicando as referências até sua propriedade.

5.1 - Caracterização dos agricultores inovadores

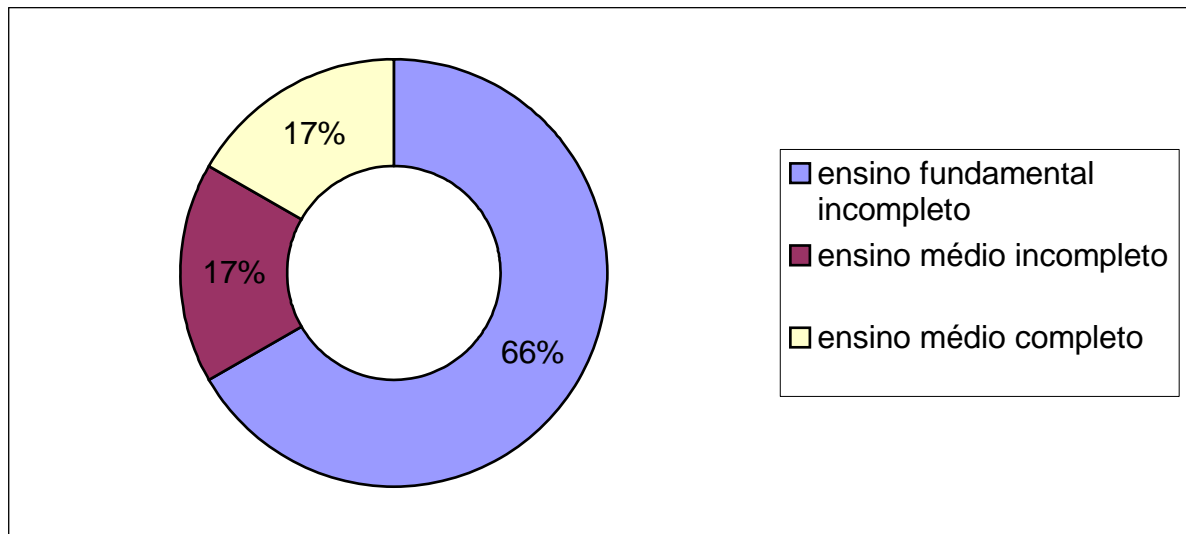
(Dados compilados e sistematizados do questionário respondido)

Sexo : 11 entrevistados masculino e 01 feminino

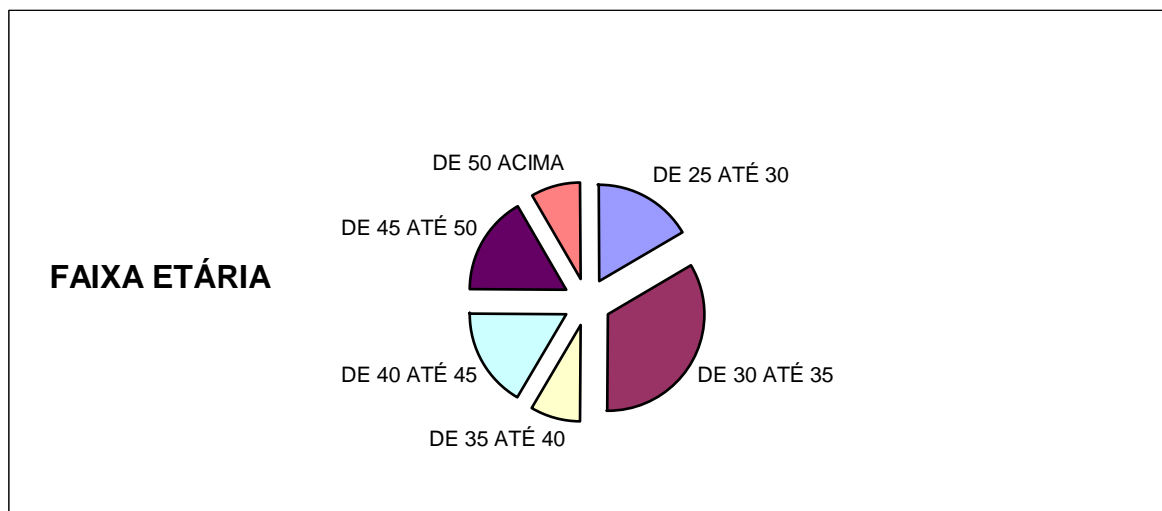


Grau de escolaridade dos entrevistados:

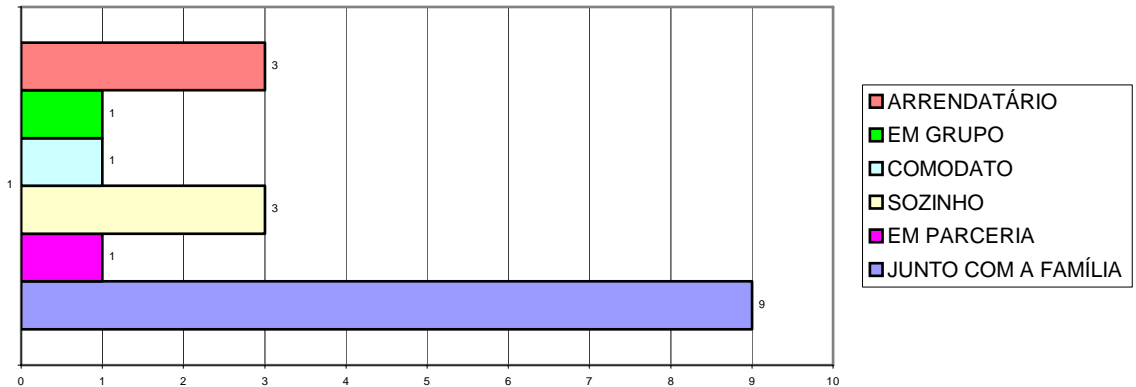
¹⁸ Movimento dos pequenos agricultores



Idade dos entrevistados:

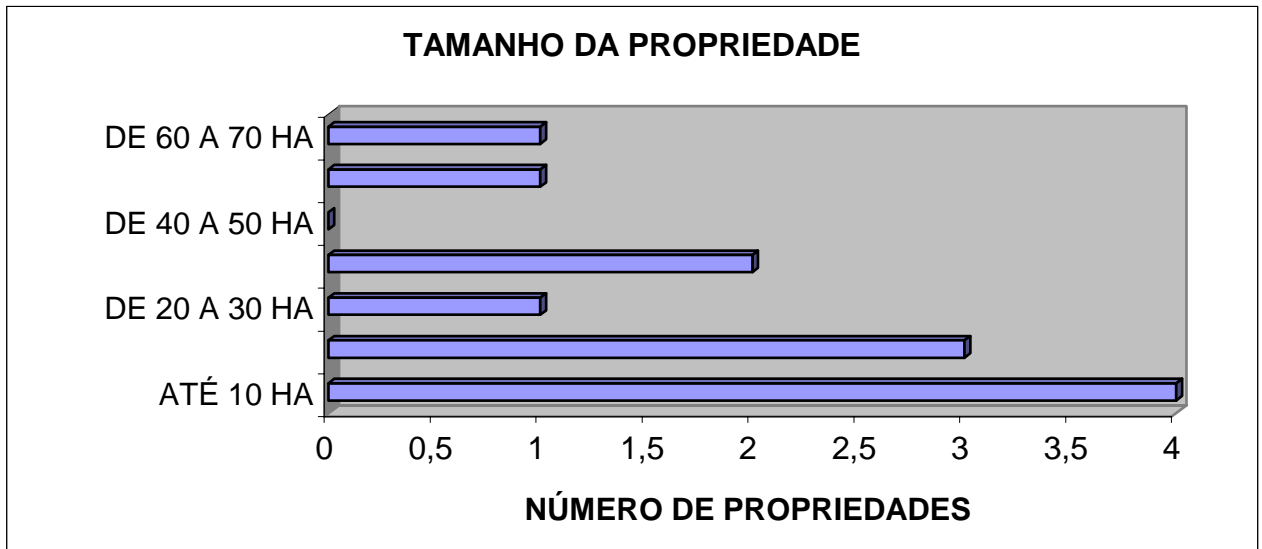


REGIME DE EXPLORAÇÃO

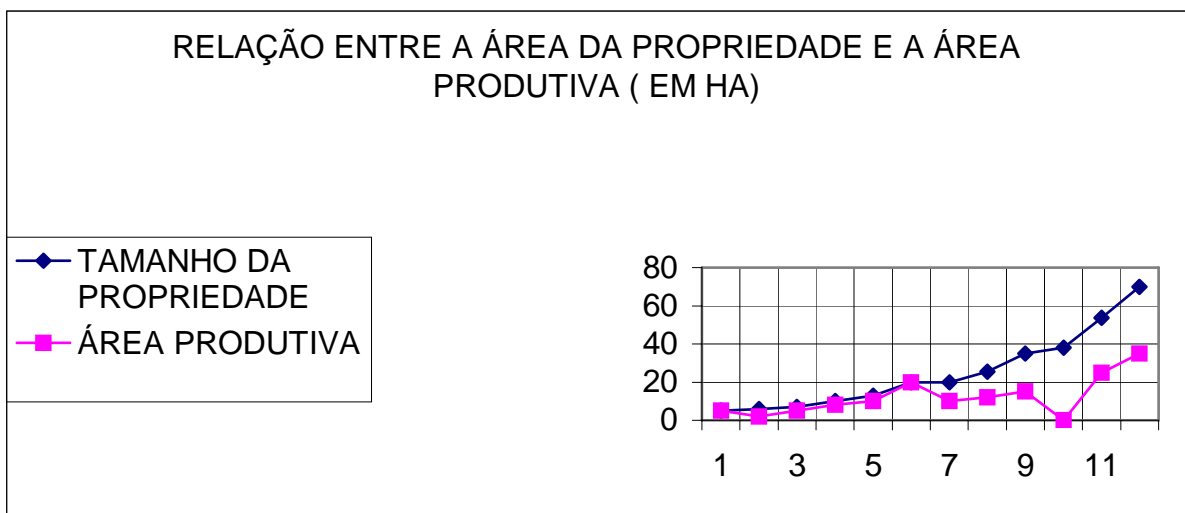


Área:

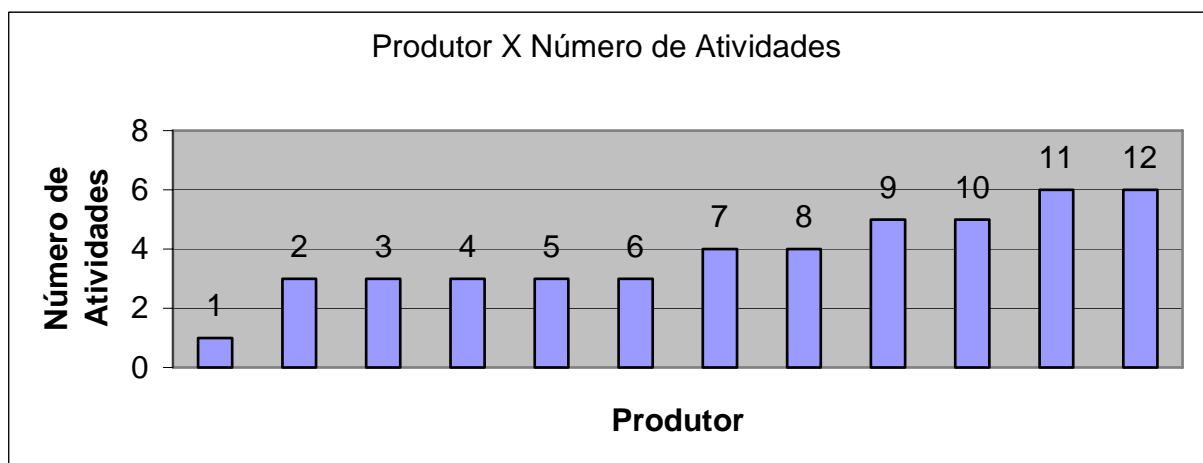
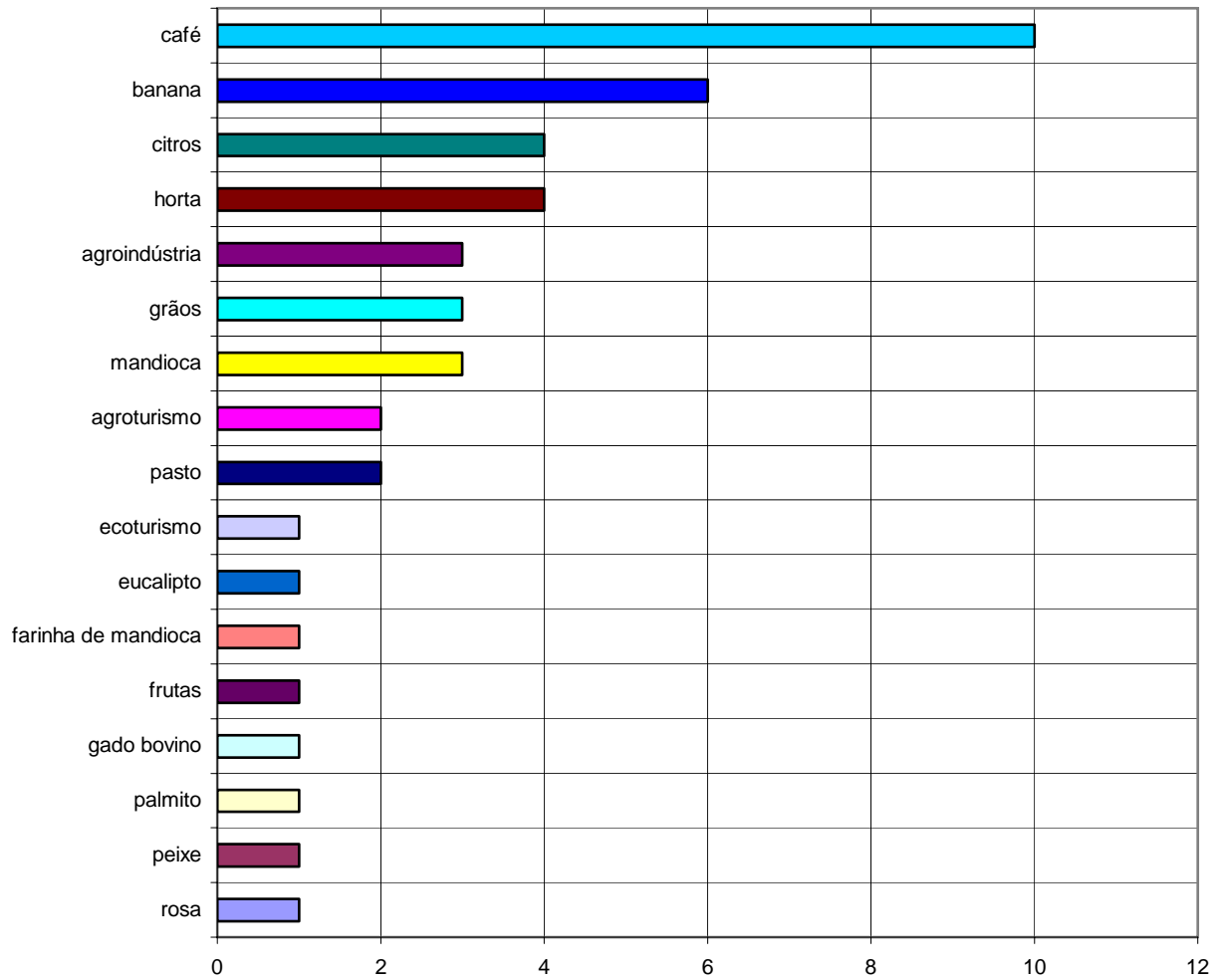
TAMANHO DA PROPRIEDADE

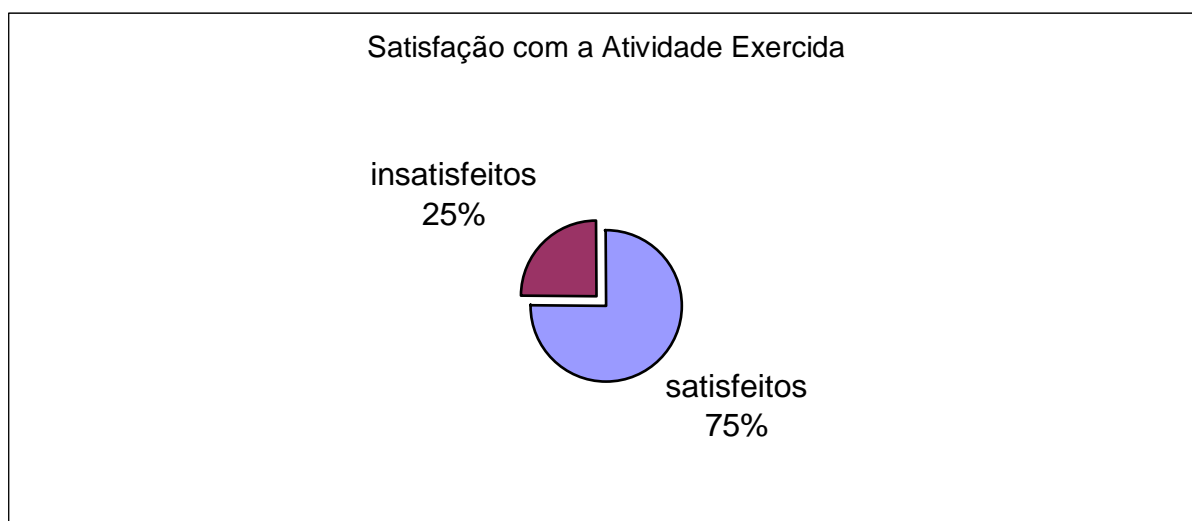


RELAÇÃO ENTRE A ÁREA DA PROPRIEDADE E A ÁREA PRODUTIVA (EM HA)



Principais Atividades:





5.2 - A seleção dos agricultores inovadores

Analisando a localização geográfica do município de Domingos Martins, temos uma área geográfica de 1231,29 km, o que é bastante extensa, como nos mostra o mapa e os dados em anexo.

Por ser um município de grande porte, optei, originalmente, por três distritos para realizar a pesquisa, com um agricultor por distrito. No decorrer da busca dos dados, na primeira fase, comecei a perceber que as distâncias eram muito longas e o tempo disponível para a realização do projeto, muito pequeno. Senti que teria muitas dificuldades para realizar inúmeras viagens de busca dos dados, transcrições e análises das entrevistas. Mesmo considerando ser de relevante importância atingir um maior número de distritos, no intuito de mostrar a riqueza étnico-cultural, econômica, decidi realizar a pesquisa em apenas dois distritos.

Reverendo os dados da primeira fase, escolhi os distritos que haviam apontado um maior número de agricultores inovadores, deixando então fora da pesquisa o distrito de Paraju, que coletei dados na primeira fase, mas que pelas já referidas questões tempo e distância acabei não utilizando, e os distritos de Aracê e Melgaço que, pelos mesmos motivos, já havia

excluído da pesquisa. Portanto, para a continuação ficaram os distritos da Sede e Santa Isabel, conforme nos aponta o quadro abaixo.

Distrito:	Número de agricultores:	Selecionados:
Santa Isabel	5	Sim
Sede	4	Sim
Paraju	2	Não
Aracê	2	Não
Melgaço	1	Não

Fonte: Escritório do INCAPER de Domingos Martins (ES) e STR de Domingos Martins e Marechal Floriano (ES)

Decidido que enfocaria a pesquisa nos distritos da Sede e Santa Isabel, passei a centrar o pensamento na escolha dos dois agricultores que seriam os representantes finais nas entrevistas. Comecei a estabelecer critérios para ajudar nesta escolha final, e, assim, estabeleci, por ordem de decisão:

Critérios:

- 1- Maior diversidade nas **principais explorações agropecuárias** da família (item 5 do questionário), ou seja, a não dependência de uma única fonte de renda;
- 2- Que não tenha o **café** como principal fonte de recursos, ou que uma monocultura ou atividade, seja o dominante no montante de recursos gerado pela família;
- 3- A **participação efetiva dos adultos** da família no dia a dia, na gerência do negócio, na empresa familiar;
- 4- A questão **estética** do espaço, não apenas da residência, mas da propriedade como um todo. A divisão de setores, a utilização dos espaços, percentual de área de reserva ou mata nativa;
- 5- Se necessário, em caso de não haver uma boa indefinição até o 4º critério, utilizar o **sorteio** como último recurso.

No caso do distrito de Santa Isabel, pode-se dizer que não foi necessário utilizar todos os critérios listados, pois evidenciou-se que um dos entrevistados, já demonstrava um diferencial em relação aos demais.

Em relação ao distrito da Sede, ficou claro que dois agricultores se destacaram em relação aos outros. Para realizar a seleção tive que rever várias vezes os critérios até chegar a decisão de utilizar o sorteio para definir o nome do agricultor inovador com quem eu faria a continuidade da pesquisa.

Portanto ficou assim definido o público final da pesquisa:

Família inovadora	localização	vínculo a Pedagogia da Alternância	número de atividades
Família 2	Distrito da Sede	sim	6
Família 1	Distrito da Sede	sim	3
Família 4	Distrito de Santa Isabel	não	4
Família 3	Distrito da Sede	não	5

5.3 - O roteiro de entrevistas

Para realizar a entrevista com os agricultores selecionados, construí um roteiro semi-estruturado (em anexo). O objetivo desta escolha foi permitir ao entrevistado maior liberdade de expressão, pois de acordo com Triviños, este tipo de entrevista, “...oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação”. (1987, p 146). Para mim, a entrevista semi-estruturada era a que melhor se adaptava aos meus propósitos de pesquisador porque:

“parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante”. (Triviños, 1987, p 146).

A pesquisa objetivou analisar não apenas a contribuição da formação, de forma pura e simples, na passagem da agricultura tradicional para a agricultura familiar inovadora, mas buscou pensar também o meio social e cultural de cada família. Para isso:

“Buscou as raízes deles, as causas de sua existência, suas relações, num quadro amplo do sujeito como ser social e histórico, tratando de explicar e compreender o desenvolvimento da vida humana e de seus diferentes significados no devir dos diversos meios culturais”. (Triviños, 1987, p 130).

Com o objetivo de proporcionar maior liberdade de expressão aos entrevistados, construí um roteiro semi-estruturado (anexo 3), com um fio condutor central e temas, mas tendo flexibilidade, no intuito de não repetir questões já abordadas pelos entrevistados, ou para aprofundar o tema, quando havia necessidade de ir além daquilo que o entrevistado dizia. Portanto, não tive pretensão de seguir uma ordem durante as entrevistas. O roteiro foi assim pensado para permitir e estimular as possíveis diferenças entre os selecionados, na tentativa de evidenciar os processos, etapas e tempos vivenciados pelos agricultores inovadores selecionados.

5.4 - O registro dos dados: as entrevistas e as observações

Após definir os quatro agricultores finalistas, procurei marcar, antecipadamente, as datas das entrevistas, com o objetivo de não interferir no dia a dia da família. Aproveitei as visitas em que gravava as entrevistas para realizar observações das atividades desenvolvidas pelas famílias. Sempre procurei agendar a visita seguinte com o aval dos membros da família, pois sei que não gostam de alterar os seus hábitos e *“perder tempo de trabalho”* com algo que não trará retorno financeiro imediato.

Foi necessário recorrer a ampliações das informações recolhidas, pois entendi que estas complementavam as entrevista. Segundo Triviños *“as informações que se recolhem, geralmente, são interpretadas e isto pode originar a exigência de novas buscas de dados”.* (Triviños, 1987, p 131).

Entendi ser necessário realizar observações para completar as informações obtidas através das entrevistas, e procurar ser mais fiel a vida cotidiana dos agricultores, levando em consideração o que nos fala Triviños,

“Observar”, naturalmente, não é um simples olhar. Observar é destacar um conjunto (objetos, pessoas, animais, etc.) algo especificamente, prestando, por exemplo, atenção em suas características (cor, tamanho, etc.) Observar um “fenômeno social” significa, em primeiro lugar, que determinado evento social, simples ou complexo, tenha sido abstratamente separado de seu contexto para que, em sua dimensão singular, seja estudado em seus atos, atividades, significados, relações, etc.” (Triviños, 1987, p 153).

As anotações das observações realizadas durante as atividades das famílias pesquisadas tiveram caráter apenas descritivo. A reflexão seguia, em momento posterior, de acordo com orientações encontradas em Triviños, ou seja:

“Num sentido restrito, podemos entender as anotações de campo, por um lado, como todas as observações e reflexões que realizamos sobre expressões verbais e ações dos sujeitos, descrevendo-as, primeiro, e fazendo comentários críticos, em seguida, sobre as mesmas.” (Triviños, 1987, p 154).

Gostaria de dizer que desse momento em diante a tentativa de redação da dissertação, promoveu uma profunda reflexão em meu íntimo. Por um lado, escrever sobre a Pedagogia da Alternância, no qual eu já possuía uma relação profissional de quinze anos, e de certa forma “conhecendo”, a maioria das famílias envolvidas nesse processo educativo, provocava uma certa necessidade de distanciamento na busca de maior autonomia; e por outro lado o rigor científico da produção. Assim, decidi pelo afastamento temporário das minhas atividades na EFASBEC neste período específico.

Nesse sentido, foi uma grande contribuição a leitura e reflexão de Lucídio Bianchetti e Boaventura de Sousa Santos, na produção da dissertação.

O primeiro grande desafio foi a questão tempo. A preocupação e a insegurança em relação ao tempo e os prazos para a realização do trabalho. Entender e conviver com o tempo restrito e limitado, confortava-nos as palavras do autor citado anteriormente, ou seja:

*“Na mitologia grego-romana o deus tempo é mais conhecido, além de outras denominações, por **Kairós** e **Chronos**. O primeiro representa o tempo intensidade; este último, o tempo linear, cronológico. Concebendo assim o tempo certamente os gregos estavam preocupados em apreender a totalidade de possibilidades que confluíam e constituíam o tempo vivido, traduzindo-se em episódios, acontecimentos e tudo que estava envolvido na sua realização. A preferência ou supremacia de um dos deuses caracterizaria, assim, a consagração da perspectiva da parcialidade sobre o todo, evidenciando a preocupação a respeito da necessidade de apreender preferencialmente o processo ou o produto.”* (Bianchetti, 2002, p 166).

Conviver com uma realidade às vezes complexa e invisível é uma árdua tarefa, como nos mostra Guerrieri, ou seja, *“a realidade, mesmo apresentando inúmeras diferenças, mudanças e contradições em seus fenômenos, possui uma racionalidade, ou seja, uma unidade de sentido que nos possibilita compreender as partes dentro de um todo racional”*.(Guerrieri, 1996, p 6)

Perceber e interpretar o silêncio e os símbolos expressos pelos agricultores foi uma tarefa delicada e recorreremos a Weil & Tompakow, na busca de subsídios para análise e interpretações, mediante momentos de silêncio verbal, mas extremamente ricos na expressão corporal. Vejamos:

“A característica dominante do símbolo é fugir da palavra ou frase, escrita por extenso. Frase já é um grupo de símbolos (palavras), por sua vez também composta de símbolos (letras) de fugazes variações sonoras. E tudo isso sujeito a um código gramatical de origem empírica e lastrado com a inevitável imprecisão semântica, especialmente a deterioração do significado percebido através de gerações”. (Weil & Tompakow, 1986, p 25)

Outro importante aspecto a ser abordado é o distanciamento, que busquei no sentido de ter maior isenção, principalmente em relação à aqueles que já “*conhecia*”, ou seja, os agricultores diretamente ligados a Pedagogia da Alternância, nesse sentido vale ressaltar que:

“Ao destacar a “distância” queremos focalizar, além do aspecto das medidas espaciais, principalmente aquele referente ao tempo. É o distanciamento que possibilita o admirar, o olhar de outro lugar, o revisitar com outro olhar, ratificando ou retificando o já escrito”.
(Bianchetti, 2002, p 168).

Para analisar os dados recolhidos, procurei montar categorias de análise assim agrupadas: Diversificação de atividades; Produção e meio ambiente; Participação familiar e comunitária; Aquisição de conhecimentos e experiências formativas; Adaptabilidade e reação às dificuldades; Planejamento da propriedade e do negócio; Visão local e global e Criatividade.

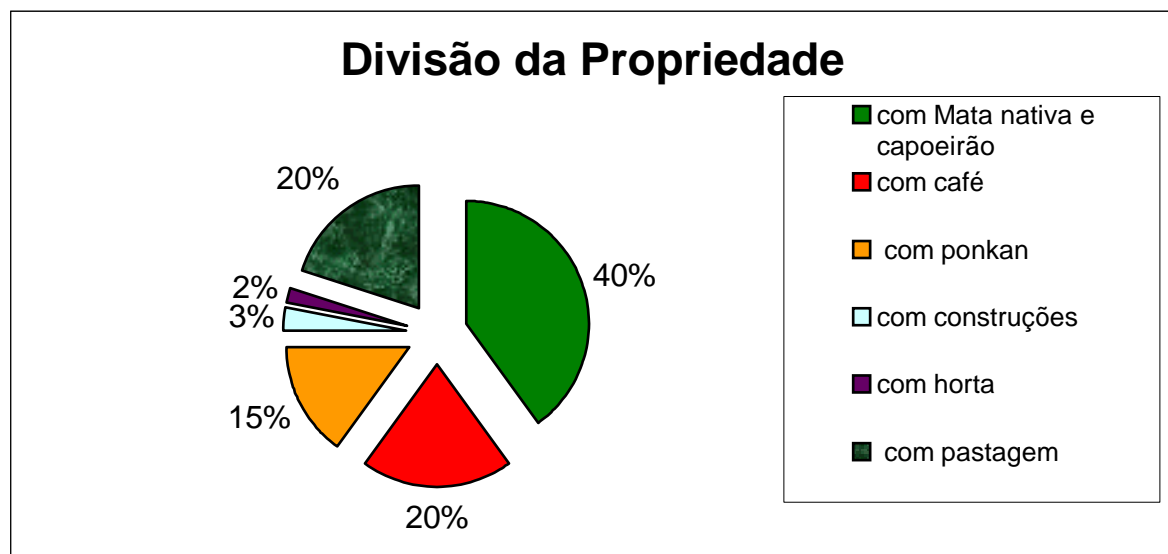
Como forma de interpretar os dados, estabeleci a grade de análise com as categorias abaixo, entendendo que poderiam contribuir na definição final dos agricultores inovadores, ou seja: Diversificação de atividades; produção e meio ambiente; participação familiar e comunitária; aquisição de conhecimento e experiências formativas; adaptabilidade e reação às dificuldades; planejamento da propriedade e do negócio; visão local e global; e criatividade. Reuni algumas dessas categorias no intuito de facilitar a interpretação, mesmo sabendo das dificuldades em analisá-las de forma agrupada. Também, na análise individual, haveria limitações ou alongamento da pesquisa.

CAPÍTULO 6 - A FAMÍLIA 1

Introdução

A primeira entrevista semi-estruturada e as primeiras observações foram com o filho mais velho da família 1. O dia escolhido foi uma sexta-feira. Quando cheguei, ele limpava e arrumava o jardim e os arredores da residência, enquanto os outros irmãos, colhiam café na propriedade de um tio. Ele ficou em casa exatamente para me aguardar, enquanto isso, fazia o serviço comum do fim de semana. Ao aguardar o término da atividade, antes de iniciar a entrevista, realizei observações no entorno.

Observando a propriedade, percebi que esta tem uma extensa área verde. De acordo com informações da família, a propriedade está assim dividida:



O processo da entrevista correu muito bem. Porém, houve dois momentos que considero merecer uma atenção especial. Em primeiro lugar, foi quando perguntei sobre a divisão do trabalho. O entrevistado olhou várias vezes para o lado, para o teto, antes de utilizar a palavra “patriarca”, como se expressasse algum receio, medo, ou insegurança ao utilizar esse termo. E o segundo momento, quando pedi para falar do passado, presente e futuro que o choro foi extremamente longo. Encerrada a entrevista fui convidado para o almoço. A mãe pediu para o filho ir à horta colher verduras. Durante a caminhada, ele disse que o café da sua família tinha sido selecionado como melhor do estado na classificação orgânica para representar a

agricultura familiar do Espírito Santo na BIOFACH¹⁹ no final de setembro, no Hotel Glória no Rio de Janeiro. O café alcançou o tipo 4, bebida dura suave, peneira17.

6.1 - Diversificação de atividades

A produção familiar é diversificada para “*não se prender a uma cultura*”, assim é a produção, segundo o entrevistado:

“trabalhando há treze anos também com hortaliças pra diversificar a a renda e com fruticultura no caso citrus né, que se eu não me engano são desde 88... aqui começaram a plantar a questão da Ponkã que até hoje é uma boa renda... i a hortaliça ela atravessa um preço mais baixo, por ser inverno e então nas épocas mais quente a produção aumenta bem... a laranja e um pouco de limão também.(Entrevista pessoal)

Ainda, em relação à diversificação, a família trabalha com gado e realizou uma experiência com peixes, vejamos:

*“A gente trabalhou também a questão da produção da tilápia tailandesa né, em viveiro, e começou como: foi montado um projeto em cima de que o produtor criaria o peixe e quando estivesse no ponto de abate, existiria uma filetadora ,uma indústria para filetar para industrializar esse peixe, isso foi promessa de governo e aí, isso não se concretizou.”
(Entrevista pessoal)*

Segundo o pai, a família teve um grande problema nos últimos doze meses, foi a desativação das granjas de frango para corte. As granjas são terceirizadas, funcionando no seguinte sistema: geralmente um produtor de frangos de corte aluga o galpão, fornecendo os pintinhos de um dia, ração e vacina. O produtor rural tem que abastecer os comedores com ração, observar os bebedouros para não faltar água, revirar a cama de esterco (material composto de pó-de-serra e fezes de aves), retirar a cama e desinfetar o galpão para a chegada de um novo lote de pintinhos. Quando o lote chega no ponto do abate, o arrendatário retira os frangos, em

¹⁹ Grande feira de agronegócio orgânico, com matriz na Alemanha.

média com 55 dias, e o produtor rural fica com a cama da granja, que rende em média três quilos por mil unidades de frango.

Segundo os granjeiros, não era possível continuar a atividade porque o preço dos frangos estava muito baixo e o custo de produção alto demais, acarretando enormes prejuízos. Para a família 1 essa desativação foi um transtorno, porque esse material era necessário para a realização da adubação das plantas. Isso significou uma deficiência de quinze toneladas de esterco a cada 65 dias em média. A granja fica parada em torno de dez dias para desinfecção.

Na tentativa de resolver esse problema, a família passou a prender o gado no período da noite, com o objetivo de acumular esterco, anexando palha de café. Em um período de trinta dias deixa o esterco acumular no curral, recolhendo-o e deixando fermentar por mais trinta dias antes de enviar para o campo, e, assim, de forma criativa, vai resolvendo os problemas que se apresentam.

Convém ressaltar, brevemente, sem entrar no mérito da questão, pois não é este o propósito do presente trabalho, que de forma geral os solos martinenses são fracos, extremamente ácidos, devido sua formação geológica, com PH girando em torno de 4,5 (para maiores detalhes ver anexo 10 sobre solos do município), requerendo análise de solo para correção da acidez e muita adubação para conseguir uma produtividade compensatória. Portanto, os agricultores têm duas opções: produzir o seu próprio esterco ou adquirir de granjeiros da região.

6.2 - Produção e meio ambiente

Os solos da região são declivosos, dificultando o seu cultivo, exigindo mais mão-de-obra, abertura de estradas que além de onerar o agricultor, também facilita a erosão de suas terras, áreas cultivadas nas laterais e leitos de córregos e rios.

A erosão causada por práticas inadequadas de conservação dos solos, também tem sido fator de baixa produtividade das lavouras martinenses. Novamente, a declividade acentuada dos solos facilita esse processo de desagregação e enfraquecimento dos solos.

Notamos uma grande preocupação com o meio ambiente e a produção. Vejamos no depoimento: *“a produção agrícola e pecuária da família, da minha família, ela é voltada mais é para a agricultura orgânica, né, que até agora a partir desse meado do ano vai ser considerada certificada.”* (Entrevista pessoal).

Segundo o entrevistado, o interesse pela produção orgânica coincide com a implantação da EFASBEC, vejamos: *“antes da implantação da Escola Família não sabia esse pensamento de produção, não se conhecia essa questão muito de orgânica, produção mais natural”,* (Entrevista pessoal), e foi a partir de trabalhos da Escola Família, o início das experiências, *“sempre participando de palestras com algumas pessoas que entende do assunto de ecologia, de agricultura orgânica mesmo. Foi um processo que veio crescendo... assim ...no caso lento mais nunca parou de crescer, sempre foi evoluindo”.* (Entrevista pessoal)

Conforme dito anteriormente, a família tem uma preocupação com a questão ambiental e participa do grupo associativo que produz café arábica orgânico, beneficiando o seu produto: *“Entre o grupo que fornece e beneficia café na unidade lá e associação e eles tem que respeitar alguns critérios como não utilizar mesmo a questão dos agrotóxicos, e existe todo um regimento interno para você trabalhar né”,* (Entrevista pessoal) ou seja, existe toda uma preocupação com a produção e o meio ambiente.

A preocupação ambiental não é apenas para sua família, mas também para os consumidores de seus produtos, conforme suas próprias palavras:

“Ele respeita o meio ambiente a questão social, isso essa é a diferença que o produtor hoje tem, e também respeito a própria família, ele consome tem consciência tranquila que ele está consumindo um produto sadio e está fornecendo ao consumidor o excedente de qualidade ele pode ficar com a consciência tranquila que está fornecendo um produto que não vai prejudicar os seus consumidores.” (Entrevista pessoal)

6.3 - Participação familiar e comunitária

Após a entrevista, conversei com a mãe que preparava o almoço. Com orgulho, falava da satisfação do nível de educação dos filhos, da visão que adquiriram da agricultura orgânica. Dizendo, ainda, que se não tivessem estudado, possivelmente seriam todos empregados como eles. Conta que, no passado, há vinte anos, a família estava sem emprego, sem lavoura com três filhos pequenos, começando do zero, no terreno do próprio pai, como meeiro, esperando a promessa de receber a terra e trabalhando apenas com café durante dez anos. Com o aparecimento da crise nos preços baixos do café, começaram a plantar banana, Ponkãn e verduras. Essas mudanças foram geradas pelas dificuldades do trabalho e, principalmente, pela Escola Família, que serviu para diversificar as atividades da família e romper o isolamento em que se encontravam. Disse ainda que percebia que os professores da Escola Família eram mais pé no chão. (depoimento da mãe – diário de observações)

A família 1 sempre foi muito participativa nas atividades da Escola e da Comunidade. O pai foi, por vários anos, membro do Conselho Administrativo da Escola Família Agrícola de São Bento do Chapéu, tendo sido seu Presidente por várias vezes (notas pessoais minhas), de acordo com o filho:

“Depois que a minha família começou a entrar, a participar de reuniões, na formação da Associação, depois há um ano dois anos depois a formação da Escola, a gente começou já a descobrir mais coisas porque a idéia da fundação da Associação era pra proteger mesmo os direitos dos produtores da região e depois então quando veio, foi formada a escola, é sempre se voltou pra conscientização do agricultor e dos malefícios da agricultura convencional...” (Entrevista pessoal)

A participação, tanto familiar quanto comunitário, foi um processo de amadurecimento que desenvolvia paralelamente com as demais atividades que a família se envolvia, vejamos:

“É justamente quando a gente começa a participar mais na questão social né, da Associação na Escola Família que todo mundo começa a trabalhar em equipe, assim no começo quando foi bem difícil pra você

levantar a Escola, então todos ajudavam tanto homem, quanto a mulher então justamente ali, começou a ter mais voz e hoje assim todos tanto filho quanto pai e mãe eles têm a mesma participação nas decisões na família.” (Entrevista pessoal)

Ainda sobre a participação a família, foi pioneira, tanto na associação quanto na escola:

“...meu pai, minha mãe, foi logo convidado principalmente pela associação de São Bento. Eles são até sócio fundadores. Desde o início, ajudaram muito quando começou principalmente a questão de implantar a escola eles sempre estiveram presentes, principalmente pra na questão de... de tudo que precisava, né? Apoio lá, em construções, mutirões, festas e alojamentos de alunos, eles sempre estiveram presentes.” (Entrevista pessoal)

6.4 - Aquisição de conhecimentos e experiências formativas

Segundo o entrevistado, a Escola Família contribuiu para o desenvolvimento da consciência de uma agricultura ecológica e inovadora. Vejamos:

“...a minha família, os meus irmãos e... e a gente estudando na Escola Família desde a primeira turma, que foi em 92 que começou, nesse período em 92 até 95 a gente estudou muito assim, é, as questões de consciência mesmo, conscientizava os trabalhos que a gente fez lá e... e algumas experiências que a gente fazia lá, com os professores, na época os monitores...” (Entrevista pessoal)

Segundo depoimento dele, na escola: *“a gente começou a fazer muitas experiências com adubação verde e no caso as leguminosas então esses, algumas experiências, a gente acabou trazendo pra dentro da propriedade como caráter de experiência”,(Entrevista pessoal)* proporcionando melhores condições de trabalho.

Também foram importantes as palestras e cursos promovidos pela Escola, onde os alunos eram motivados a participar, como: *“acontecia mesmo na EFA por que a gente tinha um*

contato principalmente com a APTA²⁰”, na época ministrando palestras sobre agricultura alternativa, orgânica e agroecológica.

Existiam ainda outras fontes e alternativas, ligadas à Escola Família, onde obtive informações e conhecimentos, como:

“Algumas alternativas mais viáveis para o produtor, algumas como a Pastoral da Terra, também houve algumas experiências que eles mostravam e outras experiências mesmo que os próprios monitores haviam adquiridos em outros trabalhos que eles faziam antes, então eles passavam para a gente, e a gente começava a fazer experiências em casa.”(Entrevista pessoal)

A capacidade de preservar o meio ambiente inicia-se juntamente com o envolvimento da família, Escola Família Agrícola de São Bento do Chapéu e a ADDPRUSBEC, de acordo com a fala do entrevistado:

“Desde que começou esse processo de associativismo, que começou em São Bento aqui depois da vinda da Escola Família para cá também. Desde esse momento a gente começou a ... a sentir a necessidade de preservar, porque a gente via o comentário do de visitas. Principalmente que a gente fazia na época de que estudava, visitas ao norte do Estado, lá onde as famílias sofrem muito por questão da seca, devido a ... no passado aí ter sido os recursos naturais terem sido explorados, as questões de matas, e começa a sofrer os efeitos: a questão de falta de água, estiagens prolongadas, muitos produtores plantam mais não sabem se vão colher. E então tudo isso a gente a gente foi somando e viu que ... que talvez se hoje a gente desmatar, com certeza, no futuro, a gente ainda vai viver para sentir os efeitos.”
(Entrevista pessoal)

²⁰ APTA – Associação de Programas em Tecnologias Alternativa, atualmente AS-PTA

A família, a partir da convivência com a Escola, começou a relacionar fatos, que outras famílias da região não tem capacidade de assimilar, conforme depoimento do filho mais velho: “até já perdeu parentes e essas coisas assim por pessoas que, familiares que utilizavam agrotóxicos e hoje não estão entre a gente”. (Entrevista pessoal)

Os estágios realizados pela escola foram fonte de aquisição de conhecimento, ao promover contato direto dos jovens com propriedades diferenciadas, onde os mesmos passavam a refletir a prática familiar. Nesse sentido, nos fala Sainsaulieu sobre a introdução de estágios de adultos em empresas, mas totalmente aplicáveis na empresa familiar do meio rural:

“introduzir estágios, cursos, períodos de formação de adultos para operários, para quadros, nos próprios meios de trabalho, pode criar desordens organizacionais e criativas, ou mais exactamente apoiar intercâmbios informais dentro das operações de mudança. Os períodos de formação acentuam as trocas e a compreensão da organização como sistema social de relações interpessoais e colectivas. Fazem-se amizades entre os serviços, as profissões, os postos; desenvolvem-se solidariedades de promoção; estratégias de comunicação intensas entre estagiários, membros de uma mesma organização, vêm, de certa forma, apoiar os períodos de desenvolvimento rápido”. (Sainsaulieu, 2001, p 94).

6.5 - Adaptabilidade e reação às dificuldades

A jornada de trabalho da família, no dia a dia, é bastante corrida, principalmente no sábado que antecede o dia de ir para a feira de Campo Grande, município de Cariacica, que integra a Região Metropolitana da Grande Vitória²¹. A colheita, principalmente das folhosas, tem que ser feita bem cedo para evitar que o sol murche o produto, prejudicando sua aparência. Após esta etapa, é feita a seleção e a amarração das embalagens, conforme padrão já aceito por consumidores. No Domingo, as pessoas da família saem de madrugada e organizam a barraca antes do nascer do sol. As vendas começam com o raiar do dia e vai até as nove horas da

²¹- A região metropolitana da Grande Vitória compreende: Vitória, Vila Velha, Serra, Cariacica e Viana.

manhã, uma jornada em torno de quatro horas de venda, mas de muitas horas de trabalho. Longa jornada que começa com o preparo do solo até o produto ir para a banca, na espera dos fregueses.

O trajeto de plantar e colher, se olhado superficialmente, pode parecer simples. Contudo, se formos descrever todas as etapas e processos, o caminho é longo, árduo e doloroso. Trabalhar a agricultura tradicional já é penoso, sair de uma agricultura tradicional na busca de uma agricultura diferenciada, orgânica e inovadora para os padrões locais, geralmente conservador, é ainda mais difícil, como diz Clarice Lispector “*É duro como quebrar rochas...*”. Mas, sem o primeiro passo não existe a caminhada. Dessa forma, os filhos conseguiram ter flexibilidade para ir, lentamente, vencendo as barreiras familiares e comunitárias, conforme depoimento a seguir:

“porque é difícil para as pessoas que já tem uma mentalidade formada você querer impor alguma coisa, você tem que mostrar algum resultado pra convencer as pessoas. Não adianta você vir de cima para baixo querer empurrar uma tecnologia na... na... principalmente numa localidade, numa comunidade fechada, que as idéias não são bem aceitas tem que saber como introduzir. Então foi assim fazendo uma experiência de um certo lugar na propriedade que foi começando a dar certo a gente começou a substituir alguns adubos por adubos natural e foi começando a dar resultados, é algumas podas que a gente aprendia, na questão de citrus e café foi começando a fazer na propriedade também que começou a gerar resultados, então foi por aí que começou a mudança mesmo.” (Entrevista pessoal)

Participar da vida comunitária foi um exercício para reagir às dificuldades, aprendendo a conviver com elas, ou, como nos diria Restrepo, “*sentir com as tripas*” (1998, p 30), como relata o jovem inovador:

“...aquele produtor que esta isolado lá num canto ele não quer, sabe, tentar trabalhar em conjunto, então esse é um desafio grande que, que os alunos principalmente das primeiras turmas, assim, viam necessidade de tentar quebrar um pouco esse gelo né, essa barreira que tinha, principalmente na comunidade muito fechada né, para essa questão

mais social, né, de associação, questão mais cooperativista.”
(Entrevista pessoal)

Lentamente, o jovem começa a desenvolver a visão e, automaticamente, começa a questionar alguns paradigmas, como a permanência de determinados tratos culturais atrasados, preparo do solo de maneira antiquada e nociva a Gaia²². Existe, assim, no ímpeto do jovem, uma preocupação com o social e a comunidade, principalmente no sentido de “*desenvolver a questão mais social. Você começava a ver como a comunidade estava atrasada neste aspecto. Então o que a gente tentava era quebrar essa barreira*”. (Entrevista pessoal).

Mesmo diante das dificuldades apresentadas, percebemos a vontade, visão e o discurso em relação à mudança e às expectativas que começam a apontar sinais reais, vejamos: “*existe os blocos né, que tem pessoas que cooperam entre si, várias experiências nos países e aqui mesmo no Estado, você vê que a questão associativista e cooperativista ela tem bons frutos*”.

Mantém uma expectativa otimista, de acordo com suas palavras:

“Isso começa a mudar desde o momento que você sentar duas ou três pessoas, três quatro famílias, vão sentar aqui e vamos ver quais são os nosso problemas e vamos tentar solucionar, vamos procurar os nossos direitos... você tem que captar os pensamentos e as dificuldades que são comuns entre todos e tentar trabalhar essas, esses problemas. Não é da noite para o dia que você vai conseguir mudar, né? Mas você só não pode andar para trás”. (Entrevista pessoal)

Percebemos uma capacidade e necessidade da maleabilidade, não apenas na família do jovem, mas, também, na sua relação com a Comunidade e a Escola. Em seu depoimento, fica evidente que:

“... ainda há muitos problemas, muitos da região ainda lutam contra, mais isso vai acabar, isso daí não tem como durar eles... Vão começar a

²² Gaia – um dos nomes da Terra na mitologia grega. O cientista James Lovelock chamou a Terra de Gaia porque ela mostra reações e formas de equilíbrio, própria dos seres vivos. Ela seria um superorganismo vivo.

perceber que não adianta começar a lutar, a remar contra a maré. Eles vão acabar aderindo, de uma forma ou de outra, ou já aderem e não querem dar o braço a torcer, como tem alguns cursos na Escola Família que eles realizam lá, a maioria da comunidade está sempre presente...”
(Entrevista pessoal)

6.6 - Planejamento da propriedade e do negócio

A propriedade da família é planejada, porém, não é de maneira sistemática, não possuindo um amplo projeto à médio e à longo prazo. Vemos que existe um planejamento ainda incipiente. Pela declaração, notamos que o planejar é quase uma consequência e não uma prioridade:

“...quando se entra num sistema orgânico certificado você, mesmo não querendo, mas você é obrigado, assim, a se organizar melhor, né? Tem época de plantio, o que plantar, quanto plantar, a quantidade você tem que começar a contabilizar também, o que se gasta, o trabalho...”
(Entrevista pessoal)

Nas declarações do entrevistado, fica claro o desejo de evoluir nos estudos, como forma de melhorar ainda mais a situação financeira pessoal, familiar e comunitária. Vejamos:

“Não sei... Talvez estudar mais para a frente, sabe? Tentar se formar melhor, cada vez melhor. Tentar realizar alguma coisa dentro da propriedade também, que falta as vezes a questão financeira, né? Porque isso é problema hoje do pequeno, né? Não é pequeno, é do agricultor familiar ele hoje ainda está, e um maior problema pra ele tentar realizar alguma coisa é a falta de capital. É a falta disso. Mas eu creio que, buscando alternativa e tentando trabalhar em conjunto, muita coisa você consegue, porque se a gente aqui olhar para trás, se não tivesse formado um grupo dessas famílias que se uniram, com certeza a gente não teria. São Bento não seria nem conhecido” (Entrevista pessoal).

6.7 - Visão local e global

A família 1 tem uma grande visão, tanto no nível local, quanto no global, e tentou repassar esta visão para os filhos a fim de que obtivessem a formação que eles, no passado, não tiveram condições de adquirir, vejamos:

“... eles não tiveram a chance de ter um estudo mais avançado, só fizeram aquele básico mesmo, eles se viram na necessidade de então os filhos buscarem alguma coisa fora porque aquele pensamento que quem mora no interior não precisa de estudo isso já vinha sendo provado que não é bem assim, se você tiver formação no campo você, você pode se dar muito melhor do que se você não tiver, porque você tem que ter uma formação e trabalhar não só o trabalho braçal né, mas é organizar seu trabalho e ter ciência de que assim ter consciência que você vai trabalhar na propriedade.” (Entrevista pessoal)

Fatos como este são raros, pois, na região, ainda é alto o número de crianças que não freqüentam a escola após a 4ª série. Na maioria das vezes, por fatores culturais, étnicos ou pela carência de trabalhadores, os pais utilizam os filhos como mão de obra para a lavoura.

Outro passo considerado importante, foi a busca de certificação orgânica da propriedade. Segundo o entrevistado, no município, ainda é pequeno o número de pessoas que atingiram um grau de consciência em relação à produção mais saudável, respeitando à família e ao meio ambiente. Vejamos:

“... certificar a propriedade, no município, na comunidade, com certeza são poucas as famílias aqui que estão certificando aqui, no caso são seis famílias de produtores aqui que começaram o processo de certificação e a minha família é uma delas, com certeza foi a gente que puxou mais essa situação”. (Entrevista pessoal)

6.8 - Criatividade

Evidenciamos que a família desenvolveu um perfil criativo no dia-a-dia, mediante situação que ora se lhe impunha. Em vários momentos, ficou nítido que era necessário “driblar” as situações impostas, e, nesses momentos, percebemos que houve superação. Vejamos:

“Então principalmente quando a gente trabalha a questão de hortaliça já, por exemplo, empacotar alguma coisa, algum exemplo, a gente trabalha aí com couve, já levo couve picada porque já é uma um semi industrializado no caso, por que ele já vem pronto que o consumidor vai lá e pega vai só passar uma água, não vai ter trabalho. Ou o café, agora então, principalmente, a associação montou um maquinário pensando em realmente colocar qualidade no produto, no caso o café para agregar valor” (Entrevista pessoal).

Outro momento que a família precisou buscar saída, foi quando aderiu ao programa **“Peixe na mesa”**. Este programa, pensado por Prefeituras da região, tinha como objetivo estimular os agricultores da região na produção de peixe, sendo uma fonte alternativa de geração de renda. Quando o peixe atingisse o ponto de abate, seria encaminhado para uma filetadora e posteriormente para a rede de revenda. Os agricultores engordaram os peixes, e, no ponto da filetagem, as Prefeituras, envolvidas no processo, não chegaram ao consenso para a implantação da unidade de filetagem.

Assim, para os agricultores, sobraram para os peixes no ponto de abate em seus tanques. Vejamos a saída encontrada pela família:

“A nossa saída foi começar, por conta própria, a industrializar esse peixe, principalmente limpando, tirando o filé e colocando em bandeja de isopor com cobertura de PVC, num processo de limpeza. E começou a vender, principalmente, em feiras livres ou por encomendas aqui, com pessoas pedindo de fora, de visitas, ou vinham pescar. Eles sempre levavam alguma coisa, como na época da Páscoa mesmo quando a semana que o pessoal consome, mas o peixe a gente começou a vender o peixe filetado” (entrevista pessoal).

Nos capítulos referentes às quatro famílias de agricultores inovadores farei uma narração mais descritiva, deixando para realizar uma conclusão apenas no capítulo final.

CAPÍTULO 7 - A FAMÍLIA 2

Introdução

A segunda família, com a qual realizei a entrevista semi-estruturada e as observações, denomino-a família 2. Agendei a data da entrevista com quatro dias de antecedência, marcando-a para o fim do dia, por volta das dezesseis horas. Os agricultores gostam de aproveitar bem o dia, sem perder hora de trabalho, aproveitando a luz natural. No dia marcado, fui até sua propriedade, sendo recebido pela filha que cuidava da organização do espaço doméstico. Em conversa com ela, informou-me a localização dos pais. Fui até o local, com a pretensão de observar o trabalho do casal que plantava mandioca, matéria prima para a produção de brot e farinha, que utilizam para o comércio e também para subsistência.

Durante a entrevista, de modo geral, o agricultor 2 ficava muito pensativo, demorava bastante para responder as questões e falava pouquíssimo. Quando coloquei a questão: passado, presente e futuro ele ficou muito pensativo, colocou o dedo no bigode, passou a mão nos olhos, mexeu o boné na cabeça, fechou os olhos, e chamou a esposa para ajudar a elaborar as respostas.

Pouca coisa era dita, a conversa não avançava, pedi para ela falar do processo de produção do brot, porque eu já conhecia um vídeo exibido no Jornal do Campo²³ falando do trabalho da família. Pouca coisa avançou.

Seguindo a intuição, desliguei o gravador e comecei a conversar sem me preocupar com o registro das informações, pensando apenas numa pista para continuar a busca dos dados. O casal alegou que pessoas como eles não sabiam falar, que as perguntas eram difíceis e eles não sabiam responder. Comecei a perceber a resistência na comunicação, o que me deixou inquieto, tentando encontrar uma maneira de aprofundar os dados repassados na entrevista. Pensei em conversar com os filhos, observa-los mais profundamente, acompanhando o dia a dia da família.

A esposa retomou a palavra falando que o brot era receita da mãe dela, que havia herdado das gerações anteriores, uma tradição familiar, e que, para isso, não precisava de escola. A escola era só para ler, escrever e fazer contas. Disse, ainda, que:

“Eu era inteligente, era uma das melhores da turma, meus pais não deixaram continuar estudando, e também não tinha como, filha mulher não estudava, então esqueci tudo, hoje tenho arrependimento por não ter estudado”. (Entrevista pessoal)

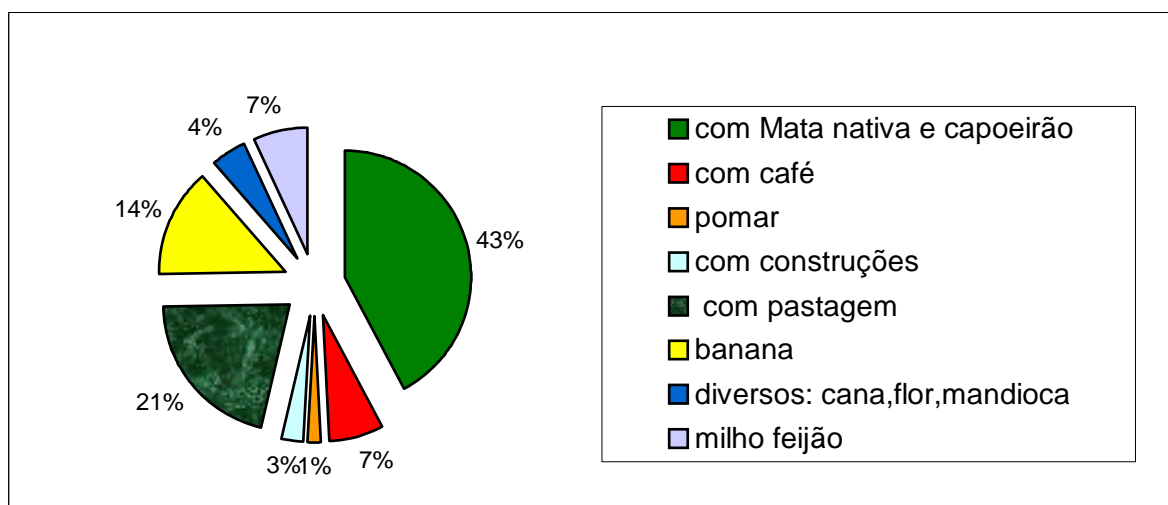
O entrevistado por sua vez também disse: “Eu era o melhor da sala, tinha sempre as melhores notas, eu era miserável de bom para fazer contas”.

Mediante essa situação, comecei a refletir como proceder para conhecê-los melhor. Foi aí que decidi procurar, para uma entrevista, o filho mais velho, hoje casado, morando e trabalhando separado da família; além do ex-professor primário do agricultor.

Antes de sair, eles me falaram que nos dias seguintes fabricariam açúcar mascavo, rapadura e melado. Combinei de voltar nesta data para realizar mais algumas observações do trabalho da família.

7.1 - Diversificação de atividades

A propriedade é bem diversificada. A família produz café, banana, feijão, milho, criação de porcos, galinha, gado, mandioca, frutas e outros produtos de menor importância. Alguns desses produtos são transformados pela família, conforme veremos na sequência do trabalho. Na propriedade, existe ainda, em fase inicial, um plantio de flores, uma pequena loja anexa a um bar que funciona nos “fins de semana” ou quando algum vizinho procura.



²³ Programa dominical local da TV Gazeta que foi ao ar no dia 25 de agosto de 2002.

7.2 - Produção e meio ambiente

Os produtos da família 2 são, praticamente, de origem orgânica. De acordo com o agricultor, “*depois que a propriedade passou a ser minha nunca teve uso de agrotóxicos*” (anotações do diário de observações), às vezes, vejo que ainda realiza queimada, porém, com frequência bastante inferior aos demais agricultores da região.

A produção do *brot*²⁴, o principal produto agro-artesanal da família 2, é produzido da seguinte maneira:

“ pega batata doce, inhame chinês, o cará, o fubá , o fermento, tem que relar o milho na pedra, tem que fazer isso tudo, faz a massa, deixa a massa crescer por uma hora, coloca no forno.. deixa assar mais uns quarenta minutos e a gente aí faz deixar esfriar, a gente tem que preparar tudo embalar, colocar o rótulo (geralmente realizada pela filha), selo e aí a gente vai entregar nos quilões e nas lojas na cidade”.
(Entrevista pessoal)

No momento, a família tem investido mais no *brot*, vem torrando, moendo e empacotando seu café, o fubá moído na pedra, fazendo melado, rapadura e açúcar mascavo, manteiga e nata dentro de produção orgânica, totalmente isenta de produtos químicos, sejam pesticidas, fungicidas ou herbicidas. Desde que a família optou por esse caminho, para aumentar a renda na propriedade, a procura tem aumentado cada vez mais. Em apenas 10 meses de atividade a produção do *brot* passou de 8 unidades, na primeira tentativa, para uma venda média de 120 unidades (média semanal), nas últimas semanas. A motivação e a animação da família cresceu tanto que foi necessária a fabricação de um segundo forno para assar o *brot*, pois, apenas um não era suficiente para a realização do trabalho.

7.3 - Participação familiar e comunitária

O dia de trabalho para a fabricação dos derivados da cana de açúcar começa às 5 horas da manhã. Enquanto o marido ordenha as vacas, a esposa prepara o espaço e os equipamentos a

serem utilizados. A cana é cortada na véspera e a lenha é providenciada com antecedência. Quando chego já encontro tudo preparado. Para a minha surpresa, encontro os pais da agricultora, participando do processo produtivo, pois a cana utilizada na produção era deles, sendo assim, o resultado final da produção, seria dividida ao meio.

A agricultora e seus pais, bastante idosos, passavam a cana no engenho semi-artesanal, que se encontrava desativado desde 1970 e foi reativado em 1995, para extrair a garapa. Aproximo-me para ouvir o que falam e não consigo entender, pois conversam o tempo todo em dialeto pomerano²⁵. Quando pergunto algo, alguém responde em português, mas, entre eles, voltam a falar o dialeto que preservaram.

Em relação à questão da língua, houve momentos traumáticos, como a proibição de seu uso pelos descendentes de alemães. Contudo, sempre encontravam uma forma de preservar este costume, fechando-se na sua cultura. Em relação à questão da língua, vejamos o que nos diz Weber citando Fiori:

“A rígida proibição do uso do idioma local, para o grupo, foi traumática do ponto de vista psicoemocional. Do ponto de vista político, deixou os imigrantes (e seus descendentes) ao sabor de denúncias as mais variadas, que eram encaminhadas à autoridade policial. Havia um tenso clima de delações e, embora em zona rural, onde todos se conheciam, as pessoas chegavam a se cruzar pelos caminhos sem se cumprimentarem. Era o medo – no presente caso, o medo gerado pelo fato de não dominar a língua portuguesa.” (Weber,1998, p 26)

Acompanho o trabalho da família, observo os ‘vovôs’ coando os sessenta litros da garapa para levar ao fogo. Agora, é a vez da neta mexer a calda quente por aproximadamente duas horas, acrescentando três quilos de mandioca ralada. Esta é uma etapa importante que requer muita atenção e observação, pois não existe tempo cronometrado. Só a observação e a experiência resolvem, pois o **ponto**²⁶ varia conforme a maturação e a variedade da cana, temperatura do dia, calor do fogo no forno que cozinha a calda e outras variantes que a família não sabe ou

²⁴ Pão utilizado na alimentação dos descendentes de alemães e pomeranos desde a chegada no Espírito Santo.

²⁵ O dialeto pomerano foi preservado pelos descendentes desta etnia até os dias atuais. Ainda hoje é falado por várias famílias nas comunidades do interior do município.

omite por ser segredo do negócio. Quando o caldo engrossa, coloca-se uma pequena porção de gengibre ralado para dar gosto mais picante na rapadura. Para saber se a calda está no ponto de ir para a forma, retira-se uma pequena fração e esfria para ver se endurece, ao mesmo tempo em que se diminui o calor do forno para não queimar a calda, porque não pode gerar borbulhas e agarrar no fundo do taxo. Quando é retirada do fogo, segundo o vovô, a melhor calda é a fosca, quando a calda fica muito brilhante não produz rapadura de boa qualidade.

Caso queira, pode-se variar o sabor final acrescentando mamão, coco, banana, amendoim todos juntos, ou um a um, ou ainda, variando entre alguns desses sabores. Aí depende do gosto de cada pessoa, mas, segundo a mãe, a preferência é pela mandioca, porque produz uma rapadura mais macia.

Procuro ouvir e conversar com a mãe que fabrica os produtos desde criança, conta-me que aprendeu com o vovô essa atividade comum da época. Desde 1920, aos 6 anos de idade já ajudava a família na fabricação desses produtos.

Como já disse anteriormente, a família fala pouco e assim observo o máximo possível. Vejo que da cana nada se perde. Seu bagaço, que teve a garapa extraída, e as pontas são levados para as vacas, servindo como ração.

O caldo chegou no ponto e é colocado nas forma, para esfriar. Agora, é só aguardar para cortar em pedaços. Essa tarefa final é da neta. Cabe a ela o serviço de pesar, empacotar e rotular. Enquanto realiza a atividade, converso na busca de maiores informações. Um tanto tímida, ruboriza toda vez que expressa quaisquer palavra ou expressão. Fala que a EFASBEC contribuiu muito na sua formação e que mesmo com dificuldades procurava motivar os pais a realizar um trabalho diferenciado das demais famílias da região. Conta que uma viagem de estudo na cidade vizinha, chamada Venda Nova do Imigrante, planejada pela EFASBEC para complementar as atividades propostas, foi de grande valia, porque ajudou a ampliar sua visão para as potencialidades de atividades ligadas à transformação dos produtos e exploração do agroturismo na propriedade familiar. Sendo pouco comunicativa, disse para eu procurar o irmão mais velho, que foi o primeiro a “...sugerir aos pais que podiam aproveitar a beleza e o potencial da propriedade para diversificar as atividades da família”.(depoimento pessoal)

²⁶ Grau de consistência que se dá ao açúcar em calda. O tempo exato em que o produto sai do fogo.

De acordo com o primogênito, algumas de suas idéias eram aceitas pelos pais, pois:

“... deixava eu bastante a vontade, eu conseguia assim fazia muita coisa, fazer o que eu quisesse fazer eles deixavam eu fazer, idéias novas que eu aprendia na escola, nos livros ou outros cursos, isso eu tinha bastante liberdade na família e conseguia me por bastante.” (Entrevista pessoal)

7.4 - Aquisição de conhecimentos e experiências formativas

Estarei aqui falando do conhecimento, não apenas do agricultor, mas da família. Estou ciente dos riscos que corro, mas sei que para as minhas pretensões não poderia ser diferente. A dificuldade no expressar dos pais me incomodava. Neste sentido, a contribuição do filho mais velho foi de grande valia, assim como as informações do professor primário do entrevistado. Procurei o professor no intuito de responder a pergunta que me intrigava, como podia ser tão sintético nas expressões, uma pessoa que diz: *“eu era miserável de bom para fazer contas”*?

Segundo o ex-professor, o agricultor 2 *“Era perfeito, todas, em todas as divisões, multiplicações, problemas, absolutamente em todas elas, todas as operações que tinha para fazer ele era bom”*(Depoimento do ex-professor). Mas, ao mesmo tempo, construía-se um paradoxo incrível, porque assim era o entrevistado na época escolar, *“Tímido que eu digo ..medo de ser punido, até se colega dele fizesse qualquer coisa ele chorava, ficava avexado, procurava todo meio de não.. dar alarme na sala de aula.”*

Assim compreendi um pouco “o silêncio” do pai, dito pelo filho, e procurei utilizar mais informações do filho, através de observações.

Para o filho mais velho a EFASBEC foi muito importante no seu processo formativo, na aquisição de conhecimento e desenvolvimento da visão do trabalho na agricultura dentro de uma visão empresarial:

“Olha: de zero a dez, a escola acho que na minha vida melhorou dez. Porque antes eu não tinha visão, eu vivia o meu dia-a-dia, e hoje eu consigo ter uma visão melhor em relação ao trabalho, mesmo na roça né? No caso, eu vejo que hoje a roça não é só... hoje você tem que ter uma formação, você tem que manusear a sua propriedade como uma empresa”. (Entrevista pessoal)

De acordo com o agricultor 2 a Escola Família teve papel importante na formação dos filhos, estimulando os pais a implantar as atuais atividades. Para iniciar o negócio *“A gente teve alguns pontos de partida...pensou...será que vai dar certo? A gente foi se informando, aproveitando as idéias que os filhos trouxeram da Escola Família e aí a gente começou a produzir.”* (Entrevista pessoal)

Não foi apenas a Pedagogia da Alternância que contribuiu na formação da família 2. Eles buscaram outros conhecimentos, conforme depoimento do agricultor:

“A gente pensou foi visitar famílias de outros município e começou a produzir...Eu achei muito interessante uma família lá de Venda Nova. Eles produzem de tudo lá e a gente pensou em fazer isso. E começar isso também, de uma forma diferente que a gente vinha usando nos anos anteriores.” (Entrevista pessoal)

Podemos dizer que o conhecimento tradicional também está presente nas atividades desenvolvidas pela família. O açúcar mascavo e a rapadura, feitos pela família, é repassado pelos pai, conforme nos conta o entrevistado:

“Desde que eu me lembro como gente. Há 45 anos, desde que eu me lembre na época a gente era pequeno, hoje eu estou com 45 anos. Mas há uns trinta anos, antes a gente não fazia. Depois que a gente ficou mais velho é que eles fizeram e a gente participou disso.” (Entrevista pessoal).

Em relação ao brot, também não é diferente. Perguntado sobre onde aprenderam a fabricar esse produto, se foi com pai ou mãe. Vemos a confirmação de que o conhecimento é tradicional: *“eu acho que... que vem desde os antepassados, os bem antigo: os bisavôs, fizeram isso antigamente, não fazia outra coisa, só aquilo... só fazia o brot mesmo”* (Entrevista pessoal).

7.5 - Adaptabilidade e reação às dificuldades

Assim como o entrevistado anterior, a família 2 também sofreu com a crise na avicultura. No início dos anos oitenta, tinha criação própria para corte e postura. Por volta de mil novecentos e oitenta e seis essa atividade já não era rentável para pequenos produtores, sendo assim, a família passou a arrendar as granjas para produtores maiores, conforme os moldes descritos no capítulo anterior. No ano 2000, o arrendatário parou a atividade e os galpões se encontram desativados até o presente momento. Hoje, a família compra o esterco necessário, sendo que tem galpões não utilizados. Para não ser totalmente ocioso, às vezes, utiliza para secar café e feijão, mas, na maioria das vezes, serve de depósito para fins variados. Para a família, foi um duro golpe, porque fica numa grande deficiência de esterco e matéria orgânica, tendo local para produzi-lo.

Uma das dificuldades enfrentada atualmente, é a questão financeira, geralmente o brasileiro e, principalmente, o agricultor, sempre reclama da situação financeira, e com entrevistado 2 não é diferente. Vejamos: *“se você produz muito pouco... você não consegue passar, tem que tomar muito cuidado com dificuldade financeira... que o gasto que a gente tem é alto e se tiver muito pouco você não consegue passar ... sobreviver”*.(Entrevista pessoal).

De acordo com o filho, ir apontando para a família que algumas mudanças se faziam necessárias, era um exercício a ser feito, mas, não podia ser imposto. Tinha que ser colocado com muita paciência, para que a família assimilasse de forma lenta e gradual. Vejamos o que ele nos diz, *“eu podia ir conhecendo algumas coisas, aprendendo novas técnicas e tal e eu tentava colocar isso para a minha família, alguma coisa eu conseguia, o que plantar na nossa propriedade”*. (Entrevista pessoal).

Conforme o filho, a convivência com a família e a comunidade não era fácil. Sempre havia necessidade de negociação e, às vezes, não era possível “quebrar o gelo”, e as barreiras existentes eram sempre conflitantes.

“A nossa realidade, da nossa família e da nossa comunidade em geral, os pais conversam muito pouco com os filhos. Eu acho e aí muitas vezes deixa muito a desejar. No meu caso o que eu aprendi assim em outras coisas, eu aprendi na rua não, foi na escola, com meus colegas, outros pessoais. Com os pais a gente nunca tinha uma conversa íntima, nunca conversavam sobre questão de regras, o que pode o que não pode, o que você deve, o que você não deve... essa conversa nunca existiu”.
(entrevista pessoal).

7.6 - Planejamento da propriedade e do negócio

Os produtos da família são comercializados na cidade e também numa pequena “lojinha” adaptada em uma das construções existentes na propriedade. Para chegar nesse ponto, é necessário planejamento.

Quando questionado sobre o item planejamento, a resposta dada foi que, “*a gente organiza de trabalhar junto à família, a esposa e os filhos e a gente planta o milho... tem tudo para a gente conseguir produzir isso, fazer tudo manual na roça*” Continuo insistindo, e ele, novamente, fala, “*o trabalho da família é a gente praticamente faz tudo junto*”.

Insisto na questão, o máximo que ouço é “*Junto é assim, vamos dizer: eu trabalho, a esposa trabalha, os filhos tudo mundo faz o **brot** principalmente o brot a gente faz tudo junto, a gente faz junto a esposa e os filhos .*” (Entrevista pessoal).

Começo a acreditar em algumas opções, tais como: não existe um planejamento familiar, não consegue entender o termo planejamento ou não quer falar sobre o termo. Faço, então, a pergunta para o filho primogênito, que diz :

“a gente planejava mais ou menos dentro de casa, vamos dizer assim, eu particularmente eu tomava mais conta da propriedade, meu pai já

olhava mais os negócios financeiros, minha mãe ajudava mais meu pai nesse lado e era mais ou menos assim, mais assim, não existia assim um planejamento rígido... as vezes chegava de manhã cedo, a gente sempre tomava café de manhã juntos e aí falava, o que vamos fazer hoje, o que vamos fazer amanhã, mais assim de sentar e planejar, isso não”.
(entrevista pessoal).

Em uma parte do depoimento, o agricultor começa a dar algumas dicas de que faz um pouco de custo de produção. O que, ao nosso entender, é extremamente positivo, porque a maioria dos agricultores não realiza este tipo de controle, e, no final, nunca sabem os resultados alcançados. Vejamos sua fala: “ *A gente vai anotando tudo que gasta por mês e o que vende por mês é tudo anotado. É combustível, energia, tudo o mantimento pra dentro de casa pra sobreviver , tudo é anotado o que vende também é anotado*” (entrevista pessoal).

7.7 - Visão local e global

Para o filho mais velho, os pais foram inovadores e pessoas de visão ao estimular e deixar os filhos estudarem, ao mesmo tempo, tiveram coragem de começar a comercializar produtos tão tradicionais que na região ninguém fazia. Assim nos fala da família:

“ o que eu considero que ela inovou, em primeiro foi deixar os filhos estudar, que é pouco aqui os que deixam aqui na nossa realidade, em segundo que ela teve coragem de expor o seu produto que ela no caso fazia para se manter e começou a comercializar, né? Eu acho que isso aí é um grande passo para as famílias da nossa realidade” (entrevista pessoal).

Para o agricultor 2, a labuta na roça quando pequeno era difícil e limitada, vejamos:

“O passado, quando a gente era pequeno, novo, trabalhava com o pai e mãe... Só plantava só para o gasto. Café só para vender. Não tinha carro, nada disso. Não tinha energia na roça, era energia própria.

Então isso foi se plantando milho e feijão só pro... gasto ..pra comer, só vendia somente o café”.(entrevista pessoal)

Assim, nada melhor que motivar os filhos a estudar. A partir do momento que o filho começa a estudar, passa a ter um novo olhar, sugerindo novas alternativas e opções de renda para a família. De acordo com o filho, havia a necessidade de buscar uma saída, e a transformação dos produtos da propriedade era uma boa opção:

“ Aí, foi questão de saída, né? Porque o povo do interior, da roça no caso, ele tem que procurar uma outra alternativa. Porque não adianta, não pode ficar parado no tempo, porque o tempo ta evoluindo muito rápido, e aí se achou nisso uma forma de saída financeira, de repente que o município da gente é um município muito turístico e tal e então fazendo, industrializando no caso, embalando esses produtos a gente conseguia vender e conseguir uma renda melhor para a família”.
(entrevista pessoal)

Para o filho, o potencial da propriedade da família é ideal para a exploração do agroturismo, motivando os pais a utilizá-la para essa finalidade:

Na verdade assim na minha família eu fui tendo umas idéias de fazer o agroturismo né, no caso igual tem bastante matas, tem rio, tem muitos lugares bonitos, orquídeas e bromélias essas coisas, então fazer umas trilhas, para trazer o pessoal da cidade para conhecer, para caminhar, e aí a gente estar servindo o produto que a família tem, no caso o brot, o kässchmier (tipo de queijo), essas coisas, estar oferecendo essas coisas pro pessoal ; uma área de camping, de repente fazer uma pousada, umas casinhas típicas feitas de estuque²⁷.”(entrevista pessoal)

²⁷ Técnica antiga que consistia em construir as paredes das casas com barro. Em primeiro momento fazia-se os moldes das paredes com varas e cipós e em seguida promovia mutirões para preencher as paredes com barro.

7.8 - Criatividade

No meu entender, não houve no caso da família 2 um grande desenvolvimento da criatividade. Sabiamente, houve um processo de apropriação e utilização do conhecimento tradicional e científico, adequando-o ao dia a dia.

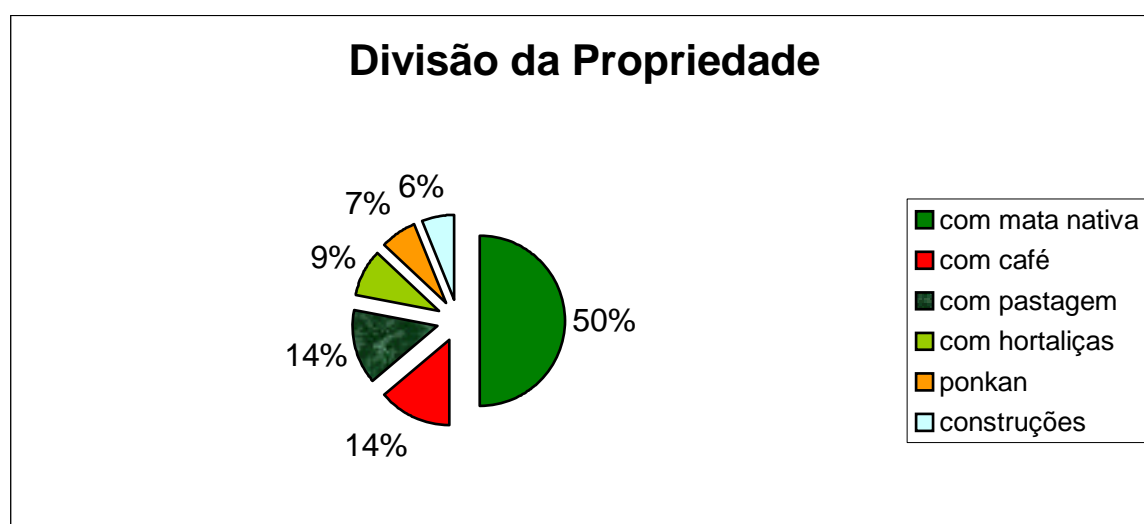
CAPÍTULO 8 - A FAMÍLIA 3

Introdução

A recepção na residência da família 3 é extremamente cordial. Digna de quem se preparou em receber pessoas e procura melhorar cada vez mais. Os membros desta família são sempre sorridentes ao receber os visitantes, sejam hóspedes, clientes ou outro tipo de pessoa. Passemos a descrição da família 3.

8.1 - Diversificação de atividades

A propriedade tem uma área de 35 ha sendo:



A propriedade é bastante diversificada com boa safra de café, hortaliça, citricultura (Ponkã) — com uma boa colheita no ano —, pastagem para aluguel, laranja e atualmente a opção pelo agroturismo, que também tem gerado uma renda satisfatória. No momento, a família começa a investir em mais em apartamentos.

8.2 - Produção e meio ambiente

A família 3 iniciou a atividade na avicultura de corte em 1990 e também sentiu a crise com a desativação das granjas em fevereiro de 2003. Mas, no seu caso, houve um aspecto positivo conforme descreverei posteriormente.

No caso dessa família, eles já iniciaram a atividade diretamente com o arrendamento, nos mesmos moldes já descrito no capítulo relacionado à Família 1. A diferença é que os galpões foram construídos especificamente para a atividade de aluguel, enquanto os demais utilizavam granjas que haviam sido construídas para uso próprio. Por trabalhar com horticultura, precisavam de grande quantidade de esterco de granja para adubação do solo fraco.

As granjas acomodavam dez mil frangos, que geravam cerca de trinta e cinco toneladas de esterco a cada cinquenta e cinco dias, que é o período médio de permanência dos frangos. Hoje, a família já sente a falta do material da granja, para as suas atividades na lavoura, tendo que adquirir o produto. Por um lado, o agricultor considera ruim a desativação das granjas, mas por outro, afirma que foi bom, porque as construções eram muito próximas da Pousada e isso, às vezes, incomodava os clientes que descansavam. As granjas prejudicavam a pousada porque, muitas vezes, os trabalhadores, no meio da noite, faziam o carregamento e barulho em demasia, além do cheiro forte, que produz um odor desagradável em determinados momentos.

Quando a conversa é meio ambiente, ele faz questão de frisar que tem conhecimento de causa e preocupação, pensando, não apenas, em si mesmo, mas nos demais. Vejamos:

“Eu tenho uma certa preocupação sim, no meio ambiente já isso ai já é não agora, desde o tempo de pousada, mais eu já sempre preservei essa parte de mata, de nascente, é agrotóxico eu sempre evitei de usar, só se não tivesse outro meio a gente usaria, é , e a questão de de fossa, a gente também sempre se preocupou com essa parte, a gente tem fossa, e água a gente não quer poluir a água né, sendo que a nascente é da nossa propriedade mesmo”.(entrevista pessoal).

Quando questionado sobre o tema, afirma categoricamente que:

“Eu já... no colégio eu já aprendi essa parte né e você vê que televisão você vê .. tantos rios poluídos, você chega a uma conclusão que se você não fazer a sua parte, como é que os outros irão fazer, né, por você”.(entrevista pessoal).

8.3 - Participação familiar e comunitária

Apesar da recepção de hóspedes ser recente, já tem uma boa regularidade. Nos fins de semana normais, recebe poucos clientes, mas, nos fins de semana com feriados prolongados, a procura aumenta bastante. Já houve momentos, como no Festival Internacional de Inverno, que as instalações foram insuficientes e algumas pessoas não puderam ser atendidas.

O trabalho na Pousada é praticamente familiar, quando o número de reservas aumenta é contratada uma pessoa para ajudar na cozinha, conforme a declaração do agricultor:

“Os filhos vão para o colégio até o meio dia. A tarde se tem alguma tarefa para eles fazer, eles ajudam, a filha de 14 anos fica na parte de arrumar os quartos, ela sabe que essas são as obrigações...e a parte de recepção se ou a esposa não tamo pra atender é filho de 13 anos que faz... Eu por exemplo, à noite a esposa fica mais na parte de comida e de se preocupar com os alimentos embora ela tenha alguém perto, ajuda mais mesmo assim ela continua nessa parte de organizar a parte da refeição, aí a noite eu fico, ela deita mais cedo e eu fico com os hóspedes e de manhã eu também fico na obrigação de expor o café da manhã na mesa embora a esposa fica descansando até mais tarde que depois ela vai cuidar da cozinha...” (entrevista pessoal).

Um aspecto interessante a ser comentado é que os filhos, mesmo que em pequeno grau, participam com idéias e sugestões nas atividades da pousada, demonstrando interesse no negócio da família, vejamos:

“ eles sempre tem idéias né, questão da de arrumar os quartos sempre a filha tem umas idéias diferentes, a esposa sempre tem ... assim elas duas se conversam para ver se ta bom né a parte de arrumação dos quartos e o filho de vez em quando ele fala, papai você tem de fazer assim, uma coisa diferente, esses dia por exemplo ele falou, sugeriu por que não fazer um ..um uma passarela em cima da represa, ele chegou e me falou... ele viu na propriedade do vizinho”. (entrevista pessoal).

8.4 - Aquisição de conhecimentos e experiências formativas

Antes de iniciar o negócio, “*Eu fui me preparando... aí um pouquinho antes de começar a funcionar mesmo eu fiz um curso pelo SEBRAE,*” para fazer o trabalho na pousada.

Para ele, a transformação das casas antigas, não foi difícil, depois de sugestões de parentes e da secretaria de Turismo, a idéia foi amadurecida. No começo, houve dúvidas, e, segundo o agricultor:

“É porque eles...disseram que para mim assim que as pessoas que moram na cidade grande, eles precisariam de um ambiente assim da roça como tinha aqui e eu nem sabia disso, que as pessoas precisariam de por a gente morar na roça a gente achava que isso aqui era assim humilde para eles, mas não a gente sentiu que realmente eles tinham essa importância de ter um espaço desse...” (entrevista pessoal).

As instalações utilizadas para hospedagem são parte das construções feitas a partir de 1950. Foram adaptadas e ampliadas, levando em consideração “*conhecimento adquirido*” no curso do SEBRAE, tal como:

“Esteja preparado para atender um público familiar. Por esta razão, é recomendável a utilização de unidades conjugadas com camas de casal e até 2 camas de solteiro, com banheiros individuais. Desta maneira pode-se acomodar 1 casal com filhos em uma única unidade” (SEBRAE, sd., volume 2, p 14)

Vimos que essa orientação foi bem absorvida, pois as instalações originais foram adaptadas, com acréscimo de banheiros, sem alteração significativa das características iniciais. Em relação às ampliações, observamos que as sugestões do curso também foram bem aceitas. Anteriormente, as construções e estrutura disponíveis para o negócio estavam limitadas a:

“A estrutura para apoio turístico, é formada pelas 03 (três) residências transformadas em pousadas, lago para pesca, campo de futebol de areia, trilhas para caminhada na Mata Atlântica e nas áreas de cultivo agrícola da propriedade, piscina, campo de bocha, passeio nas instalações de produção de frango de corte e passeios a cavalo.” (Pin, 2002, p 03)

Na ampliação da estrutura existente, levou em consideração as sugestões do curso, acrescentando um restaurante, sauna, parquinho de diversões, uma nova casa com três suítes e toda a ornamentação do entorno, em um processo de auto-conhecimento. Vejamos:

“ele só falou assim, de acordo que você abriu a sua propriedade a pessoas te visitarem, você vai automaticamente...vendo as necessidades, ninguém vai precisar falar para você o que você vai ter que fazer, você que vai vendo o que precisa ser feito, ..que vai atender as suas necessidades”. (entrevista pessoal).

A esposa, em parte de seu depoimento, também percebeu a “opção” dos filhos pela pousada em detrimento da feira. Vejamos:

“eles já não gostavam muito de ir para a feira, porque depois que começou aqui eles preferiam que meu marido fosse para a feira e eles ficavam comigo, fazia feira né, e eles gostavam, depois , quando tinha essa participação aqui ..aí eles diziam ..pai você pode ir pra feira que eu vou ajudar a mamãe ..aqui eu do conta, tanto ele como a filha, e atendia bem, ele que vai atende os hóspedes as pessoas”. (entrevista pessoal).

8.5 - Observando o trabalho da família 3

Objetivando conhecer o público alvo da Pousada e o relacionamento da família com seus hóspedes, marquei, previamente, o início das observações para o dia 16 de novembro. Esta

data coincidia com o feriado da Proclamação da República. Neste mesmo fim de semana acontecia o VITAL²⁸. Na Pousada havia oito casais de hóspedes, sete, eram jovens estudantes e apenas um casal de empresários. Desses casais, sete, permaneceram na Pousada e o casal de empresários apenas pernoitou, saindo logo após o café da manhã.

Aliás, na mesa do café da manhã, existia muita fartura, o que nos leva a entender que o proprietário “*aproveitou os ensinamentos do curso*” que orientava para a utilização de produtos caseiros e artesanais da região e da culinária alemã (SEBRAE, s.d., volume 2, p. 16). Tinha café, chá, sucos, manteiga, biscoito, pão, brot, sukar kuchen, três variedades de bolo, kässchmier, geléia de jabuticaba, compotas, mel e banana produzidas na propriedade, além de melancia, mamão e maçã comprados no comércio. Sendo o horário do café é bastante extenso, os hóspedes foram levantando aos poucos e aproveitei para conversar com alguns, sendo o mais breve possível para não incomodar.

Procuro observar o desempenho do proprietário no dia a dia. É cordial, atento e solícito com os hóspedes. Está sempre procurando satisfazer os pedidos, ou encaminha-os para os filhos, quando é o caso. Quando alguém quer pescar, lá vem ele com as varas e iscas. Se chega um carro está pronto para recepcionar. Se a piscina tem umas folhas, lá está ele para limpar. Atende, resolve e procura deixar as pessoas à vontade. Se for o caso, a boa conversa vai longe, procurando conquistar os clientes, demonstrando preocupação e esmero, passando “*uma imagem encantadora para os visitantes*”.(SEBRAE, s.d., volume 2, p. 60).

Sua esposa prepara o almoço com a ajuda de duas pessoas. Observo a chegada da mãe do proprietário, uma senhora de 81 anos, moradora no local há 54 anos, desde seu casamento. Seu marido já se foi há vinte e três anos, quando o entrevistado estava com 16, e “*abandonou*” os estudos para ajudar a mãe na roça.

“Vovó”, como é chamada carinhosamente por todos, aos 81 anos, é lição de vida para muitos jovens. Descasca jiló, corta quiabo, descasca e corta aipim, corrige as panelas no fogão à lenha e outras pequenas tarefas. É de uma serenidade quase inabalável. Somente duas coisas a deixam preocupada: a possibilidade de aparecimento de bandidos no futuro que ameaçaria a sua tranqüilidade e o risco do filho contrair dívidas que não tenha condições de pagar, correndo o risco de perder as terras da família.

²⁸ – Carnaval fora de época realizado na Capital do Espírito Santo.

Ouvir “Vovó” é um misto de emoção e alegria. A emoção nos toca fundo quando fala dos momentos tristes, como a perda do filho primogênito em um acidente em Colatina-ES, ainda menor de idade trabalhando como estagiário em uma firma de terraplanagem. Ou, do momento, que ficou viúva há 26 anos, e que o filho, aos 16 anos, parou de estudar e começou a ajudar nos trabalhos de casa. Porém, estas agruras moldaram a personalidade de mulher batalhadora, preocupada com o futuro, que confia no potencial do filho que, segundo ela, sabe proteger o patrimônio familiar e *“não faz dívidas além do que pode pagar. O filho só aumenta o negócio conforme vai progredindo.”*(registro do diário pessoal de observações).

O almoço variado tem, na sua maioria, pratos de origem da propriedade. O preparo dos pratos começa no dia anterior, quando tempera as carnes de porco e frango a serem assados no forno. Acompanha ainda o arroz e macarrão que são comprados. Para completar o cardápio tem feijão com carne seca e lingüiça, ovo caipira, quiabo, jiló, polenta, aipim, alface, tomate e repolho. Percebemos que, também no cardápio do almoço, existe uma contribuição do *“conhecimento acumulado”* no curso, vejamos:

Um dos grandes atrativos do turismo rural é a qualidade da comida, preparada de uma forma caseira e com alimentos produzidos pela própria comunidade. (SEBRAE, sd., volume 2, p 31).

Assim que ajuda a colocar a mesa, o proprietário convida os hóspedes, tocando um pequeno sino e recepcionando um a um. Com desenvoltura, circula pelas mesas rústicas, recolhendo os vasilhames, procurando saber da satisfação e se ainda falta algo para servir. Percebo que na simplicidade dos gestos procura agradar sem incomodar, sempre deixando os hóspedes muito à vontade.

Observo que, na ausência de um balcão quente, de vez em quando as carnes são levadas ao fogão para serem aquecidas, conforme os hóspedes vão se servindo. Neste dia que estive na Pousada , dois grupos somando doze pessoas procuraram almoço, mesmo sem ter feito reserva, já que a alimentação é preparada em função do número de hóspedes. Com educação, procurando conquistar a simpatia, negociou com eles para que aguardassem um pouco. Foi até a cozinha, orientou a esposa no preparo de uma maior quantidade de alimentos, pois havia público que não era cliente da pousada, mas que, segundo orientações do curso, por ele freqüentado, um **“não”** aos turistas *deve ser acompanhado de devidas razões.* (SEBRAE, sd., volume 2, p 58).

Após esse episódio, indaguei sobre o ocorrido e ele falou que casos assim são freqüentes, apesar do restaurante ser em função exclusiva dos hóspedes ele “*estuda*” a possibilidade de abrir o espaço para não hóspedes. Enquanto isso, aguarda um pouco mais, pois “*é sempre um risco preparar alimento sem ter certeza de clientela.*”

O restaurante bastante arejado e cozinha com direito a fogão à lenha, seguindo o estilo das demais instalações da Pousada, foi projetado, construído e decorado por ele próprio, pagando mão-de-obra auxiliar em algumas partes. Esse trabalho demonstra a criatividade e visão de aproveitamento de recursos existentes na propriedade, principalmente, o uso de madeira, no caso, eucalipto, que é a base principal dessa construção.

Anexo ao restaurante, com entrada lateral, foram construídos os sanitários com material simples, mas, amplos, confortáveis e bem higienizados.

Vimos que ao construir este *novo setor*, necessário à ampliação do empreendimento, novamente demonstrou capacidade de observação e síntese dos conhecimentos assimilados, pois, utilizou “*um canto*” pouco útil para outros fins, proporcionando uma bela visão da paisagem (SEBRAE, s.d., volume 2, p. 15) para aqueles que desejam se deliciar com o verde e demais componentes da paisagem rural.

A decoração é feita com mesas e bancos rústicos, também produção própria, em eucalipto (SEBRAE, s.d., volume 2, p. 22). Nas paredes, murais de esteiras, exibem fotos antigas em preto e branco da construção principal feita em 1950. Na cristaleira antiga encontramos pratos, copos, xícaras e pequenos utensílios; nas estantes encontramos objetos antigos, como: grupião, serra, panela de ferro, plaina manual, engomador (ferro de passar à brasa), moedor de pó de café, entre outros.

Vemos também o capricho nos detalhes ao procurar tornar belo o restaurante e entornos, utilizando ninhos de pássaros, bebedouros para beija-flores, frutas para pássaros, flores plantadas em um velho pilão, troncos antigos reaproveitados como detalhes; promovendo um toque todo especial para olhos mais sensíveis, conforme capacidade de observação e composição dos elementos disponíveis na propriedade. Comparemos com a sugestão do já referido curso:

“Embelezamento dos arredores, incluindo os piquetes, os cursos de estradas secundárias, a beira dos lagos, rios e córregos, são elementos

estéticos que fascinam os turistas. Esta é exatamente a maior singularidade do turismo rural, encantar pela beleza da paisagem que se molda lentamente, adaptando-se à simplicidade das pessoas do campo” (SEBRAE, sd., volume 2, p 23).

Nas proximidades da área utilizada como Pousada e na chegada, as flores e plantas se destacam compondo o cenário, com direito a portal. Cito, brevemente, bromélias, orquídeas, hortênsias e antúrios, pois é impossível nomear todas as espécies.

Ao lado do restaurante, um pequeno “*parquinho de diversão*” com escorregador e balanços para crianças, tudo feito em materiais da propriedade e alguns reciclados, como pneus velhos.

Distante 700 metros da sede da Pousada , mas fazendo parte da propriedade e compondo o cenário, temos uma belíssima vista das montanhas capixabas e parte da Grande Vitória. Neste ponto, projeta-se a construção de um mirante.

8.6 - Adaptabilidade e reação às dificuldades

Em relação à questão familiar, não existem grandes conflitos aparentes que gerassem atritos. Aqui, aparentemente, o poder decisório não é tão centralizado no ‘patriarca’. Uma situação onde percebemos que houve necessidade de flexibilidade foi na implantação do telefone. O agricultor e proprietário da pousada começou a organizar os moradores para a implantação de telefone na localidade. No começo, o número era bem expressivo e caiu no momento de distribuir os custos de implantação, ou seja:

“... a primeira reunião que a gente teve tinha até vinte e dois participantes. Todos eles disseram que ia botar o telefone, aí quando chegou, quando veio a, os valores aí caiu para cinco, aí a gente conseguiu dividir então esse valores em cinco moradores”. (entrevista pessoal).

8.7 - Planejamento da propriedade e do negócio

A Família 3 se preocupa mais com a Pousada . O café está entregue para meeiro²⁹, e a horta é trabalhada com empregado. As Ponkãn são cuidadas pela família, porém o trabalho atualmente é pouco e realizado pelo empregado que também cuida da horta. Geralmente é feita uma colheita única no ano, no período de maturação das frutas.

A pousada começou a ser planejada a partir de sugestões de parentes e outras pessoas que vinham passear na propriedade e comentavam que poderia tornar-se um bom negócio. Vejamos:

“É por a gente ter parente no Rio de Janeiro eles vinham em grandes quantidades eles preferiam vim assim no carnaval e passar aquele período do carnaval, se instalavam juntos com a gente na propriedade e como a gente tinha a casa parada eles achavam que devia de fazer alguma coisa...e até a própria Secretaria de Turismo descobriu que a gente tinha essa casa, e acabou incentivando mais ainda”. (entrevista pessoal).

Em relação ao planejamento familiar do negócio, diz:

“ Eu e minha esposa senta e conversa, fala assim nós já tivemos uma renda, e ta funcionando e a gente vai investir esse dinheiro em construção, porque se a gente ficar só no que tem a gente não vai ter mais retorno, não...” (Entrevista pessoal)

8.8 - Visão local e global

A maioria dos agricultores tem receio em contrair dívidas com o sistema de crédito. Afinal, as taxas de juros são muito altas, amedrontando os moradores do meio rural. Nos últimos anos, o governo criou o PRONAF³⁰, que ainda tem ressalvas junto aos agricultores familiares. Nosso entrevistado é muito reticente quando se fala em investimento ou linha de crédito. Para ele,

²⁹ Sistema de produção onde o proprietário e trabalhador dividem de forma igual o resultado da colheita.

³⁰ Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar

ampliar o negócio deve ser feito aproveitando os espaços e a partir de recursos próprios, conforme a atividade vai gerando lucro, ou seja:

“ Deu certo ta funcionando vamos construir mais, vamos fazer um aproveitamento e tentar sempre assim aproveitar os espaços que você pode, é assim, um espaço que esteja é não aproveitado, né vamos aproveitar o espaço em alguma coisa..” (entrevista pessoal).

Entrar nesse ramo de negócio significa ficar antenado com os fatos que ocorrem no País, no mundo, na comunidade local e em todos os outros lugares. É preciso estar ligados nos fatos que ocorrem diariamente. No começo, ele dispunha de um celular, que não servia para as suas necessidades, começou a organizar os moradores para conseguir a linha telefônica e beneficiar a sua família e os vizinhos, *“Era necessidade porque a gente tinha um aparelho de celular e ele não atendia nós né, as vezes atendia quando você precisava não te atendia, aí a gente resolveu investir num convencional”*. (entrevista pessoal).

Outro momento em que podemos dizer que teve visão de negócio, foi quando decidiu ampliar a infra-estrutura construindo o Restaurante, porque no começo *“a gente só ia fazer o café da manhã”*, mas começaram a aparecer clientes que queriam almoço e janta, então decidiram construir.

Concluindo esse item podemos dizer que eles reconhecem que o baixo nível de escolaridade é um fator limitante na atividade que desenvolvem: *“eu sinto assim, que se tivesse tido mais estudo, eu é...com certeza eu me é , eu...conseguiria avançar mais as coisas para o futuro”*, mas, este fator, não é um empecilho, no caso *“a gente só tem até a 4ª série”*, mas os filhos estão na escola, tem computador para diversas atividades, inclusive ligado à Internet.

8.9 - Criatividade e propaganda da pousada

Falando de criatividade, considero um dos pontos fortes do trabalho da família 3. Vimos que eles procuram aproveitar o máximo possível dos recursos existentes na propriedade e no local. Começando pelas frutas que, *“a parte da laranja a gente fez doce e geléia, a gente fez*

aproveitou bastante, banana a gente também aproveitou, mamão sempre tem e biscoito caseiro que a gente faz”. (entrevista pessoal).

Nas construções, utiliza mão de obra local e própria, além da madeira que é, praticamente, toda tirada da propriedade, além de peças já utilizadas que são reaproveitadas, vejamos:

“A questão da madeira, eucalipto que eu tinha na propriedade eu aproveitei todinha a madeira de eucalipto, isso ai me ajudou muito na construção e a parte de telha que são telhas usadas, que eu comprei num preço bom, também me ajudou muito, na economia da construção, e eu tinha, tinha parte de janela e porta eu ainda tinha também de construções velhas também” . (entrevista pessoal).

As principais ferramentas de divulgação do empreendimento são: um folder de 10x15 utilizando frente e verso, placas indicativas, citação no folder municipal, página da PMDM³¹ na internet, e os próprios hóspedes.

Uma coisa que sempre despertou minha curiosidade foi o tipo de comunicação visual, escolhida para fazer a propaganda da Pousada. Aproveitei a oportunidade para saber junto às pessoas presentes, como ficaram sabendo do empreendimento. Algumas despertaram fatos interessantes, descritos a seguir.

A maioria dos jovens presentes estavam fugindo do Vital, vieram por indicação de amigos que já haviam hospedado-se no Festival Internacional de Inverno; alguns ficaram sabendo através da Internet. Dos jovens presentes, a pedagoga e estudante de Recursos Humanos ficou impressionada com a desenvoltura e capacidade de gerenciamento das atividades da propriedade e da Pousada, apesar do baixo grau de escolaridade formal do proprietário. Nesse sentido, a expressão usada por Caniato pode ser aplicada para entender, em parte, o desprendimento do empreendedor ao fugir da padronização descrita pelo referido autor:

³¹ Prefeitura Municipal de Domingos Martins .

“Não é à toa que se diz da escola (ou “ex-cola”?): um lugar onde as cabecinhas entram “redondinhas”, e saem quase todas “quadradinhas”
(Caniato, 1992, p 36)

Ainda em relação à baixa escolaridade formal, percebemos que essa “limitação”, imposta pelas “armadilhas da vida”, não é empecilho no desenvolvimento das atividades realizadas pelo agricultor e sua família. Um exemplo que despertou minha curiosidade, e por coincidência a observação da filha pequena, foram as placas indicativas com características próprias. Ao ver uma das placas, *“não desista vá até o fin”*, a menina de 10 anos, 4ª série, comentou com a mãe: *“Mãe, quem fez essa placa não estudou muito, a palavra **fin** está com **n**”*.

Seguindo orientações do curso, o agricultor desenvolveu um estilo próprio na fabricação das placas indicativas, *“que fosse umas placas não poluentes ao ambiente”*, aproveitando casqueiros das madeiras utilizadas nas construções, *“uma coisa bem simples pra só mesmo pra sinalizar”*; procura colocá-las em pontos estratégicos, evitando a *“poluição visual”*, indicando a distância correta até a pousada.

A criatividade e movimentação fazem parte do dia a dia da família 3. Durante a semana, exercita a parte criativa, que coexiste no íntimo, promovendo ampliações, reformas, plantio de flores, cuidados com as lavouras, fabricação de móveis rústicos. Está sempre realizando algo. Como diz De Masi, inova e cria:

“Os burocratas têm medo da inovação, os criativos têm medo do imobilismo. As duas posições serão cada vez mais inconciliáveis. Mas vencerão os criativos, porque a sociedade pós-industrial se alimenta de invenções, não tem outra saída, premia a iniciativa e joga para fora do mercado o imobilismo.”(De Masi, 2000, p 268)

Acompanhando o dia a dia familiar, em seus muitos afazeres, no intuito de tornar seu espaço o mais agradável possível, notamos uma forte vontade no prazer de trabalhar, criar e servir. Esta tríade nos remete a sabedoria Zen³², segundo De Masi:

“Quem é mestre na arte de viver faz pouca distinção entre o seu trabalho e o seu tempo vago, entre a sua mente e o seu corpo, entre a

³² ramo da filosofia Budista

sua formação e a recreação, entre o seu amor e a sua religião. Tem dificuldade em diferenciar uma coisa de outra. Almeja, simplesmente, a sua visão de excelência em tudo aquilo que faz, deixando que os outros decidam se está trabalhando ou brincando. Ele pensa que está sempre fazendo ambas as coisas.” (De Masi, 2000, p 299)

CAPÍTULO 9 - A FAMÍLIA 4

Introdução

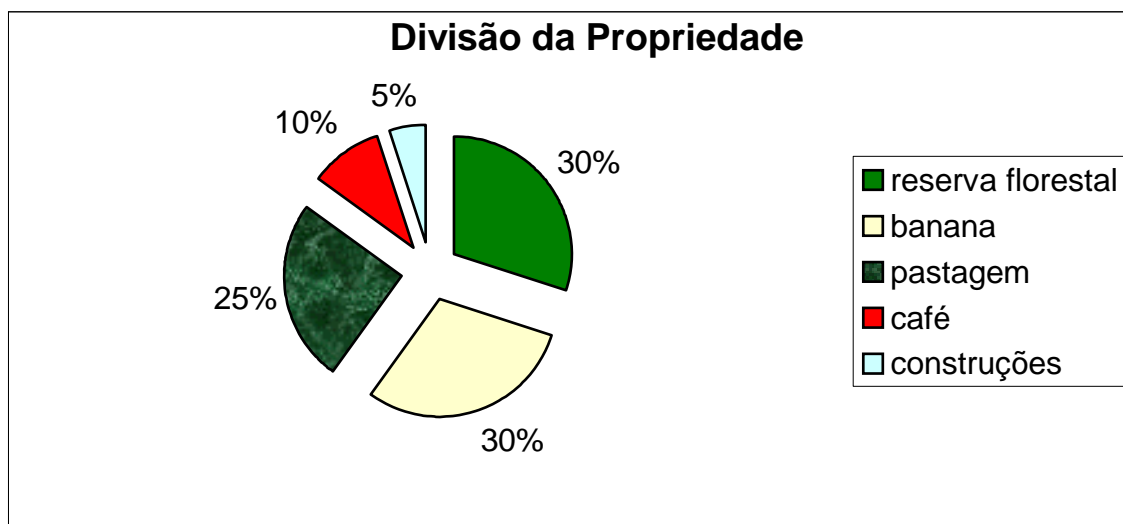
A família 4 foi última a ser visitada na busca de dados. Essa família mora em uma região um pouco diferente das anteriores, do ponto de vista climático. É a região do município mais próximo do nível do mar. As atividades econômicas dessa família são um pouco diferenciadas em relação às demais. Na região, por ter temperatura mais elevada, não ocorreu a implantação da avicultura, como nas outras famílias citadas anteriormente. Vejamos os dados e a descrição da família .

9.1 - Diversificação de atividades

O tamanho da propriedade principal, onde residem, é de 07 ha. A família tem, ainda, mais uma área, distante 5,5 km, herança da esposa, onde também produzem café e banana nanica. No geral, produzem: café, bananas e derivados, além de gado. Complementando as atividades, produzem geléias, doces e licores, flores e uma área de Reserva Florestal que é o destaque da propriedade, sendo incluída no folder divulgativo do município e aberta à visitação pública. No decorrer do trabalho, estarei aprofundando a temática da Reserva, por sua relevância para a história da família.

A família tem algumas limitações, por isso nem sempre consegue produzir tudo que deseja, ou seja, a gente *“tem feito também geléia, e licores...é mais com o café e e tá exigindo muito a presença... para fazer um melhoramento da da lavoura...tem tido pouco tempo para estar atuando nessas outras atividades.”*(entrevista pessoal).

A propriedade principal está assim dividida:



9.2 - Produção e meio ambiente

O entorno da “casa velha”, restaurada recentemente e em perfeito estado de conservação, é muito agradável e transmite uma paz ímpar. É praticamente impossível enumerar a quantidade de orquídeas floridas nos arredores da casa, no velho cafezal e demais hospedeiras. Tudo plantado carinhosamente pelas gerações anteriores e a atual. O agricultor nos conta sorrindo que, nos momentos de angústia, “*vai para a mata e começa a conversar sozinho, às vezes. E as árvores estão ali, ouvindo. Mas você... pode ter certeza se falar coisas, elas não vão falar para ninguém...*” (entrevista pessoal).

A Reserva particular é um local de prazer e encontro consigo mesmo. Tem praticamente um século de existência. O grande diferencial é o fato de ser renovada, reflorestada, sinal de consciência e sensibilidade centenária dos antepassados da família. Vejamos o depoimento do agricultor:

Esse trabalho já começou logo que, primeiro houve o desmatamento quando que a família chegou aqui já era em 1883, então houve desmatamento para fazer o plantio de café e essa área que hoje foi renovada, reflorestada, ela era uma área de um solo um pouco pobre e

o café num foi uma lavoura muito produtiva e daí a opção de de retornar de deixar a mata voltar a tomar conta do que era dela, da área que é a reserva, então já faziam um trabalho na hora de fazer a capina do cafezal eles já iam preservando as mudas que haviam nascido dentro do café e ao longo do tempo então foi se renovando e reconstituindo a floresta né, então já é um trabalho na realidade, desde a época do meu avô que tem existe essa preservação.” (entrevista pessoal).

Esse despertar começou “no início do século XX, digamos 1900 a 1910”, momento em que o pensamento em relação aos plantios de café promovia a destruição da Mata Atlântica, “*plantações velhas não eram replantadas mas abandonadas, e novas faixas de floresta primária eram tão limpas para manter a produção*” (Dean, 1996, p 196). Enquanto as gerações de agricultores familiares descendentes dos imigrantes alemães reconstituíam a floresta devastada, “*os fazendeiros não prezavam nem a produtividade nem a qualidade, apenas a economia de trabalho e capital*” (Dean, 1996, p 196).

A consciência ambiental é uma forte marca registrada na família. O filho de 10 anos, quarta geração familiar, é o melhor exemplo. Quando chega visita e o pai não está presente, é o primeiro a apresentar a Reserva para os visitantes, porque:

“gosta de fazer esse trabalho de divulgação e acompanhar principalmente as pessoas que chegam à reserva, ele acompanhava muito o avô sempre e foi captando as histórias que o avô conta e vai sempre transmitindo isso para as pessoas que chegam”. (entrevista pessoal).

Para o agricultor, o contato com a floresta remete a transcendência, principalmente nos momentos de fortes agruras que convivemos no dia a dia. Vejamos:

“Pode ser o encontro com o interior, com o eu da gente, você parar e ficar observando a natureza ver o movimento das árvores e o barulho, se ficar em silêncio ouvindo o que tem na mata: o barulho, seja de vento das árvores, insetos, das águas,. É uma coisa ... para refletir e percebe como Deus está presente nas coisas.” (entrevista pessoal).

Um outro aspecto importante e diferente observado no que tange a produção, é a contratação de um engenheiro agrônomo, também presente na propriedade de seu irmão. A decisão de contratar o agrônomo em conjunto com o irmão tem dois aspectos a serem considerados: o primeiro refere-se ao fato de que o irmão também vem inovando nos trabalhos da propriedade; e, o segundo, refere-se a uma forma de baratear os custos e despesas no transporte do profissional contratado.

Para diminuir as dificuldades existentes na cadeia produtiva e organizar melhor a propriedade, *“a gente optou pela assistência particular e daí para a frente então que a gente vem a partir de 2000 vem trabalhando com acompanhamento técnico direto na propriedade.”* (depoimento pessoal)

No princípio, o agricultor e seu irmão tinham uma pasta onde o agrônomo anotava os detalhes da visita, tais como: impressão sobre o tipo de cultura, trato, poda, capina, adubação, doenças e os procedimentos a serem adotadas. Como não era um sistema ideal, a partir de março de 2002, foi substituído por **“livro de visita técnica”** com as recomendações profissionais do agrônomo.

Os tratos culturais na produção da propriedade familiar consistem em:

“A gente tem feito um trabalho de alternância, com capina, com roçada, e as vezes, uma ou duas vezes por ano, conforme a cultura, tem cultura que a banana prata por exemplo ela depois de formada ela não é tão exigente em é mais fácil controlar as ervas daninhas né, mas eventualmente, normalmente se utiliza do agrotóxicos uma vez por ano, quando já está mais num estágio mais avançado de mato, então faz um controle de, com agrotóxicos.” (entrevista pessoal).

O principal produto da família 4 é a industrialização da banana nanica, transformando-a em banana passa. Ainda são feitos outros produtos como geléias, licores, doces, além da recepção de pessoal para visitas monitoradas na Reserva. No momento, também se trabalha a melhoria

do café, com a construção de estufa para a secagem do produto e no futuro projeta-se transformar a “casa velha” em pousada.

9.3 - Participação familiar e comunitária

A bela e bem conservada casa, que hoje pertence ao agricultor, foi construída em 1921, sendo utilizada por duas gerações da família, no momento atual servindo, conjuntamente, para a segunda, terceira e quarta gerações.

Convém registrar, na condição de filho mais jovem, cuida do pai viúvo desde 24 de setembro de 2002, seguindo uma tradição local. Na verdade, esse ato é uma prática muito comum no município, em que cabe, geralmente, ao filho mais jovem, cuidar dos pais, conforme Weber:

“Geralmente, o filho caçula ou a filha caçula, ao casar, fica morando com os pais. Desse modo, herdamos a casa e assumem o compromisso de cuidar dos pais até o fim de suas vidas. Assim, o seguro social na velhice está assegurado, prática essa bastante comum aos moradores da zona rural” (Weber,1998, p 79)

Apesar desta “tarefa” estar diretamente ligada ao filho caçula, os demais filhos estão presentes nos momentos importantes, fato que presenciei pessoalmente nas vezes em que visitei a família.

“Bom aqui a gente, a minha esposa normalmente tem que ficar aqui em casa em função desde que a gente casou mora com os pais e aí sempre tem que ficar principalmente assim após a idade mais avançada de depender mais de presença de uma pessoa acompanhando né, atualmente é só o meu pai que está vivo mas depende de constante acompanhamento e é medicação e acompanhar, e as vezes aplicar algum creme no corpo” (depoimento pessoal).

A participação da família na comunidade é bastante ativa. A esposa joga vôlei com as mulheres da comunidade toda semana. O marido participa ativamente da associação de sua

comunidade, sendo um dos motivadores e fundador, “... começamos aí com número pequeno em torno de 14 produtores, e hoje já são 28 associados...” (depoimento pessoal). A associação funciona “desde 91...como uma forma de organização dos produtores, inicialmente mais para a aquisição de insumos e e posteriormente em 1994 a gente iniciou a comercialização dos produtos”, no entanto, nos últimos anos, o entrevistado tem reduzido sua participação em função de outras atividades.

Nos dias atuais, tem sua ação voltada no sentido mais externo, buscando ampliar os horizontes, olhar a realidade com outras lentes, vejamos:

“Tenho participado também a nível municipal, participei por quatro anos do Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural, e atualmente estou participando do Conselho Municipal de Turismo, e recentemente também da fundação do Instituto Kautsky, fundado recentemente, né Instituto Kautsky de Desenvolvimento Sustentável” (depoimento pessoal).

9.4 - Aquisição de conhecimentos e experiências formativas

Em relação aos estudos, foi necessário “sair” em sua busca. Nos anos 80, a formação para além da 4ª série, no interior do município, era muito restrita, assim nos conta:

“Aquele período que aqui só tinha ensino até a 4ª série aqui na comunidade a única fórmula era você sair e por eu já ter irmãos que moravam em Vitória a opção foi por Vitória né, então eu estudei até o segundo ano do 2º grau, e não completei em função de ter ingressado no exército e era difícil conciliar as duas coisas” (depoimento pessoal).

Após um período no exército, considerou ser melhor afastar-se, retornando, assim, a sua comunidade de origem. Vejamos os motivos e a sua decisão:

“O exército, ele é uma boa escola, mas também tem a escola moral...é o encontro, de uma miscigenação muito grande... é muita mistura então

“você tem bons elementos e maus elementos... fiz muitas amizades, pessoas que até hoje me reconhecem...tem pessoas que entram lá para ser mandante e eu não nasci para mandar, mas também não nasci para ser pisado né, então foi uma experiência... para mim descobrir que não era para mim seguir.” (depoimento pessoal).

A continuidade de processo formativo, para chegar aos níveis atuais, deu-se com um curso do SEBRAE, promovido pela Secretaria Municipal de Turismo de Domingos Martins e Venda Nova do Imigrante com dez pessoas de cada município citado. Foi um *“curso de aproximadamente 480 horas de trabalhos de estudos, que por fim resultou nessa viagem à Itália com objetivo de intercâmbio na área de turismo”* (depoimento pessoal).

A viagem de estudo na Itália foi de grande valia no desenvolvimento e implantação de novas atividades familiares. Vejamos:

“A questão da inovação se deu já a partir de 1997 com a participação no curso de agroturismo e a viagem à Itália me deixou também uma impressão muito boa no lado de tecnologia que as pessoas de lá trabalham pouco e trabalham área pequena, mas sem preocupar com o lado de um bom aproveitamento né.” (depoimento pessoal).

O início das atividades foi *“nas feiras, com um irmão meu”*, na seqüência passou para a *“climatização dos produtos aí onde se destaca a banana nanicão que ganhou mercado”*, desta forma se torna mais resistente *“ao despencamento, tem um padrão de qualidade final mais bonito uma apresentação mais bonita”*. (depoimento pessoal).

A idéia de processar a banana nanica, transformando-a em banana passa, foi a partir de um curso na própria comunidade que a associação *“solicitou através ao INCAPER um curso do SENAR³³...com a banana, então nesse curso que foi feito aqui na comunidade é que surgiu essa , essa opção e posteriormente então iniciei esse trabalho de fazer esse processo”*, dos participantes do curso, que ensinava muitas outras possibilidades com a banana, apenas ele desenvolve atividade com a fruta citada.

³³ Serviço Nacional de Aprendizagem Rural.

9.5 - O processo de produção da banana passa

A banana passa é um produto natural rico em potássio e sais minerais. A espécie escolhida é a banana d'água, também conhecida por nanica. As outras podem ser utilizadas, mas, para este tipo de produto, esta espécie é a mais indicada. Vejamos a seguir o processo de produção que vai desde o momento do corte do fruto até o produto final, compreendidos em doze dias.

No caso específico do agricultor, a banana é cortada e enviada para a câmara de climatização para obtenção de uma maturação mais padronizada da matéria prima. Na câmara, a banana fica por volta de oito a dez dias. Após esse período, é levada para a o local de fabricação anexo à residência.

O processo de produção envolve dois empregados e o casal. Os empregados ajudam no corte, transporte para a câmara, retorno para a propriedade e descasque dos frutos. As etapas posteriores são realizadas pelo casal.

Enquanto os empregados descascam as frutas, o agricultor esquentar a água no fogão à lenha e confere a temperatura em torno de 70° para o “banho” que dura entre 10 e 15 minutos. Para obter um bom produto, o ideal é que a banana fique com umas pintas preta, a casca “*fica mais macia, se tiver meio verde a casca rasga, assim solta melhor*”, nesse ponto, o teor de açúcar fica entre 17,5 e 19% e o teor de amido fica entre 1,0 e 2,5%.

Convém ressaltar que neste setor o aproveitamento é total. As cascas não utilizadas na produção servem de refeição matinal para as vacas. Esse aproveitamento nos evoca à velha e cada vez mais atual frase de Lavoisier com uma pequena e significativa alteração: **Na Reserva nada se perde, com criatividade tudo se transforma.**

O passo seguinte é manter a banana em um banho à 70° por 10 a 15 minutos. A seguir, a esposa vai arrumando pacientemente as frutas, uma a uma, em uma bandeja de alumínio com suporte de nylon. Após arrumar doze bandejas, é a vez do marido lavar as bananas com um leve jato de água em forma de leque a uma distância de 30 centímetros, que segundo ele, “*foi invenção própria, antes usava a vassoura para tirar os fiapos e películas, agora com o jato fica mais uniforme e melhorou o sabor e a aparência do produto*”. Após lavar um lado, a

bandeja é virada para lavar o outro lado, e virada novamente à posição original, “*quanto melhor a limpeza, melhor o sabor e a aparência*”.

Após um intervalo de cinco a dez minutos, a água já enxugou e as bandejas são levadas para a estufa elétrica, quanto mais enxuto melhor “*para evitar o consumo desnecessário de energia elétrica*”. De acordo o agricultor “*o consumo de energia em um dia comum é de 20 Kwa e nos dias de produção das passas a média fica em 60 Kwa*”. Percebo que ele leva em consideração os custos dos componentes no preço final do produto, para saber a margem de lucro da atividade, diferente de outros agricultores que nunca sabem quando têm lucro ou prejuízo.

Até este momento, já ocorreram três horas de trabalho. O início foi às 6:30 e no momento de acondicionar as bandejas nas estufas já são 9:30. Hora de lavar e guardar as baças e demais utensílios utilizados no processo produtivo.

Observo que existem bananas com tom mais amarelado e outras bem mais brancas. Segundo o entrevistado, existem duas diferenças básicas na banana que precisam ser observadas e acompanhadas para não interferir no resultado final. Primeiro as bananas mais amareladas têm maior teor de açúcar, além das diferenças no diâmetro, o que faz uma parte das bananas passa ficarem no ponto em momentos diferentes, exigindo uma atenção especial para não queimar, o que traria prejuízo para a atividade.

Agora que as bandejas escorreram a água, são levadas para as duas estufas com temperatura média entre 60° e 70°. Até ficar pronto demora em média 48 horas e é necessário acompanhamento e observação constantes. Em seis horas na estufa, é necessário “*virar*” manualmente e individualmente peça por peça para não grudar no nylon. Em 24 horas, a banana já reduziu 50% da água, assim as 24 bandejas transformam-se em 12. Após esse processo, desliga-se uma das estufa, continuando o processo de observação e acompanhamento por mais 24 horas, até o término desta etapa.

As estufas têm duas janelinhas de 20 centímetros quadrados, que são fechadas de acordo com a evolução da desidratação das bananas. Também é uma observação importante, pois tem que ser feito a partir da percepção, “*não existe um cálculo exato, é na intuição, na observação e na experiência cotidiana*”. (diário de observação).

Conhecer o momento exato do “*ponto*” também é um hábito que se adquire com a prática, com o visual e o tato. Se a banana estiver mole e partir facilmente, precisa esperar mais até ficar mais dura.

A redução do volume é muito grande. Para uma remessa do produto utilizam-se oito caixas de banana nanica com 20 quilos, perfazendo um total de 160 quilos.

Vejamos o resultado final:

Banana madura	Banana descascada	Banana passa
160 kg	80 kg	20 kg

Vimos, assim que o produto final é em torno de 12,5% e, o restante, 87,5% são as cascas, já repassadas para as vacas e a água retirada nas estufas.

Após retirar as bananas passa da estufa, a família geralmente aguarda cinco dias antes de preparar as embalagens com 200 gramas para a venda, com o intuito de conseguir uma homogeneidade do produto, pois mesmo obedecendo a todos os procedimentos e observações da prática do dia a dia, as bananas nunca ficam iguais. O agricultor procura levar em consideração os ensinamentos do curso que cobrava “*manter sempre o mesmo padrão do produto, para criar credibilidade junto ao consumidor*”, nesse sentido, só usa matéria prima da propriedade, pois uma vez “*utilizei banana de terceiro e o produto apresentou diferenças, tanto no sabor, quanto na aparência que decidi não enviar para o mercado*”. (Anotações no diário de observações).

Conversando com uma funcionária de um estabelecimento em Domingos Martins, que é um dos pontos de venda da banana passa na sede do município, esta me confirma que “*a banana passa da Reserva é mais procurada e mais elogiada que a outra revendida pela loja, eu não consigo entender como isso acontece, já que o produto é o mesmo*”. Com certeza o produto final não é igual, só que para pessoas leigas, a diferença na produção é imperceptível.

A família 4 produz ainda licores de variados sabores, geléias, compotas e flores. Mas, não foi possível acertar uma visita em data que houvesse condições de observar essas atividades.

9.6 - Adaptabilidade e reação às dificuldades

Implantar a atividade produtiva da banana passa e as demais atividades foi um ritual de passagem que demandou paciência e muita conversa. No princípio, houve resistência do pai, que achava ser perda de tempo investir nesse ramo de atividade. Essa resistência ocorre com frequência conforme Braudel, citado por Romeiro:

“uma população camponesa tão numerosa, próxima de uma economia de subsistência, é obrigada a trabalhar sem tréguas para suportar os contragolpes das freqüentes quebras de colheitas e pagar os múltiplos impostos, se fecha nas suas tarefas e preocupações cotidianas, como que paralisada diante de qualquer movimento novo. Não é nesse meio que se pode imaginar a propagação fácil do progresso técnico ou a aceitação do risco de novas culturas e de novos mercados”. (Romeiro, 1998, p 53)

Porém, com diálogo, o entrevistado foi apontando a possibilidade de evoluir, sem entrar em grandes conflitos com o pai, e, é nessas horas que *“chega um momento que sobrecarrega um pouco né, então tem momentos que são difíceis,.... o desânimo quer bater a porta também”*, mas é exatamente nesses momentos que a Reserva serve como refúgio, espaço para a reflexão. Vejamos:

“o ambiente da reserva é muito agradável, você sente a natureza, a presença de Deus e é uma oportunidade de você estar refletindo, observando a beleza da, a exuberância da natureza e é lógico que tem uma contribuição... quando a auto estima ta um pouco baixa, você sentar refletir um pouquinho, respirar aquele ar puro” (depoimento pessoal).

Nosso entrevistado sempre foi uma pessoa muito ligada e interessada no desenvolvimento da comunidade, procurando participar das atividades e eventos que trouxessem benefícios para a região. Vejamos:

“Sempre em busca de uma,... novas opções, tanto para a região como para a comunidade, como para o município e para a gente também né, que é a forma de estar... tomando conhecimento das opções de tudo que possa ter influenciando ou favorecendo o desenvolvimento da e ir atuando e buscando alguma coisa que possa trazer melhorias para a região, principalmente para a comunidade.”

Para gerir o negócio, um dos problemas enfrentados nos dias atuais é “*dificuldades de contato em função de telefone*”, porque como a família trabalha com encomendas, necessita observar alguns prazos e, às vezes “*demora de atendimento em função de um recado até que chega a gente lá na lavoura e num recebe e só pode mandar no outro dia*”, gerando situações que podem dificultar ou impedir o fechamento de alguma encomenda.

Outra dificuldade presente no cotidiano da família é o pouco interesse e a limitada visão da municipalidade em um campo tão estratégico como o Turismo Agroecológico. Neste sentido, os agricultores familiares que despertam interesse e vontade em implantar novas atividades, acabam não encontrando as condições necessárias. Vejamos:

“... eu dependo de identificação das espécies, principalmente árvores que existem. Todo um trabalho que foi feito até agora foi pesquisa pessoal minha, você procura o a Secretaria de Agropecuária e Meio Ambiente é muito pouco apesar de que o material que eu consegui foi através das secretarias, mas quando você fala que é para trazer um técnico é complicado, um vai passando para o outro e a gente não consegue, então para a gente dispor de recursos para ficar pagando um técnico a gente sabe que é um trabalho caro.”

Outro momento de dificuldades e críticas aconteceu no período da viagem de estudo à Itália que durou 45 dias. A esposa disse que ouvia comentários e expressões desagradáveis todos os dias, inclusive de pessoas bastante próximas, às vezes, até de familiares.

9.7 - Planejamento da propriedade e do negócio

Decidir pela inclusão da produção de banana passa foi uma opção da família para agregar valor na propriedade, após participar do curso ocorrido na comunidade, por ser uma atividade para ser realizada próxima à residência da família:

“...sabia que teria que estar mais em casa e que poderia estar acompanhando esse processo no dia a dia da casa assim... exige constante acompanhamento verificar, seja fazendo o rodízio das bananas dentro das estufas” (depoimento pessoal).

Outro diferencial que começa a apontar na propriedade do agricultor é o trabalho com o café de qualidade. Nesse sentido, ele construiu uma estufa de 200m² para a secagem do café, que também é utilizada para secar feijão.

Em função de acompanhar o pai, devido a idade que requer constante atenção, o trabalho com café, está em ritmo mais lento, mas é um trabalho que precisa ser feito gradativamente com o acompanhamento do agrônomo. Segundo o entrevistado, vai acontecendo *“eu já iniciei a estufa, usei um pouco esse ano, foi feita já uma análise de solo e está sendo feito um trabalho já visando uma qualidade melhor do produto pro ano que vem, para a próxima safra.”* (depoimento pessoal).

O trabalho é sempre planejado de acordo com as orientações do agrônomo que solicita as análises para cálculo de adubação e demais providências necessárias, vejamos:

“A análise foliar foi mais um esse técnico, o agrônomo que vem acompanhando a gente e aí de acordo com o desenvolvimento da lavoura né é para saber as reais necessidades da planta né , então o interessante a gente está buscando sempre atingir uma produção melhor né , uma qualidade melhor nos produtos e para estar colocando na planta o que ela está realmente precisando né ,não estar colocando excesso de produtos químicos as vezes sem necessidade, aí é uma

questão principal também, um calendário de adubação planejamento de adubação anual ne, baseados nessas análises, isso tem favorecido o trabalho da gente dando mais retorno então na produção.” (depoimento pessoal).

9.8 - Visão local e global

Pelas declarações do agricultor e observações realizadas, é possível notar a clareza de visão local e global. Ele reconhece seu potencial e suas limitações, procurando encaminhar ações possíveis de serem realizadas, sejam a médio e longo prazo.

“A questão do potencial para o turismo é em função da Reserva Florestal que tem na propriedade e que sempre que um trabalho que meu pai cuidou, dessa área de reflorestamento de preservação da mata e posteriormente a opção que ele fez por mim é porque eu moro junto com ele né e ao mesmo tempo essa parte que tem a área de preservação ela na hora da divisão do terreno ela ficou para mim né e eu moro na casa sede da família aí em função disso dessas situações, que ele também em função da idade pediu para mim assumir essa parte.” (depoimento pessoal).

Em relação à educação do filho, tem clara a opção pela Pedagogia da Alternância, por ser uma formação diferenciada. Diz que matriculou o filho, observando o resultado dos sobrinhos que, *“um já formou o ano passado na Escola Família Agrícola de São Bento do Chapéu e tem outro na 6ª série agora e desde sempre vinha com esse pensamento em motivar o filho para estudar nessa escola”*, e continua suas argumentações, *“tenho gosto por esse método de ensino...que a gente viu acompanhou... o sobrinho e também o que ele falava... como os resultados, que estava obtendo”*. (depoimento pessoal).

9.9 - Criatividade

Em termo de criatividade percebemos vários momentos em que esta se fazia presente. O processo de produção de banana passa foi feito em curso de capacitação, mas várias inovações

e criações tem a marca da família. O lavar a banana com uma velha bomba, antes utilizada para lavagem de veículo, “*foi invenção própria, antes usava a vassoura para tirar os fiapos e películas, agora com o jato fica mais uniforme e melhorou o sabor e a aparência do produto*”. É necessária uma percepção sistemática para observar que uma banana sendo da mesma região, que passou pelo mesmo processo de maturação, tem teor de açúcar diferenciado.

Finalizando, é pouco comum a criatividade de buscar orientação particular de engenheiro agrônomo. O que vem sendo feito pelo agricultor e por seu irmão.

CAPÍTULO 10 - COMPARANDO AS PRÁTICAS INOVADORAS E A CONTRIBUIÇÃO DAS FORMAÇÕES

Introdução

Nesta parte do trabalho, procuro relacionar as práticas dos agricultores, cruzando as principais categorias de análise, sem a pretensão de reforçar ou fortalecer a prática de uma família, em detrimento das outras. A intenção é apenas evidenciar diferenças no processo, sem valorizar ou diminuir o processo formativo.

Em relação ao item **diversificação de atividades**, considero não ser relevante abordá-lo, pois já foi feito anteriormente. Os selecionados já têm uma diversificação em suas atividades, sendo, esse item, um dos critérios para a seleção final entre o público da pesquisa.

Em relação à questão **participação familiar e comunitária** podemos afirmar que a família 1 é atuante em atividades religiosas e na diretoria da associação de produtores local; a família 2, participou da diretoria da associação de produtores e, no momento, participa de atividades na diretoria da comunidade religiosa; a família 3 participa em momentos específicos e isolados, como no processo de implantação do telefone; já a família 4 participa fortemente das atividades religiosas (menos ênfase no momento), na associação de produtores local e instituições municipal.

Entre os agricultores pesquisados, notamos a presença da preocupação com a produção e o meio ambiente. Convém ressaltar que existem diferenças nas práticas individuais, mas, no geral, cada agricultor, à sua maneira, procura relacionar-se de forma mais saudável possível com o meio ambiente. Em relação à preservação da cobertura vegetal, símbolo e marketing do município alvo da pesquisa, conhecido como “**Cidade do Verde**”, temos, entre os agricultores selecionados, os dados abaixo:

Família	Área da propriedade	Área verde	% de área verde
1	25 ha	10 ha	40%
2	70 ha	28 ha	40%

3	35 ha	17,5 ha	50%
4	7 ha	2,1 ha	30%

Um aspecto interessante sempre presente nas famílias pesquisadas, que merece destaque, é a preocupação com a questão ambiental. Em todas, foi possível perceber esta evidência através dos depoimentos ou das observações. No caso da família 1, é muito forte essa preocupação, principalmente após a sua participação mais ativa na Pedagogia da Alternância, ou seja, após a frequência dos três filhos na Escola Família Agrícola de São Bento do Chapéu. O entrevistado fazia questão de frisar que a produção da família é totalmente orgânica e a propriedade está em processo de certificação. A família 2 nunca usou agrotóxicos na propriedade (anotações de observações), sempre utilizou a prática do rodízio, com exceção das pastagens. A família 3 também preserva muito as matas nativas chegando a 50% da sua área total e também não utiliza agrotóxicos. A família 4 não difere muito das demais. Em relação aos produtos tóxicos, utiliza no máximo uma vez ao ano, quando o serviço aperta muito, mas, a aplicação é realizada com a orientação de agrônomo contratado pela família. Vale ressaltar que nessa família existe um diferencial, a principal área verde é uma reserva centenária recuperada e renovada de um antigo cafezal improdutivo.

Percebemos então que as quatro famílias de agricultores inovadores pesquisados estão atentas à economia moderna, conforme nos mostra Zanetti:

“Não se pode admitir uma economia moderna sem a preocupação com o meio ambiente; nem é preciso mais lutar pelo reconhecimento da importância do ambiente na manutenção da qualidade e até da possibilidade de vida para esta e futuras gerações” (Zanetti, 2003, p 56).

Convém ressaltar que as propriedades familiares enunciadas neste trabalho pertencem às suas gerações anteriores desde a chegada dos antepassados em 1847. A preservação das florestas é resultado de uma visão mais ampla dos agricultores, não se resumindo simplesmente em deixar a cobertura vegetal por uma imposição legal das últimas leis brasileiras, nem se resumem a reservas de madeira e lenha. Os agricultores preservam as florestas e capoeirões

por questão de consciência. Lembremos que a família 4 preserva uma área de “reserva” que vem sendo restaurada e renovada há praticamente um século.

É muito interessante constatar a prática e a **visão local e global** dos agricultores inovadores citados neste trabalho, de acordo com o que nos escreve Schettino:

...“as florestas naturais abrigam enorme biodiversidade e que seus derivados sustentam indústrias farmacêuticas, de recreação e turismo e contribuem para melhorar o meio ambiente mundial através do seqüestro de CO₂, além de manter outros recursos naturais como solos e recursos hídricos, por exemplo” (Schettino, 2000, p 27).

Uma boa ilustração para esta afirmação encontra-se na família 1, que passou a preservar uma área de capoeirão, cabeceira de nascente, e o volume de água ampliou muito nos últimos anos, sendo a fonte alimentadora dos tanques para a atividade de piscicultura da família (diário de observações).

Convém ressaltar que no município a preservação ambiental tem uma significativa diferença em relação a outros municípios do Espírito Santo. Sem entrar no mérito da questão, por não ser este o objetivo do presente trabalho, os agricultores locais, de maneira geral, começaram a “reservar” áreas de florestas, muito antes das leis relacionadas a este tema. Entre os agricultores pesquisados, cito o exemplo de um antepassado “visionário ecológico” da família 4, para ilustrar a informação. Enquanto a obrigatoriedade da preservação da flora é recente, com a instituição do novo Código Florestal Lei 4.771/65; a proteção da fauna Lei 5197/67; a disposição sobre o corte, a exploração e a supressão de vegetação primária ou nos estágios avançados de regeneração da Mata Atlântica Decreto 750/93 e as normas de precaução relativas ao emprego do fogo em práticas agro-pastoris e florestais com o Decreto 2661/98 (IBAMA, 2002). Na família citada, a preservação centenária era conscienciosa e voluntária. Vejamos o que nos diz Schettino, citando Johnson:

“...Foi apenas no século XX que viemos a perceber que o homem e floresta são mutuamente dependentes. A combinação de avanço tecnológico com explosão demográfica mostrou que a antiga filosofia de cortar e seguir em frente não tem futuro”.(Schettino, 2000, p 13).

Ainda em relação à questão ambiental, podemos afirmar que nas quatro famílias pesquisadas esta é uma preocupação eminente. Em sua prática diária, essas famílias perceberam a importância da relação e equilíbrio entre saúde e solo, conforme nos fala Capra:

“Assim como o organismo humano, o solo é um sistema vivo que tem de permanecer num estado de equilíbrio dinâmico para ser saudável. Quando o equilíbrio é perturbado, há um crescimento patológico de certos componentes – bactérias ou células cancerosas no corpo humano, pragas ou pestes nos campos cultivados”. (Capra, 2000, p 148).

Podemos afirmar que na família 1 esta questão é mais evidente. Nela, percebemos um maior conhecimento da agricultura orgânica e ecológica, os efeitos nocivos e desastrosos da agricultura mecanizada e química. Em função do conhecimento adquirido, refutam a utilização de pesticidas, fungicidas, herbicidas, mão de obra infantil e a prática da queimada que é uma constante entre outros agricultores tradicionais da região.

Os dados das entrevistas e das observações permitem dizer que a **aquisição de conhecimento e as experiências formativas** foram mais práticas e experimentais. As famílias realizaram um processo rumo ao conhecimento. Todas as famílias, à sua maneira, fizeram experimentações neste período transitório, conforme nos fala Capra ao elogiar os jardins de Schumacher:

“Passara muitos anos preparando adubos e experimentando várias técnicas orgânicas de jardinagem. Percebi que essa era a sua maneira de conceber a ecologia: uma abordagem prática, fundamentada na experiência”. (Capra, 2000, p 173).

Conforme análise dos dados e observação do campo, a evolução das famílias ocorreu em pequenos passos. Mesmo no caso da família 3, onde o processo transitório foi mais rápido na implantação da pousada e restaurante, o fazer foi sendo planejado em pequenos passos, conforme o seu desenvolvimento. Sabiamente, ou cautelosamente os agricultores inovadores, utilizam um velho ditado popular brasileiro que diz, *“não dar o passo maior que a perna”*. Assim se expressa Capra, citando Schumacher:

*“Devido à insuficiência e ao retalhamento de nosso conhecimento temos de dar passos pequenos. Precisamos deixar uma margem para o não-conhecimento, dar um pequeno passo, aguardar um **feedback**, dar outro pequeno passo. Pois há sabedoria naquilo que é pequeno”.* (Capra, 2000, pp. 177-178).

Posicionar-se como inovador, principalmente no meio rural, não é uma atitude simples. A passagem requer uma série de elementos que, através de suas inter-relações, se fortalecem ou promovem conflitos. Neste sentido, Lemos nos fala que:

“No caso da família camponesa, em geral há o poder hierárquico que rege as relações: em primeiro lugar está o chefe da família, isto é, o pai ou a mãe, caso a mãe seja viúva ou separada do marido. Daí para baixo, normalmente a hierarquia segue a seguinte escala: os filhos mais velhos, as filhas mais velhas mulheres, alguma liderança que porventura desponte entre os filhos, o que pode ser tanto homem como mulher”. (Lemos, 2002, p. 117).

Neste aspecto, foi interessante perceber que na família 2 a irmã mais jovem teceu comentários curtos e falou para procurar o irmão mais velho, pois ele *“sabia mais e tinha feito as primeiras sugestões para os pais”*; e na família 1 também percebi ‘liderança’ e maior destaque do irmão mais velho sobre os mais novos.

Esta situação hierárquica nos remete a liberdade, dificuldades e implicações no processo inovador. Podemos afirmar que nas quatro famílias isso contribuiu para que houvesse, tanto um processo mais rápido e consensual, quanto mais lento e com maiores dificuldades e implicações. Vejamos o quadro abaixo:

Famílias	Tempo	Fator
1	Mais lento	Decisão patriarcal
2	Mais lento	Pais mais receosos e inseguros ao novo
3	Mais rápido	Maior liberdade e autonomia
4	Mais lento	Pai receoso e inseguro ao novo

Notamos que, na família 3, segundo minhas análises e observações, a inovação ocorreu em tempo menor, se comparada às demais famílias. Nesse caso, atribuímos essa maior velocidade no processo ao poder decisório, mais forte e mais centrado no chefe da família, já adulto, que tinha maior autonomia e liberdade nas ações e decisões. Em relação às famílias 1, 2 e 4 os processos foram mais lentos. Vejamos brevemente e individualmente cada caso.

Na família 1, a mudança ocorreu a partir da influência dos três filhos formados ainda jovens na Escola Família, porém o poder decisório ainda estava centrado na figura do “patriarca”. Na família 2, também ocorreu uma influência da Pedagogia da Alternância, com os três filhos apontando para os pais algumas vantagens de aliar o conhecimento tradicional às novas oportunidades “aprendidas” na Escola; porém, o receio dos pais postergava a decisão, esperando melhores oportunidades. Na família 4, também foi um pouco lento, porém menor que nas famílias 2 e 3. Nesse exemplo, o poder decisório já estava com o filho, no caso, com família já constituída, mas com a presença do pai em casa que ainda o influenciava, gerando pequenos conflitos e pouca aceitação na nova atividade do filho.

Peruzzo, ao nos falar das formas de participação-poder na co-gestão e auto-gestão nos movimentos sociais, defende o exercício da decisão compartilhada, totalmente aplicável na empresa familiar. Vejamos:

“Participação direta não significa que todos tenham que tomar parte de tudo durante todo o tempo, o que, em termos de comunicação, seria moroso, ineficiente e inviável, salvo em pequenos grupos. A co-gestão e a auto-gestão, conforme experiências históricas desde a Comuna de Paris, prevêem necessariamente a representatividade”. (Peruzzo, 1998, pp. 87/88).

No caso das famílias 1, 2 e 4 houve necessidade de passar por adaptações e dificuldades, para que o avanço da empresa familiar pudesse ser efetivo, conforme nos fala Maturana e Varela:

“... a adaptação de uma unidade a um meio é uma conseqüência necessária do acoplamento estrutural dessa unidade nesse meio, o que não é de se admirar. Em outras palavras: a ontogenia de um indivíduo é

uma deriva de modificações estruturais com invariância da organização e, portanto, com conservação de adaptação”.(Maturana e Varela, 2001, pp. 115-116).

Aos agricultores, não resta outra opção senão a inovação como forma de sobrevivência neste mundo competitivo, segundo nos aponta Maturana e Varela, “*não há sobrevivência do mais apto, o que há é sobrevivência do apto*” (2001, p 127). Assim, a busca da inovação, nada mais é que a tentativa de sobrevivência desta categoria na realidade que se apresenta.

Nesse sentido, o “fazer” dos agricultores muitas vezes ocorreu de maneira silenciosa, sem alardes. Observei gestos e atitudes dos pesquisados, que podemos relacionar ao que nos fala Garcia e Alves:

“... mergulhar inteiramente em uma determinada realidade, captando sutilezas sonoras, sentindo a variedade de sabores, tocando coisas e pessoas e nos deixando tocar por elas, cheirando os cheiros que estão em cada ponto do nosso caminho diário e aprendendo a ler o corpo, este desconhecido que tantos sinais incompreensíveis nos dá.” (Garcia e Alves, 2002, p 261).

Para algumas atitudes dos agricultores, tais como encontrar soluções pessoais próprias para vários de seus problemas e suas dificuldades, buscamos explicação em Weil e Tompakov ao nos dizer que:

“O silvícola sobrevive na mata porque cheira de longe onde encontrará o riacho para beber. Nós precisamos de um mapa, de bússula, seta indicadora, para não morrermos de sede na mesma floresta!” (Weil e Tompakov 1986, p 82).

Podemos afirmar que intuitivamente estes agricultores, na maioria dos casos, rumaram como silvícolas na busca e no desenvolvimento de suas atividades.

No nosso entender, os agricultores inovadores pesquisados, resguardando as especificidades de cada um, conseguiram “enxergar” importantes aspectos da realidade e a utilização dos

recursos locais, procurando integrá-los e adaptá-los à suas atividades. A família 1 realiza um trabalho com café arábica orgânico, filetagem de peixe e venda de produtos semi-industrializado nas feiras livres; a família 2 fabrica uma linha de produtos agro-artesanais; a família 3 investe em Pousada e Restaurante para os seus clientes; e a família 4 produz banana passa, agregando valor ao seu principal produto que é a banana nanica. Nesse caso, souberam apreender a realidade e os recursos locais, conforme Garcia e Alves:

“Para apreender a “realidade” da vida cotidiana, em qualquer dos espaçostempos em que ela se dá, é preciso estarmos atentos/as a tudo o que nela se passa , se acredita, se repete, se cria e se inova ou se conserva”. (Garcia e Alves, 2002, p 262)

A denominação “espaçotempo” utilizada subjetivamente pelos pesquisados, foi introduzida por Hermann Minkowski em uma conferência em 1908. Segundo Capra a citação nos diz que:

“As concepções de espaço e tempo que desejo apresentar aos senhores emergiu do solo da Física experimental e nele reside a sua força. Essas concepções são radicais. Daqui para diante, o espaço por si mesmo e o tempo por si mesmo estão condenados a desaparecer como simples sombras e só uma espécie de união de ambos preservará uma realidade independente”. (Capra, 1987, p 131).

Espaço e tempo são tratados iguais e inseparavelmente vinculados. Vemos, assim, que os agricultores pesquisados intuitivamente passaram a apropriar-se do espaço-tempo aliando à sua realidade.

A mudança ocorrida com os agricultores martinenses, selecionados para a presente pesquisa, ocorreu por vontade própria. A necessidade de mudança foi sendo construída de acordo com o despertar pessoal e familiar, conforme Garcia e Alves:

“A importância de mudar tudo nos leva, obrigatoriamente, à necessidade de incorporar tanto o diverso como a totalidade de cada expressão individual, assumindo com decisão o diferente e o heterogêneo. Assim, aquilo que durante tanto tempo insistimos em ver

*como repetição - os mesmos exercícios, os mesmos livros, as mesmas leituras - precisa ser visto na sua **variedade de uso** quanto às ordens de trabalho, aos vácuos de conteúdo, ao tempo gasto, às exigências feitas à apresentação do pensamento, às notas dadas, às diferentes origens” (Garcia e Alves, 2002, p 270).*

E, concordando com as autoras citadas, continuamos a seguir a mesma linha de raciocínio ao falar da repetição e da criação para, finalmente, ver a obra dos agricultores familiares inovadores:

*“...e se víamos apenas a **repetição** é porque nos faltavam “olhos para ver” o componente da **criação** que está presente no que pode parecer, à primeira vista, simples repetição. Hoje somos capazes de “ver” mais porque compreendemos o que antes não compreendíamos, mas foi preciso aprender com von Foerster, Bateson, William James, Maturana e Varela, para finalmente **ver**”. (Garcia e Alves, 2002, p 270).*

Podemos dizer que os agricultores inovadores agiram com **criatividade** construindo o seu protagonismo, na medida que foram desenvolvendo com o **planejamento da propriedade e do negócio**, organizando suas atividades, acreditando numa utópica melhoria condição de vida para si e sua família, conforme nos aponta Peloso & Siqueira, ao dizer que “ninguém vence se recolhendo; é preciso vontade de superação, crença nos sonhos, imaginação de um desenho viável no futuro”. (Peloso e Siqueira, 2002, p 26).

CAPÍTULO 11 - CONCLUSÃO FINAL

Aqui, farei uma conclusão específica e individualizada por família, para, posteriormente, fazer uma conclusão de caráter mais geral, abrangendo as quatro famílias.

Percebemos que a família 1 não prioriza uma atividade principal, em detrimento das demais. Existe equidade entre as atividades realizadas, o que permite dizer que a família tem consciência de que pode sofrer menos impacto caso um produto específico tenha uma queda significativa no preço e no mercado.

No primeiro questionário exploratório, constatamos insatisfação com o resultado do rendimento financeiro das atividades desenvolvidas nos últimos anos, devido aos “*altos custos de produção e baixas remuneração da produção*”. (questionário exploratório).

Entretanto, verificamos que existe um alto grau de satisfação com os resultados alcançados na produção da propriedade e a inovação implantada, conforme expressão pessoal:

“- Ah! Com certeza, eu acho que você vê uma experiência sua que você fez, dando certo, você vê que você fugiu do convencional, de que outra pessoa chegou faz isso que é melhor, você contraria isso e tenta buscar alternativa e vê que aquilo funciona, com certeza...da pra ver que o trabalho se torna mais prazeroso.”(entrevista pessoal).

Podemos afirmar que a insatisfação financeira e a sazonalidade do mercado, em relação aos preços dos produtos, também foi um fator de motivação para a busca da inovação e melhoria na qualidade de vida da família.

No momento, o filho mais velho, além de trabalhar na propriedade familiar, também realiza a função de Inspetor de uma certificadora de produtos orgânicos, demonstrando capacitação e qualificação para o trabalho na propriedade familiar e para serviços externos. Na nossa compreensão, este exemplo ilustra a capacidade e a competência da Pedagogia da Alternância como formadora de jovens para o exercício das atividades familiares no meio rural.

Na questão do planejamento, percebemos que existe uma deficiência, ou pouca compreensão desta temática, ou, ainda, não é um fator determinante para a família. Assim, o planejamento é mais uma consequência que um meio para atingir os objetivos propostos.

A família 2 não prioriza uma atividade principal, mas se esforça com mais ênfase nos produtos agro-artesanais, ou seja, brot e pães; café torrado, moído e empacotado; fubá relado na pedra; açúcar mascavo e rapadura. Desses produtos citados, a família se envolve e prioriza a produção de brot.

Percebemos, também, que a atividade desenvolvida pela família não é resultado de uma ação individual e imediatista, mas coletiva e lenta, perpassando gerações, aliando o conhecimento tradicional dos antepassados com o conhecimento técnico adquirido pelos filhos na Pedagogia da Alternância e em viagens de estudo realizada por iniciativa própria. Vejamos o que nos diz Sainsaulieu:

“Uma formação bem feita abre o olhar sobre os outros e sobre si, estimula projectos de evolução pessoal e dá freqüentemente a ideia de ir ver outros lugares porque a pessoa se tornou mais realista sobre as perspectivas do mundo social de produção no qual vive há muito tempo”. (Sainsaulieu, 2001, p 95).

Na prática, a família vem empregando o conhecimento científico apreendido com a Pedagogia da Alternância, aliado à tradição familiar de respeito à natureza, meio ambiente e os recursos naturais da sua propriedade. Vemos um convívio harmônico da família com a natureza e a comunidade dos seres vivos descrita pelo Teólogo Leonardo Boff, que nos diz:

“É, pois, correto afirmar que a sustentabilidade propõe a celebração da unidade homem / natureza – na origem e no destino comum – e que, ao propor esta celebração e dialogação, aponta para uma nova filosofia da humanidade como parte da natureza e sujeita às suas regras, filosofia essa que deve substituir a visão coerente do homem afastado do mundo natural e como seu senhor e dominador”. (Boff, 1995, p 29).

Constatamos também que essa família se mantém estável e, aos poucos, está criando tradição dos seus produtos. Verificamos que o planejamento é muito frágil e incipiente.

Podemos perceber que no caso das famílias 3 e 4 o curso de curta duração, destinado a um público específico, no caso adulto, com maior autonomia e mais amadurecido, com maior poder de decisão, e previamente selecionado, tem um maior grau de aproveitamento e interesse, pois vai de encontro às necessidades deles. Aborda conteúdos específicos de acordo com a demanda do momento, preenchendo uma lacuna que a escola tradicional não aborda. Assim concordamos com Sainsaulieu:

“...o efeito social da formação de adultos estaria mais próximo do mundo do imaginário e da criatividade. Estimulados por estágios e cursos apaixonantes, os assalariados aprendem a ver o mundo de outra maneira, com os seus novos conhecimentos...” (Sainsaulieu, 2001, p 95).

No caso específico da família 3, houve um processo de “*conquista do conhecimento*”, desenvolvido pelo agricultor, conforme a situação que hora se lhe apresentava, ou seja, a construção do projeto ia acontecendo de acordo com a demanda. Ou, como nos diria Gaston Pineau, “*a escola da experiência é uma contra-escola que faz passar o exame antes e dá as lições a seguir*” (2001, p 337)

O pai demonstra satisfação com o negócio desenvolvido e a participação dos membros da família, conforme declaração própria:

“Eu estou super satisfeito porque é é estou fazendo um trabalho em casa, né? Eu não preciso me deslocar, as pessoas é que se deslocam à nós. Então eu estou satisfeito com o que eu faço. Agora os filhos, também, vejo que estão satisfeitos, a esposa também está...”(entrevista pessoal).

Constatamos, porém, que a família vive mais em função da pousada e do restaurante, praticamente ‘terceirizando’ o café nas mãos de meeiros e contratando empregado para cuidar da horta. Consideramos um pequeno risco para a família, o envolvimento mais direto em uma atividade em detrimento de outra, quando vivemos em função de políticas públicas que podem sofrer alterações e riscos dos mais variados.

Percebemos que existe um reconhecimento dos produtos da família 4 em função da boa qualidade e grande aceitação do público consumidor.

Notamos que a família 4 valoriza os cursos, encontros de formação, a viagem de estudo na Itália e o investimento na instrução dos filhos, procurando uma formação que seja o mais próximo de sua realidade.

A família 4 tem dado destaque para a produção de banana passa, agregando valor a esse produto, fazendo-o “carro chefe” da propriedade. Contudo, não vivendo exclusivamente dessa atividade.

Começa a trabalhar a melhoria do café com assistência técnica particular, não dependendo exclusivamente da assistência pública, demonstrando que a inovação e a qualificação não estão restritas a apenas um produto da propriedade.

No questionário exploratório, declarou estar insatisfeito com o rendimento financeiro das atividades rurais, pois “...os custos gerais estão muito altos”. Mas, demonstra que com as oportunidades formativas dos cursos e o conhecimento tradicional assimilado dos antepassados, desenvolveu uma capacidade de visão crítica, local e global da realidade. Conseguindo assim desenvolver atividades para a melhoria das condições de vida da família e satisfação pessoal, conforme expressão própria:

“hoje já existe a possibilidade de também vender uma planta ornamental, geléia e licor , quando tem tempo para fazer sempre uma coisinha ou outra a gente vende, então eu acredito que a gente incentivando esse projeto de visitação, a abertura da reserva à visitação em termos agroeconômico existe uma possibilidade de evolução muito grande, além disso também o pensamento da gente é chegar a trabalhar com pousada futuramente, transformar a casa sede em pousada.” (entrevista pessoal).

Concluindo a primeira parte, a família 4, mostra-nos que:

“Para apreender a “realidade” da vida cotidiana, em qualquer dos espaçostempos em que ela se dá, é preciso estarmos atentos/as a tudo o

que nela se passa , se acredita, se repete, se cria e se inova ou se conserva”. (Garcia e Alves, 2002, 262).

11.1 - Conclusão geral

Entendemos que a inovação partiu das necessidades próprias de cada família, não dependendo de impulsão externa. Percebemos, entretanto, que os processos formativos contribuíram positivamente no ritual da passagem, mas não foram os responsáveis, a priori. Com a contribuição dos processos formativos, as famílias desenvolveram a consciência da necessidade de uma evolução permanente. Nos quatro casos analisados, é consenso a continuidade da formação dos filhos. Na família 1, esse desejo é expresso claramente pela mãe e filho mais velho, mesmo diante das limitações financeiras existentes; na família 2, o filho mais jovem continua a formação do ensino médio (2º grau) em uma Escola Família da região; na família 3, os filhos freqüentam a Escola Pública mais próxima e já têm em casa recursos como computador ligado à Internet; e a família 4, investe na educação do filho mais velho, já freqüentando a Escola Família Agrícola de São Bento do Chapéu.

De acordo com Morin, quando analisamos atividades cerebrais devemos levar em consideração a idéia de interação e retroação, ou seja, os processos. No caso dos agricultores analisados, entendemos que estes foram, ao mesmo tempo, causadores e produtores do seu próprio processo, como afirmamos anteriormente. De acordo com Morin, *“a idéia do circuito autogerativo é mais complexa e rica que do circuito retroativo; trata-se de uma idéia primordial para conceber a autoprodução e a auto-organização”*. (Morin, 1999, pp. 112-113).

Os agricultores familiares pesquisados buscaram na inovação da agricultura familiar, ou seja, na inovação e diferenciação de seus produtos, a melhoria da qualidade de vida, valendo-se de recursos locais, da participação da mão de obra familiar incluindo a mulher e filhos. Na sua labuta, perceberam que:

“...a produção de “produtos caseiros” como ovos, galinhas, leite e seus derivados, conservas de doces e de verduras, geléias etc. tem contribuído de forma quase tão significativa na economia das famílias quanto a produção de grãos para o grande comércio e de animais para o abate.

Como essas pequenas produções historicamente tem sido administrada pelas mulheres, significa que tem crescido muito a participação destas na economia familiar”. (Lemos, 2002, p 119).

Os processos formativos citados, a Pedagogia da Alternância, a auto-formação, o conhecimento tradicional (antepassados) e os cursos do SEBRAE, ressalvadas as suas particularidades e os seus *espaçostempos*, motivaram para a valorização dos recursos locais e da propriedade familiar. Houve, assim, um encontro do conhecimento tradicional, construído empiricamente por várias gerações, com o avanço do conhecimento científico e tecnológico em diferentes campos e áreas de atuação de cada família pesquisada.

“A convivência profissional junto a esses agricultores permite que se observe, com cuidado e riqueza de detalhes, o profundo conhecimento que eles possuem sobre o processo produtivo, na relação homem natureza. Seu estilo de vida, levou-os a uma necessária e meticulosa observação sobre o comportamento dos agroecossistemas em relação a base dos recursos disponíveis sob determinada condição climática. Isso propiciou um processo, cumulativo, de novos conhecimentos, permitindo que eles desenvolvessem um sistema de uso e conservação dos recursos, que lhes tem garantido capacidade de produção e reprodução no estabelecimento agrícola.” (www.sociologia, 2003)

Podemos dizer que a contribuição da Pedagogia da Alternância é fortemente significativa, porém, tem um fator limitante que é a questão da idade dos alunos. Podemos ainda afirmar que as famílias têm dificuldades, reservas ou são reticentes ao ouvir as idéias dos jovens e colocá-las em prática na propriedade.

Também é possível dizer que, salvo pequenas diferenças, em todas as famílias pesquisadas a inovação é um fato relativamente novo, seria prudente aguardar a evolução das famílias e da situação política, tanto local quanto mais amplo, para confirmar essa tendência no futuro, tanto a curto quanto a longo prazo.

Todas as famílias pesquisadas buscaram saídas criativas e inteligentes para as dificuldades que encontravam e para a crise provocada pela política agrícola e agrária.

Como pudemos constatar, a educação formal contribui pouco para a evolução dos casos estudados. Sendo assim, é possível afirmar que a educação formal poderia ser reformulada de modo a fornecer os elementos essenciais ao desenvolvimento específico das famílias rurais. Poderia ainda ser repensada para propiciar, aos agricultores familiares, ferramentas destinadas a desenvolver as suas potencialidades. Percebemos uma lacuna existente. Assim é possível sugerir um acréscimo de novas disciplinas, ou a adaptação do currículo escolar, direcionando-o ao público proveniente do meio rural, trabalhando conteúdos mais específicos na área de produção, conservação e comercialização de seus produtos.

Podemos afirmar, concordando com Peruzzo, que somente uma nova visão do mundo em todos os seus aspectos pode proporcionar uma melhoria na qualidade de vida para toda a população do nosso Planeta. O ser humano precisa rever a sua convivência com os diversos tipos de sociedade, uma vez que:

“A era pós-industrial é uma síntese do progresso e do atraso. O mundo experimenta um desenvolvimento tecnológico extraordinário e uma crescente globalização de mercados. Apesar disso continuam visíveis e se aprofundam cada vez mais os contrastes entre países que gozam de uma situação invejável de bem-estar e outros onde milhões de pessoas sobrevivem em condições indignas, evidenciando um crescente desequilíbrio ecológico, tanto no meio ambiente quanto nas relações sociais e na subjetividade do indivíduo. São contradições de uma sociedade que não optou por colocar as potencialidades da ciência e da técnica primordialmente, a serviço do homem e de todos os homens”.
(Peruzzo, 1998, p 276).

Somente uma formação mais voltada para uma consciência mais ecológica e um novo paradigma pode aliar o avanço tecnológico com a preservação do planeta e do ser humano. Cabe assim, ao próprio ser humano, tornar-se ‘senhor’ do seu destino, como nossos agricultores tornaram-se protagonistas dos seus. *“A sabedoria exige uma nova orientação da*

ciência e da tecnologia em direção àquilo que é orgânico, brando, não-violento, terno e belo. (Capra, 2000, p 172).

BIBLIOGRAFIA

BIANCHETTI, Lucídio. A Bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações / Lucídio Bianchetti, Ana Maria Netto Machado, Org. – Florianópolis: Ed. da UFSC; São Paulo: Cortez, 2002.

BINSWANGER, Hans Christoph. in Meio Ambiente, Desenvolvimento Sustentável e Políticas Públicas – Clóvis Cavalcante (Org) 2ª edição. São Paulo: Cortez: Recife – Fundação Joaquim Nabuco, 1999.

BITTENCOURT, Gabriel. A formação econômica do Espírito Santo (O roteiro da industrialização). Vitória- ES: Editora Cátedra, 1987.

BOFF, Leonardo. Saber Cuidar. Petrópolis – RJ: Vozes, 1999.

BOFF, Leonardo. Ecologia, grito da terra, grito dos pobres. São Paulo: Vozes, 1995.

CALIARI, Rogério Omar. Pedagogia da Alternância e desenvolvimento local. Lavras: UFLA, 2002.

CANIATO, Rodolpho. Com ciência na educação; ideário e prática de uma alternativa brasileira para o ensino da ciência. Campinas-SP: Papyrus, 3ª edição. 1992..

CAPRA, Fritjof. O TAO da FÍSICA. São Paulo: Cultrix, 4ª edição. 1987.

CAPRA, Fritjof. Sabedoria incomum. Conversas com pessoas notáveis. São Paulo: Cultrix, 7ª edição, 2000.

CAPRA, Fritjof. O ponto de mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente. Tradução Álvaro Cabral. São Paulo: 23ª edição, Cultrix, 2002.

CAPRA, Fritjof. As conexões ocultas: ciência para uma vida sustentável. Tradução Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo, 3ª edição, Cultrix, 2003.

CAVALCANTI, Clóvis. (Org.) Meio Ambiente, Desenvolvimento Sustentável e Políticas Públicas. São Paulo: Editora Cortez, 2ª edição, 1999.

CAVALCANTI, Clóvis. Desenvolvimento e Natureza: Estudos para uma sociedade sustentável. Clóvis Cavalcante (Org). São Paulo: Editora Cortez, Recife-PE; Fundação Joaquim Nabuco, 3º edição, 2001.

CURRIE, Karen L. Meio ambiente: Interdisciplinaridade na prática.. Campinas-SP: Papirus, 2ª edição, 2000.

DA MATTA, Roberto. O que faz o Brasil, Brasil? Rio de Janeiro-RJ: Ed. Rocco, 12º edição, 2001.

DEAN, Warren. A ferro e fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira. tradução de Cid Knipel Moreira; revisão técnica José Augusto Drummond. São Paulo: Companhia de Letras, 1996.

DE MASI, Domenico. O Ócio Criativo; Entrevista a Maria Serena Palieri. tradução de Lea Manzi. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

FERRARI, Ângela de Biase. II Colóquio de estudos Teuto-brasileiros, Recife: mimeo. 1968. 4 páginas.

GARCIA, Regina Leite e ALVES, Nilda. A necessidade da orientação coletiva nos estudos sobre cotidiano-duas experiências. In A Bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações / Lucídio Bianchetti, Ana Maria Netto Machado, Org. – Florianópolis: Ed. da UFSC; São Paulo: Cortez, 2002.

GIMONET, Jean-Claude. In Pedagogia da Alternância – Alternância e desenvolvimento. Anchieta: Dupligráfica, 1999.

GUANZIROLI, Carlos. Agricultura Familiar e Reforma Agrária no Século XXI. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.

GUERRA, Cleber Bueno. In Cenários do Rural Capixaba: “coletânea de artigos”. Vitória-ES: SEEA/AEFES, 2002.

HERNÁNDEZ, Fernando. Aprendendo com as inovações na escola/ Fernando Hernández...[exército al.]; Tradução Ernani Rosa. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

INSTITUTO DE APOIO À PESQUISA E AO DESENVOLVIMENTO JONES DOS SANTOS NEVES – IPES. Informações municipais do Estado do Espírito Santo-1994-2000. Vitória. 2000.

JOBERT, Guy. A inteligência no trabalho. in Philippe Carré e Pierre Caspar. Tratado das Ciências e das Técnicas da Formação. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

LEMOS, Carolina Teles. Gênero na agenda dos movimentos sociais. In Saberes e olhares: a formação e educação popular na Comissão Pastoral da Terra. São Paulo: Loyola, 2002.

MATURANA, Humberto R. e VARELA. J. Francisco. A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana. Tradução de Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Athena, 2001.

MORAIS, Clodomir Santos de. Elementos sobre a teoria da organização no campo. Cartilha de Formação nº 11. São Paulo: MST, 1986.

MORIN, Edgar. O método 3: a consciência da consciência. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2ª edição, 1999.

MORIN, Edgar. O método 4: Habitat, vida, costume, organização. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 3ª edição, 2002.

MOURA, Débora. e col. A agricultura familiar e a agricultura de precisão. acesso a Internet em 04/12/2003.

PAYER, Maria Onice, Educação popular e linguagem: reprodução e deslocamentos dos sentidos. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 2ª edição, 1995.

PELOSO, Ranulfo e SIQUEIRA, Ruben. O fim e o caminho que se faz para chegar lá. In Saberes e olhares: a formação e educação popular na Comissão Pastoral da Terra. São Paulo: Loyola, 2002.

PERRENOUD, Philippe. Formar professores em contextos sociais em mudança prática reflexiva e participação crítica. Tradução de Denice Bárbara Catani. Universidade de Genebra, 1999.

PERUZZO, Cicília Maria Krohling. Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania. Petrópolis: Vozes, 1998.

PINEAU, Gaston. Experiências de aprendizagem e histórias de vida. in Philippe Carré e Pierre Caspar. Tratado das Ciências e das Técnicas da Formação. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

QUIVY, Raymond e CAMPENHOUDT. Luc Van. Manual de investigação em Ciências Sociais. Tradução de João Minhoto Marques, Maria Amália Mendes e Maria Carvalho. Lisboa: Gradiva, 2ª edição, 1998.

RESTREPO, Luis Carlos. O direito à ternura, tradução de Lúcia M. Endlich Urth. Petrópolis-RJ: Vozes, 1998.

ROMEIRO, Ademar Ribeiro. Meio ambiente e dinâmica de inovações na agricultura. São Paulo: Annablume-FAPESP, 1998.

SACHS, Ignacy. Estratégias de Transformação para o Século XXI, in Marcel Bursztin (Org). São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

SAINSAULIEU, Renaud. Os efeitos formação na empresa. In Philippe Carré e Pierre Caspar. Tratado das Ciências e das Técnicas da Formação. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

SANTOS, Boaventura de Souza. Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática: a crítica da razão indolente; contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez, 4ª edição, 2002.

SANTOS, Ezequiel Sampaio dos e colaboradores. História, geografia e organização social e política do município de Domingos Martins. Vitória: Brasília, 1992.

SCHAYDER, José P. História do Espírito Santo: uma abordagem didática e atualizada-1535-2002. Campinas-SP: Companhia da Escola, 2002.

SCHETTINO, Luiz Fernando. Gestão florestal sustentável: um diagnóstico no Espírito Santo. Vitória: Ed. do autor, 2000.

SCHETTINO, Luiz Fernando. Desenvolvimento sustentável & florestas/ Luiz F. Schettino (org.). Vitória: Ed. Do autor [s.n.], 2003.

SCHUMPETER, Joseph A. Capitalismo, socialismo e democracia. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.

SEBRAE. Série Conhecendo o Turismo no Meio Rural. André Videira (org.). Sebrae SC, Sd.

SEBRAE. Volume 2. Implantação e gestão do negócio turístico na propriedade rural. André Videira (org.). Sebrae SC, Sd.

SPEYER, Anne Marie. Educação e Campesinato: uma educação para o homem do meio rural. São Paulo: Loyola, 1983.

STAHEL, Andri Werner. Capitalismo e Entropia: Os aspectos ideológicos de uma contradição e a busca de alternativas sustentáveis. In Meio Ambiente, Desenvolvimento Sustentável e Políticas Públicas – Clóvis Cavalcante (Org). São Paulo: Cortez: Recife – Fundação Joaquim Nabuco, 2ª edição, 1999.

TEODORO, Suzi Huff. (Org.) Conflitos e uso sustentável dos recursos naturais. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

TRIVIÑOS, Augusto N. Silva. Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: A pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VEIGA, José Eli. Cidades Imaginárias. Campinas-SP: Autores Associados, 2002.

WARSCHAUER, Cecília. Rodas em rede: oportunidades formativas na escola e fora dela. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

WEBER, Gerlinde Merklein. A escolarização entre descendentes pomeranos em Domingos Martins. Vitória-ES: UFES, 1998. Dissertação de Mestrado-Universidade Federal do Espírito Santo.

WEIL, Pierre e TOMPAKOW, Roland. O corpo fala: a linguagem silenciosa da comunicação não-verbal. Petrópolis: Vozes, 39ª edição, 1986.

ZANETTI, Eder. Meio ambiente: globalização e vantagem competitiva das florestas nativas brasileiras. Curitiba: Juruá, 2003.

DOCUMENTOS

ABRAMOVAY, Ricardo. Novas fronteiras da agricultura familiar – Gazeta Mercantil – p. A 3 – 17/09/01

Associação em Defesa dos Direitos dos Produtores de São Bento do Chapéu-Domingos Martins – ES – Arquivos.

Cadernos especiais do Jornal a Gazeta – RECALL, 2002. Vitória – ES

CARDOSO, Antonio Maria Ferreira. Turismo, Ambiente e Desenvolvimento Sustentável em áreas rurais. Anais – 1º Congresso de Estudos Rurais – Mimeografado – SD.

CUNTO, Marcelo de. Comércio Exterior, informe BB, Junho 2001.

EFASBEC – Escola Família Agrícola de São Bento do Chapéu – Domingos Martins – ES – Arquivos.

GIMONET, Jean-Claude. A Alternância ou a pedagogia das orlas do bosque. mimeo, 2003.

GUERRIERI, Maurício Abdalla. Repensando a metodologia. Vitória: mimeo, 1996.

Jornal O Braço Sul – Domingos Martins – ES – Várias edições.

PASSOS, Ângelo. A Gazeta. Vitória – ES, 02/09/2001.

PEREIRA, Roberly. O Braço Sul. Domingos Martins – ES, Março 1997.

PIN, José Valdemar. Relatório de visita técnica. Anchieta. Mimeo. 2002.

FERNANDEZ, Bernardo Mançano. in UNEFAB – União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil. Informativo outubro / 2001.

VERAS, Dauro. Café do Brasil: o sabor amargo da crise. Florianópolis: Oxfam-CUT, 2002.

www.aderes.com.br. Acesso em 15/09/2003

www.ibama.gov.br. Acesso em 11/11/2003.

www.iema.es.gov.br. Acesso em 15/09/2003

www.incaper.es.gov.br. Acesso em 15/09/2003

www.sebraees.com.br. Acesso em 15/09/2003

www.sociologia.hpg.ig.com.br/afds.htm, acessada em 06/12/2003

Anexos

ANEXO 01
ROTEIRO DE PESQUISA (1ª ETAPA)

Nome Sexo

Estado civil

Residência : Rural
 Urbana

Escolaridade Tipo de curso:..
Cursando:

Tipo de trabalho: autônomo
 familiar
 empregado/assalariado
 outros: qual:

Atuação na agropecuária (só para quem atua)

Culturas (ordem de importância)

Criações: (ordem de importância)

Outros:

Participação: Social Comunitária
 Religiosa Associativa/Cooperativa
 Sindical Outros. Qual:

OBS: Este roteiro foi respondido por 11 ex-alunos, mas não foi utilizado, em função de mudar a perspectiva do trabalho.

ANEXO 02 - A

QUESTIONÁRIO

1- CARACTERIZAÇÃO DE AGRICULTORES INOVADORES

Identificação – Nome_(opcional)_**agricultor família 1**

Sexo: () masculino () feminino Estado civil..**solteiro**

Mora na Comunidade: **São Bento do Chapéu** Município: Domingos Martins (ES)

Grau de escolaridade: **8^a** Idade na conclusão: () 14 a 16 anos () mais de 16 anos Idade atual **24** anos

2. Escolaridade:

- . Continua estudando () sim () não
- () Técnico Agropecuário () Técnico Contábil
- () Ensino Médio () Formação Geral
- () Magistério () Faculdade Curso:
- () Outro Qual: **Capacitação.para inspeção orgânica**

3 Trabalha na área rural,(tempo integral ou parcial) em que **regime de exploração:**

- () junto com a família () sozinho () em grupo
- () em parceria (.....)comodato (.....) arrendatário()outro.Qual?

4 **Qual a área total** da propriedade?...**25,5**....ha ,qual o tamanho da área cultivada?...**12**...ha.

5 Cite as **principais explorações agropecuárias** da família em ordem crescente de importância econômica: (mesmo que em tempo parcial)

- | | |
|-------------------------------|------------------|
| 1 ^a .Horticultura. | 4 ^a . |
| 2 ^a .Cafeicultura | 5 ^a . |
| 3 ^a .Citricultura. | 6 ^a . |

6 está satisfeito(a) com o rendimento financeiro de suas atividades rurais nos últimos anos?

- () sim
- () não Por quê ? **Altos custos de produção e baixas remuneração da produção**

ANEXO 02 – B

QUESTIONÁRIO

1 CARACTERIZAÇÃO DE AGRICULTORES INOVADORES

Identificação – Nome_(opcional)_agricultor família 2

Sexo: (X) masculino () feminino Estado civil..**Cazado**

Mora na Comunidade: São Bento do Chapéu Município: Domingos Martins (ES)

Grau de escolaridade: **4^a** ..Idade na conclusão: (X) 14 a 16 anos () mais de 16 anos Idade atual...**45**.....anos

2. Escolaridade:

- . Continua estudando () sim (X) não
 () Técnico Agropecuário () Técnico Contábil
 () Ensino Médio () Formação Geral
 () Magistério () Faculdade Curso.
 () Outro Qual:

3 Trabalha na área rural,(tempo integral ou parcial) em que **regime de exploração**:

- (X) junto com a família () sozinho (x) em grupo
 () em parceria ()comodato () arrendatário()outro Qual?

4 **Qual a área total** da propriedade?..**70**...ha ,qual o tamanho da área cultivada?..**35**ha.

5 Cite as **principais explorações agropecuárias** da família em ordem crescente de importância econômica: (mesmo que em tempo parcial)

- | | |
|-------------------------------|--|
| 1 ^a Café | 4 ^a Artesão.agro-alimentar |
| 2 ^a Banana. | 5 ^a Gado |
| 3 ^a Feijão | 6 ^a Farinha de mandioca |

6 **está satisfeito(a)** com o rendimento financeiro de suas atividades rurais nos últimos anos?

- (x) sim
 () não Por quê ? .**O produtor tem que se manter com o que produz**

ANEXO 02 - C

QUESTIONÁRIO

1. CARACTERIZAÇÃO DE AGRICULTORES INOVADORES

Identificação – Nome_(opcional)__**agricultor A**

Sexo: (x) masculino () feminino Estado civil.**Casado**

Mora na Comunidade: **Biriricas** Município Domingos Martins (ES)

Grau de escolaridade: **4ª série** ..Idade na conclusão: (x) menos de 14 anos () mais de 16 anos Idade atual...**43**anos

2. Escolaridade:

- . Continua estudando () sim (x) não
- | | |
|--------------------------|----------------------|
| () Técnico Agropecuário | () Técnico Contábil |
| () Ensino Médio | () Formação Geral |
| () Magistério | () Faculdade Curso. |
| () Outro | Qual |

3 Trabalha na área rural,(tempo integral ou parcial) em que **regime de exploração**:

- (x) junto com a família (x) sozinho () em grupo
 () em parceria (.....)comodato (.....) arrendatário() outro Qual?

4 **Qual a área total** da propriedade?..**10**ha ,qual o tamanho da área cultivada?**08**ha.

5 Cite as **principais explorações agropecuárias** da família em ordem crescente de importância econômica: (mesmo que em tempo parcial)

- | | |
|-------------------------|------|
| 1ª .. Banana. | 4ª |
| 2ª .. Eucalipto. | 5ª |
| 3ª .. Palmito | 6ª.. |

6 **está satisfeito(a)** com o rendimento financeiro de suas atividades rurais nos últimos anos?

- (x) sim
 () não Por quê ? **A agricultura.familiar busca alternativas, que torna a propriedade rentável**

ANEXO 02 - D

QUESTIONÁRIO

1 CARACTERIZAÇÃO DE AGRICULTORES INOVADORES

Identificação – Nome_(opcional)_agricultor **B**

Sexo: (x) masculino () feminino Estado civil..**Casado**

Mora na Comunidade: **Biriricas** Município: Domingos Martins (ES)

Grau de escolaridade: **2º incompleto**..Idade na conclusão:() 14 a 16 anos (x) mais de 16 anos

Idade atual....**41**.anos

2. Escolaridade:

- . Continua estudando () sim (x) não
 () Técnico Agropecuário () Técnico Contábil
 () Ensino Médio () Formação Geral
 () Magistério () Faculdade Curso.
 () Outro Qual:

3 Trabalha na área rural,(tempo integral ou parcial) em que **regime de exploração**:

- (x) junto com a família () sozinho () em grupo
 () em parceria (.....)comodato (.....) arrendatário(). outro

Qual?

4 **Qual a área total** da propriedade?...**13**.....ha ,qual o tamanho da área cultivada?...**10**.....ha.

5 Cite as **principais explorações agropecuárias** da família em ordem crescente de importância econômica: (mesmo que em tempo parcial)

- | | |
|--------------------------|------------------------|
| 1ª .Banana.prata | 4ª...Ecoturismo |
| 2ª .Agroindústria | 5ª. |
| 3ª ..Café | 6ª |

6 **Está satisfeito(a)** com o rendimento financeiro de suas atividades rurais nos últimos anos?

- () sim
 (x) não Por quê ? **.Os custos gerais estão muito altos**

ANEXO 02 - E

QUESTIONÁRIO

1 CARACTERIZAÇÃO DE AGRICULTORES INOVADORES

Identificação – Nome_(opcional)_agricultor **G**

Sexo: (x) masculino () feminino Estado civil..**Cazado**

Mora na Comunidade: **Biriricas_** Município: Domingos Martins (ES)

Grau de escolaridade: **2a.série.** ..Idade na conclusão: (x) 14 a 16 anos () mais de 16 anos

Idade atual...**45**anos

2. Escolaridade:

- . Continua estudando () sim (x) não
- () Técnico Agropecuário () Técnico Contábil
- () Ensino Médio () Formação Geral
- () Magistério () Faculdade Curso
- () Outro Qual: .

3 Trabalha na área rural,(tempo integral ou parcial) em que **regime de exploração:**

- () junto com a família () sozinho () em grupo
- () em parceria (..x) comodato (.....) arrendatário(). outro Qual?

4 **Qual a área total** da propriedade?...**20**.....ha ,qual o tamanho da área cultivada?**20**ha.

5 Cite as **principais explorações agropecuárias** da família em ordem crescente de importância econômica: (mesmo que em tempo parcial)

- | | |
|-----------------------|-----|
| 1ª .Café | 4ª. |
| 2ª .Ponkan(tangerina) | 5ª. |
| 3ª .Mandioca | 6ª. |

6 Está satisfeito(a) com o rendimento financeiro de suas atividades rurais nos últimos anos?

- (x) sim
- () não Por quê ? ..**Melhorou a situação da família.** .

ANEXO 02 - F

QUESTIONÁRIO

1 CARACTERIZAÇÃO DE AGRICULTORES INOVADORES

Identificação – Nome_(opcional)__agricultor **E**

Sexo: () masculino (x) feminino Estado civil..**Casada.**

Mora na Comunidade: **Santa Isabel** Município Domingos Martins (ES)

Grau de escolaridade: **1º ano...** Idade na conclusão: () 14 a 16 anos (x) mais de 16 anos

Idade atual..**50**.....anos

2. Escolaridade:

- . Continua estudando () sim (x) não
- | | |
|--------------------------|----------------------|
| () Técnico Agropecuário | () Técnico Contábil |
| () Ensino Médio | () Formação Geral |
| () Magistério | () Faculdade Curso |
| () Outro | Qual: |

3 Trabalha na área rural,(tempo integral ou parcial) em que **regime de exploração:**

- () junto com a família (x) sozinho () em grupo
 () em parceria (.....)comodato (.....) arrendatário() outro Qual?

4 **Qual a área total** da propriedade?...**38ha** ,qual o tamanho da área cultivada?...**1200.metros quadrados**

5 Cite as **principais explorações agropecuárias** da família em ordem crescente de importância econômica: (mesmo que em tempo parcial)

- | | |
|-----------------|-----|
| 1ª Rosas | 4ª. |
| 2 | 5ª |
| 3ª | 6ª. |

6 **Está satisfeito(a)** com o rendimento financeiro de suas atividades rurais nos últimos anos?

- (x) sim
 () não Por quê ? **lucrativo é um negócio**

ANEXO 02 - G

QUESTIONÁRIO

1-CARACTERIZAÇÃO DE AGRICULTORES INOVADORES

Identificação – Nome_(opcional) – **agricultor C**

Sexo: () masculino () feminino Estado civil **Casado**

Mora na Comunidade: **_Chapéu** Município: Domingos Martins (ES)

Grau de escolaridade: **4ª série** Idade na conclusão: () menos de 14 anos () mais de 16 anos

Idade atual...**34**....anos

2. Escolaridade:

- . Continua estudando () sim () não
- () Técnico Agropecuário () Técnico Contábil
- () Ensino Médio () Formação Geral
- () Magistério () Faculdade Curso.
- () Outro Qual:

3 Trabalha na área rural,(tempo integral ou parcial) em que **regime de exploração**:

- () junto com a família () sozinho () em grupo
- () em parceria (.....)comodato (.....) arrendatário(). outro Qual?

4 **Qual a área total** da propriedade?..**20**....ha ,qual o tamanho da área cultivada?.....**10**ha.

5 Cite as **principais explorações agropecuárias** da família em ordem crescente de importância econômica: (mesmo que em tempo parcial)

- | | |
|-------------------|-----------------|
| 1ª ..Café | 4ª..Agroturismo |
| 2ª ..Hortaliça | 5ª..Banana |
| 3ª ..Piscicultura | 6ª..Pastagem |

6 **Está satisfeito(a)** com o rendimento financeiro de suas atividades rurais nos últimos anos?

- () sim
- () não

Por quê ? **Têm mais opções de trabalho**

ANEXO 02 - H

QUESTIONÁRIO

1-CARACTERIZAÇÃO DE AGRICULTORES INOVADORES

Identificação – Nome_(opcional) – **agricultor D**

Sexo: (x) masculino () feminino Estado civil **Casado**

Mora na Comunidade: Chapéu Município: Domingos Martins (ES)

Grau de escolaridade: **6ª série** Idade na conclusão: (x) 14 a 16 anos () mais de 16 anos

Idade atual..**39**....anos

2. Escolaridade:

- . Continua estudando () sim (x) não
 () Técnico Agropecuário () Técnico Contábil
 () Ensino Médio () Formação Geral
 () Magistério () Faculdade Curso () Outro Qual:

3 Trabalha na área rural,(tempo integral ou parcial) em que **regime de exploração**:

- (x) junto com a família () sozinho () em grupo
 () em parceria (.....)comodato (.....) arrendatário() outro Qual?

4 **Qual a área total** da propriedade?...**35**....ha ,qual o tamanho da área cultivada? **15**. ha.

5 Cite as **principais explorações agropecuárias** da família em ordem crescente de importância econômica: (mesmo que em tempo parcial)

- | | |
|------------------|----------------------------|
| 1ª .Agroturismo | 4ª ..Hortaliças |
| 2ª .Café | 5ª ..Pastagem para aluguel |
| 3ª .Citricultura | 6ª |

6 **Está satisfeito(a)** com o rendimento financeiro de suas atividades rurais nos últimos anos?

- (x) sim
 () não

Por quê ? **Estou satisfeito com a sobrevivência da família**

ANEXO 02 - I

QUESTIONÁRIO

1-CARACTERIZAÇÃO DE AGRICULTORES INOVADORES

Identificação – Nome_(opcional) - **Agricultor I**

Sexo: () masculino () feminino Estado civil **Convivente**

Mora na Comunidade: **Rio Jucu** Município: Domingos Martins (ES)

Grau de escolaridade: **4ª série** Idade na conclusão: () 14 a 16 anos () mais de 16 anos

Idade atual...**30**.....anos

2. Escolaridade:

- . Continua estudando () sim () não
- () Técnico Agropecuário () Técnico Contábil
- () Ensino Médio () Formação Geral
- () Magistério () Faculdade Curso
- () Outro Qual:

3 Trabalha na área rural,(tempo integral ou parcial) em que **regime de exploração**:

- () junto com a família () sozinho () em grupo
- () em parceria (.....)comodato (..x..) arrendatário(). outro Qual?

4 **Qual a área total** da propriedade?....**53**.....ha ,qual o tamanho da área cultivada?.....**25**. ha.

5 Cite as **principais explorações agropecuárias** da família em ordem crescente de importância econômica: (mesmo que em tempo parcial)

- | | |
|------------------------|-------|
| 1ª ..Café | 4ª... |
| 2ª ..Banana | 5ª.. |
| 3ª ..Ponkan(tangerina) | 6ª |

6 **Está satisfeito(a)** com o rendimento financeiro de suas atividades rurais nos últimos anos?

- () sim
- () não

Por quê ? **Da para manter a família e o meu padrão de vida**

ANEXO 02 - J

QUESTIONÁRIO

1-CARACTERIZAÇÃO DE AGRICULTORES INOVADORES

Identificação – Nome_(opcional) – **agricultor H**

Sexo: () masculino () feminino Estado civil **Solteiro**

Mora na Comunidade: **Rio Galo** Município: Domingos Martins (ES)

Grau de escolaridade: **2º grau** Idade na conclusão: () 14 a 16 anos () mais de 16 anos

Idade atual..**24.....**anos

2. Escolaridade:

- . Continua estudando () sim () não
- | | |
|---|---|
| (<input type="checkbox"/>) Técnico Agropecuário | (<input type="checkbox"/>) Técnico Contábil |
| (<input type="checkbox"/>) Ensino Médio | (<input type="checkbox"/>) Formação Geral |
| (<input type="checkbox"/>) Magistério | (<input type="checkbox"/>) Faculdade Curso |
| (<input type="checkbox"/>) Outro | Qual: |

3 Trabalha na área rural,(tempo integral ou parcial) em que **regime de exploração**:

- () junto com a família () sozinho () em grupo
 () em parceria (...x)comodato (.....) arrendatário()..... outro

Qual?

4 **Qual a área total** da propriedade?...**7.....**ha ,qual o tamanho da área cultivada?...**5.....**ha.

5 Cite as **principais explorações agropecuárias** da família em ordem crescente de importância econômica: (mesmo que em tempo parcial)

1ª ..Café

2ª ..Banana

3ª ..Mandioca

4ª

5ª

6ª.

6 **Está satisfeito(a)** com o rendimento financeiro de suas atividades rurais nos últimos anos?

() sim

(x) não

Por quê ? **Preço baixo e pouca valorização dos produtos**

ANEXO 02 - L

QUESTIONÁRIO

1-CARACTERIZAÇÃO DE AGRICULTORES INOVADORES

Identificação – Nome_(opcional) - **agricultor J**

Sexo: (x) masculino () feminino Estado civil **Casado**

Mora na Comunidade: **Perobas** Município: Domingos Martins (ES)

Grau de escolaridade: 2º grau Idade na conclusão: () 14 a 16 anos (x) mais de 16 anos

Idade atual..**31**.....anos

2. Escolaridade:

- . Continua estudando () sim (x) não
 () Técnico Agropecuário () Técnico Contábil
 () Ensino Médio () Formação Geral
 () Magistério () Faculdade Curso **incompleto**
 () Outro Qual

3 Trabalha na área rural,(tempo integral ou parcial) em que **regime de exploração**:

- (x) junto com a família () sozinho () em grupo
 (x) em parceria (...)comodato (.....) arrendatário() outro Qual?

4 **Qual a área total** da propriedade?...**5**....ha ,qual o tamanho da área cultivada?...**5**.....ha.

5 Cite as **principais explorações agropecuárias** da família em ordem crescente de importância econômica: (mesmo que em tempo parcial)

- | | |
|--------------------|-----------------------|
| 1ª ..Cafecultura | 4ª .horticultura |
| 2ª ..fruticultura | 5ª .produção de grãos |
| 3ª ..agroindústria | 6ª |

6 **Está satisfeito(a)** com o rendimento financeiro de suas atividades rurais nos últimos anos?

- (x) sim
 (..) não

Por quê ? **Além da renda aumentada pela diversificação tenho também 60% da minha soberania alimentar.**

ANEXO 02 - M

QUESTIONÁRIO

1-CARACTERIZAÇÃO DE AGRICULTORES INOVADORES

Identificação – Nome_(opcional) - **agricultor F**

Sexo: () masculino () feminino Estado civil **Casado**

Mora na Comunidade: Pena_____ Município: Domingos Martins (ES)

Grau de escolaridade: **4ª série** Idade na conclusão: () 14 a 16 anos () mais de 16 anos

Idade atual..**31**.....anos

2. Escolaridade:

- . Continua estudando () sim () não
- () Técnico Agropecuário () Técnico Contábil
- () Ensino Médio () Formação Geral
- () Magistério () Faculdade Curso. .
- () Outro Qual:

3 Trabalha na área rural,(tempo integral ou parcial) em que **regime de exploração**:

- () junto com a família () sozinho () em grupo
- () em parceria (...x)comodato (.....) arrendatário(). outro Qual?

4 **Qual a área total** da propriedade?...**6**...ha ,qual o tamanho da área cultivada?. **.2** ..ha.

5 Cite as **principais explorações agropecuárias** da família em ordem crescente de importância econômica: (mesmo que em tempo parcial)

- | | |
|------------|-------------|
| 1ª Café | 4ª.mandioca |
| 2ª feijão. | 5ª. |
| 3ª ..milho | 6ª |

6 **Está satisfeito(a)** com o rendimento financeiro de suas atividades rurais nos últimos anos?

- () sim
- () não

Por quê ? **Investimos em qualidade e conseguimos melhor preço na comercialização.**

(café)

ANEXO 03

ROTEIRO SEMI-ESTRUTURADO PARA ENTREVISTA COM AGRICULTORES FAMILIARES INOVADORES :

1. Produção agrícola e pecuária
2. Industrialização caseira de produtos agrícolas
3. Associativismo, cooperativismo, sindicalismo
4. Formas de organização da família rural
5. Conservação e defesa do meio ambiente
6. Produção orgânica
7. Economia agrícola, planejamento e desenvolvimento do meio rural
8. Pessoa inovadora para o meio
9. Tomada de consciência – insight
10. Atitude inovadora na atividade agrícola da família e região
11. Considerando a realidade de sua família e da comunidade
12. Incentivo de envolvimento nas atividades, desafios, problemas e dificuldades da comunidade
13. Satisfação pessoal e familiar com os resultados alcançados
14. Auto-estima com a situação da propriedade
15. Sentimento hoje
16. Prazer pelo trabalho

ANEXO 04

DEPOIMENTO FAMÍLIA 1

Inicialmente eu gostaria que você falasse um pouco da produção agrícola e pecuária da sua família.

- Bom a produção agrícola e pecuária da família, da minha família, ela é voltada mais é para a agricultura orgânica, né, que até agora a partir desse meado do ano vai ser considerada certificado e agricultura familiar mesmo, de pequeno porte e e bem diversificada né, pra num...evitando questão de monocultura pra num...se acontecer de algum produto, por exemplo, abaixar assim de preço de ficar assim com o preço mais pra num prejudicar tanto o orçamento da família .

O que você entende por produção diversificada?

- É o que eu entendo é assim, não se prender a uma cultura né, no caso muitos aqui na região se prenderam a cultura do café e com as oscilações aí do do mercado muitos já sofreram assim bastante porque o gasto familiar com despesas são alto e mesmo pra ..para manter a cultura sempre dentro do que tiver o custo é muito grande e com os baixos preços de alguns anos aí, o o agricultor começou a ficar descapitalizado né, e gente já trabalhando há treze anos também com hortaliças pra diversificar a a renda e com fruticultura no caso citrus né, que se eu não me engano são desde 88 , mil novecentos e oitenta e oito que meu pai e minha mãe, aqui começaram a plantar a questão da Ponkân que até hoje é uma boa renda, principalmente no período em que o café está ainda na colheita mantém renda e i a hortaliça ela atravessa um um preço mais baixo, por ser inverno e então nas épocas mais quente a produção aumenta bem né, então o volume de hortaliça e assim hortifruiti e..ele é maior nessa época então você repõe assim a renda da da família com frutas, no caso a Ponkân, a laranja e um pouco de limão também.

Você começou a falar em produção orgânica, o que é produção orgânica no seu conceito?

- A produção orgânica ela hoje é ,ela além de ser a produção que você não utiliza adubo químico, e nem adubo sintético, esses adubos convencionais, também é pra questão social e ecológica né, nada mais é do que você respeitar a legislação ambiental do país, a questão de de fauna, flora e também questões hídricas também, e parte social é se você tem crianças e essas crianças até não eles respeitando o estatuto do adolescente ele pode ajudar no caso o adolescente na família mas ele , ele tem que ter o direito de estudar e completar até o onde for possível seus estudos.

Eu gostaria de saber a partir de quando e como e de que houve o momento em que a família começa a pensar na produção orgânica?

Olha isso já vem há muito tempo, antes por exemplo, de surgir esse movimento aqui em que a Associação da da de São Bento e antes da da implantação da Escola Família não sabia esse pensamento de produção, não se conhecia essa questão muito de orgânica, produção mais natural, assim a gente já ouvia alguma coisa assim pela TV, mas era muita pouca informação. Depois que a minha família começou a entrar, a participar de reuniões, na formação da Associação, depois há um ano dois anos depois a formação da Escola, a gente começou já a descobrir mais coisas porque a idéia da fundação da Associação era pra proteger mesmo os direitos dos produtores da região e depois então quando veio, foi formada a escola, é sempre

se voltou pra conscientização do agricultor e dos malefícios da da agricultura convencional né, dos problemas que começou a gerar e aí a gente fazendo..a minha família, os meus irmãos e e a gente estudando na Escola Família desde a primeira turma, que foi em 92 que começou, nesse período em 92 até 95 a gente estudou muito assim, é, as questões de consciência mesmo, conscientizava os trabalhos que a gente fez lá e e algumas experiências que a gente fazia lá, com os professores, na época os monitores ..

Você poderia falar algumas destas experiências?

- Olha só é adubação verde, principalmente na área de zootecnia e agricultura a gente começou a fazer muitas experiências com adubação verde e no caso as leguminosas então esses, algumas experiências, a gente acabou trazendo pra dentro da propriedade como caráter de experiência, porque é difícil para as pessoas que já tem uma mentalidade formada você querer impor alguma coisa, você tem que mostrar algum resultado pra convencer as pessoas. Não adianta você vir de cima para baixo querer empurrar uma tecnologia na na principalmente numa localidade, numa comunidade fechada, que as idéias não são bem aceitas tem que saber como introduzir. Então foi assim fazendo uma experiência de um certo lugar na propriedade que foi começando a dar certo a gente começou a substituir alguns adubos por adubos natural e foi começando a dar resultados, é algumas podas que a gente aprendia, na questão de citrus e café foi começando a fazer na propriedade também que começou a gerar resultados, então foi por aí que começou a mudança mesmo né, alguns sempre participando de palestras com algumas pessoas que entende do assunto de ecologia, de agricultura orgânica mesmo. Foi um processo que veio crescendo... assim ...no caso lento mais nunca parou de crescer, sempre foi evoluindo

Essas palestras que você, poderia me dizer onde ocorreram?

- Olha, na época por exemplo que eu fiz o primeiro grau que seria o fundamental hoje, acontecia mesmo na EFA por que a gente tinha um contato principalmente com a APTA né, que é órgão, uma ONG, é que...que comanda assim sabe tipo, procura algumas alternativas mais viáveis para o produtor, algumas como a Pastoral da Terra, também houve algumas experiências que eles mostravam e outras experiências mesmo que os próprios monitores haviam adquiridos em outros trabalhos que eles faziam antes, então eles passavam para a gente, e a gente começava a fazer experiências em casa né .

Eu gostaria então de saber agora sobre a forma de organização da família? Como ela foi organizada no passado e como ela está organizada agora?

É bom aqui, sempre que eu me lembre assim(Coça o queixo , reflete, franze os olhos) assim sempre o o o a a a as decisões sempre são tomadas no coletivo. A gente acostuma.

Sempre foi assim?

- Já era assim, no caso, antes um pouco antes quem dava sempre a palavra final era o sempre era o(reluta, pensa coça o queixo,olha para os lados) no caso né o patriarca, o meu pai, mais depois mais tarde.

Quando começa a mudar essa situação?

-É justamente quando a gente começa a participar mais na questão social né, da Associação na Escola Família que todo mundo começa a trabalhar em equipe, assim no começo quando foi bem difícil pra você levantar a Escola, então todos ajudavam tanto homem, quanto a mulher então justamente ali, começou a ter mais voz e hoje assim todos tanto filho quanto pai e mãe eles têm a mesma participação nas decisões na família né.

A família faz uma divisão do trabalho? Como isso se dá?

- Você aqui ..(pensa)... principalmente na minha família é um é um sistema mais mais de de cooperativismo mesmo, um ajuda o outro não tem aquela tarefa específica não, a mulher faz isso ela é dona de casa ou o homem só faz aquilo é ele que cuida, por exemplo aqui quem cuida das finanças da da família é a mãe, é a mulher né , quem diz onde e quanto pode gastar é ela.

Eu queria insistir nisso a família planeja a divisão do trabalho ou isso acontece espontaneamente ?

Não, não a gente de um tempo para cá, a gente começa a planejar as atividades o que plantar,

O que plantar, o que vender?

O que plantar, o que vender, mesmo quando se entra num sistema orgânico certificado você mesmo não querendo, mas você é obrigado, assim, a se organizar melhor né, tem época de plantio o que plantar, quanto plantar, a quantidade você tem que começar a contabilizar também o que se gasta, o trabalho

Você me disse que a família participou/participa do associativismo/cooperativismo. Eu gostaria que você descrevesse um pouco mais o associativismo. Sua família contribuiu diretamente ou sua família passou a fazer parte? Entendeu?

Ah sim, ah não. A minha família específica assim ela, ela é uma das primeiras, ela não participou da idéia original assim, logo no início, mas ela logo foi convidada, meu pai, minha mãe, foi logo convidado principalmente pela associação de São Bento eles são até sócio fundadores. Desde o início, ajudaram muito quando começou principalmente a questão de implantar a escola, eles sempre estiveram presentes, principalmente pra na questão de de tudo que precisava né, apoio lá em construções, mutirões, festas e alojamentos de alunos, eles sempre estiveram presentes.

Você saberia dizer o que motivou a família a estar presente participando tão ativamente desse movimento?

É mais é busca de informações né como eles não tiveram a o o a chance de de ter um estudo mais avançado, só fizeram aquele básico mesmo, eles se viram na necessidade de então os filhos buscarem alguma coisa fora porque aquele pensamento que quem mora no interior não precisa de estudo isso já vinha sendo provado que não é bem assim, se você tiver formação no campo você, você pode se dar muito melhor do que se você não tiver, porque você tem que ter uma uma formação e trabalhar não só o trabalho braçal né, mas é organizar seu trabalho e ter ciência de que assim ter consciência que você vai trabalhar na na propriedade. Então para ajudar principalmente na propriedade eles, eles se empenharam para poder os filhos então, no caso, eu e meus irmãos, estudarem pra poderem ajudar um pouco como acontece até hoje né, todos estão formados como técnicos e passaram pela Escola Família de 5ª e 8ª e estão todos trabalhando em casa.

Uma outra coisa...você disse que a Escola Família incentivava, motivava experiências no caso mais de produção diferenciada, havia de alguma forma incentivo para o envolvimento em atividades, desafios e problemas da comunidade por parte da escola?

- Pode repetir, repete...

A Escola motivava novas experiências no campo da produção da produção diferenciada...Havia incentivo para o envolvimento..?

-Ah sim, com certeza. Por que aí todos iam, assim, depois que você começa a participar, desse desse .. desenvolver a questão mais social. Você começava a ver como a comunidade estava atrasada neste aspecto. Então o que a gente tentava era quebrar essa barreira né, então esse era um incentivo maior: você via o problema, você via que a comunidade que a gente vivia ela esta atrasada e não se envolve com o social, é aquele produtor que esta isolado lá num canto ele não quer,sabe, tentar trabalhar em conjunto, então esse é um desafio grande que, que os alunos principalmente das primeiras turmas, assim, viam necessidade de tentar quebrar um pouco esse gelo né, essa barreira que tinha, principalmente na comunidade muito fechada né, para essa questão mais social, né, de associação, questão mais cooperativista.

Voltando aqui, atraso, eu gostaria que você aprofundasse o que entende como atraso?

- É porque hoje a gente vê, isso é mundial, isso não precisa você ficar muito explicando, existe os blocos né, que tem pessoas que cooperam entre si, várias experiências nos países e aqui mesmo, no Estado, você vê que a questão associativista e cooperativista ela tem bons frutos. É claro que vai ter problemas em alguns casos, onde tem mais de uma pessoa pensando sempre vai ter atrito e você não via isso , não vê, não via nas comunidades, não via nem uma ...um grupo querer se juntar e tentar buscar algum direito,que é dos agricultores, um exemplo são os assentados desses movimentos eles são, o MST no caso, os assentados, eles quando trabalham juntos, unidos, eles conseguem muito mais coisas que que a gente que tem um pedaço de terra, mas não consegue porque é uma pessoa isolada la no canto ela não tem poder de decisão dentro do município, ou dentro da comunidade isso começa a mudar desde o momento que você sentar duas ou três pessoas, três quatro famílias vão sentar aqui e vamos ver quais são os nossos problemas e vamos tentar solucionar, vamos procurar os nossos direitos. Isso não havia, nem uma nem duas nem a própria família entre eles, eles não concordavam. Hoje claro que em todo processo deste de questão de cooperativismo e associativismo há problemas como eu já falei quando há um grupo, ninguém pensa igual, você tem que captar os pensamentos e as dificuldades que são comuns entre todos e tentar trabalhar essas, esses problemas. Não é da noite para o dia que você vai conseguir mudar né, mas você só não pode andar para trás.

Em algum momento a família se preocupou com agregação de valor na agropecuária?

Há, com certeza isso é isso é indispensável hoje. Porque principalmente os produtos de agricultura que são produtos primários eles sofrem muito com a questão da oscilação do preço é questão de produção quando é um pouco maior começa a baixar preço, nunca tem um preço estável. Então principalmente quando a gente trabalha a questão de hortaliça já já, por exemplo, empacotar alguma coisa, algum exemplo, a gente trabalha aí com couve, já levo couve picada porque já é uma um semi industrializado no caso, por que ele já vem pronto que o consumidor vai lá e pega vai só passar uma água, não vai ter trabalho, ou o café, agora então, principalmente, a associação montou um maquinário pensando em realmente colocar qualidade no produto, no caso o café para agregar valor.

Gostaria que você falasse mais da questão do café...

Olha, o o desde sempre aqui neste lugar assim se preocupou com a qualidade do café. Tanto é que a produtividade a produção deste café de baixa qualidade ela é imensa. Então quando você tem uma superprodução você acarreta preço baixo e os mercados hoje eles estão cada

vez mais preocupados em colocar qualidade pro pro consumidor. Então a gente via que só de você cuidar bem da lavoura você na hora que o café estiver maduro você proporcionar uma boa colheita, uma secagem correta nesse café, você já ganharia um bom valor sobre isso , então, nesse pensamento foi montado o projeto né, da Associação.

Onde e como surgiu a idéia da diferença na qualidade do café?

- Isso foi realmente, por exemplos em cursos que foram dados, principalmente na Escola Família mais no período de 5ª a 8ª onde que faziam cursos de classificação de café, aí algumas palestras com alguns produtores, que trabalham no meio mostrando o trabalho de pessoas que já trabalhavam a qualidade do café e daí começou o interesse né ...se você agrega se você só de cuidar melhor do seu café na hora de colher e secar você já tem um diferencial então já começou a mudar ele.

Voltemos ao projeto do café...

- O projeto ,o projeto ele foi idéia de alguns sócios né, orientado por pessoas, assessorado por pessoas que já conheciam já tinham contato né e que existiam é é organizações, fora do País que apoiavam é é a associações que se preocupavam com a questão social e dentro da família, é como dizer, é se preocupava um pouco com o meio ambiente já tinha aquele pensamento então foi montado um projeto né, onde foi pedido um recurso para poder montar todo um equipamento para melhoramento e beneficiamento da produção.

E como está a utilização deste equipamento? Como que a sua família utiliza, como são as normas?

- Entre o grupo hoje, quando foi por exemplo montado esse projeto, foi bem destacado que não se usaria nem um produto químico, agrotóxico que poderia comprometer a qualidade desse produto, já que a associação e e os associados se preocupavam com a questão ambiental foi montado o projeto e, acredito eu, que só foi liberado o recurso devido a essas questões. Entre o grupo que fornece e beneficia café na unidade lá e associação e eles têm que respeitar alguns critérios como não utilizar mesmo os a a a questão dos agrotóxicos, e existe todo um regimento interno para você trabalhar né, não é de qualquer jeito que você vai chegar lá tem que respeitar o dia por exemplo que você leva o produto, você tem que saber que tem outro produtor também que quer se beneficiar , você não pode pensar só para você , você tem que ter o pensamento mesmo associativista.

Além da couve, do café, tem mais alguma coisa, ou produto que vocês industrializam?

Ah sim, até agora está meio parado, mas a gente trabalhou também a questão da produção da tilápia tailandesa né, em viveiro, e começou como: foi montado um projeto em cima de que o produtor criaria o peixe e quando estivesse no ponto de abate, existiria uma filetadora ,uma indústria para filetar para industrializar esse peixe, isso foi promessa de governo e aí, isso não se concretizou. Como o peixe in natura, o peixe sujo no caso, ele não tendo preço bom elevado não cobriria o custo a nossa saída foi começar por conta própria a industrializar esse peixe, principalmente limpando, tirando o filé e colocando em bandeja de isopor com cobertura de PVC num processo de limpeza e começou a vender, principalmente em feiras livres, ou por encomendas aqui com pessoas pedindo de fora de visitas, ou vinham pescar, eles sempre levavam alguma coisa, como na época da Páscoa mesmo quando a semana que o pessoal consome, mais o peixe a gente começou a vender o peixe filetado, mas esse processo hoje ele, ele foi paralisado porque o custo é muito alto e se você não tem um centro para beneficiar esse peixe ele fica meio complicado, pois se foi iludido muitos produtores e ficaram no prejuízo porque não tinha como vender o peixe não tinha escoamento da produção

então eles se viram ou deixam lá no viveiro ou vendem ele congelado mais sujo, né. Nesse esquema não consegue tirar o que empatou, a questão de alevino, mão-de-obra, ração.

Você já citou anteriormente questão da produção orgânica, respeito a natureza, ambiente. Defesa do meio ambiente, como você vê isso?

- Principalmente na questão de não utilização de agrotóxico né, e adubo sintético, químico, para adubação, o que contamina, né, o solo, o lençol freático. Você respeitar principalmente na questão você da produção orgânica certificada você tem respeitar basicamente a legislação ambiental do País. Você ter a porcentagem de reserva legal.

A família respeita....

Com certeza isso já vem, esse respeito, já vem bem antes da gente pensar em certificação.

Desde quando a família respeita...

Desde que começou esse processo de associativismo, que começou em São Bento aqui depois da vinda da Escola Família para cá também, desde esse momento a gente começou a sentir a necessidade de preservar, porque a gente via o comentário do de visitas principalmente que a gente fazia na época de que estudava, visitas ao norte do Estado, lá onde as famílias sofrem muito por questão da seca devido a no passado aí ter sido os recursos naturais terem sido explorados as questões de matas e começa a sofrer os efeitos, a questão de falta de água, estiagens prolongadas, muitos produtores plantam mais não sabem se vão colher, então tudo isso a gente a gente foi somando e viu que talvez se hoje a gente desmatar com certeza no futuro a gente ainda vai viver para sentir os efeitos.

Em termos de recursos hídricos na propriedade, como você classifica?

Olha só, aqui a gente nunca teve problema, principalmente por causa da região que existe ainda, existe bastante cobertura vegetal, não é o ideal, deveria ter mais.

Você saberia dizer o percentual da cobertura florestal da propriedade?

Hoje, hoje o que está mais ou menos com reserva legal registrada, tem assim eu creio que 40 a 45% da propriedade ainda ela ou até mais por aí, está de cobertura vegetal é mata mesmo, Mata Atlântica.

Considerando a realidade aqui do local, das família e da comunidade você acha que a sua família exerce uma atitude inovadora na atividade agrícola?

Pra região eu creio que sim, porque no município são poucas as pessoas, poucas as famílias que pensam nesta questão ambiental e também tentam tirar lucro disso né, é questão de você é certificar a propriedade, no município, na comunidade, com certeza são poucas as famílias aqui que estão certificando aqui, no caso são seis famílias de produtores aqui que começaram o processo de certificação e a minha família é uma delas, com certeza foi a gente que puxou mais essa situação.

Vantagens da certificação da propriedade ...

Diferenciação principalmente no produto, porque o produto é diferenciado.

Porque é mais caro?

Não, não porque ele é mais caro, porque principalmente, porque ele respeita o meio ambiente a questão social, isso essa é a diferença que o produtor hoje tem, e também respeito a própria família, ele consome tem consciência tranquila que ele está consumindo um produto sadio e

está fornecendo ao consumidor o excedente de qualidade ele pode ficar com a consciência tranqüila que está fornecendo um produto que não vai prejudicar os seus consumidores, com certeza hoje há também uma agregação de valor também, mas não é aquilo que muitos pensam, que vai produzir orgânico, alimento orgânico que vai ganhar muito dinheiro, duas três vezes mais, hoje o problema não é quem ganha duas três vezes mais, não é o produtor que ganha... é o atacadista, é o supermercado, é o dono do quilão da esquina eles sim é que estão ganhando a fatia, infelizmente a organização só foi pensada em produção, mas de comercialização ainda pro agricultor ela ainda é complicada.

Como que você pensa, onde está o nó, o entrave nessa questão?

- Hoje existem muitas organizações que elas pensam basicamente na produção, eles estão preocupados em produzir, mais são poucas as pessoas ou entidades que tem soluções, ou buscam soluções para a a questão de comercialização, porque hoje é o principal problema a produção orgânica certificada, ela não encontra tantas barreiras mais porque existem muita existem muita literatura já sobre agricultura orgânica, ecológica, biodinâmica, mais não existe fórmula com certeza para você trabalhar a questão da comercialização, ainda o agricultor ele está muito, ele está desorganizado nessa questão, não confia ainda, é o velho ditado ainda que ocorre principalmente que a gente vê aqui, “que o santo da casa não faz milagre”, esse é o grande problema, ele sempre, quem tenta organizar isso sempre tenta trazer pessoas de fora isso porque talvez tenha o nome “ele é PHD em não sei o que lá”... e tentam botar isso pra pessoa trabalhar a questão da produção mais não conhece a realidade do local e acaba tropeçando ou ou , ou mesmo assim como seria dizer iludindo mesmo ou se aproveitando do agricultor, são casos que já aconteceram de cooperativas que foram abertas e não teve nenhuma estrutura de pessoas preparadas pra isso e muitos agricultores perderam a sua produção e o lucro que seria seu pela corrupção dentro do mercado.

Eu gostaria que você falasse do seu sentimento pessoal pelo trabalho realizado na propriedade de sua família ..

- Olha, aqui a gente tenta sempre trabalhar...é...pensando no bem estar da própria família , o que vem em primeiro lugar...porque a gente vê, até já perdeu parentes e essas coisas assim por pessoas que, familiares que utilizavam agrotóxicos e e hoje não estão entre a gente né..é isso a gente pensa em ver a situação das outras pessoas vê que eles se deram bem no começo com os agrotóxicos porque isso é mais barato, é possível manter mais lavouras limpas e hoje em poucos anos depois eles gastam o que não tem, o que juntaram pra tentar se salvar por causa das doenças e não conseguem, então a gente tenta trabalhar, vamos tentar trabalhar mais assim natural possível, para não se prejudicar, pra depois não sofrer com esses problemas que no início eu ...o que é mais triste é que a gente vê isso acontecer, mesmo a gente falando, mais tem pessoas que não passaram por esse processo de conscientização, eles não acreditam que, que isso possa acontecer com eles sabe, eu uso isso, isso não faz mal quando acontece de alguém ficar doente provocado por algum produto que usou, e eles ainda culpam Deus né, foi Deus quem quis assim, isso que revolta a gente, mais a gente não pode quebrar a cabeça do indivíduo e colocar uma Bíblia lá dentro de bons comportamentos de o que está errado, cada um sabe do dele.

A propriedade hoje produz, gera prazer?

- Ah! Com certeza, eu acho que você vê uma experiência sua que você fez dando certo, você vê que você fugiu do convencional, de que outra pessoa chegou faz isso que é melhor, você contraria isso e tenta buscar alternativa e vê que aquilo funciona, com certeza...da pra ver que o trabalho se torna mais prazeroso.

A situação pessoal e familiar então tem alcançado resultados positivos?

Com certeza, muita coisa a gente não conseguiu realizar, mais mais eu acho que é positivo, se colocar em porcentagem a gente vê que conseguiu realizar.

O que não foi realizado que te deixa na vontade ainda de pensar em realizar?

Não sei..talvez estudar mais para a frente sabe, tentar se formar melhor, cada vez melhor, tentar realizar alguma coisa dentro da propriedade também, que falta as vezes a questão financeira né porque isso é problema hoje do pequeno né, não é pequeno, é do agricultor familiar ele hoje ainda está, e um maior problema pra ele tentar realizar alguma coisa é a falta de capital é a falta disso,mas eu creio que buscando alternativa e tentando trabalhar em conjunto muita coisa você consegue, porque se a gente aqui olhar para trás, se não tivesse formado um grupo dessas famílias que se uniram, com certeza a gente não teria, São Bento não seria nem conhecido.

Me fale um pouco desse antes e depois...

- É porque hoje, hoje quem conhece São Bento, São Bento Do Chapéu, ele conhece não pela comunidade, pela igreja, ele conhece lá onde fica a Escola Família, lá onde fica a associação que tem um galpão que beneficia café, e isso não existia antes, hoje ho hoje a gente vê, até é engraçado em Campinho(sede do município), na rua principal lá tem uma placa lá São Bento do Chapéu né quem conhece antes não tinha isso, localização quem conhecia São Bento ninguém, hoje a gente se depara, quando “termina a rua” você vê a placa São Bento do Chapéu, quem conhece isso conhece pela escola, Escola Família , e e a associação, e antes não havia isso e se não tivesse nascido isso processo lá eu acredito que não estaria diferente não, teria aquela igreja, onde tem aqueles moradores ali e e ...

Você considera que esse movimento ele estimulou, desenvolveu o local?

- É hoje quantas pessoas não vivem e são empregados, são funcionários da escola que sustentam sua família, quanta renda que aquele projeto do café pode fornecer ainda né, por está em fase de no começo, quanta maior renda isso pode gerar para aquelas famílias que estão ao redor, e por mesmo ...começa a unir as pessoas, ainda há muitos problemas, muitos da região ainda lutam contra, mais isso vai acabar, isso daí não tem como durar eles...vão começar a perceber que não adianta começar a lutar a remar contra a maré, eles vão acabar aderindo de uma forma ou de outra ou já aderem e não querem dar o braço a torcer, como tem alguns cursos na Escola Família que eles realizam lá, a maioria da comunidade está sempre presente, então isso influencia, eles fazem um curso de defumados, de derivados de leite e em outras atividades e sempre a comunidade, as pessoas da comunidade estão presentes, então isso de uma certa forma direta ou indiretamente vai influenciar na vida das famílias mesmo aquelas que não tão no processo associadas ou tem filhos na escola.

Então ainda existem pessoas que lutam que remam contra a maré?

- É pode ser por vaidade por não querer dar o braço a torcer ou não concordam com esse esse sistema ainda pensa que o individualismo, ele ele supera qualquer coisa ...ele o eu consegue o que quer, mais muitos já estão vendo que não é assim, o mundo caminha para issopara isso para a cooperação né se você vê os grandes blocos na TV e no jornal os grandes que se unem formam blocos de comércio, há os seus pontos negativos, mas você tem que ver até onde você pode ir e o que pode fazer, e aquele que fica isolado ele está regredindo, não vê muito prazer em trabalhar no meio rural.

Me fala da sua vida do nascimento ao dia atual projetando para o futuro...

- Olha, no passado que eu me lembre a gente nunca teve ...sempre muita dificuldade principalmente minha família eles meu pai e minha mãe eles eram empregados, como caseiros de de de sítios de que eles tinham de doutores que não tem diploma, mas que chamam de doutor, eu nem sei porque, eram empregados, depois não quiseram mais aquela vida e começaram a trabalhar de meeiro na própria propriedade do meu avô, que eu não sei porque né (neste momento, busca uma expressão de incredulidade, abaixa bastante o tom da voz, busca de significado, de porque, de não entendimento, não sei o que, olhar vago para o teto da casa, etc...) ...desde novo a gente viu que não era fácil, nunca ganhou nada de mão beijada não, então depois (a voz diminui tanto que quase não se ouve...) até que com muito trabalho a gente não pode reclamar os nossos pais eles ...botaram a gente para estudar para tentar melhorar.

O que seu pai falava, ou sua mãe falava quando colocou você para estudar?

Eles falavam, que eu lembro, para aproveitar (pausa)

Foi difícil o período da escola?

(...choro prolongado...35 segundos) com certeza foi difícil.

(continua o choro – em silêncio) ..com certeza porque a gente o que eles falavam principalmente era para a gente aproveitar por que como assim, assim na roça é bem difícil né, alguém sair para estudar então a gente teve essa chance então eles falaram : “Ô, a gente vai por vocês para estudar, mais então é aproveitar (tosse).

projeção para o futuro...

É principalmente na questão da associação a gente tem muita esperança que vai dar certo o melhoramento na produção de café e levar em frente a certificação para tentar a produção mais limpa, mais politicamente correta, mais socialmente correta e sempre manter uma boa base familiar né, por que sem isso você fica né...sempre seguir alguns princípios e não relaxar nisso por que se você não se apegar a alguma coisa a vida perde o sentido.

OBS: após a entrevista, saímos para coletar verduras na horta e o entrevistado disse com satisfação que o seu café havia ficado em primeiro lugar num universo de 20 amostras orgânicas, atingindo a classificação de bebida dura suave- tipo 4 – peneira 17, (a maior é 18) e que o seu café em nome da ADDPRUSBEC representará a Agricultura Familiar Orgânica do Espírito Santo (setor café) na BIOFACH – maior feira de agronegócio orgânico do mundo (sede na Alemanha) a ser realizada no final de setembro de 2003 no Hotel Gloria no Rio de Janeiro.

ANEXO 05

DEPOIMENTO FAMÍLIA 2

Me fala da sua produção agrícola e pecuária.

Minha produção agrícola é café, banana, feijão, milho, criação de porcos, galinha, gado, essas coisas que eu tenho na propriedade.

Na produção, o que é para consumo e o que é para comercialização?

Produção para consumo é milho, feijão, café a gente vende; banana também é para o consumo e a gente vende.

Eu tenho visto produto seu em quilões na cidade e em outros pontos de venda (Sombra da Serra (ponto de parada as margens da BR 262 em Santa Isabel, Domingos Martins), o que você industrializa e como?

A gente industrializa é pão de milho, pão de trigo, fubá relado na pedra, pó de café, açúcar mascavo, melado de cana.

Desses produtos que você vem agregando valor, como você buscou isso?

Isso ali a gente pensou né uma idéia, de uma forma diferente de te uma renda de sem se só da roça .. de outros produtos, então a gente pensou foi visitar famílias de outros município e começou a produzir.

Onde foram essa famílias que você visitou?

Venda Nova do Imigrante, a família Busatto.

O que você achou?

Eu achei muito interessante a família Busatto lá de Venda Nova eles produzem de tudo lá e a gente pensou em fazer isso e começar isso também, de uma forma diferente que a gente vinha usando nos anos anteriores e ..trabalhando.

Como que você organiza para produzir isso na sua família?

Isso aí a gente organiza de trabalhar junto à família, a esposa e os filhos e a gente planta o milho..tem tudo para a gente conseguir produzir isso, fazer tudo manual na roça.

Como que você, ou vocês dividem o trabalho na família?

Olha o trabalho da família é a gente praticamente faz tudo junto.

Junto como?

Junto é assim, vamos dizer: eu trabalho, a esposa trabalha, os filhos tudo mundo faz o **brot** principalmente o brot a gente faz tudo junto, a gente faz junto a esposa e os filhos.

Como é o processo de fabricação do brot?

O processo é o seguinte: pega batata doce, inhame chinês, o cará, o fubá , o fermento, tem que relar o milho na pedra, tem que fazer isso tudo, faz a massa, deixa a massa crescer por

uma hora, coloca no forno.. deixa assar mais uns quarenta minutos e a gente aí faz deixar esfriar, a gente tem que preparar tudo embalar, colocar o rótulo(geralmente realizada pela filha), selo e aí a gente vai entregar nos quilões e nas lojas na cidade

E na sua propriedade como que você, melhor, você começou esse produto agora, há mais tempo, como foi isso?

Esses produto que a gente ta fazendo agora nós já começou há uns dois anos atrás.

Assim de repente, de uma vez? Começou e pronto?

Não isso aí a gente, começou aos poucos, fazendo uma coisa... fazendo outra, e depois foi aumentando a produção.

Como foi o ponto de partida?

A gente teve alguns pontos de partida, a pensou..será que vai dar certo? A gente foi se informando, aproveitando as idéias que os filhos trouxeram da Escola Família e aí a gente começou a produzir.

Você disse família foi só isso, lá em Venda Nova?

Não a gente viu em outros locais.

Dá para dizer quais os locais?

OBS: defeito na fita, houve falha na gravação...

...Participo de Igreja sim, já era presidente de paróquia, da igreja, já fui tesoureiro da comunidade Evangélica de Confissão Luterana de Califórnia (divisão da IECLB).

Qual o papel do Pastor nesse processo?

É o Pastor que trabalha na paróquia inclusive agora é uma pastora é mulher.

Existe diferença entre o fato de ser homem ou mulher?

Da minha parte não.

Não existe diferença?

Eu não, assim tem convivência entre o pastor e pastora não tem muita diferença não entre ser homem ou mulher ...tem algumas pessoas sim, acham diferenças.

Poderia dizer, hoje a propriedade produz auto estima, prazer para a família?

Sim, trabalhando... pra melhorar mais... a produção ..muitas vezes falta é a chuva né que precisa, não ta chovendo, as plantas não querem crescer, mais a gente sempre ta , ta lutando pra conseguir mais produto.. mais resultado.

Qual o seu sentimento hoje pelo trabalho realizado? Sua expectativa?

Meu sentimento hoje é produzir mais né, todos os produtos que a gente tem por que a questão do jeito que ta hoje em dia a questão financeira ta,.. se você produz muito pouco..você não consegue passar, tem que tomar muito cuidado com dificuldade financeira...que o gasto que a gente tem é alto e se tiver muito pouco você não consegue passar ... sobreviver.

Falando dos custos de produção...

A gente vai anotando tudo que gasta por mês e o que vende por mês é tudo anotado. É combustível, energia, tudo o mantimento para dentro pra dentro de casa pra sobreviver , tudo é anotado o que vende também é anotado.

E o trabalho entra onde?

O trabalho isso na roça, nós não conta.

Não faz parte do custo de produção?

Não isso não anota.

Passado, presente e futuro seu e da sua família...

...(tempo longo ...50 segundos ...) O passado seguinte forma, o passado quando a gente era pequeno, novo trabalhava com o pai e mãe, não tinha... só plantava só para o gasto, café só para vender, não tinha carro, nada disso, não tinha energia na roça energia, era energia própria, então isso foi se plantando milho e feijão só pro... gasto ..pra comer, só vendia somente o café. E hoje a gente tem todas essas coisas aí, depois foi mudando, depois começou a plantar ...mais produção, foi descobrindo foi banana que a gente não tinha, então a gente precisou , foi mudando as coisas, vem carro, vem despesa, a gente começou plantar e produzir mais. E pro futuro a gente pensa de fazer melhorar mais as produções, ainda mais os produtos que a gente ta vendendo agora, que eu disse antes, os brot e melhorar mais a qualidade de café pra ter uma venda melhor, um produto melhor para comercializar.

Retomando a questão da mudança, insisto no antes e depois: o entrevistado chama a Esposa;

A partir de que e como vocês passaram a industrializar para o comércio, o que vocês antes faziam para o consumo familiar ?

A gente achou que pra ajudar na renda da família que as coisas estão muito difícil e fora só do café, banana a gente pensou em fazer o brot para isso ajudar na renda da família.

O que que motivou essa descoberta, a partir de que?

É porque tinha outras pessoas que já faziam, aí os filhos falaram que nós fazer também, aí a gente achou que valia a pena e começou a fazer também.

Como foi amadurecendo?

Só de a gente saber que os outros fazia a gente achou que dava certo e começou a fazer.

Assim. Sem debate, sem discussão?

Não, conversa aqui em casa entre a gente só.

Como foi isso?

Nós conversava aqui em casa sobre isso, se a gente começasse a fazer as coisas assim eu e meu marido.

Só você e seu marido?

Só nós que conversava sobre isso.

E os filhos?

Sim os filhos também participavam, né.

Como que os filhos participava?

Escutava e participava da conversa, né.

Como participava da conversa?

Ah! Isso é difícil falar, né.

Porque?

Conversava junto e.. em casa entre eu e meu marido e as crianças e aí a gente começou a fazer ...bem começamos a fazer para vender.

E o que que você acha, vou fazer uma pergunta que já fiz pro seu marido; Passado, presente e futuro, relacionando com o produto que vocês fazem...

É difícil também né.

É difícil falar do passado?

É ...

Como fazia antes e como faz hoje o produto de vocês?

Como nós já falamos.

O processo? Desde a coleta do material até a venda...

O processo da gente fazer.? Primeiro a gente, a gente arruma as coisas todas, pra fazer o brot, a batata, o inhame, o cará, prepara tudo para depois fazer o brot.

Você A. , está fazendo coisas que as outra pessoas da região não faz, o que você considera daquilo que faz?

O nosso trabalho que nos faz?

Você faz uma coisa que no entorno próximo ninguém faz, isso se considera inovação...

O brot, por exemplo? Achei que seria boa idéia, começar uma coisa diferente.

Os resultados?

Pensando bem no momento, ajuda né na renda da família, não depende só da roça ,da banana, do café, sempre ajuda a família.

O. o seu trabalho contribui para o desenvolvimento do meio rural e das proximidades aqui?

Olha, por enquanto eu acho que sim porque a gente dá para se manter, ..daquilo que a gente ta fazendo, do jeito da gente.

O que é do jeito da gente?

É o modo de dizer da gente, porque falta estudo em primeiro lugar ...

Falta estudo, você acha que falta estudo para você ?

Eu acho que sim, a gente estudou até a 4ª série.

Essa fabricação que você e sua esposa fazem foi ensinada em que Escola ?

Isso ali a gente tirou da idéia da gente sozinho de casa mesmo, escola não teve para isso.

Como foi isso?

Isso aí a gente foi pensando....foi mastigando...e conversando...até que um dia a gente achou que vamos fazer pra comercializar ..se da certo.

A fórmula do brot, do açúcar mascavo, do café foi você que fabricou? Foi você e sua esposa?
Não.

De onde veio?

O açúcar já vem do avô... do pai.

Há quantos anos?

Desde que eu me lembro como gente. Há 45 anos, desde que eu me lembre na época a gente era pequeno, hoje eu estou com 45 anos mas há uns trinta anos, antes a gente não fazia. Depois que a gente ficou mais velho é que eles fizeram e a gente participou disso.

E o brot de onde vem a receita?

Isso aí vem de pai e mãe que fazia antigamente só para o gasto, só para comer.

Desde quando?

Desde que eu me lembro como gente.

E os pais aprenderam na Escola?

Olha isso eu não sei, eu acho que que vem desde os antepassados os bem antigo, os bisavôs, fizeram isso antigamente, não fazia outra coisa, só aquilo, só fazia o brot mesmo, então isso eu não posso dizer não, se teve escola ou não teve.

Onde consigo essa informação, com quem?

Isso aí, é difícil.

...com seu pai ou sua mãe?

Pode até perguntar a eles, se eles sabem de onde vem essa receita, se é dos pais deles se é dos avôs que vieram da Alemanha antigamente.

Isso seria o que? O que você está dizendo, que a Escola foi importante? Você não disse que foi a Escola.

Não, isso, pra fazer isso ali não pra fazer os brot não ...não é a escola não. Escola é pra outros fins de aprender, mas do jeito que ta hoje em dia tem que saber mais como se virar no Brasil.

Então o brot já tem uma história?

Tem ...só que escola sobre isso, acho que não tinha, não sei...

Como a gente classificaria isso?

Fica difícil agora responder isso porque, só se for perguntar o pai e mãe para ver se eles sabem responder isso, eu mesmo não sei.

ENTREVISTA COM O FILHO MAIS VELHO (Aluno da 2ª turma da Escola Família entre 1993 a 1996.)

Como você classificaria sua família, pai e mãe antes de você estudar na Escola Família e depois?

Olha, antes a gente trabalhava para, na roça para se manter, mas não tinha visão nenhuma em relação a futuro, assim não se preocupava com a evolução, a gente sempre tava naquela de

como era antigamente a gente estava seguindo levando a vida e depois quando a gente começou a estudar, os filhos, no caso eu e os meus irmãos a gente começou a assim conhecer outra realidade, começou a fazer algumas visitas, e sair mais e a gente foi enxergando o que realmente o que a gente tava atrasado no mundo em que estava vivendo.

O que seria esse atrasado no mundo?

No caso, questão de das tecnologias e no caso assim a gente estava muito atrasado em questão a nossa realidade que é a agricultura né a gente estava atrasado nesse sentido, que hoje agricultura não é só pegar e puxar a enxada e capinar, colher e vender, hoje envolve muita coisa.

Como era a sua conversa, o papo, com a sua família?

Depende né, se for depois? No começo era assim, a gente não se preocupava muito assim, eu diria com o dia a dia mas, depois eu podia ir conhecendo algumas coisas, aprendendo novas técnicas e tal e eu tentava colocar isso para a minha família, alguma coisa eu conseguia, o que plantar na nossa propriedade.

Você sugeria idéias?

Eu sugeria sim.

Como era a aceitação de idéias que você sugeria?

Algumas coisas assim, no meu caso a minha família era assim era até interessante, deixava eu bastante a vontade, eu conseguia assim fazia muita coisa, fazer o que eu quizesse fazer eles deixavam eu fazer, idéias novas que eu aprendia na escola, nos livros ou outros cursos, isso eu tinha bastante liberdade na família e conseguia me por bastante.

Uma outra coisa, a sua família já fazia alguns produtos que ela veio melhorando. Antes fazia para o gasto, passou a fazer para venda. Como foi esse processo?

Olha, antes era... isso é uma coisa que é de, já faz parte da cultura pomerana e do hunsrick.

O que seria isso, a cultura do pomerano e do hunsrick? (povos originários da Alemanha que colonizaram Domingos Martins (ES), vindo para cá em 1862 – pomeranos e 1847 – hunsrick). Olha essa questão do brot de milho, isso é uma coisa que já vem desde os nossos avôs e avós, bisavôs e bisavós, então os pais da gente as mães da gente já aprendeu com a mãe dela, que aprendeu da avó, isso é uma coisa que o pessoal fazia para sobreviver.

E como foi essa saída do fazer para sobreviver, e hoje fazer para comercializar?

Aí foi questão de saída né, porque o povo do interior, da roça no caso, ele tem que procurar uma outra alternativa porque não adianta, não pode ficar parado no tempo, porque o tempo ta evoluindo muito rápido, e aí se achou nisso uma forma de de saída financeira, de repente que o município da gente é um município muito turístico e tal e então fazendo, industrializando no caso, embalando esses produtos a gente conseguia vender e conseguir uma renda melhor para a família.

A sua irmã disse que você sugeriu várias idéias. Você poderia dizer quais idéias você foi sugerindo?

Na verdade assim na minha família eu fui tendo umas idéias de fazer o agroturismo né, no caso igual tem bastante matas, tem rio, tem muitos lugares bonitos, orquídeas e bromélias essas coisas, então fazer umas trilhas, para trazer o pessoal da cidade para conhecer, para caminhar, e aí a gente estar servindo o produto que a família tem, no caso o brot, o kässchmier

(tipo de queijo), essas coisas, estar oferecendo essas coisas pro pessoal ; uma área de camping, de repente fazer uma pousada, umas casinhas típicas feitas de estuque (com barro e tijolo cru).

Dessas sugestões nem todas foram colocadas em prática, quais foram e porque você acha que nem tudo ainda foi efetivado?

Oh! As que foram assim, que ta sendo feita, no caso é as mais fáceis de fazer, a outra é por conta de falta de renda, mais até mais por causa de assim de ter desconfiança de não dar certo, por parte dos pais.

Essa desconfiança de não dar certo, onde ela surge, de onde ela surge? Porque que fica sempre com desconfiança de não dar certo?

Olha, acho que é ainda não e culpa do próprio, da própria família do próprio agricultor daqui, é eu acho que isso aí depende um pouco do da do governo de estar assim conscientizando, sei lá fazer um trabalho com o homem do campo, que o homem do campo aqui na nossa realidade é uma pessoa muito sofrida, ele não tem, nunca teve ajuda, sempre ele perde, nunca ele ganha, sempre ele está plantando alguma coisa e depois ele vende barato, nem vende, ele é muito sofrido, e aí que surge essa desconfiança, o povo já está com esse medo né.

E a causa da desconfiança? É com o governo o que é isso?

Olha, as vezes é uma falta de organização do da própria população que está sofrendo né, é muitas vezes eles deixam de se organizar, tem é,.. surgem pessoas no meio que tem pensa muito individualista e aí quando uma pessoa ta se dando bem no grupo a outra, no caso já está aí com inveja aí é complicado, você conseguir reunir as pessoas em grupo, por que se conseguisse fazer uma associação no caso seria muito mais fácil de você reivindicar e conseguir apoio né, apoio para implantar coisas novas.

Para você pessoalmente, em que a escola contribuiu para o trabalho que você realiza agora no momento? (no momento trabalha nos equipamentos de beneficiamento de café arábica orgânico da ADDPRUSBEC).

Olha, de zero a dez a escola acho que na minha vida melhorou dez, porque antes eu não tinha visão, eu vivia o meu dia a dia, e hoje eu consigo ter uma visão melhor em relação ao trabalho mesmo na roça né no caso, eu vejo que hoje a roça não é só.. hoje você tem que ter uma formação você tem que manusear a sua propriedade como uma empresa.

A sua família é uma família inovadora para o meio rural, na sua concepção?

Eu acho que sim.

O que você considera que ela inovou e o que você considera que ela não inovou?

Oh! Assim o que eu considero que ela inovou, em primeiro foi deixar os filhos estudar, que é pouco aqui os que deixam aqui na nossa realidade, em segundo que ela teve coragem de expor o seu produto que ela no caso fazia para se manter e começou a comercializar né, eu acho que isso aí é um grande passo para as famílias da nossa realidade.

Sendo que você teve uma qualificação maior que seu pai e sua mãe, que conselhos e sugestões você daria para a sua família hoje para melhorar o trabalho que eles vem realizando?

Olha o que eu aconselharia, é não desistir de onde está e sempre tentar melhorar, fazer uma coisa igual eles tem o produto que vendem em Campinho (Sede do Município) .. pegar e jamais diminuir sempre progredir no caso fazer um produto melhor mais quantidade, mais

qualidade no caso mais variedade, embalar melhor, e fazer sempre melhor, mais variedade possível e tentar chamar,.. como eu tive idéia, fazer um agroturismo na propriedade, eu acho que é o melhor caminho que hoje tem.

Me parece que anteriormente sua família já tentou uma experiência que não deu o resultado esperado, quando vendia na praça em Domingos Martins? Como foi isso?

Isso assim foi, uma coisa que surgiu assim: o pessoal da Prefeitura procurou através de um e outro e aí a gente começou a fazer isso, o brot, rapadura, açúcar mascavo, e começou a vender na praça aos domingos em uma barraquinha, depois assim era ruim aos domingos que a gente gostava de ir ao culto, visitar uma família e outra, também não tava dando muito dinheiro, na época assim a gente tinha muitas outras coisas para fazer na roça, tinha muito café, tinha muita banana, essas coisas aí então a gente na época abandonou, devido a isso.

Você diria que foi frustrante a experiência?

Não, não foi não.

Porque não foi já que ela não trouxe o resultado esperado?

Ela trazia assim financeiramente um bom resultado, só que não era muito, não vendia assim muito, mas frustrante não foi, foi questão mais assim de não ter tido tempo por ser domingo, se fosse num sábado, talvez não teria abandonado.

Então, a experiência anterior não causou desânimo?

Não isso não.

Foi retomada depois?

De uma outra forma, com quase a mesma idéia, não alterou tanto.

Você lembra como foi retomada?

Olha, exatamente assim eu já não poderia dizer porque foi retomado, mais começou assim...mais por questão financeira, assim a realidade na roça, tava difícil e tal, aí começaram de novo a fazer para comercializar para ver se melhorava a renda né, e aí começou um pouco né, aí o pessoal começou a procurar e cada vez procurando mais e aí já pede outros produtos, e não tem, se não tem começa a fazer e pede outro e aí nesse sentido que foi evoluindo, e daí...

Eu gostaria que você comentasse a expressão: Produto tradicional numa perspectiva atual moderna...

Bom é, agora assim, deixa eu entender direito ..(explico novamente) ..ah tá ..se transforma muito fácil os produtos o brot, os produtos tradicionais da nossa cultura do pomerano, mas ela se transforma num produto, vamos dizer, devido ao público, ao público não, a quem procura esses produtos porque são pessoal, são pessoas assim vamos dizer os magnatas que vem aí para fugir da cidade, dos transtornos que a cidade causa ele vem aí pra nossa região e são pessoas de classe média acima, de classe alta e eles acabam procurando esses, nossa região e encontram esses produtos nos comércios onde que tem para vender e e partir daí eles já compram e se tornou um produto altamente né, vamos dizer, cobiçado por essa classe que são esses pessoal mais bem de vida no caso.

Durante o período que você ainda estava em casa, como era a forma, a organização, o planejamento do trabalho que a família realizava?

Olha, assim quando eu estava em casa, eu participava até bastante da questão de planejamento, a gente planejava mais ou menos dentro de casa, vamos dizer assim, eu

particularmente eu tomava mais conta da propriedade, meu pai já olhava mais os negócios financeiros, minha mãe ajudava mais meu pai nesse lado e era mais ou menos assim, mais assim, não existia assim um planejamento rígido.

Sentar, planejar, pensar?

Não, não isso não.Única coisa que a gente..(..sorrisos..) as vezes chegava de manhã cedo, a gente sempre tomava café de manhã juntos e aí falava, o que vamos fazer hoje, o que vamos fazer amanhã, mais assim de sentar e planejar, isso não.

Organizar um projeto? Definir metas?

Não.

Porque isso não acontecia?

Não acontecia, não sei nem dizer porque né, mas assim eu acho que a nossa realidade da nossa família e da nossa comunidade em geral os pais conversam muito pouco com os filhos, eu acho e aí muitas vezes deixa a muito a desejar, no meu caso o que eu aprendi assim em outras coisas, eu aprendi na rua não, foi na escola, com meus colegas, outros pessoais, com os pais a gente nunca tinha uma conversa íntima, nunca conversavam sobre questão de regras o que pode o que não pode, o que você deve, o que você não deve, essa conversa nunca existiu.

É típico daqui do local?

Pelo que eu vejo sim.

Porque então a família ser tão fechada e não conversar com os filhos, sobre coisas tão importantes? Isso vem do passado?

Eu acredito que sim, minha mãe sempre falava comigo que “ai de eu falar com meu pai ou minha mãe o que vocês falam comigo”, ela sempre falava isso, se ela falasse com a mãe ela ia apanhar do pai ou da mãe dela, eles também não tem culpa de ter sido assim , isso é uma coisa que já vem assim, passa de pai para filho.

Seu pai e sua mãe falam pouco, quando a gente questiona e conversa, como que eu perguntaria, como que eu faria para conseguir informações importantes para o meu trabalho que eles não conseguem expressar?

Oh, você consegue conversar com eles muito fácil sobre essa questões se você chegar na casa deles de mão limpa e começar a conversar com eles, ..sorri...agora se você chegar com papel na mão, ou um gravador, alguma coisa...você não consegue, eles são muito tímidos, tem vergonha, acham que vão falar errado, “ah nós não estudemos, não sabemos falar..”,agora se você chegar naturalmente, fazer uma visita começar a conversar, de repente passar um dia na casa deles você consegue muita coisa que você acha que não ia conseguir.

DEPOIMENTO DO PROFESSOR PRIMÁRIO DO AGRICULTOR DA FAMÍLIA 2

Professor, tem um ex-aluno seu que me interessa especialmente, O.

Eu gostaria que você me contasse um pouco a história dele, como aluno. A gente poderia começar então pelo comportamento com os colegas e com os professores.

“Era bom aluno,de bom comportamento, boa educação”.

O que era boa educação, porque isso muda de acordo com o tempo?

“Boa educação que eu digo era, com os próprios companheiros, com o professor”.

Ele era muito falante, ou era calado, ou mediano?

“Bastante tímido”

Como assim expressa esse tímido?

“Tímido que eu digo ..medo de ser punido, até se colega dele fizesse qualquer coisa ele chorava, ficava avexado, procurava todo meio de não.. dar alarme na sala de aula”.

Você saberia dizer porque desse tipo de comportamento?

“Não sei”

Vamos para a questão inteligência, como era O. nesta questão?

“Ótimo ...em todas as matérias.”

Diga um pouco disso, em Ciências:

“Era bom”.

Matemática:

“Ótimo”.

Ele me disse em conversas informais que: *“eu era miserável de bom para fazer conta”*. Como você diria isso na linguagem sua?

“Era perfeito, todas, em todas as divisões, multiplicações , problemas, absolutamente em todas elas, todas as operações que tinha para fazer ele era bom”;

Português:

“Era bom também”.

Como um aluno era bom em português e era bastante calado?

“Bem isso eu não sei não”.

Geografia:

“Era bom também”;

Ele tinha noção de espaço, era assim que trabalhava na época?

“Era sim”;

E nos Conhecimentos Gerais:

“Também ia bem”.

Gostaria que você me falasse o seguinte: Dever de casa, tarefa de casa, como se chamava na época? Era dever de casa?

“Era dever de casa”.

E você costumava fazer com frequência?

“Todos os dias”

E a resposta dele, ele fazia, deixava?

“Nunca deixava em branco, sempre pontualmente”.

Você atribui isso ao que, fazer pontualmente, interesse ou medo de punição?

“As duas coisas, mas era de muita boa vontade”.

Porque que era as duas coisas, o Professor era muito rígido?

“Bem eu gostava que o aluno obedecesse e fizesse o que eu pedia”.

Agora uma comparação, era só ele ou a turma como um todo?

“A maioria, 80%”.

Ainda existiam alguns que não faziam?

“Ah, isso tinha”.

E quando acontecia isso, qual era a sua atitude como professor?

“Tinha que fazer na escola”

Tinha redução de nota?

“Não descontava nada, porque o dever de casa não dava resultado de nota de ponto”.

De forma geral nas provas, nas avaliações como era o desempenho de O.?

“Era ótimo, bom, sempre tirava uma boa nota”.

Ele estudou contigo até a 4ª série.

“Até a 4ª série”.

Você saberia me dizer, já que ele era bom, e tinha um desempenho tão bom como você coloca e como ele também acha, qual o motivo então dele não ter seguido, continuado, estudado mais além?

“Na época era muita falta de condições de poder continuar estudar, porque era longe, para continuar a estudar, tinha que estudar na cidade”.

E a distância?

“Muito distante”.

E a família não estimulava, não procurava fórmula, para resolver isso?

“Na época era difícil, bem difícil”.

Obrigado pela entrevista.

Obs: Após a entrevista, tomando um cafezinho, o Professor disse que nunca precisava chamar a atenção dos alunos. A educação(disciplina na sala) era transmitida apenas com um olhar.

ANEXO 06

DEPOIMENTO DO AGRICULTOR DA FAMÍLIA 3

Me fale de sua produção agrícola e pecuária.

Pra mim é uma renda satisfatória, boa né. Café ,hortaliça, ... citricultura ,laranja né uma safra muito boa esse ano e a parte de hortaliça, que a gente vem mantendo o ano todo né ,dá para se manter bem ainda a propriedade a parte de hortaliça né .. e agora a gente optou por outro lado né, que é o agroturismo, também ta sendo uma renda satisfatória já estou até investindo mais em apartamentos.

Você falou em agroturismo, nesta sua história, você industrializa alguns dos seus produtos?

Pouco mais sim, a parte da laranja a gente fez doce e geléia, a gente fez aproveitou bastante, banana a gente também aproveitou, mamão sempre tem e biscoito caseiro que a gente faz .

O seu produto é só para o consumo ou para o comércio?

Não é vendido, mas muito pouco né ,assim pra quem vem se hospedar, se quer leva uma quantidade pequena, é mais para consumo da pousada.

Quem é que faz esses produtos?

É a Esposa.

Você poderia me dizer como surgiram esses produtos? A idéia?

Porque tem que servir o café da manhã né aí você tem que ter variedade né, biscoito, doces, queijo e mais variedades, aí a gente faz a mais e quem quiser compra, só que não tem ainda grande quantidade.

A questão do agroturismo, como surgiu isso?

É porque a gente, só o forte era a feira né, fazer feira (levar os produtos da propriedade para vender na Grande Vitória), e eu não estava assim satisfeito com a minha deslocação da propriedade e ficar dois dias ausente da minha propriedade, ter que sim quase uma obrigação para poder manter a minha propriedade e a gente tentou por ter uma casa antiga a gente pensou em fazer uma coisa diferente, e foi onde que surgiu a pousada.

Como essa idéia foi amadurecendo? Onde você buscou inspiração para isso?

É por a gente ter parente no Rio de Janeiro eles vinham em grandes quantidades eles preferiam vim assim no carnaval e passar aquele período do carnaval, se instalavam juntos com a gente na propriedade e como a gente tinha a casa parada eles achavam que devia de fazer alguma coisa pra.. pra não deixar acabar essa coisa de roça, se ter, se ter, algum incentivo pra as pessoas da cidade precisariam disso..até a própria Secretaria de Turismo descobriu que gente tinha essa casa, e acabou incentivando mais ainda.

Quando essa idéia foi sendo colocada para vocês? Mais ou menos que tempo você amadureceu isso? E resolveu partir para o negócio? Como foi isso?

Eu diria que uns três anos, pelo menos, assim que foi que a gente pensou e foi raciocinando, e de inicio até a gente pensou em uma Casa de Chá, mais aí a gente viu que esse público que freqüenta uma Casa de Chá, não ia dar nem pra ...não ia resolver o problema.

Como você decidiu? A partir das visitas? Conversando com a família ? Como?

Eu e a Esposa sentemo e conversemo e decidimo então fazer.

Você tinha formação, teve informação para começar esse negócio? Você estudou pra esse negócio específico?

Se eu estudei? Eu fui me preparando, e e e como se diz, na parte estrutura , eu fui me preparando, aí um pouquinho antes de de começar a funcionar mesmo eu fiz um curso pelo SEBRAE, aí eu tive uma assim, uma evolução grande até no curso, mais depois que a gente veio a funcionar.

O SEBRAE que te deu ,você que procurou o SEBRAE ? Como foi?

Não a Secretaria de Turismo que me procurou se eu tinha interesse de fazer esse curso pelo SEBRAE.

Quanto tempo? Duração?

Foi duas semanas.

Duas semanas?

É foi duas semanas, mais foi uma semana, fica uma semana em casa e depois teve mais uma semana.

Houve novos eventos, novos cursos, ou você ?

Eu já tive, é não... que eu tenho certificado é só desse um curso, mais depois é teve mais um curso no CALIR (Centro de treinamento do INCAPER), só que não teve público para ele se realizar. Não teve porque o mínimo que precisava era 15, me parece uma coisa assim,mais só tinha 5 aí não puderam realizar o curso.

Uma outra coisa, em relação a associativismo, cooperativismo e sindicalismo, você tem alguma participação? Como é?

Não eu não tenho nada.

Não é vinculado a nada não?

A única coisa que se é a pergunta a gente é associado ao sindicato...

Posso saber qual? Existe o dos trabalhadores e o patronal?

O Sindicato Patronal.

A forma da organização da sua família no dia a dia? Quem faz o que? Na propriedade? Qual a sua tarefa, a da sua esposa no dia a dia? Os filhos?

Os filhos vão para o colégio até o meio dia. A tarde se tem alguma tarefa para eles fazer, eles ajudam, a J. fica na parte de arrumar os quartos(14 anos) ela sabe que essas são as obrigações dela e a parte de recepção se ou a Esposa não tamo pra atender é J. que faz essa parte de recepção. E a questão de do, cada um vê a sua parte é de trabalho né. Eu por exemplo, à noite a Esposa fica mais na parte de de comida e de se preocupar com os alimentos embora ela tenha alguém perto, ajuda mais mesmo assim ela continua nessa parte de de organizar a parte da refeição, aí a noite eu fico, ela deita mais cedo e eu fico com os hóspedes e de manhã eu também fico na obrigação de expor o café da manhã na mesa embora a Esposa fica descansando até mais tarde que depois ela vai cuidar da cozinha, não sei se seria isso...

Eu gostaria de saber dos outros setores e não só aqui na pousada .dos outros que você citou: café, frutas, hortaliça...

A parte do café eu to com meeiro, (explicar o sistema de meia em rodapé, se necessário) a parte de hortaliça eu tenho um empregado que toma conta dessa parte de de hortaliça, que planta e que ta comercializando e eu fico mais só na administração mesmo.

E na questão dos citrus também?

Dos citrus fui eu entrei pra colher e fiz a parte de comercialização.

Eu tenho uma pergunta a mais. A questão de meio ambiente? Como você se relaciona com a questão do meio ambiente?

Eu tenho uma certa preocupação sim, no meio ambiente já isso ai já é não agora, desde o tempo de pousada, mais eu já sempre preservei essa parte de mata, de nascente, é agrotóxico eu sempre evitei de usar, só se não tivesse outro meio a gente usaria, é , e a questão de de fossa, a gente também sempre se preocupou com essa parte, a gente tem fossa, e água a gente não quer poluir a água né, sendo que a nascente é da nossa propriedade mesmo.

Qual o tamanho da propriedade, você disse anteriormente?

São sete alqueires.

Qual o percentual do total em mata ciliar? Cobertura vegetal?

É quatro alqueires.

Quase a metade?

Isso não é só falado não isso é comprovado mesmo.

Já que você tem uma preocupação em relação ao meio ambiente, fossa, de onde surgiu isso? Essa preocupação, você sempre pensou nisso? De onde que veio essa preocupação com a preservação?

Eu já na na no colégio eu já aprendi essa parte né e você vê que televisão você vê tanta tantos rios poluídos, você chega a uma conclusão que se você não fazer a sua parte, como é que os outros irão fazer, né, por você.

Você em algum momento, pensou numa produção mais orgânica mesmo?

Sim, se eu tivesse assim, minha família fosse um pouco maior, eu pensaria assim bem orgânico assim, bem familiar e orgânico mesmo.

Porque se a família fosse maior?

Porque você não consegue de ter, algum controle em cima de empregado, chega uma hora, eles não te atende, não é aquele orgânico que você queria que fosse.

Eu gostaria que você falasse sobre planejamento, o que vocês fazem, como, quando? E pensar, reinvestir, eu to vendo que vocês estão construindo, como vocês fazem isso?

Eu e a Esposa senta e conversa, fala assim nós já tivemos uma renda, e ta funcionando e a gente vai investir esse dinheiro em construção, porque se a gente ficar só no que tem a gente não vai ter mais retorno não,.. é isso ai ...pra você ter um empregado pra ajudar bem ,você tem que manter o horário, os horários que são difícil você precisa de uma pessoa para te ajudar naquele horário.

Não sei, como é que é, existe um ditado, de não dar o passo maior que a perna...

Não isso não , isso a gente, nunca fez, e nunca pretende fazer, você sempre tem que é deu certo ta funcionando vamos construir mais, vamos fazer um aproveitamento e tentar sempre

assim aproveitar os espaços que você pode, é assim, um espaço que esteja é não aproveitado, né vamos aproveitar o espaço em alguma coisa.

Você falou em aproveitamento de espaço e aproveita mais o que? Que a sua propriedade te fornece?

A questão da madeira, eucalipto que eu tinha na propriedade eu aproveitei todinha a madeiras de eucalipto, isso ai me ajudou muito na construção é a parte de telha que são telhas usadas, que eu comprei num preço bom, também me ajudou muito, na economia da construção, e eu tinha, tinha parte de janela e porta eu ainda tinha também de construções velhas também .

Contribuição dos familiares do Rio de Janeiro foi importante para vocês? Fale um pouco mais sobre isso.

Em termos de apoio de de ...apoio..

Despertar para a possibilidade...

É porque eles por exemplo, eles eles disseram que para mim assim que as pessoas que moram na cidade grande, eles precisariam de um ambiente assim da roça como tinha aqui e eu nem sabia disso, que as pessoas precisariam de por a gente morar na roça a gente achava que isso aqui era assim humilde para eles, mas não a gente sentiu que realmente eles tinham essa importância de ter um espaço desse.

E como que as pessoas começaram a se chegar aqui? Como eles descobriram o seu negócio?

De início a gente só botou umas placas, uma na cidade e no caminho vindo pra cá e na Secretaria de Turismo também tinha essa informação, e as pessoas começaram a vir e passando uns para os outros. Até hoje é única propaganda que eu fiz em jornal foi agora no Festival de Inverno (OBS: O Festival Internacional de Inverno de Domingos Martins, reúne música popular e erudita, com oficinas variadas, para estudantes de todo o País e às noites acontecem as apresentações nas Igrejas e no Palco Central com grandes nomes da música nacional e até internacional. A cidade fica lotada, por ser no período das férias escolares e pela qualidade dos músicos que se apresentam gratuitamente).

A idéia da placa, como que ela aconteceu?

No curso do SEBRAE eu aprendi que tinha que ter sinalização para o turista chegar até você.

O SEBRAE falou o que?

Incentivou essa parte que tinha que ter placas, mas sendo que fosse umas placas não poluentes ao ambiente.

O que é uma placa não poluente?

Não porque se você põe assim no meio da mata você põe uma placa é vamos supor assim , toda enfeitada, isso é um um ta poluindo o ambiente, porque não é aquilo ali , tinha que ser uma coisa assim, uma coisa bem simples pra só mesmo pra sinalizar.

Ainda na questão da placa, quem idealizou o tipo de placa que você tem?

Ah, isso ai foi eu mesmo.

Foi você mesmo?

Isso.

E você viu esse estilo em algum lugar ou você criou?

Eu vi alguma coisa parecida né, agora a questão de dessa você pegar uma madeira e isso aí foi eu mesmo, uma por ser barato e outra pra eu mesmo tive a possibilidade de fazer.

A placa é você que faz, a idéia é sua?

Hum, rum ..

O SEBRAE só sugeriu?

Só sugeriu.

E os locais que você coloca as placas, como você escolhe?

Porque é.. a placa , as principais placas que tem é na vinda da da cidade até a propriedade né, então são placas assim para despertar as pessoas e que ali realmente tenha alguma coisa..

Tem lá em Santa Isabel também..(trevo na BR 262 que liga Vitória à BH e Brasília)

Tem .

Não é digamos assim, um lugar...porque você colocou placa em Santa Isabel?

Eu diria por conhecer o dono da propriedade, e conversando com ele, ele me cedeu aquele espaço aí eu pedi aquela placa que não foi eu quem fiz, aquela eu pedi pra pessoa fazer, aí você ta aproveitando as pessoas que passam no asfalto.

Você tem idéia de quantas pessoas conseguem ver aquela placa lá em Santa Isabel?

Não sei não tenho idéia não.

Você falou também no Festival de Inverno, tem aí mais alguma forma de propaganda que você utiliza?

Só o panfleto né, o folder, esse as pessoas que vem visitar, na propriedade levam o folder, as pessoas que se hospedam, levam o folder para o amigo e na própria cidade né, na loja de artesanato, lá no.. no portal da cidade também se encontra.

Você disse que os filhos contribuem na recepção, e na organização do espaço, e em termos de idéias, sugestões e contribuições, qual a o nível de contribuição ou parcela, também deles?

Existe eles sempre, tem idéias né, questão da de arrumar os quartos sempre a J. tem umas idéias diferentes, a Esposa sempre tem essa, assim elas duas se conversam para ver se ta bom né a parte de de arrumação dos quartos e o J. de vez em quando ele fala, papai você tem de fazer assim, uma coisa diferente, esses dia por exemplo ele falou, sugeriu por que não fazer um ..um uma passarela em cima da represa, ele chegou e me falou né mais aí ele viu na propriedade do vizinho.

E o que que você achou?

Eu acho interessante, porque ele ta se envolvendo, ele ta.. vamo supor assim, ele ta satisfeito com o que está fazendo.

E você pretende realizar essa sugestão dele, ou ...

Pretendo, pretendo pra ele ver que é que... pra ver que vai é válida a sugestão dele né.

E você acha que é como sugestão, isso pode ajudar a enriquecer aqui?

Com certeza.

Considerando a realidade da família aqui, você considera que faz uma inovação no local?

Sim .

Porque você responde positivamente?

Uma porque desde a hora que você abre sua propriedade a visitante, ou seja, turista você é uma inovação né, e e com o que a gente vem fazendo eu acho que é inovação.

Você tem envolvimento externo em algum problema ou dificuldade que a comunidade local tenha? Você procura ver essas coisas? Questão social, alguma coisa assim?

A gente procura não se envolver né.

Um exemplo.. a estrada, se estiver ruim, se a estrada não está agradando?

Ai a gente, a atitude da gente é procurar a Secretaria de Obra e tentar com ela solucionar os problemas né.

Já teve algum momento que você se sentiu prejudicado?

Eu me senti muito prejudicado é por alguém ligado a Prefeitura que tirou uma placa que eu tinha na cidade, sem me comunicar.

E em termos de infra-estrutura, telefone? Você tem?

Tem .

Teve dificuldade para instalar? Ou não teve dificuldade?

A gente teve grande dificuldade.

Na solicitação, na instalação, foi pedido de hóspede ou você achou que era mesmo necessário?

Era necessidade porque a gente tinha um aparelho de celular e ele não atendia nós né, as vezes atendia quando você precisava não te atendia, aí a gente resolveu investir num convencional, mas foi problemático.

Era um problema que você tinha e buscou solução sozinho ou, não quero saber valores mas você bancou sozinho ou houve o que? Como pode me dizer isso?

A gente se juntou em cinco agricultores aqui e dividiu os valores pra, .. rateamos a despesa né, dividimos as despesas.

Você poderia me dizer quem puxou essa discussão, quem começou a levantar a necessidade?

Eu que mais procurei os moradores e incentivei para a gente colocar o telefone convencional.

Para atender a sua necessidade ou pensando nos outros?

Pra atender as nossas necessidades.

Você na verdade promoveu, puxou uma discussão pra atender não só você mas os outros. Eu queria que você falasse um pouco disso.

O processo foi difícil porque é a primeira reunião que a gente teve, tinha até vinte e dois participante, todos eles disseram que ia botar o telefone, aí quando chegou, quando veio a, os valores aí caiu para cinco, aí a gente conseguiu dividir então esse valores em cinco moradores.

O que você isso, “22 pessoas na hora de tirar do bolso só cinco”, o que isso diz para você? Que leitura você faz dessa situação?

Eu diria assim que de início as pessoas achavam que o próprio governo ou a Prefeitura tinha que é , tinha que entrar com essa participação e não teve participação nenhuma.

Eu gostaria que você falasse da satisfação pessoal, da satisfação familiar com os resultados que você tem alcançado hoje.

Eu estou super satisfeito porque é eu estou fazendo um trabalho em casa, né, eu não preciso me deslocar, as pessoas é que se deslocam à nós, então eu estou satisfeito com o que eu faço, agora os filhos também vejo que estão satisfeito, a esposa também tá, mais eu passo a palavra à ela. Eu acho muito bom assim desde que a gente começou porque quando a gente começou não ia fazer restaurante ia alugar a casa né, nossa idéia era isso.

Gostei dessa fala, o restaurante surgiu...

Por necessidade só vinha gente se fizesse almoço, porque a gente só ia fazer o café da manhã.

Isso para vocês foi o que? Fazer o restaurante para vocês foi o que?

Para mim foi assim, que não era aquilo que a gente queria, abrir um restaurante.

Mas isso para vocês é um peso ou uma ...

No começo, foi, agora não, já acostumei, porque no começo foi muito difícil, você não tinha o lugar certo de fazer as coisas, tinha que levar as coisas para fora e trazer tudo pra dentro, dificuldade pra carregar as coisas .. a cozinha lá, aí foi difícil no começo, só que agora, fez o restaurante, agora coloca tudo aqui e ali, tá tudo melhor sabe, evoluímos é menos cansativo.

O que é evolução para você?

Evolução que eu entendo é isso aí, você poder, você poder, é mostrar investimento, é mostrar que você tem capacidade de fazer algo.

Você diria que fazer o restaurante foi uma consequência de que? Da procura ou da aprendizagem do que você veio fazendo?

Foi consequência da ..é pela quantidade de hóspedes que a gente tem recebido.

Quer dizer que o negócio fez você aprender a lidar com ele?

Isso.

Eu voltaria aqui ao SEBRAE. No curso do SEBRAE que você realizou, ele te preparou para situações como essa?

Preparou, com certeza.

Ou seja, ele disse que você teria que fazer um restaurante?

Não, ele não disse diretamente que teria que fazer um restaurante, ele só falou assim, de acordo que você abriu a sua propriedade a pessoas te visitarem, você vai automaticamente, você vai vendo as necessidades, ninguém vai precisar falar para você o que você vai ter que fazer, você que vai vendo o que precisa ser feito, ..que vai atender as suas necessidades.

Eu gostaria então de voltar aqui, a feira que você deixou de fazer, você trouxe da feira alguma coisa pro negócio que você tem hoje?

Eu diria muito pouco. Por que quando a gente começou aqui eu imaginava que assim que aquele público que eu tinha aquele conhecimento de nove anos de feira eu imaginava que aquele público vinha todo para cá e foi aonde aonde que não aconteceu, eu tive dois hóspedes da feira que eu conheci.

Quer dizer que aí você “quebrou a cara”?

Quebrei a cara. Nessa parte eu imaginava assim, eu via que aquelas pessoas por me conhecerem elas iam me dar a satisfação de virem a minha propriedade, mas não aconteceu, foi um público totalmente diferente que apareceu, e fica satisfeito.

Gostei da palavra público diferente, quem é o tipo de público que procura aqui? Você tem um perfil das pessoas?

É um público familiar, um público bem sucedido, é eu diria assim, as pessoas de um bom poder aquisitivo financeiramente, pessoas simples.

Pessoas de um bom poder aquisitivo mais pessoas simples, você acha que seriam pessoas querendo voltar às raízes?

Sim.

Você acha?

Sim, quando você vai se aprofundando na conversa com elas em alguma coisa, no passado você sente que elas, se sentem em casa.

Quem mais conversa com as pessoas?

Sou eu mesmo, por motivo da da Esposa ficar na parte da de de alimentação, organização, aí então eu fico mais nessa parte, de dar mais atenção aos hóspedes.

Você sente hoje alguma dificuldade ou alguma carência em seu preparo para o negócio? Seu e da sua família? Você gostaria de externar e dizer porque?

Eu sinto assim, que se tivesse tido mais estudo, eu é .. com certeza eu me é, eu ...conseguiria avançar mais as coisas pro futuro.

Se tivesse tido mais estudo...

É mais estudo porque a gente só tem até a 4ª série, isso isso acaba prejudicando a gente.

E como você pensa em solucionar essa, esse vazio, esse espaço?

A gente pensa em investir nos filhos, na parte de estudo.

Como você observa o comportamento, o interesse dos filhos, nessa atividade?

Você acha assim como eu to vendo? Se estão interessados?

Grau de interesse dos filhos nessa atividade?

Nas conversas que a gente tem.

Sim, mais você percebe que há interesse?

Ah sim, com certeza.

Apesar de que hoje eles já estão com idade diferente, mais da para comparar o interesse deles nessa atividade e antes nos outros setores da propriedade? Como você classificaria isso?

Sim, hoje eles são mais assim mais é, gostam mais disso aqui de estar por assim, vamos dizer em volta de casa.

É porque da mais dinheiro ou porque?(resposta da Esposa)

Porque eles já não gostavam muito de ir para a feira, porque depois que começou aqui eles preferiam que Pai fosse para a feira e eles ficavam comigo, meu Marido fazia feira né, e eles gostavam, depois , quando tinha essa participação aqui ..aí eles diziam ..pai você pode ir pra

feira que eu vou ajudar a mamãe ..aqui eu do conta, tanto ele como a J., e atendia bem, ele que vai atende os hóspedes as pessoas.

*Quer dizer que os seus filhos também sentem prazer pelo ...
Só se mudar ainda, mais por enquanto...*

Passado, presente e futuro?

O passado foi, no começo foi muito a gente passou muita dificuldade, por ter perdido o pai muito novo, a gente passou muita dificuldade na propriedade por não ter renda né, a gente assim vivia é é nas costas da mãe, e..o presente a gente já conseguiu dar a volta por cima dessas dificuldades e chegou onde a gente chegou né, e o futuro a gente pensa assim em termos de turismo rural a gente pensa atingir um cinco estrela.

Ok. No momento está bom obrigado pela entrevista.

OBS. No depoimento e nas indicações das placas me chamou a atenção para a comunicação visual, bem feita, o qual eu queria um pouco mais e pensei em aprofundar na tentativa de buscar informações não expressas no depoimento, principalmente como essas idéias se formaram na mente do agricultor, se ele tinha noção do número de pessoas que visualizavam a placa colocada “estrategicamente” no trevo de Santa Isabel, onde a velocidade obrigatória é 60 km / hora e tem todo o fluxo de veículo de Vitória – Capital do Espírito Santo para Belo Horizonte – Capital de Minas Gerais e Brasília – Capital Federal.

ANEXO 07

DEPOIMENTO DO AGRICULTOR DA FAMÍLIA 4

Você poderia me dizer inicialmente da sua produção agrícola e pecuária.

Da qualidade ou da quantidade de produção? Bom, tem eu trabalho com banana prata, produção aí em torno de, uma média de trinta caixas semanal, e a lavoura de café, mas que adquirei recentemente e ainda ainda não tem uma produção média da área total né, e nessa área de café então, trabalho com banana nanicao na qual eu faço a banana passas. São as assim as principais lavouras que trabalho.

Banana passa, o que que é isso? Me fala.

É, um processo de desidratação da banana né, se elimina a água que, o excesso de água que tem nela e comercializa ela então já desidratada sem esse volume total de água né, ela fica em torno de 28% de água né.

Qual é a banana?

Nanicao que eu utilizo.

Porque não usa outra espécie de banana?

Em função do preço mais estável do do tamanho da banana nanicao que a apresentação final mais favorável pra pra ta comercializando, uma apresentação mais agradável né e também em função do do preço normalmente é uma banana que tem um preço mais estável e mais baixo né, as outras bananas tem oscilação de preço então haveria necessidade de tar segurando preço no produto final também e com a banana nanicao a gente pode trabalhar com um produto com preço estável.

Banana passa como se faz? Eu gostaria que você falasse primeiramente, de onde surgiu, essa ideia da banana passa e descrevesse bem o processo.. todinho.

Surgiu na Associação que solicitou através ao INCAPER um curso do SENAR (Serviço Nacional de Aprendizagem Rural) sobre produtos que pudessem, pudessem ser feitos com a banana, então nesse curso que foi feito aqui na comunidade é que surgiu essa , essa opção e posteriormente então iniciei esse trabalho de fazer esse processo ne, então a a é feito com a banana madura onde, passando por todo esse processo de higienização e quando se descasca, depois a banana faz o processo de lavagem da fruta e a gente utiliza então uma estufa aquecida com resistência elétrica que vai processando, fazendo essa desidratação, num período em torno de quarenta e oito horas, é isso.

Nesse curso citado, qual o número de participantes e o número de pessoas que atuam com nessa atividade ?

Se eu não me engano foram vinte pessoas, mas em relação a banana passa só eu que trabalho né, não lembro assim, provavelmente os outros também não num foram, não surgiu assim outras pessoas que que fizessem ou que desenvolvessem algum trabalho.

Você saberia atribuir, dizer o porque de outras pessoas não estarem fazendo essa atividade?

Não sei as pessoas aqui, as vezes tem o hábito de participar de cursos mas a atividade de agroindústria aqui na comunidade ela ela é bem limitada, as pessoas no máximo o que fazem é pão, biscoitos, mas já a parte de processamento doces, geléias, licores qualquer outra forma de processamento é muito inibida ainda.

Eu gostaria que você falasse, você tocou na palavra associação e de um curso, que associação é essa de onde ela surgiu? Que objetivo é que ela tem? Como que ela atua? Me fala um pouco.

Nós já temos a Associação dos Produtores Rurais de Biriricas, já desde 91, um mil novecentos e noventa e um, ela surgiu como uma forma de organização dos produtores, inicialmente mais para a aquisição de insumos e e posteriormente em 1994 a gente iniciou a comercialização dos produtos também, todos os produtos com a exceção do café qualquer outro produto que, assim de mais importância de maior volume, qualquer produto a associação vem comercializando, então desde 94, final de 94 nós começamos aí com número pequeno em torno de 14 produtores, e hoje já são 28 associados e mais algumas famílias que fornecem esporadicamente alguns produtos que eles tem disponíveis né.

Quem liderou o surgimento da associação ou a criação?

Houve um grupo de trabalho de 5 ou 6 pessoas que fomos procurando informações, buscando cópias de estatutos em outras comunidades e outras associações e promovemos diversas reuniões para debater e e por fim elaborar o estatuto, adequar o estatuto que fosse viável aqui para para a nossa região né então era um grupo de pelo menos 5 pessoas né.

Promovemos, porque você usa o verbo nesse tempo?

É porque a gente nunca teve sozinho nisso né, aí a idéia foi surgindo e e sempre conversando em mais pessoas.

Você estava no grupo, que coordenou que comandou?

Sim.

E além dessa banana passa, o que mais que a sua família, que você produz aqui que você poderia estar dizendo para nós?

Já tem feito também geléia, e licores, mas a gente tá um pouco parado a produção desses produtos em função do tempo né, é como eu falei no início a gente tem uma propriedade que é mais com o café e e tá exigindo muito a presença da gente para fazer um melhoramento da da lavoura né, então já um período de de um ano aproximadamente que a gente tem tido pouco tempo para estar atuando nessas outras atividades.

Além de associativismo, cooperativismo e sindicalismo participa de alguma outra coisa?

Tenho participado também a nível municipal, participei por quatro anos do Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural, e atualmente estou participando do Conselho Municipal de Turismo, e recentemente também da fundação do Instituto Kautsky, fundado recentemente, né Instituto Kautsky de Desenvolvimento Sustentável.

Você saberia me dizer, porque participar de Conselhos, do Instituto Kautsky, o que motiva a estar em instituições e organismos desse jeito?

Sempre em busca de uma,... novas opções, tanto para a região como para a comunidade, como para o município e para a gente também né, que é a forma de estar... tomando conhecimento das das opções de tudo que possa tar influenciando ou favorecendo o desenvolvimento da e ir atuando e buscando alguma coisa que possa trazer melhorias para a região, principalmente para a comunidade.

Você me disse anteriormente que esteve numa visita na Itália. Gostaria que você me falasse da visita na Itália e como foi anteriormente como foi o processo, como chegou a isso?

Essa visita à Itália, fez parte de um projeto de agroturismo, de um intercâmbio, de, aliás de uma parceria entre os municípios de Domingos Martins e Venda Nova do Imigrante, no qual a gente teve um curso de aproximadamente 480 horas de trabalhos de estudos, que por fim resultou nessa viagem à Itália com objetivo de intercâmbio na área de turismo, mais

infelizmente, não houve assim um aproveitamento satisfatório dessa viagem em função da do grupo que acolheu a gente na Itália, já ter compromisso, assumido compromisso anteriormente com um grupo de estudantes argentinos, também com a mesma finalidade de ter um intercâmbio na área de agroturismo, então não não houve a mesma disponibilidade de tempo de de recursos e locomoção né da gente como houve com o outro grupo que já tava agendado anteriormente.

O curso em si como foi até você chegar ao curso?

O curso de agroturismo foi uma iniciativa na época da Secretarias Municipais de Turismo e a escolha dos participantes foi das propriedades que demonstravam potencial para o agroturismo né, então essa escolha foi por parte da Secretaria Municipal de Turismo que indicou a gente, na época até vieram procurar o meu pai, e o meu pai então pediu que se eu tivesse interesse, que participasse.

Porque perguntar ao seu pai, e porque o seu pai sugeriu você, me parece que vocês tem uma família bastante numerosa?

Em função do a questão, então explicar , a questão do potencial para o turismo é em função da Reserva Florestal que tem na propriedade e e que sempre que um trabalho que meu pai cuidou, dessa área de reflorestamento de preservação da mata e posteriormente a opção que ele fez por mim é porque eu moro junto com ele né e ao mesmo tempo essa parte que tem a área de preservação ela na hora da divisão do terreno ela ficou para mim né e eu moro na casa sede da família aí em função disso dessas situações, que ele também em função da idade pediu para mim assumir essa parte.

A palavra “reserva” me chama um pouco a atenção. Há quanto tempo, já que você diz que era do seu pai, há quanto tempo vem essa preocupação com a reserva, com meio ambiente, como isso vem se dando?

Esse trabalho já, começou logo que, primeiro houve o desmatamento quando que a família chegou aqui já era em 1883, então houve desmatamento para fazer o plantio de café e essa área que que hoje foi renovada, reflorestada, ela era uma área de um solo um pouco pobre e o café num foi uma lavoura muito produtiva e daí a opção de de retornar de deixar a mata voltar a tomar conta do que era dela, da área que é a reserva, então já faziam um trabalho na hora de fazer a capina do cafezal eles já iam preservando as mudas que haviam nascido dentro do café e ao longo do tempo então foi se renovando e reconstituindo a floresta né, então já é um trabalho na realidade, desde a época do meu avô que tem existe essa preservação.

Qual a idade dele e em que ano começou?

A família veio em 1883.

A reserva é desde esta data?

Não ali iniciou, iniciou a a derrubada de mata para fazer lavoura era assim tudo mata na ocasião.. **OBS: a filha chega chorando por causa de uma queda, interrompemos para um momento de atenção .. retoma a fala...**então a questão da mata, a família chegou em 1883 e meu pai conta que no início do do século XX, digamos 1900 a 1910, a área mais próxima à casa era todo café novo na ocasião, e daí para frente então foi as outras áreas mais ao fundo mais já era mais antigas, então a preservação, a renovação já foi ocorrendo há mais tempo. Eu mesmo ainda lembro quando eu era novo existia ainda bastante lavoura de café né, mais a dessa nessa área tem muitas árvores que já tem mais de sessenta anos.

Como é a aceitação dos seus produtos?

Felizmente a .. banana ela ganhou mercado em função da própria composição da fruta que eu sempre coloco isso como uma qualidade principal da dos nossos produtos, a matéria prima que é boa, a origem dela que é o terreno é favorável, porque não são todos os climas que são favoráveis, que oferecem um produto final com a mesma qualidade que a gente quer produzir, isso a gente já ocorreu recentemente um exemplo dum cliente que pegava os produtos da gente e que passou a receber também produtos de outras regiões, mais que agora voltou, solicitou novamente produtos nossos em função da exigência dos clientes, em função da qualidade dos produtos oferecidos.

Produção, você ainda não tocou no assunto, como é a produção, questão de capina? Utiliza agrotóxicos, venenos? Como são os tratamentos culturais?

A gente tem feito um trabalho de alternância, com capina, com roçada, e as vezes, uma ou duas vezes por ano, conforme a cultura, tem cultura que a banana prata por exemplo ela depois de formada ela não é tão exigente em é mais fácil controlar as ervas daninhas né, mas eventualmente, normalmente se utiliza do agrotóxicos uma vez por ano, quando já está mais num estágio mais avançado de mato, então faz um controle de, com agrotóxicos.

Como é a organização da família? Como é a divisão do trabalho? O dia a dia da propriedade?

Bom aqui a gente, a minha esposa normalmente tem que ficar aqui em casa em função desde que a gente casou mora com os pais e aí sempre tem que ficar principalmente assim após a a idade mais avançada de depender mais de presença de uma pessoa acompanhando né, atualmente é só o meu pai que está vivo mas depende de constante acompanhamento e é medicação e acompanhar, e as vezes aplicar algum creme no corpo ...

A idade do pai?

A idade meu pai está com 89 anos, então dificilmente pode ir junto participar dos trabalhos na lavoura e esse serviço então é feito por mim e uma pessoa que trabalha e mora junto com a gente, então para auxiliar nesse serviço da lavoura, e também a questão do na época da colheita do café há a necessidade de contratação de mais mão-de-obra, especificamente para a colheita do café.

E o planejamento, quando e como você faz? Ou não existe, não tem?

A questão do planejamento a gente vem comentando com algumas pessoas que a gente vive numa situação... de muitas vezes impede de, você pode até fazer um planejamento mas a execução tem hora que se torna difícil em função da saúde do meu pai né, chega hora que você tá, já aconteceu dele querer ir ao médico ou fazer alguma viagem, quando tá chovendo que tem a necessidade de fazer adubação para aproveitar o clima né, a terra molhada e não que eu vou deixar de levar o meu pai ao médico numa emergência,mas quando sabe que a oportunidade existe, em tempo hábil para ser feito mais adiante a gente tem esses problemas. Mas planejamento a gente também tem acompanhamento de um agrônomo, e procura vim fazendo essas tarefas no máximo possível para também ter um retorno maior da lavoura na questão de produtividade e qualidade dos produtos.

Desenvolvimento do meio, como você classifica o desenvolvimento aqui na comunidade?

Oh! Isso a partir da da... do surgimento da associação, houve um grande avanço aí da questão de preço do produto facilidade de comercialização, também em função do trabalho sério que a associação vem desenvolvendo, a questão de qualidade de classificação, de embalagem dos produtos, isto o fator essencial também foi a climatização dos produtos aí onde se destaca a

banana nanicão que ganhou mercado, melhorou o preço que anteriormente a isso só banana de São Paulo é que tinha valor, preço as outras banana que hoje ainda muita gente, utiliza sistema de carbureto (produto químico) para fazer a maturação, hoje não tem preço no mercado, então foi um pontapé uma alavanca fundamental a questão da associação

Aprofunda mais isso pra mim. A questão da associação possibilitou, promoveu uma melhoria no desenvolvimento da comunidade? Avança um pouco nisso.

Explicar a questão da climatização né, a climatização é um processo de maturação em câmaras frias que utiliza de ao invés de produtos que se utilizava aí carbureto, Ethrel, que são produtos mais nocivos para a saúde ela utiliza do gás etil que é um produto que se encontra na natureza e que a planta vai absorvendo aos poucos para promover a maturação dos frutos, no caso da câmara, ele é utilizado numa concentração maior e uma temperatura adequada, que foi feito estudos técnicos em relação a isso... que se descobriu e favorece então a maturação neste ambiente. Então isso a questão da banana é mais resistente ao despencamento, tem um padrão de qualidade final mais bonito uma apresentação mais bonita, e um estudo fez então com que o povo aqui pudesse plantar mais e ter mercado pra aqui que a grande dificuldade é plantar e não ter mercado. Então nesse aspecto o o a associação, ela tem conseguido preços bons e muitos produtores individuais não conseguem em função também dela estar presente no mercado quatro dias por semana, toda semana quatro dias, como produtor individual, as vezes vai de quinze em quinze dias.

Você também fornece banana climatizada? Ou só a passas?

Eventualmente, quando há excesso de produção na safra as vezes ocorre sobra aí essa banana é vendida climatizada, a banana passa também e muito pouco comercializada pela associação, são contatos pessoais assim clientes particulares que a gente fez.

Como foi se estabelecendo esses contatos, para a venda da banana passas?

Eu iniciei nas feiras, com um irmão meu ...(balança as mãos, fica ligeiramente vermelho) e um primo, casado com minha sobrinha, nós iniciamos então nas feiras, posteriormente eu comecei a procurar os pontos turísticos aqui na Sede e Santa Isabel, que são os pontos principais que eu comercializo e posteriormente consegui...consegui um cliente que foi me passado em função da outra pessoa ter parado de trabalhar com a banana passas, ela me indicou para ficar fornecendo para essa pessoa e agora eu também to conseguindo mais um cliente que foi por indicação de uma pessoa conhecida minha que indicou o meu produto para ela para ser comercializado.

Fácil, difícil estabelecer contatos para a venda da banana ?

No caso de.. as vezes a gente tem dificuldades de contato em função de telefone né essa é uma das dificuldades que a gente tem aqui, que não tem sinal de telefone esse contato as vezes é um pouco demorado e as vezes o cliente reclama da demora de atendimento em função de um recado até que chega a gente ta na lavoura e num recebe e só pode mandar no outro dia e ..mas felizmente com a qualidade do produto eu tenho conseguido.. garantido o mercado em função da qualidade.

Eu queria voltar a questão da câmara de climatização. Você saberia me dizer, os custos da câmara e a origem dos recursos para a aquisição?

Olha, inicialmente as duas câmaras que a associação instalou, os equipamentos ela foi uma organização assim de cada produtor que cedeu um pouco de recursos de acordo com cada disponibilidade de cada um e assim que a associação começou a funcionar foi promovido uma festa de inauguração da associação e com os recursos desta festa a gente retornou o dinheiro que os sócios haviam disponibilizado, mas o custo vai variando muito em função dos

aumentos que ocorrem e também dependem do tamanho as vezes ..da área que vai ser refrigerada hoje nos temos uma câmara lá para ser equipada, eu não lembro bem a metragem, mais são mais de 20 m² e já gira em torno de trinta mil reais os equipamentos, o acabamento já está na estrutura de alvenaria e todo acabamento interno que depende ainda, gira em torno de trinta mil reais, ..que é acabamento e equipamento e materiais.

A sua relação com as atividades, desafios, problemas e dificuldades da comunidade?

Em termos de comunidade, ultimamente eu não tenho mais participado do movimentos assim da comunidade ..desde a criação da associação (tosse), eu tenho participado mais na da, eu participei seis anos das diretorias iniciais e posteriormente, acompanhando mais os movimentos a nível municipal, ..tosse.. em função da própria questão de tempo e também não da pra gente ficar participando em tudo, como eu já citei a questão da disponibilizar tempo para acompanhar o meu pai e ter todas atividades que a gente tem, cuidar da associação tem que limitar um pouco a participação, não da para participar em tudo que aparece, né.

Gostaria que você me falasse da profissionalização. Seu filho estuda na 5^a série da Escola Família Agrícola de São Bento do Chapéu, qual a distância até lá?

São trinta e sete quilômetros.

Qual a motivação para seu filho buscar esse tipo de escola e formação ?

A gente já teve o caso de sobrinhos, dois sobrinhos que um já formou o ano passado na Escola Família Agrícola de São Bento do Chapéu e tem outro na 6^a série agora e desde sempre vinha com esse pensamento em motivar o filho para estudar nessa escola né e no ano passado na ocasião da inauguração... do refeitório e do auditório lá da escola a gente participou e levou ele junto e desde então ele garantiu que estudaria e está animado.

É porque os primos estudaram lá? Só por isso?

Não é uma questão assim que a gente já tinha falado,tenho gosto por esse método de ensino, e pelos resultados que a gente viu acompanhou bastante a questão do V. (sobrinho) e também o que ele falava, como os resultados, que estava obtendo e falando como que era o sistema de ensino e tudo, a gente viu que seria um bom caminho visando a preparação, que a gente nunca sabe, as vezes a gente pensa que os filhos seja o que a gente pensa, mas a gente tem que dar a opção, se a gente hoje está com esse pensamento, mas tem que dar uma opção para ele, se possível se for de interesse dele continuar que é uma preocupação, eu falei pra ele, já tem aí cento e vinte anos que a família mora nessa propriedade, uns vão saindo, mas outros vão ficando, alguém tem que continuar isso, e a gente na medida do possível, quer dar condições de dar aos filhos estar assumindo isso futuramente.

O que que você acha então dos filhos, eu fiquei impressionado com a desenvoltura dele falando da reserva, dos produtos, do estímulo em mostrar todo isso (OBS: – na visita do dia 28/07, ou seja, primeira visita com o agricultor não o tendo encontrado deixei o roteiro da primeira fase com a esposa, e o filho J.de dez anos, estudante da 5^a série fez questão de apresentar a reserva. Fez com uma desenvoltura, conhecimento, segurança e com uma fala bastante elaborada para a idade. Demonstrava entusiasmo e preocupação com a reserva mostrando, entre várias coisas, uma árvore – sapucaia – que foi cortada há oitenta anos para construir o que hoje é a residência da família e seu broto, transformado em nova planta imponente no meio da reserva, notei assim o interesse pela preservação da memória dos antepassados e interesse com a fábrica de doces e a estufa com flores preparada para comercialização), como chegou a isso?

Aí é, vem contando sempre, de vez em quando ele dava uma sugestão também no que poderia estar sendo feito na área da reserva e estimula bastante e gosta de fazer esse trabalho de divulgação e acompanhar principalmente as pessoas que chegam à reserva, ele acompanhava

muito o avô sempre e foi captando as histórias que o avô conta e vai sempre transmitindo isso para as pessoas que chegam.(expressa um belo sorriso e fica bastante vermelho neste momento).

Existe propaganda ? Como você tem feito isso ?

Propaganda da reserva ? A reserva ela está no mapa turístico do município, em todos os calendários de eventos, assim a programação turística ela conta, mas eu ainda não fiz nenhuma sinalização nada indicando. Essa questão da estrutura é é tem muitas coisas que ainda julgo que há necessidade de fazer mudança e em função disso, um dos fatores também a questão da comunicação que a gente não tem sinal de ... telefone né , isso as vezes dificulta que quando a gente depende de outra pessoa para estar passando as informações é muito mais complicado,né.

Me fala da satisfação pessoal, e familiar com os resultados.

Eu tenho, a gente tem conseguido agregar um percentual bom em cima da banana se fosse comercializar in natura o rendimento seria bem menor né e as vezes é um tempo assim que a gente ocupa, é só uma parte do dia o maior número de pessoa e possibilita então, também já foi uma escolha de acordo com a nossa realidade, em função de minha esposa ficar muito em casa, já foi uma atividade que a gente optou para se dedicar porque já sabia que teria que tar mais em casa e que poderia estar acompanhando esse processo no dia a dia da casa assim então o processo exige constante acompanhamento verificar, seja fazendo o rodízio das bananas dentro das estufas ou ficar verificando se tem energia, se ta tudo correndo bem, então isso oportunizou um aproveitamento melhor do tempo dela e um ganho, acréscimo de ganho em cima do produto que as vezes ele, não há necessidade de se fazer com um produto de primeira qualidade, ele pode ser feito, a banana passa pode ser feita com um produto médio, o produto bom sempre tem um mercado melhor do que o médio, ...isso então ta é aquela história, você tem mais recursos, tem que tar mais possibilitado de fazer mais coisas.

Como está a auto estima? (sorriso bastante truncado, meio sem graça, meio fechado).

Isto é complicado.

Pode falar tranqüilamente, se quiser.

É que as vezes os problemas que eu já citei algumas coisas é é muitas coisas ..e chega um momento que sobrecarrega um pouco né, então tem momentos que são difíceis,.... o desânimo quer bater a porta também.

Você poderia dizer o que é o desânimo?

Isso é uma coisa que eu coloco, se for analisar todos os aspectos a ...a disponibilidade de tempo para produzir é limitada é é a minha esposa já está com o tempo dela mais comprometido as vezes eu tenho que dispor o meu tempo também, e também conseguir manter o ritmo da produção as vezes a gente depende de contratar mais mão de obra externa, aí o custo sempre aumenta é mais dinheiro que sai para pagar, é mais alimentação, e e o retorno não é tanto como se fosse a gente mesmo que tivesse a frente em todos os momentos e as vezes causa dificuldades econômicas também e principalmente a coisa que deixa a pessoa mais (risos.....) situação mais complicada é quando a conta começa ir pro vermelho (fica totalmente sem jeito, bastante transtornado, meio sem ter o que falar, ..pensa.. e retoma), aí é o ponto alto da crise.

Mas olhando dessa varanda aqui (o cenário é belíssimo) , olhando para esse cenário que você tem aqui espanta qualquer coisa.

Meu pai ia muitas vezes pra mata, ele dizia que as árvores são nossas amigas verdadeiras, que podia desabafar com elas que elas não contam pra ninguém .(he he he sorriso... prolongado)

Como é isso? Desabafar com as árvores?

Sorrisos....

São motivos da reserva?

O meu pai muitas vezes saía, quando ele ficava nervoso (fala sorrindo ...bastante descontraído) em certas situações saía reclamando ia para a mata e as vezes a gente lembra que você vai para a mata e começa a conversar sozinho, as vezes, e as árvores estão ali ouvindo, mas você não ..pode ter certeza se falar coisas, elas não vão falar para ninguém (..sorrisos, descontração...) é uma colocação minha.. (desabafo..) que faço que o ambiente da reserva é muito agradável, você sente a natureza, a presença de Deus e é uma oportunidade de você estar refletindo, observando a beleza da, a exuberância da natureza e é lógico que tem uma contribuição... quando a auto estima ta um pouco baixa, você sentar refletir um pouquinho, respirar aquele ar puro.

Então pode dizer que na reserva existe encontro com o prazer? Alegria, felicidade...

Pode ser o encontro com o interior, com o eu da gente, você parar e ficar observando a natureza ver o movimento das árvores e o barulho, se ficar em silêncio ouvindo o o o .. que tem na mata o barulho seja de vento das árvores ,insetos, das águas é uma coisa que se para para refletir e percebe como Deus está presente nas coisas.

Me fala do ontem ou passado, do hoje, numa perspectiva do amanhã, sem se preocupar muito.

A gente tem bastante planos ainda na questão da reserva de continuar um trabalho, botar em prática a questão do da visitação à reserva mas como eu falei,existe algumas atividades, algumas coisas que a gente acha que seja necessária de ser feita antes de fazer uma divulgação maciça ..da reserva mas a perspectiva da gente é ...é de desenvolver mais essa área para receber pessoas seja para visitação, para estudo e junto com isso a questão da opção que a gente fez para fazer banana passa, também foi na ocasião da realização do curso de agroturismo é para estar oferecendo algum produto ao visitante e de alguma fórmula de estar arrecadando alguma coisa a mais, hoje já existe a possibilidade de também vender uma planta ornamental, as outras questões de de geléia e licor , quando tem tempo para fazer sempre uma coisinha ou outra a gente vende, então eu acredito que a gente incentivando esse projeto de visitação, a abertura da reserva à visitação em termos agroeconômico existe uma possibilidade de evolução muito grande, além disso também o pensamento da gente é chegar a trabalhar com pousada futuramente, transformar a casa sede em pousada.

Você poderia dizer como foi a sua tomada de consciência, da inovação e como e quando ela evoluiu?

Eu ...também, seria interessante esclarecer que até 1987 , aliás até os doze anos eu morei aqui com a família e dos doze até os 24 eu saí e fui estudar né, morava com os irmãos de Vitória e depois eu passei um tempo no exército e em 1987 retornei para cá e comecei a trabalhar com meu irmão e posteriormente quando eu casei, passei a trabalhar com minha esposa. A questão da inovação se deu já a partir de 1997 com a participação no curso de agroturismo e a viagem à Itália me deixou também uma impressão muito boa no lado de tecnologia que as pessoas de lá trabalham pouco e trabalham área pequena, mas sem preocupar com o lado de um bom aproveitamento né.

Qual a região da Itália?

Estive no norte da Itália, na região de, nós ficamos próximos a Veneza na maior parte do tempo, fiquei também próximo de Treviso uns quinze dias de estágio em uma família e conhecemos também a região de montanha ao norte da Itália, isso foi só de passagem ficamos poucos dias. Mas quando voltei da Itália tomei a decisão e coincidiu também naquele momento de que da associação estava promovendo aí um encontro para promover, ver as pessoas que queriam trabalhar com acompanhamento técnico né que até então as dificuldades de acompanhamento técnico em relação a EMATER (Empresa Capixaba de Assistência Técnica e Extensão Rural) era grande porque você tinha acompanhamento de um técnico, quando pensava, passava um tempo, este técnico já era transferido, ocorreu o caso também de um técnico sair da EMATER e e continua essa dificuldade de ter essa assistência, a gente optou pela assistência particular e daí para a frente então que a gente vem a partir de 2000 vem trabalhando com acompanhamento técnico direto na propriedade.

Eu gostaria que você me falasse dos estudos, que você falou de fora, o que é isso de fora? E o período que ficou no exército? Me falasse um pouco do período e o que você fez.

Aquele período que aqui só tinha ensino até a 4^a série aqui na comunidade, a única fórmula era você sair e e por eu já ter irmãos que moravam em Vitória a opção foi por Vitória né, então eu estudei até o segundo ano do 2^o grau, e não completei em função de ter ingressado no exército e era difícil conciliar as duas coisas, depois então eu fiquei seis anos no exército e inicialmente tinha pretensão de seguir carreira mas em função de alguns, algumas pessoas superiores dentro do exército, que fizeram entender que aquele não era o ambiente para mim né, e concluindo então aquele período alí que era permitido ficar até seis anos na condição de cabo ou soldado, a maior parte foi na função de cabo, aí era permitido seis anos, concluído então esse tempo decidi retornar para casa novamente.

E o exército contribuiu em que na formação?

O exército, ele é uma boa escola, mas também tem a escola moral, uma boa escola, mas também é o encontro, de uma miscigenação muito grande de pessoas de todas as classes e níveis, é muita mistura então você tem bons elementos e maus elementos né é, fiz muitas amizades, pessoas que até hoje me reconhecem lá, recentemente fui no batalhão e sempre me envolvia com as pessoas que ainda estão lá no exército, mas como eu falei também, tem pessoas que entram lá para ser mandante e eu não nasci para mandar, mas também não nasci para ser pisado né, então foi uma experiência... para mim descobrir que não era para mim seguir.

Inovação.

É questão de de conter acompanhamento técnico, a gente sempre vinha fazendo o trabalho muito individual sem orientação adequada e hoje com a questão de acompanhamento técnico a gente tem feito sempre a análise de solo, algumas lavouras até a análise foliar.

E a análise de solo? E a foliar?

A análise foliar foi mais um esse técnico, o agrônomo que vem acompanhando a gente e aí de acordo com o desenvolvimento da da lavoura né é para saber as reais necessidades da planta né, então o interessante a gente está buscando sempre atingir uma produção melhor né, uma qualidade melhor nos produtos e para estar colocando na planta o que ela está realmente precisando né, não estar colocando excesso de produtos químicos as vezes sem necessidade, aí é uma questão principal também, um calendário de adubação planejamento de adubação anual ne, baseados nessas análises, isso tem favorecido o trabalho da gente dando mais retorno então na produção.

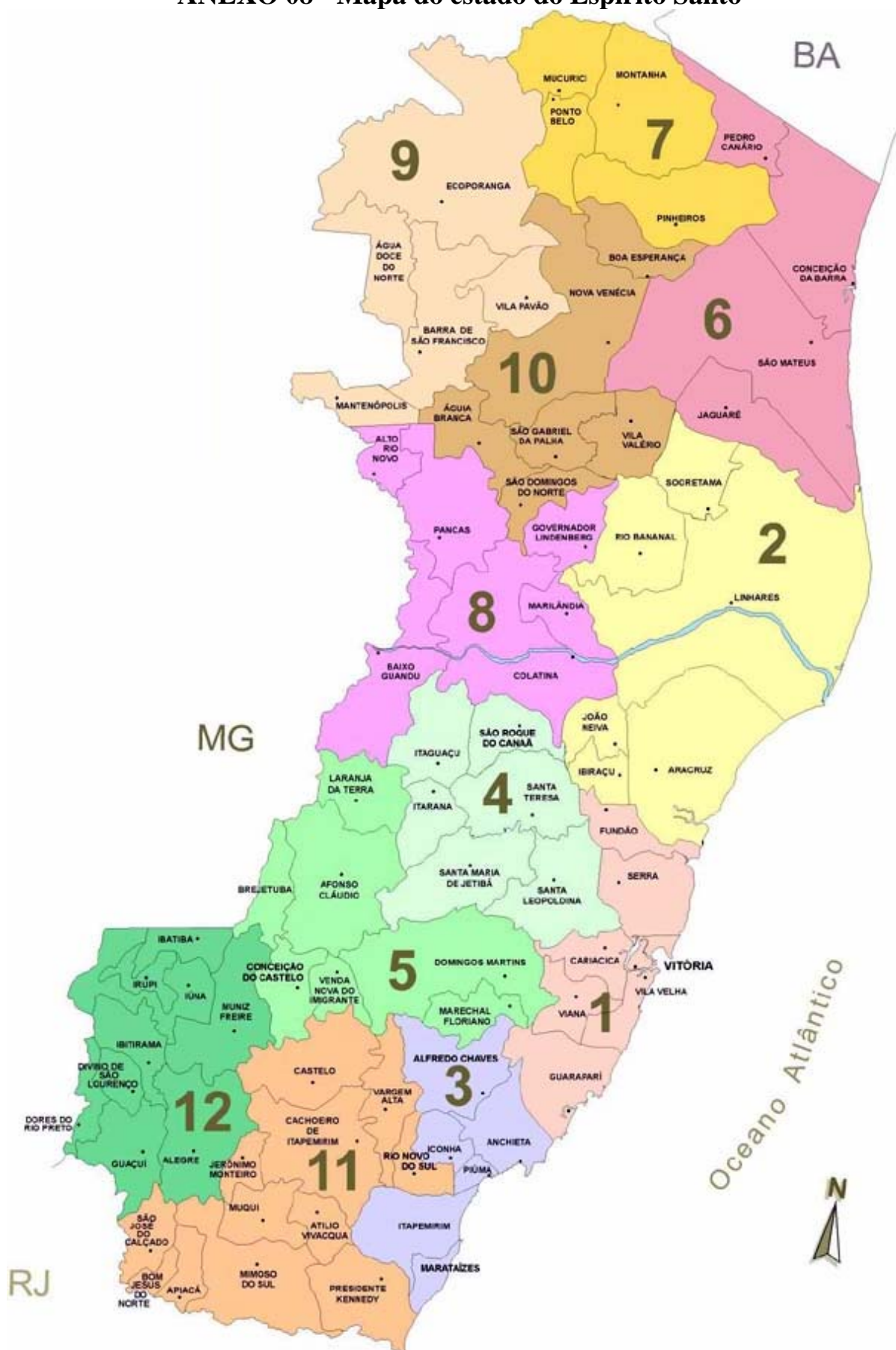
Em relação ao café?

Em relação ao café a gente tem participado de encontro e debatido com o Chefe do INCAPER, a questão da qualidade do café né, visando aí entrar no no na disputa também sobre bebida do café (**OBS:** Cresce na região e no Estado a busca por bebida fina dos cafés de montanha que é um nicho de mercado ..) que não adianta ficar aí colhendo café e e aí a vida toda nesse mesmo ramo sem ter mais retorno, então, e uma cultura que demanda muito, muita mão de obra, e que o custo de colheita é sempre alto, e a gente tem que se dedicar mais, eu já iniciei a estufa, usei um pouco esse ano, foi feita já uma análise de solo e está sendo feito um trabalho já visando uma qualidade melhor do produto pro ano que vem, para a próxima safra.

Algo mais?

A questão de reserva toda a preservação do meio ambiente, o município podia acompanhar mais, apoiar mais, até o lado financeiro da contratação de técnicos para fazer um trabalho de, no meu caso que eu dependo de identificação das espécies, principalmente árvores que existem, todo um trabalho que foi feito até agora foi pesquisa pessoal minha, você procura o a Secretaria de Agropecuária e Meio Ambiente é muito pouco apesar de que o material que eu consegui foi através das secretarias, mas quando você fala que é para trazer um técnico é complicado, um vai passando para o outro e a gente não consegue, então para a gente dispor de recursos para ficar pagando um técnico a gente sabe que é um trabalho caro. E eu acredito que se o município resolvesse isso a minha disposição aqui um trabalho de colaboração e apoio à pesquisa.

ANEXO 08 - Mapa do estado do Espírito Santo



ANEXO 10

Tipos de solos de Domingos Martins

QUADRO 3 – Localização, características do ambiente e observações sobre algumas sub-bacias da Bacia do Rio Jucu, especificamente no Município de Domingos Martins.

Sub-bacia	Cota (m) 1/	Colonização	Ambiente 2/	Observações
Galo	500	Alemã	LV, PVe; e, m; vale em V muito fechado	Matas cobrem o terço superior das encostas
São Bento	550 a 750	-	LV, LC; Fb; m, e; vales em V fechado	Pastagens degradadas, com pelados e grama batatais, e cafezais abandonados; café, banana da terra e avicultura
São Bento do Chapéu	600	Alemã	LV, LC; Fb; m; vales em V fechado; afloramento de rochas	Muitas pastagens de capim gordura (baixo suporte); banana da terra
Alto São Bento	750	Alemã	LV; Fb; m; vales em V fechado	Pastagens extensas de capim gordura, com ocorrência de áreas degradadas; café catuaí consorciado com banana, milho, feijão e gado
Melgaço	710	Alemã	LV, PV; Fb; m, f; vales em U	
Pagung	750	Alemã	LV, LC; Fb; m; vales em V, algumas vezes alveolares	Pastagens degradadas; banana, avicultura, café e gado
São Miguel	710	Alemã	LV, LC; Fb; m; vales em U, estrutura alveolar bem desenvolvida	A mata apenas subsiste nas áreas mais inacessíveis, café arábica e banana
Alto São Miguel	-	Alemã	LV, LC; Fb; m; vale em V	Pastagens degradadas; olericultura, café, avicultura, gado, eucalipto instalado em antigos cafezais

1/ A cota identifica a localização das sub-bacias em relação às Zonas (Quadro I): até 450 metros, AB ou SB; de 450 a 850 metros, AM e acima de 850 metros, AA;

2/ LV = Latossolo Vermelho-Amarelo Distrófico, PV = Podzólico Vermelho-Amarelo Distrófico, PVe = Podzólico Vermelho-Amarelo Eutrófico, LC = Latossolo Cambico Distrófico, C = Cambissolo Distrófico, R = Litólico, Fb = Baixo teor de ferro, originando solos esbranquiçados nas baixadas e pés de morro; o = ondulado (8-20% de declive), f = forte ondulado (20-45%), m = montanhoso (45-75%), e = escarpado (>75%).

Organizado por Sérvulo Batista de Rezende – Série Homem e ambiente C1